

Jess Michaels

AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY

CLUBE
1797

O Duque Disfarçado



DEIXÁ-LA PERTO É O
PERIGO MAIS DOCE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Jess Michaels

AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY

CLUBE
1797

O Duque Disfarçado



DEIXÁ-LA PERTO É O
PERIGO MAIS DOCE

O Duque Disfarçado

Jess Michaels



1ª Edição



2024
Ribeirão Preto/SP





Título original: Undercover Duke

1797 Club book 6

Copyright © Jesse Petersen, 2018

Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Regiane Moreira

Revisão: D. Marquezi

Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

M622lbe

Michaels, Jess

Título: O Duque Disfarçado (Recurso Digital) - © 2024 Leabhar

Books Editora Ltda. - Ribeirão Preto - SP

Tradução de: The Undercover Duke © 2016 Jesse Petersen.

Formato: E-book

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-283-1

1. Romance de época. 2. Série I. Moreira, Regiane. II. Título

80754

CDD 82-32

CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

Dedicatória



Para Jenn LeBlanc, Kate Smith, Grace Callaway, Sara Ramsay e todos os escritores maravilhosos que me ajudaram a descobrir o que fazer e me lembraram que adoro fazê-lo.

E para Michael. Vinte e um anos e ainda me ouve enquanto pontifico sobre Star Wars, novelas e os melhores tipos de queijo. Você é um santo



Nota da Autora

Há muitas conversas sobre o conceito de Avisos de Conteúdo em livros e em outras mídias. Tendo sofrido ataques de pânico desencadeados por trauma, NUNCA desejaria isso ao meu pior inimigo. Quero que você goste do que está lendo, nunca se deixe levar porque foi surpreendido pelo material desencadeador. Portanto, farei o possível para incluir Avisos de Conteúdo em uma nota do autor em cada livro, a partir de agora. Além disso, procure por eles em meu site, para não comprar acidentalmente um livro que possa lhe fazer pensar.

Aviso de conteúdo: abuso infantil (não descritivo), morte de criança (não descritivo).

Prólogo

Fevereiro de 1811

É claro que isso não significava que não continuaria fazendo seu trabalho. Hoje foi em frente, apesar dessa sensação. Talvez *por causa* disso. Afinal de contas, ele também havia determinado, há muito tempo, que era seu destino morrer em campo, pelo seu país, com honra.

Se hoje era o dia, que assim fosse. Não havia muito pelo que viver além desse senso de honra. Não tinha nenhum relacionamento com sua família e havia se afastado de seus amigos - seus queridos amigos que antes eram como irmãos - ao longo dos anos, desde que descobriu a verdade sobre si mesmo.

— Willowby!

O sussurro áspero do seu nome tirou-o de seus pensamentos melancólicos e o fez se virar, com a arma em punho, para encontrar o rosto sábio e delineado de George Oakford aparecendo por trás de um arbusto. Oakford era um amigo e um cirurgião talentoso, que usava seus amplos dons para salvar as vidas daqueles que serviam à coroa.

Ele também não deveria estar aqui.

Lucas se aproximou, com calma — O que faz aqui? — sussurrou.

Oakford olhou para a casa, com uma carranca — Ouvi rumores de que estava vindo para cá, para descobrir um traidor. — disse, com uma raiva potente em seu tom baixo — E, como perdemos três bons homens, em circunstâncias terríveis e suspeitas, nos últimos seis meses, homens que vi sucumbirem por não ter o talento necessário para salvá-los, soube que tinha de vir e apoiá-lo. Que se danem as ordens.

Lucas estendeu a mão e segurou o braço do homem mais velho. Havia poucas pessoas neste mundo em quem confiava mais do que em George Oakford, e o alívio tomou conta dele, em uma onda — Admito que estou feliz por encontrá-lo aqui. Tenho uma sensação de pavor e não me importaria de ter o apoio de sua presença.

As sobrancelhas de Oakford se ergueram de surpresa — Está sozinho?

Lucas assentiu — Sim, eu deveria apenas observar, ordens de Stalwood. Ele é muito cauteloso, como sabe.

Os lábios de Oakford se contraíram — Ele sempre faz isso. Às vezes, acho que em detrimento próprio.

Lucas não podia discordar, embora respeitasse o mestre espião, como sabia que Oakford também respeitava. Continuou: — Quando vi os homens descarregando armas nos fundos, quando os vi trazendo carruagens cheias de prostitutas, como entretenimento para a noite, ficou evidente que algo muito grande está acontecendo aqui, hoje. Se eu conseguir impedir, antes que aconteça, poderei salvar a vida de milhares de homens no campo de batalha.

E, talvez, evitar que mais um espião morra por essa operação nas mãos de um covarde desprezível.

Oakford sustentou seu olhar por um longo momento. — Sempre foi o melhor de sua espécie, Willowby. Quem quer que esteja no comando dessa operação deve temer as consequências do que está prestes a causar. Tenho certeza de que merecem.

— *Estamos* causando essas consequências, Oakford., — disse Lucas — Mas preciso dar uma olhada em quem é o traidor. Tem havido atividade naquela câmara lá em cima, mas não consegui ter uma visão clara de quem está lá dentro.

Puxou sua luneta e a entregou. Oakford olhou para a janela que Lucas havia indicado e baixou o visor. Seu rosto, finamente enrugado, estava contraído em uma expressão de desgosto — Entendo o que quer dizer. Qual é o seu plano?

— Há uma treliça ao longo da parede norte. — explicou Lucas — Leva a uma saliência fina no segundo andar, que posso usar para contornar a janela da câmara ao lado da que nosso traidor está ocupando. Se eu conseguir entrar, talvez até seja capaz de incapacitá-lo sem causar alvoroço. Poderíamos entrar e sair sem lutar.

Oakford ergueu as sobrancelhas — Estou impressionado contigo, Willowby. Mas sempre fico.

Lucas lutou contra a vontade de estufar o peito com o elogio. Oakford não os fazia com frequência — Parabenize-me *se eu* conseguir executar o plano. Há guardas rondando a propriedade, mas são como um relógio. Em menos de um minuto, passarão novamente e, se não formos pegos...

— Pretende escalar o muro e matar nosso homem. — concluiu Oakford.

— Shhh... — disse Lucas, abaixando-se um pouco mais atrás do arbusto e puxando Oakford com ele. Ficaram perfeitamente imóveis enquanto dois homens, os guardas que Lucas estava rastreando, passavam entre a linha de arbustos onde se escondiam e a casa. Estavam conversando e Lucas se esforçou para ouvi-los, enquanto se dirigiam para a próxima área de sua inspeção.

— Onde...foi...Cal...

— Consegue entendê-los? — sussurrou, esperando que a posição de Oakford, mais próxima dos homens, pudesse acrescentar algo ao que Lucas tinha ouvido.

Oakford balançou a cabeça — Na verdade, não. Algumas palavras aqui e ali.

Lucas apertou os lábios — Começaram a dizer um nome, eu acho. Começou com “Cal”. Se estavam se referindo ao nosso traidor, há várias opções dentro do departamento

Oakford assentiu — Mas poderiam, muito bem, estar se referindo a alguém fora do seu caso.

— Suponho que descobriremos em breve. Fique aqui, fique atento a

problemas e esteja pronto para ir até a aldeia e trazer o magistrado, se as coisas derem muito errado.

Saiu dos arbustos sem esperar pela resposta e foi até a treliça, onde começou a escalar. Sempre foi bom em atividades físicas, mesmo quando criança. Agora essa aptidão estava valendo a pena.

Estava quase chegando ao topo, com os dedos estendidos para a borda, quando ouviu o estalo de uma pistola sendo disparada lá embaixo. Não teve tempo de girar, de olhar, quando a arma disparou novamente e sentiu uma dor aguda na perna.

Seus dedos escorregaram e ele tombou para trás. Estava caindo, caindo, e então o chão estava lá, duro e implacável sob suas costas. Sua cabeça bateu em alguma coisa e o mundo começou a girar, seus ouvidos zumbiam enquanto se esforçava para se sentar, apesar da dor que lhe percorria todo o corpo.

— Oakford. — grunhiu., rolando ligeiramente.

O cirurgião estava no chão atrás dele, estendido e imóvel. Morto, Lucas percebeu através de sua névoa. O primeiro tiro atingiu Oakford. Rolou para a frente e não conseguiu evitar um grito de dor, enquanto se arrastava de barriga para baixo em direção ao amigo. Um homem que ele conhecia desde seus primeiros dias no Departamento de Guerra. Um homem que havia salvado sua vida, mais de uma vez.

Não estava a mais de 30 centímetros de Oakford quando um terceiro tiro foi disparado por trás dele. Sentiu a bala atravessá-lo e caiu no chão. O mundo estava girando, ficando preto. Agora havia vozes ao seu redor. Reconheceu que eram as vozes dos homens que os haviam atacado. Que o mataram. Podia lidar com isso.

Mas, o fato de terem matado Oakford, fez com que seus últimos momentos fossem de pura agonia.

— Porque... — disse uma voz lenta, e como se estivesse vindo de um oceano profundo.

— Seu... não... bastardo... — respondeu a outra voz, igualmente irreconhecível. Lucas levantou a cabeça, em uma última tentativa de ver qual suposto amigo havia traído todos eles, mas o mundo girou quando o fez e depois ficou totalmente escuro. As últimas coisas que sentiu foram estalos altos e depois nada.

Capítulo 1

Outono de 1811

Diana Oakford estava na mesa baixa de sua cozinha, amarrando feixes de plantas com barbante. Cantarolava enquanto o fazia, mantendo um ritmo que tornava o trabalho mais constante. Na verdade, gostava da prática. Fazer essa coisa repetitiva clareava sua mente.

Isso a impedia de pensar demais em assuntos dolorosos que era melhor não serem abordados. Assuntos que provavelmente a deixariam de joelhos, se permitisse que a atormentassem. Afastou até mesmo a sugestão deles enquanto trabalhava e voltou a se concentrar na tarefa que tinha em mãos.

Ficou tão perdida no ato, que deu um pulo quando ouviu uma leve batida na porta que havia deixado aberta atrás de si.

Virou-se e ofegou ao descobrir que seu visitante era ninguém menos que o conde de Stalwood. Suas mãos tremeram quando colocou as ervas no chão e o encarou. Como o conhecia bem e, ao mesmo tempo, como o conhecia pouco. O homem era um velho amigo de seu pai e entrava e saía de sua casa, desde que se lembrava. Mas também era o chefe de espionagem do Departamento de Guerra, tão reservado quanto gentil. Um homem que havia levado seu pai embora, em mais de uma ocasião, até um dia horrível em que lhe disseram que ele nunca mais voltaria.

Não via Stalwood desde o serviço memorial privado para seu pai, em Londres, mais de seis meses antes. Vê-lo agora lhe trouxe de volta uma onda de emoções dolorosas que lutou para controlar antes de falar.

— Milorde, — conseguiu dizer, enquanto se movia em direção a ele — e eu não o esperava.

Ele inclinou a cabeça — Talvez eu devesse ter avisado sobre minha chegada iminente. — disse ele. Para ser sincero, eu temia que não me recebesse se soubesse de minhas intenções. Temia muitas outras coisas também.

Ela franziu as sobrancelhas diante de seu comentário enigmático e, em seguida, indicou que entrasse na cozinha — Eu não recusaria um amigo de meu pai. Por favor, entre. Infelizmente, só posso lhe oferecer um assento na mesa da cozinha, pois não tenho a lareira acesa na sala de estar.

— Isso será mais do que suficiente. — tranquilizou-a ao entrar no cômodo e sentar-se à mesa onde ela estava trabalhando. Ela se esforçou para afastar as pilhas de ervas amarradas e ele lhe sorriu — É como ele.

Ela hesitou enquanto se virava — Mmmm. Não exatamente igual. Posso lhe servir um chá?

— Sim. — disse ele, e ficou em silêncio por alguns instantes, enquanto ela mexia o fogo e colocava a pesada panela de água sobre a chama. No entanto,

sentiu seus olhos sobre ela. Sentiu que a observava. Seu estômago se revirou em antecipação ao que ele diria a seguir — Preciso de sua ajuda, Diana.

Ela congelou no lugar, olhando para as chamas dançantes por um longo momento, antes de finalmente encará-lo. Sua expressão era impassível e ilegível. Tão parecida com seu pai. Os espiões eram assim. Sempre odiou não saber o que se passava no coração do pai.

Isso sempre a fez se sentir muito sozinha.

— Minha ajuda. — repetiu suavemente, incapaz de afastar o tremor de sua voz.

Ele assentiu lentamente — Sim. Temos um espião ferido. Gravemente ferido em campo, há algum tempo.

Estamos nos esforçando o máximo que podemos, mas ele não se curou tão bem quanto gostaríamos. Precisamos de um curador melhor.

— Ainda não encontraram um substituto para o meu pai como cirurgião? — embora isso não fosse nenhum tipo de barreira para o que as palavras desse homem inspiravam nela.

A expressão de Stalwood mudou e, por meio segundo, ela viu toda sua dor — Não. — e disse, com as emoções se esvaindo novamente — Temo que nunca haverá alguém que o substitua. Os homens que treinaram com ele são bons, é claro, mas são apenas sombras do que ele foi. Não posso entrar em contato com ninguém fora de nossos círculos, pois temo que nossos segredos os coloquem em perigo. Ou que não entendam as delicadezas de trabalhar com espiões

Ela ergueu o queixo — E acha que eu entendo?

— Sei que sim.

Ela estremeceu e se voltou para o fogo. Enrolou um pano em volta da chaleira pesada e despejou o líquido lentamente no bule mais delicado.

— Ele também precisa se esconder. — continuou Stalwood, com as palavras apressadas, como se tentasse evitar que ela as digerisse completamente.

É claro que ela as digeriu. Eram palavras chocantes e Diana quase riu do ridículo dessa conversa — *Esconder-se*. — ela repetiu, deixando a palavra sair de sua língua — Então corre perigo. Ele é um perigo.

Stalwood assentiu — Sim. — sua voz era suave, mas firme.

— E veio até mim, apesar de tudo isso. Apesar do que esse tipo de perigo me custou. — ele estremeceu e ela também. Esse homem não sabia nem metade do que estava acontecendo — Por quê?

Stalwood deu um longo suspiro quando ela finalmente serviu o chá. Somente depois que colocou o bule na mesa, ele disse: — Porque este homem foi ferido no mesmo dia em que seu pai morreu. Eles estavam juntos.

Os ouvidos de Diana começaram a zumbir e ela desabou com força na cadeira, em frente a Stalwood. Fechou as mãos em punhos contra o tampo da mesa e o encarou. Sabia tão pouco sobre a morte de seu pai. Apenas que morreu em campo. Apenas que nunca mais o veria ou ouviria seus passos

pesados na escada.

Ansiava por saber mais. Também temia isso — Meu pai estava com outra pessoa?

Stalwood se mexeu — Sim. — disse suavemente.

— Nunca lhe pedi detalhes. — disse ela, baixando o queixo para não ter de olhá-lo — Mas eu os quero. Está me pedindo para me colocar em perigo, quero saber como.

— Posso lhe dar algumas informações. — disse, ele após uma longa e pesada pausa — Seu pai contrariou as ordens para ajudar esse homem. Ele estava... estava investigando um traidor interno. A coisa deu muito errado. Meu espião foi gravemente ferido e muitos servos e seu pai foram mortos.

Seu estômago se revirou. Seu pai havia se dedicado a salvar a vida daqueles que estavam a serviço do rei. E agora ouvir que um deles o havia traído? Que o havia matado?

Queria gritar. Queria quebrar tudo ao seu redor. Queria encontrar o homem que matou seu pai e destruí-lo, como ele a havia destruído.

Em vez disso, olhou para Stalwood — Como sabe que o homem que foi ferido não era o próprio traidor?

— Não é. — Stalwood balançou a cabeça — Fizemos uma extensa investigação. E eu o conheço. Ele não é o traidor.

— Quem é ele? — ela perguntou.

Stalwood pigarreou — Quando eu disser o nome dele, é com o entendimento expresso de que isso jamais sairá desta casa. Nunca sairá de seus lábios.

— Estou sendo doutrinada como uma de suas espiãs, milorde? — perguntou.

Ele deu de ombros — De certa forma, sim. Fui claro sobre o assunto?

Ela assentiu — Sim.

— É o duque de Willowby.

Seus lábios se separaram — Um duque. Está se referindo ao Duque disfarçado?

Stalwood recuou, surpreso — Conhece-o?

— Meu pai às vezes falava a respeito dele por esse apelido. — disse — Nunca por seu título formal ou seu nome de batismo. Eu só sabia isso. E que papai se importava com o homem.

Stalwood ficou quieto, e sabia que a deixava ponderar a informação antes de dizer: — Isso significa que ajudará Willowby?

Ela se endireitou e o olhou — Como eu disse antes, esse seu trabalho, o dele, já me tirou mais do que o suficiente. Mais do que o senhor pode imaginar.

— Sei disso, Diana. — disse Stalwood — E espero que saiba que eu não lhe pediria isso se não tivéssemos uma necessidade extrema.

Diana levantou-se e afastou-se dele, respirando o aroma perfumado de ervas que sempre enchia sua cozinha. Ele a estava manipulando, é claro. Por

mais que gostasse de Stalwood, era da natureza dele, como espião, fazê-lo. Para conseguir convencê-la, ele precisava fazer isso. Para conseguir o que queria.

Pior, estava funcionando, por mais que percebesse a verdade. Pensou em seu pai, morto há meio ano. Sabia o que ele diria se estivesse aqui. Quase podia ouvi-lo, sussurrando-lhe com aquela voz que não ouvia há meses.

Falaria com ela sobre honra e coragem. Sobre o dever. Sempre o dever, acima de tudo.

Ela inclinou a cabeça. — Muito bem, — disse com um suspiro — traga-o aqui, então.

Stalwood levantou-se atrás dela e ela o encarou. Parecia diferente agora. Como se já tivesse passado a gentileza necessária para conseguir sua concordância. Agora era um de seus soldados e ele estava no comando.

— Londres seria melhor. — disse ele — Ainda estamos investigando e posso colocar guardas para garantir sua segurança com mais facilidade lá.

Ela apertou os lábios em sinal de irritação. Não queria estar em Londres. Não nesta época do ano. Mas parecia não haver escolha.

— Tudo bem, mas na casa do meu pai. Meu jardim de ervas é uma necessidade que não posso renunciar.

Ele pareceu considerar o pedido e então assentiu — Muito bem. Ninguém suspeitará que estará lá, com certeza. Isso pode funcionar muito bem. Quanto tempo precisará para sua chegada?

Olhou ao redor, já fazendo listas mentais do que precisaria fazer e reunir — Uma semana no máximo. Eu poderia estar lá na próxima quinta-feira.

— Excelente. Certificar-me-ei de que tenha o que precisar. Terá que lidar com criados? Precisamos de uma explicação para a chegada de Willowby.

Ela negou — Não tenho criados. Posso me virar bem sozinha.

A testa de Stalwood se enrugou como se ele não estivesse entendendo. É claro que não entenderia. Homens como ele tinham uma dúzia de criados. Esse duque provavelmente também esperaria um tratamento com luvas brancas.

Ela suspirou ao pensar nisso.

— Certificar-me-ei de que terá um condutor. Que seja de confiança e verificado por meu departamento. Ele a levará para Londres e ficará à sua disposição lá. Se não quiser mais ninguém, não interferirei. Quanto menos pessoas estiverem envolvidas nessa situação, melhor.

Ela assentiu — Concordo.

— Então, a deixarei à vontade para se preparar. Com meus agradecimentos. — disse, indo em direção à porta por onde havia entrado, menos de meia hora antes.

— Stalwood... — disse ela, antes que ele pudesse deixá-la.

Ele se virou — Sim?

— Encontrará o responsável pela morte de meu pai.

Sua expressão se suavizou um pouco — Farei tudo o que estiver ao meu

alcance, minha querida. *Tudo* o que estiver ao meu alcance.

— Bom dia. — ela sussurrou em meio a uma garganta subitamente grossa. Ele inclinou o chapéu para ela e depois se foi, deixando-a sozinha para refletir sobre o que havia concordado.

E avaliar o erro terrível que provavelmente seria.



Lucas se mexeu quando a carruagem virou e foi empurrado contra a parede. Cada músculo de seu corpo protestou com uma dor gritante, fazendo-o apertar os punhos contra o assento de couro da carruagem para não gritar.

Como odiava estar ferido. Estar fraco. Como odiava o fato de tudo isso lhe parecer tão comum agora. A dor era apenas parte de sua vida.

A carruagem parou e ele olhou pela janela, enquanto os criados começavam a se movimentar para ajudá-lo. Chegaram a um pequeno chalé, que se parecia com todos os outros chalés de Garygreen, uma parte de Londres onde nunca tinha estado antes. Conhecia as piores partes, por causa de seu trabalho e as melhores, graças à sua educação.

Odiava as duas igualmente. Mas esse lugar estava suspenso em algum ponto intermediário. Não muito alto e poderoso, mas limpo e arrumado, bem conservado. Anônimo.

A porta se abriu e os homens que Stalwood encarregou para ajudá-lo apareceram. Seus rostos estavam sombrios quando um deles disse: — Pronto, Vossa Graça?

Lucas estremeceu ao reconhecer a dor que viria e ao título escolhido para se dirigir a ele — Sim. — disse, com a voz áspera, enquanto tentava se firmar nos braços que o ajudavam. Cambaleou para a frente, tentando, em vão, conter seus grunhidos de agonia ao ser ajudado a descer.

Os homens desviaram o olhar enquanto o guiavam escada acima, até a porta do chalé. Eram espiões, assim como ele, enviados para fazer essa tarefa braçal, por serem os únicos em quem se podia confiar o segredo de sua localização. Sabia o que viam quando o olhavam: o futuro deles. E não era um futuro que desejassem, por isso se distanciavam.

A porta do chalé já estava aberta e os homens o ajudaram a entrar. Não hesitaram ao carregá-lo por mais um pequeno lance de escadas e por um corredor, até uma porta aberta. Lucas tinha que acreditar que tudo isso havia sido planejado. Ainda não sabia quem cuidaria dele durante sua estada aqui. Stalwood havia dito um curador, mas nada mais.

Um curador. Quase zombou. Já havia sido cutucado, picado e torturado por muitos homens que se intitulavam assim. A cura que se seguia era risível. Estava quebrado, talvez irremediavelmente, e isso lhe causava uma onda de raiva e dor, mais poderosa do que qualquer outra causada pelo físico.

— Soltem-me. — gritou, cambaleando dos braços daqueles que o ajudavam e quase caindo contra a beirada da cama.

Os homens pareciam indiferentes ao seu mau humor. Todos, exceto um, deixaram-no ali. O último chamava-se Simmons. Lucas o olhou. Havia

treinado esse filhote em particular, anos atrás, e agora o garoto o encarava como se ele fosse um pária, que perdeu a juventude e a utilidade.

— Há algo que eu possa fazer? — Simmons perguntou, com toda aquela pena pesada em seu tom triste.

— Não. — disse Lucas com os dentes cerrados, enquanto virava o rosto — Apenas saia daqui.

— Bem, essa é uma maneira elegante de falar com alguém que o está ajudando!

Lucas se virou ao ouvir a voz aguda e feminina que havia dito aquelas palavras duras. Ali, parada na porta, olhando-o como se ele fosse um monstro, estava uma mulher. Não apenas uma mulher, mas uma deusa, ao que parece. Tinha cabelos escuros, com reflexos vermelhos profundos, um rosto de formato fino e lábios cheios. Seus olhos eram do verde mais espetacular que ele já tinha visto. Como jade, roubado de terras distantes, com as quais agora podia apenas sonhar.

Nesse momento, esses olhos verdes estavam cerrados e cheios de raiva, enquanto ela cruzava os braços e balançava a cabeça. Sua censura o fez sentir uma estranha sensação de... vergonha. Algo que raramente experimentava. Algo deixado de lado há muito tempo.

— Sr. Simmons, não é? — perguntou, voltando-se para o outro homem no quarto.

— Sim, senhorita. — disse Simmons, e seu olhar percorreu sua companhia. Lucas reconheceu o interesse que se acendeu em seus olhos. O mesmo que ele sentia em suas próprias entranhas.

Só que o homem mais jovem provavelmente tinha uma chance melhor do que ele, em seu estado atual.

— Obrigada por sua ajuda. Acredito que posso lidar com a situação a partir daqui. Por favor, informe ao Lorde Stalwood que estamos instalados.

Simmons olhou para Lucas e depois de volta para a mulher — É claro, senhorita. Serei um dos guardas que farão a ronda. Se tiver algum problema, se precisar de alguma coisa, coloque uma vela na janela da frente e eu virei imediatamente.

A jovem assentiu e pareceu não se importar com a atenção de Simmons, enquanto o levava para o corredor — Agradeço a gentileza. Bom dia.

Simmons deu de ombros levemente e saiu. Depois que se foi, a jovem virou-se para Lucas, com aqueles olhos afiados ainda cheios de repulsa e julgamento.

— Olá! — disse, entrando no quarto — Espero que o quarto seja confortável, mesmo que não atenda aos seus padrões.

Lucas se apoiou na cama com o braço não danificado, principalmente porque não tinha certeza se conseguiria se manter ereto sozinho — Receio não ter padrões. Pergunte a qualquer pessoa que me conheça.

Ela franziu os lábios, aparentemente irritada com o gracejo, e se aproximou dele — Deixe-me ajudá-lo.

Ele recuou quando ela estendeu a mão — Eu posso me colocar na cama.

Franzindo a testa, seu olhar o percorreu, e ele sentiu seu julgamento ainda mais forte. Olhou-o de relance e deu de ombros — Se é o que diz. Então o deixarei acomodar-se sozinho, caso seja sua escolha no momento. Voltarei em uma hora para lhe trazer comida e verificar seus ferimentos.

Não disse mais nada, nem esperou por sua resposta à sua afirmação. Simplesmente deu meia-volta e saiu do quarto, fechando a porta atrás de si ao sair.

Quando se foi, Lucas desabou contra o colchão, exausto e dolorido demais para sequer tentar tirar as botas. Não tinha ideia de quem era a moça, nem de seu papel nas próximas semanas de sua vida. Talvez fosse a esposa ou a filha do curador. Talvez uma serva. Supôs que descobriria em breve.

Qualquer que fosse a resposta, sua presença, por mais adorável que fosse, não mudava os fatos de sua vida. Não queria estar aqui e faria tudo o que estivesse ao seu alcance para se afastar desse lugar, o mais rápido possível.

Capítulo 2

Diana amaldiçoou-se enquanto subia as escadas, em direção ao antigo quarto de seu pai, o quarto onde o Duque de Willowby agora a aguardava, e ela esperava que de melhor humor. Não que tivesse pensado em seu humor desde que o deixara, algumas horas antes.

Não, ela não estava pensando nisso de forma alguma. Pensava em como o homem era diferente da imagem que criou em sua cabeça. Graças ao seu pai, espões entraram e saíram de sua vida por décadas. Não tinha noções românticas sobre eles, nem ideias generalizadas de que todos fossem jovens ou bonitos. A maioria de seus conhecidos era de pensadores, não de lutadores. Homens que eram bons em quebra-cabeças e podiam falar sobre questões pedantes por horas, até mesmo dias.

Então, quando seu pai falou sobre o Duque disfarçado, quando descreveu o espião titulado, teve uma imagem de um janota mimado de meia-idade. Alguém... suave.

Mas esse homem era tudo menos delicado. Era duro. Seu rosto era duro, sua mandíbula era dura, seus olhos eram duros. Tinha uma barba desgrenhada e cabelos longos, que se enrolavam descontroladamente ao redor do rosto. Também era desagradável. Dar-lhe-ia algumas concessões pela dor que obviamente sentia, mas ele não tinha o direito de falar de forma tão rude com aqueles que o ajudavam.

E, no entanto, apesar de tudo isso, era bonito. Sim, bonito. Estava tentando evitar essa observação, ignorá-la, mas não havia como fazê-lo. O Duque de Willowby era inegavelmente bonito e inconfundivelmente jovem.

E ela passaria muito tempo sozinha com ele. Qualquer manual feminino falaria sobre a natureza extremamente inapropriada desse fato.

— Felizmente, não sou uma dama. — murmurou, enquanto mexia nos itens em seus braços, respirava fundo e abria a porta da câmara, mais uma vez.

Arfou ao fazê-lo. O duque havia encontrado um lugar na cama, meio caído sobre o colchão, de modo que seus pés, ainda calçados, pendiam da borda. *Conseguiu* tirar apenas a camisa e, quando ela entrou no quarto, ele fez um som de dor e se levantou, dando-lhe uma boa visão de um peito masculino e bem formado.

Um peito com uma cicatriz muito feia no ombro esquerdo. Vermelha e irregular, não completamente curada. Na verdade, parecia ter sido aberta e reaberta ao longo dos meses. Só podia imaginar a dor horrível que esse homem suportava.

— Isto é muito inapropriado, senhorita... senhorita... *senhorita*... — disse o duque, balançando a cabeça — Devo insistir para que chame um dos homens, imediatamente.

Ela conseguiu desviar seus olhos do belo peito e da feia cicatriz e encontrou os dele — Os homens? — disse ela com uma risada, enquanto colocava a bandeja com seus suprimentos e um prato de comida na mesa, perto da porta — Além do guarda do lado de fora, que não tenho intenção de chamar, não há homens aqui, Vossa Graça.

Uma expressão de dor transpareceu em seu rosto — Não me chame assim.

Ela inclinou a cabeça — Não é Vossa Graça?

Seus lábios se apertaram com força e ele balançou a cabeça lentamente — Prefiro que não.

Ela considerou isso por um momento e depois deu um passo em sua direção — Muito bem. Como gostaria que eu o chamasse, então?

— Lucas serve. — grunhiu, e ela pôde ver que tentava controlar o mesmo tom ríspido que usou antes com os homens que o ajudavam.

Lucas. Pensou no nome e o revirou em sua cabeça. Chamar um duque pelo nome de batismo era quase tão inadequado quanto ficar a sós com ele, em seu chalé. Especialmente considerando a grande diferença entre suas posições.

— Tem certeza de que eu não poderia chamá-lo de Willowby? — insistiu.

Aquele olhar de dor cruzou seu rosto novamente — Isso é o mesmo que me chamar de Vossa Graça.

Ela não respondeu, mas deu um passo à frente novamente e estendeu a mão, com a intenção de começar a examinar o ferimento em seu ombro. Sabia que havia outro em sua perna, mas, por enquanto, se concentraria no mais fácil de tratar.

Mas, antes que pudesse tocá-lo, ele se afastou. Ela inclinou a cabeça enquanto a irritação a percorria — Vossa Graça...

— Lucas. — ele retrucou, e lá estava o tom áspero.

— Tudo bem, *Lucas*. — franziu os lábios enquanto lutava contra sua própria língua afiada — “Tudo bem, Lucas. Estava ciente que estava vindo para um curador, presumo que entenda que preciso tocá-lo.

Seus olhos se arregalaram — *A senhorita é o curador?*

Ela piscou diante da total confusão e descrença em seu tom. — Sim. — disse lentamente — Stalwood não lhe contou?

— Maldito Stalwood. — murmurou Lucas — Não, me disse apenas que eu estava sendo transferido para minha segurança e para poder ser atendido por um curador. Nunca mencionou que era uma mulher.

Ela se virou, estendendo os braços — E, no entanto, aqui estou eu. E foi isso que Stalwood me pediu para fazer. E devo fazê-lo para honrar meu pai e sua memória.

Mais uma vez, Lucas parecia completamente incerto. Ele se inclinou para mais perto, explorando seu rosto, antes de perguntar: — Quem é seu pai?

Ela engoliu em seco. Parece que Stalwood lhe deixou inúmeras explicações a dar — Ele também não lhe disse isso? Eu... meu pai era... George Oakford, Vossa Graça. Meu nome é Diana.

Todo o sangue saiu prontamente do rosto do belo homem à sua frente, e ele

estendeu a mão para se firmar no pilar mais próximo da cama de dossel. Encarou-a fixamente, com os olhos mais selvagens agora.

— George Oakford. — repetiu, depois do que pareceu uma eternidade — George Oakford, o cirurgião da coroa? — sua voz tremeu. Ela pôde ouvir toda a emoção contida nela, a emoção que combinava com a dela. Luto e perda, raiva e culpa.

Lentamente, ela assentiu — Sim. Esse mesmo.

Suas mãos se fecharam em punhos e, por um momento, ela pensou que seus joelhos se dobrariam. Então, ele a contornou e se dirigiu à porta.

Ela girou e estendeu a mão, segurando seu braço bom — Que está fazendo? Para onde está indo?

— E...eu preciso ir embora. — disse, com um tom distante, quase como se estivesse dizendo a si mesmo e não a ela — Não posso ficar aqui.

— Por quê? — disse, segurando firme, mesmo quando ele moveu o braço para tentar se desvencilhar de seu aperto.

Ele parou de lutar e, em vez disso, a olhou. Seus olhos castanhos escuros encontraram os dela com uma intensidade que a prendeu em seu lugar. Fez com que parasse de respirar.

— Seu pai foi morto por minha causa, Srta. Oakford. Ele morreu por minha causa.



As emoções sobre as quais Lucas lutou arduamente para controlar durante toda a sua vida, agora o dominavam como uma tempestade violenta. Confessou, achando que a mulher recuaria, choraria ou o xingaria. Em vez disso, ela apenas o *encarava*. O silêncio que se estendeu entre eles foi pior do que qualquer condenação que esperava.

Assim como a expressão de dor e confusão em seu rosto adorável. Agora que sabia quem era, via seu pai nela. Em seus olhos, principalmente. Seus olhos eram como os de Oakford.

— Stalwood me contou que foi ferido no dia em que meu pai morreu. — disse ela por fim. Seu tom era muito calmo — Mas ele não disse que a morte dele foi culpa sua. Gostaria de uma explicação.

Lucas assentiu — Merece isso. — admitiu ao se afastar e mancar pela sala, até uma cadeira diante da lareira. Com um olhar de desculpas pela grosseria de sua ação, afundou-se nas almofadas e respirou fundo para ganhar algum controle sobre a dor.

Ela ficou em silêncio enquanto se movia para ocupar a cadeira oposta à dele. Aqueles olhos de jade passeavam por ele, observando-o como o melhor dos espões. Viu-se imaginando o resultado de sua avaliação.

— Diga-me. — ela repetiu. Uma ordem, não um pedido.

Sua boca estava seca como um graveto e sentia a língua grossa. De alguma forma, conseguiu falar — Eu perseguia um traidor da Coroa. Um de nossas próprias fileiras.

— Stalwood sugeriu isso. — disse Diana — E que as coisas deram errado.

— Disseram-me para não agir, mas observar. — disse Lucas, inclinando a cabeça, à medida que as lembranças o invadiam, como um tsunami — Não escutei. Deveria ter escutado. Pedido mais ajuda. Seu pai nem sequer era para estar lá. Mas o conhece.

Um fantasma de um sorriso cruzou seu rosto — Sim, eu o conheço. Ele não era de seguir ordens.

— Não, mas, desta vez, deveríamos tê-lo feito; — Lucas passou a mão no rosto — Pensei que algo enorme estava prestes a acontecer. Algo perigoso. Decidi entrar em vez de simplesmente observar. Seu pai estava me dando cobertura. Mas nós dois fomos baleados, eu na perna, enquanto escalava uma parede. Caí e fiquei ainda mais ferido. Quando me virei, seu pai já havia sido atingido. Eu estava tentando ajudá-lo, quando fui baleado pela segunda vez.

Seu rosto ainda estava impassível, mas ele viu o brilho das lágrimas iluminar seus olhos, quando abaixou a cabeça e olhou para as mãos fechadas no colo — Não me parece que o que aconteceu foi culpa sua. — disse por fim.

Essa pequena absolvição atingiu Lucas em cheio por um momento, mas afastou o perdão que não merecia — Eu deveria ter decidido agir com mais prudência. Não ter pedido ao seu pai para me ajudar a violar minhas ordens. Se não fosse por mim, ele ainda estaria ao seu lado. Morreu tentando *me proteger*.

Ela voltou a ficar em silêncio, e ele o permitiu, apesar de querer afastar-se. Por fim, ela disse: — Esse parece ser mais um motivo para que eu queira ajudá-lo, Vossa Graça.

Ele franziu a testa — Não pode estar falando sério.

Ela se levantou e o encarou — Certamente que sim. Tenho a obrigação de não deixar que o sacrifício de meu pai seja em vão. Assim como o senhor. Não irá embora, Vossa Graça. Ficará e permitirá que eu o ajude. Por meu pai.

— Senhorita...

Ela se afastou — Volte a descansar. Deixei comida perto da porta. Amanhã será um momento melhor para discutirmos nosso próximo curso de ação. Boa noite.

Não esperou por sua resposta dessa vez, assim como não esperou da última vez que se afastou. E ele não ofereceu nenhuma, apenas observou-a partir e deixá-lo sozinho com sua culpa, sua raiva e sua dor.

Capítulo 3

Diana não tinha habitado seu quarto em Londres por quase exatamente um ano. Mesmo quando veio a serviço de seu pai, hospedou-se em uma pousada, com o quarto pago por Stalwood. Na última vez em que esteve aqui, seu coração foi partido e nunca mais quis voltar a esse lugar e a todas as suas horríveis lembranças. Agora estava sentada em sua cama, e aquele mesmo coração estava novamente partido, não apenas pelas lembranças, mas pelos detalhes que o Duque de Willowby acabara de compartilhar, sobre a morte de seu pai.

— É demais. — sussurrou em voz alta, na escuridão silenciosa, que não oferecia nenhum conforto ou consolo — É demais para suportar.

A emoção a dominou, fazendo-a afundar nos travesseiros, com os soluços assolando seu corpo, enquanto revivia todos os momentos difíceis dos últimos anos de sua vida. Toda a dor, toda a perda, todos os sonhos destruídos a invadiram em uma onda implacável.

Balançou-se contra os travesseiros enquanto a angústia continuava, e então foi erguida, virada para um peito largo, enquanto braços quentes e fortes a envolviam. Apoiou-se naquele peito, deixando que a força daqueles braços a confortasse, antes que a realidade voltasse. Ergueu o rosto para encontrar as feições muito bonitas de Lucas.

— Não deveria... — começou, embora sua recusa fosse fraca. Na verdade, fazia muito tempo que alguém não lhe oferecia conforto físico. No momento, não queria nada mais do que se aconchegar nele.

Ele balançou a cabeça — Shh, vamos. — acalmou-a, com aquela voz áspera e dura, agora suave e até mesmo gentil. Levou a mão até sua nuca e a puxou de volta para seu peito. Seus dedos acariciaram seus cabelos — Shhh.

Ela ficou mole, toda a sua última resistência foi apagada com a segurança que sentia nos braços desse homem. Talvez fosse uma ilusão, na verdade, quase podia garantir que era. Mas, naquele momento, não conseguia se afastar.

Então, soluçou contra ele, derramando tudo o que normalmente era forte demais para compartilhar. E ele não disse nada. Nenhum chavão vazio, nenhum pedido para que lhe dissesse o que estava em seu coração. Nenhuma exigência de que apagasse seus sentimentos para deixá-lo mais confortável.

Apenas a abraçou, até que suas lágrimas parassem e finalmente ela pudesse respirar novamente.

Mexeu-se um pouco e ergueu o olhar novamente. Ele a estava olhando de cima a baixo. Estavam sentados, juntos, na cama. Ele sem camisa. Ela já estava vestindo seu traje de dormir, há muito tempo.

Naquele momento, percebeu como a posição deles era íntima.

Especialmente quando pôde sentir o hálito limpo e quente dele mexendo em seus lábios. Quando seus olhos escuros se fixaram nos dela e a mantiveram presa.

Os dedos dele se apertaram contra suas costas, as almofadas ásperas acariciando sua pele nua, com requintada intimidade. Ele ia beijá-la. Sabia disso tão bem quanto sabia seu próprio nome.

Mais do que isso, queria que ele o fizesse. Nesse momento em que estava tão crua e emocionada, em que sentia a solidão com uma nitidez que perfurava seu coração, o beijo parecia ser exatamente o que precisava, mais do que tudo.

Mas, assim que os lábios dele baixaram, a razão gritou em sua cabeça para que se afastasse. Para se lembrar da última vez que havia confiado seu corpo a um espião. Com seu coração.

Levantou-se e ele a soltou, sem comentários. Suas bochechas se inflamaram e ela virou o rosto para não ter que olhá-lo quando disse: — Não deveria estar acordado, Vossa Graça.

— Lucas — corrigiu, mais uma vez.

Ela o encarou. Em meio à escuridão, era impossível decifrar sua expressão. Era uma página em branco, sem nenhum sentimento sobre seu choro, sobre o quase beijo, sobre nada. Deus, como isso a lembrava de seu pai e de como ele era capaz de derrubar qualquer muro que os separasse.

— Lucas. — rendeu-se, pois parecia inútil continuar a insistir no fato — Precisa descansar.

Ele arqueou uma sobrancelha — Acha-me tão pouco cavalheiro a ponto de ouvir uma dama chorando, no quarto ao lado, por algo *que eu fiz, que eu disse*, e não vir me certificar de que ela está bem?

Ela abaixou a cabeça, mais uma vez. Não tinha o talento dele para fechar seu coração. Houve momentos em que desejou tê-lo. Esta noite, por exemplo.

— Estou bem. — sussurrou — E estou aqui para *ajudá-lo*, então, garanto que não o incomodarei com minhas emoções novamente.

Ele encolheu o ombro bom — Não foi nenhum incômodo, esta noite.

— De qualquer forma, devemos levá-lo de volta para a cama. — insistiu, e deu um passo em direção a ele, antes de parar. Se quisesse ajudá-lo, teria de tocá-lo. Tocar aquele peito duro, estar perto dele como esteve quando ele quase a beijou. Um pensamento totalmente inapropriado para se ter sobre alguém que deveria ajudar.

— Eu consigo. — disse ele, mas, ao se virar para ir embora, cambaleou um pouco e ela se apressou em apoiá-lo.

— Eu deveria ter investigado seus ferimentos mais de perto, esta tarde. — repreendeu-se enquanto colocava o braço dele em volta dos ombros e começava a ajudá-lo a voltar para o quarto — Amanhã serei mais minuciosa.

Ele riu profundamente e ela desviou a atenção para o lado e o olhou. Havia algo quase feroz nesse homem. Selvagem e perigoso, mas infinitamente sedutor. E era algo que ela não podia sentir. Não queria sentir. Nunca mais.



Lucas acordou sobressaltado, arfando rapidamente. A dor atravessava seu ombro e sua perna. Sempre a dor, sua companheira constante.

Onde estava? Olhou ao redor da pequena câmara, inundada pela luz externa, e recostou-se nos travesseiros, com um suspiro. Ah, sim, agora se lembrava. Estava na casa de campo de George Oakford, em Londres.

A casa de campo de Diana Oakford, supôs. Ela deve ter herdado tudo o que seu pai tinha quando morreu. Incluindo seus deveres. Algo que Lucas teria de discutir com Stalwood, quando o conde viesse ver como as coisas andavam. Diana não merecia ser jogada em um mundo tão perigoso. Deveria estar dançando e cortejando, e não soluçando em seu quarto, por causa de um homem que estava sendo forçada a ajudar.

É claro que isso fez com que a tocasse. Lucas estremeceu com a lembrança. Não tinha entrado para abraçá-la, apenas para garantir sua segurança. Mas não conseguiu se conter. E, uma vez que a tocou... ah, queria fazer muito mais do que apenas abraçá-la.

A porta do quarto se abriu lentamente e ele se sentou mais ereto, colocando as cobertas em volta de seu corpo nu, enquanto Diana entrava. Ela se sobressaltou ao encontrá-lo observando-a.

— Bom dia. — disse, ao colocar a bandeja sobre a mesa. Ao perceber a comida na bandeja, seu estômago roncou — Não achei que estivesse acordado. Quando passei por aqui, mais cedo, ainda dormia.

Ele cerrou o maxilar. A ideia de ela o observar durante o sono parecia muito íntima. Isso também lhe mostrou como ele se tornou mole nos meses que se passaram, desde que foi ferido. Seu sono sempre foi leve e despertava ao menor som, pronto para lutar. Odiava essa nova realidade.

— Mas estou acordado, como pode ver. — Deixe-me finalmente dar uma olhada em seus ferimento. — disse, aproximando-se.

Ele se mexeu. No momento, tinha uma ereção infernal e não queria que ela visse isso — Não.

Ela parou e o encarou — Não? — repetiu — Como assim, não?

— Exatamente o que eu disse. — cruzou os braços sobre o peito — Não preciso que fique me examinando como meia dúzia de cirurgiões já fizeram antes. Nenhum deles pôde me ajudar. Preciso simplesmente aprender a viver como estou agora.

Sua testa franziu — Isso é ridículo. Tenho certeza de que posso tornar sua vida mais confortável, se me permitir.

Ele revirou os olhos — Dito como um verdadeiro médico. E então passará um pouco de merda de burro em mim e me deixará sentado em meu próprio fedor, por uma semana.

Ela recuou — Eu não faria isso, asseguro-lhe. O que descreve é praticamente medieval, Lucas.

Ele sorriu um pouco com o fato de ela ter se rendido ao chamá-lo pelo seu nome de batismo. Pelo menos *essa* batalha havia sido vencida. Passou para a

próxima — Quando posso partir?

Ela pestanejou, como se não tivesse entendido a pergunta — Partir? Está ferido.

Ele encolheu o ombro sem ferimentos — E não tenho dúvidas de que encontrarei uma maneira de compensar esses ferimentos. Então, qual é o sentido em permanecer aqui?

— E o que faria se eu o autorizasse a partir? — perguntou, agora com os braços cruzados. É claro que isso só chamou a atenção dele para seus seios, mas tentou manter o foco. Afinal, tratava-se de uma negociação - não podia se deixar distrair.

— Me autorizar, *pessoalmente*. — riu — Não acho que tenha o nível hierárquico para conceder tal coisa.

Seus olhos verdes brilhantes se arregalaram e se estreitaram — Stalwood me pediu para ajudá-lo. Até que eu diga que está pronto para partir, presumo que ele não lhe dará o que deseja.

Franziu a testa. Ela poderia estar certa sobre isso. Então, era hora de tentar uma tática diferente — E se eu dissesse que pretendo perseguir quem matou seu pai? — perguntou, odiando a forma como a dor se manifestou em seu rosto, antes que ela controlasse a reação. Odiando que ele lhe tivesse causado tal dor — Sou muito mais qualificado do que qualquer outra pessoa para esse caso.

— Não. — repetiu, de forma suave, mas firme.

Seus olhos se arregalaram diante da rapidez da rejeição — Estou errado em supor que deseja que o culpado seja levado à justiça?

— De fato, desejo. — disse, com a voz ficando mais alta — Mas não se isso custar a sua vida. O que provavelmente é o que aconteceria, considerando o fato de que mal consegue andar de uma câmara para outra, sem ajuda.

Ele se sentou mais ereto e foi recompensado por uma dor ofuscante, que atravessou seu corpo danificado. Dor que provou o ponto de vista dela e o deixou com mais raiva ainda. Então, a direcionou para ela, pois não havia outro lugar para colocá-la. A menos que quisesse enfrentar verdades que mudariam seu mundo para sempre — Não tem ideia do que sou capaz, minha querida. — rosnou — E se por acaso se importasse com seu pai, me deixaria cumprir meu dever.

Ela estremeceu com essas palavras, ditas com crueldade e das quais se arrependeu imediatamente. Esperou que ela chorasse novamente ou exigisse que fosse embora, como merecia. Mas, em vez de fazer isso, simplesmente o encarou demoradamente — Pode estar acostumado a que todos façam o que diz, quando diz, *Vossa Graça*, mas eu não farei. Meu dever é com Stalwood, com a memória de meu pai e com meus juramentos de curadora. Seus desejos, necessidades e birras não entram na equação

Ele se levantou e saiu da cama. Quando as cobertas caíram ao seu redor, lembrou-se de que estava nu por baixo delas. E, no entanto, Diana não se esquivou desse fato. Pelo contrário, observou, fascinado, como o olhar dela se

movia para cima e para baixo, fixando-se por muito tempo em seu pênis. Aquele que lentamente voltou a despertar sob seu olhar.

O desejo pulsava entre eles, assim como na noite anterior. Foi repentino e poderoso e, naquele momento, Lucas se perguntou se poderia usá-lo contra ela, para conseguir o que queria. Sair a campo novamente, antes que enlouquecesse com a espera e a inutilidade.

Ela engoliu em seco e, para seu choque, se aproximou. Concentrou-se em seu rosto e disse: — Quer ficar bom? Voltar a campo?

Assentiu, lentamente. — Mais do que qualquer coisa.

Ela cerrou a mandíbula antes de dizer: — Então, deixe-me ajudá-lo. Dê-me um mês.

Ele prendeu a respiração. Um mês? Isso era impossível. Estava inútil há mais de meio ano. Mais um mês era uma perda de tempo, especialmente porque tinha enormes dúvidas de que o final seria diferente do início. Continuaría sentindo dores. Continuaría sendo inútil. Seu destino permaneceria o mesmo.

— Para fazer o que?

Ela suspirou — Para tentar desfazer o que cirurgições muito menos habilidosos do que meu pai lhe fizeram. Não mentirei, Lucas - doerá muito. Vai amaldiçoar meu nome centenas de vezes. Mas permita-me fazê-lo.

Sua voz era tão calma, reconfortante e confiante. Ela realmente acreditava que poderia ajudá-lo. E, naquele momento, encontrou uma fé selvagem nela. Uma fé que reprimiu imediatamente, pois era ridícula.

— E se eu recusar?

Ela ergueu as mãos — Então falhará com meu pai. Falhará consigo mesmo.

Virou-se e saiu do quarto. Ele ficou olhando enquanto o fazia, surpreso não apenas com a farpa da despedida e com o quanto doeu, mas também com ela. Era linda, é claro. Não havia homem que a olhasse e não a desejasse. Precisasse. Mas, por baixo daquela aparência, havia uma força ferrenha. Uma determinação tão poderosa, que o fazia crer no que não acreditava há muito tempo.

E isso a tornava muito mais perigosa do que qualquer inimigo que pudesse enfrentar em campo. Porque sua arma era a esperança.

Capítulo 4

Diana jogou a cesta no chão e atacou as plantas com um entusiasmo furioso. Arrancou as folhas, rasgando-as com muito mais violência do que normalmente faria. Mas não conseguia evitar. Aquele homem era um idiota teimoso. Pomposo e descarado e... e *rude*.

Apesar de tudo isso, sentia-se atraída por ele. Intensamente. Na noite passada, quis beijá-lo. Hoje de manhã, não conseguiu desviar o olhar quando ele se levantou, todo poder masculino e desejo nu. Essa era uma fraqueza dela, à qual já havia sucumbido uma vez, com consequências terríveis.

Consequências que a mandaram para o campo. Consequências que a mantiveram sozinha. Rejeitou todas as investidas dos camponeses tolos que se aproximavam dela.

Mas o Duque de Willowby não era um tolo camponês.

— Idiota. — advertiu-se, enquanto voltava sua atenção para arrancar as folhas das plantas.

— Eu, a senhorita ou essa pobre planta que está destruindo?

Ela congelou diante da pergunta arrastada. Maldito fosse o homem - será que não poderia deixá-la em paz? Parecia que não. Virou-se lentamente e recuperou o fôlego. Lá estava ele, apoiado pesadamente no encosto de um banco, no meio de seu jardim. Estava vestido. Mal, é claro. Talvez porque estivesse acostumado a contar com a ajuda de seu valete. Talvez porque seus ferimentos dificultassem as coisas.

O fato de ele estar um pouco desarrumado não o tornava menos atraente. Estava maltrapilho, com a camisa meio dobrada, o cabelo emaranhado no rosto e as bochechas salpicadas com o início de uma barba escura. Parecia um pirata, não um duque. Um príncipe pirata, em busca de qualquer tesouro que pudesse roubar.

— O que está fazendo? — pergunto ela, com um tom mais agudo do que desejava. Valha-me Deus, mas esse homem trazia à tona o que havia de pior nela.

Ele encontrou seu olhar e sorriu, meio sem jeito — Estou fazendo o que quero. Não foi disso que me acusou antes?

Ela deixou cair um emaranhado de ervas na cesta e cruzou os braços — Não, não foi. Eu disse que está acostumado a que todos façam o que diz. Embora eu presumo que também faça o que quer, sem pensar nos outros.

— Oof. — ele disse, balançando a cabeça — Parece que sou realmente um bastardo. E ainda quer me ajudar?

Ele estava sorrindo. Provocando-a. E ela prendeu a respiração. Quando sorria, era ainda mais bonito do que quando se lamentava, droga. E suas palavras, brincalhonas ou não, a atingiram em cheio. Embora tivesse sido

arrastada para isso por Stalwood, o fato é que *queria* ajudar esse homem.

Soltou um longo suspiro para acalmar seu coração acelerado — Fui... incisiva demais a esse respeito. — disse — talvez isso tenha sido injusto.

Ele riu mais uma vez — Pelo contrário, acho que foi totalmente justa. Eu mereci.

Franziu a testa, pois agora não tinha certeza a respeito dele novamente. Será que estava brincando para que ela baixasse a guarda? Afinal, ele era um espião, treinado para manipular — É totalmente frustrante.

Seu sorriso se alargou e a expressão tirou anos de seu rosto. Isso iluminou tudo nele e a fez imaginar que tipo de homem ele havia sido, antes dos ferimentos. Antes do Departamento de Guerra. Apenas... antes.

— Obrigado.

— Não era para ser um elogio. — disse, mas acabou rindo, apesar disso.

Ele soltou a respiração e se apoiou mais no banco — Na verdade, eu lhe *devo* um pedido de desculpas. — disse, agora sério — Não tenho sido fácil, desde minha chegada, e sei disso. Só não gosto de ser... fraco.

Podia ver como aquela confissão era difícil para ele. Entendia isso. Mesmo depois de ficar inativo por meses, ninguém poderia negar que o homem à sua frente tinha uma força enorme. Só podia imaginar como tudo o que era físico sempre tinha sido fácil para ele. Os homens aprendiam que esse era seu maior trunfo. Perder isso, devia lhe esmagar alguma parte importante.

Aproximou-se e estendeu as mãos — Quer se sentar? — perguntou, apontando para o banco onde ele estava encostado.

Ele assentiu e deixou que o ajudasse a se acomodar. Curvou-se, pegou a cesta e a colocou no colo dele, com um sorriso — Segure isso. Pelo menos será útil.

Ele riu, mas ela percebeu a tensão em sua voz quando disse: — Ser útil nunca foi algo pelo qual tive que me esforçar, no passado.

Ela se virou, sabendo que essas admissões não poderiam ser fáceis. Era melhor recebê-las com calma, sem fazer muito alarde.

— Não é fraco, sabe. — disse, enquanto se agachava e examinava alguns botões de flores na planta à sua frente — Está ferido. Juro, assim são os homens.

— Homens? — ele repetiu, enquanto ela colocava alguns botões na cesta, ao lado das outras ervas que havia selecionado, antes dele aparecer — Isso é um problema com todo o meu sexo, então?

— De fato, é. — retrucou — Tendem, como um todo, a equiparar a incapacidade de fazer algo com fraqueza. Isso não lhes faz bem.

— Tem tanta certeza assim?

Ela o encarou — Deixando de lado a habilidade deles, pense nos outros homens que tentaram ajudá-lo depois de seus ferimentos. Eu diria que já havia discutido, exigido e forçado, antes mesmo de ficar sob meus cuidados

Sua expressão envergonhada lhe disse tudo antes que ele respondesse: — Bem, er, sim, suponho que sim.

Ela deu de ombros — E isso é parte do motivo pelo qual não está mais adiantado em sua recuperação. Não pode aceitar ajuda porque ajuda é fraqueza. Mas se mantém ferido e ‘fraco’, como diz, por não permitir que outra pessoa venha em seu auxílio.

— Pensei que o problema fossem os cirurgiões sem talento. — disse, lentamente.

— Pacientes teimosos também são um problema. — respondeu com um sorriso.

Ele sustentou seu olhar e seu coração se agitou um pouco. Essa conexão que sentia sempre, que ele a olhava daquela maneira era, no mínimo, desconcertante. Como resultado, obrigou-se a desviar o olhar, mas o ardor em suas bochechas devia ser tão óbvio para ele quanto para ela.

— Eu viajei o mundo, sabe? A serviço do meu rei, aprendi novos idiomas, vi coisas que nem podia imaginar. Fingi ser o que não era. Foi tudo uma grande aventura. Um prazer tanto quanto um dever.

— Deve ser difícil perder isso. — sussurrou.

Ele ficou quieto por um momento e então disse: — Disse-me que haveria dor se eu fizer o que deseja.

Ela engoliu com dificuldade e se forçou a olhá-lo nos olhos — Sim.

Seus lábios pressionaram com mais força — Mas será que vou me curar? Será que, algum dia, serei parecido com o homem que fui antes?

Ela prendeu a respiração, comovida, mais uma vez, pelo tom de súplica em sua voz. O desespero que o levou a se comportar da pior forma ficou mais claro para ela agora. Tudo o que ele era estava ligado ao que podia fazer. Como poderia proteger. Onde poderia ir sem dificuldade.

A perda de tudo isso o havia mudado.

Entendia isso.

— Nunca lhe mentirei, Lucas. — disse, inclinando-se para tocar o queixo dele, virando-o para que encontrasse seus olhos e pudesse ver a verdade neles — E não lhe prometerei o que não posso cumprir. Não sei se posso trazer de volta o homem que um dia foi. Mas, se me deixar olhá-lo, ajudá-lo, prometo que farei tudo o que estiver ao meu alcance para tentar.

Seus olhos se estreitaram, como se a estivesse lendo, hesitando em confiar nela, mas, por fim, assentiu lentamente — Muito bem. Dar-lhe-ei o seu mês.

O alívio fluiu através dela, mais forte do que imaginava, considerando que, inicialmente, não queria fazer nada disso. Sua recusa teria facilitado a vida dela. Mas sua aceitação a deixou feliz.

— Ótimo. — ela disse.

Ele ergueu a cesta — Agora, pode me dizer o que essas ervas fazem?

Ela sorriu quando a tensão entre eles diminuiu um pouco — Bem, algumas aliviam a dor. Outras ajudam na cura. Esta faz o frango ficar mais saboroso.

Ele inclinou a cabeça para trás e riu — É melhor não as confundir, então.

— Nunca. — disse, e pegou a cesta, deslizando-a sobre o antebraço — Por que não subimos e começamos, desta vez com seriedade? Quero examinar

seus ferimentos mais de perto. Só então poderemos realmente saber o que fazer a seguir.

Se ele pretendia hesitar, argumentar ou recusar, não o fez. Simplesmente soltou um longo suspiro, depois se levantou e pegou o braço que ela lhe ofereceu, enquanto voltavam lentamente para a casa e para as torturas que ela sabia que viriam.



Lucas respirou fundo e tentou se acalmar. Quando essa mulher o tocava, era hipnotizante. Nunca havia experimentado nada parecido com nenhuma amante que teve ao longo dos anos. Estar perto dela era como a luz do sol que o despertava pela manhã ou o calor do álcool que passava por seu sistema e entorpecia seu cérebro.

E, no entanto, quando ela abriu a porta da casa, a ansiedade sobre o que aconteceria a seguir aumentou em seu peito. Foi treinado para lidar com a dor, é claro. Um espião precisava ser capaz de suportar a tortura.

Mas os últimos seis meses o levaram aos seus limites. Não gostava da ideia de fazer tudo de novo, especialmente na frente dessa mulher, que parecia ser capaz de ver a alma de um homem, quer ele usasse seu treinamento contra ela ou não.

Ela apertou o braço ao redor de sua cintura quando começaram a subir as escadas, juntos — Eu lhe darei uma bengala. — ponderou, quase mais para si mesma do que para ele. Ele se enrijeceu e ela dirigiu-lhe um olhar conhecedor — Deixe-me adivinhar: a ideia de usar uma bengala o incomoda porque o deixa fraco?

Ele franziu os lábios diante da censura que marcou seu tom. — Quando dito dessa forma, parece tolice — disse, na esperança de cortar a tensão com um pouco de autodepreciação.

Ela fez uma pausa no topo da escada, com a respiração ofegante: — É *tolice*. Meu Deus, não se sentiria melhor se conseguisse subir as escadas ou atravessar um cômodo, sem precisar de alguém para suportar seu peso?

— Sim... suponho. — admitiu, lentamente — Isso a incomoda?

Ela lhe lançou um olhar de lado e começou a manobrá-lo em direção ao quarto. — O que me incomoda?

— Estar sempre certa. — finalizou — Isso a mantém acordada à noite?

Houve uma pausa de um segundo, e então ela riu. O som era como música e ele o absorveu, enquanto ela o ajudava a entrar no quarto e ir em direção à cama. Quando caiu de costas no colchão, ela se inclinou sobre ele e aterrissou em seu peito. A dor o atravessou, como sempre acontecia. Mas foi amenizada por algo mais.

Algo que não sentia há muito tempo. Prazer. O corpo dela contra o seu era um prazer, e descobriu que não queria deixar isso de lado ainda. O riso dela desapareceu e o encarou, observando, em silêncio, enquanto ele erguia os braços para abraçá-la. Abraçá-la, como havia feito na noite em que a confortou.

Só que não estava pensando em conforto naquele momento. Não, queria outra coisa dela e não se negaria a isso. Deslizou os dedos pelos cabelos dela, segurando-lhe a cabeça, para que abaixasse a boca até a dele. Ela não resistiu - apenas soltou um pequeno suspiro, e então seus lábios estavam pressionados contra os dele.

Era como se alguém tivesse reacendido o mundo, depois de meses de escuridão. O desejo elétrico percorreu seu corpo enferrujado e ele cravou os dedos em sua pele, para aproximá-la ainda mais. Ela obedeceu, abrindo a boca para ele e passando a língua de encontro à dele com uma hesitação que se desvaneceu, quando a sugou mais profundamente.

Por um momento, todo o resto do mundo desapareceu. Esqueceu-se de sua dor física, esqueceu-se de sua frustração e culpa, esqueceu-se da vida que havia perdido e da que não havia salvado. Esqueceu-se de tudo e se afogou no sabor doce que ela tinha e na forma erótica como se movia contra ele, enquanto seus seios se achatavam em seu peito e ela se erguia contra ele, com um gemido profundo na garganta.

E então, com a mesma rapidez com que havia se rendido, ela se afastou. Ele a soltou, observando como se afastava cambaleante, virando-se, enquanto levava a mão aos lábios, como se ainda pudesse senti-lo ali. Sabia que ele podia senti-la.

E queria sentir muito mais.

— Vai correr de novo, Srta. Oakford? — perguntou, enquanto o tempo se estendia entre eles e a sentia se preparando para fazer exatamente isso.

Ela se virou em sua direção, com as bochechas coradas e as pupilas dilatadas. Encarou-o e depois balançou a cabeça — N-não. — gaguejou, com a voz trêmula e sem foco — Não, claro que não. Estou aqui para ajudá-lo. É hora de fazer exatamente isso. Pode tirar sua camisa?

Ele assentiu quando se sentou e começou a desabotoar lentamente os botões da frente do tecido. Ela o observou por um instante, depois balançou a cabeça ao se ajoelhar para começar a ajudar com suas botas.

Seu coração quase parou ao vê-la ajoelhada diante dele. E quando olhou para cima, aparentemente sem saber o quanto era tentadora, precisou de todo o seu controle para não a arrastar de volta para o seu corpo, virá-la de costas e possuí-la, até que não aguentasse mais. Até que estivesse saciada e macia embaixo dele.

Até que sua voz ficasse rouca de tanto gritar seu nome.

Ela tirou suas botas e as colocou de lado. Ao se levantar, virou-se e ele a observou enquanto se dirigia ao local onde havia deixado uma bandeja, no início do dia. Pegou alguns frascos, alguns curativos, uma agulha e linha, depois voltou.

— Aqui, permita-me. — disse suavemente, colocando os itens na cama ao seu lado, antes de se mover para ajudá-lo a puxar a camisa sobre a cabeça. Fez uma careta ao levantar o braço ruim, suficiente para que ela pudesse puxar o tecido. Depois de jogá-lo de lado, ela se inclinou, examinando a cicatriz,

enquanto estalava a língua — Com que frequência o reabriram? — perguntou.

Ele fechou os olhos e deixou de lado as lembranças daquelas experiências horríveis. Tentou esquecer a dor que o havia levado à inconsciência, mais de uma vez — Perdi a conta, depois de oito.

Ela virou o rosto, como se sua dor a afetasse fisicamente — Sinto muito. — sussurrou, enquanto traçava a marca com a ponta da unha.

— Tem que fazê-lo novamente, não é?

Ela ergueu o olhar para o dele — Como sabe?

— Eu ouvi em sua voz. — disse, enquanto se abaixava de volta para os travesseiros — E todo curador faz isso, não é? Precisa deixar sua própria marca em mim.

Seus lábios se separaram — Stalwood deveria contratar homens melhores. Não tenho nenhum desejo de marcá-lo, Lucas. Não sinto nenhum prazer na dor que causarei. Mas espero que... que...

Ele encontrou seus olhos diante da hesitação — O quê?

— Confie em mim. Sei que não me conhece. Não tem motivos para isso.

— Eu tenho. — disse suavemente — Tenho um motivo.

— E qual é? — perguntou, enquanto pegava um bisturi fino da cama e o mergulhava em um líquido.

— É filha dele. — disse, agarrando os lençóis com os dois punhos, enquanto ela abaixava o instrumento sobre sua pele já em chamas e fazia um corte delicado.

Não o olhou, mas manteve o foco em seu ferimento — Esse é um padrão elevado para se manter. — disse suavemente.

Ele mordeu o lábio enquanto ela sondava o ferimento, examinando os danos que o deixaram tão quebrado. Em seguida, estalou a língua e colocou o bisturi de lado. Pegou o almofariz e o pilão e começou a jogar ervas secas e um líquido diferente e mais espesso na tigela pequena. Enquanto misturava, encontrou seus olhos.

— Estou quase terminando e nunca mais a reabrirei. — prometeu.

Ele cerrou os dentes — Isso é o que todos dizem.

— Não sou como eles. — disse, sustentando seu olhar.

Ele quase riu, mas não conseguiu, pois a dor estava fazendo com que sua visão ficasse embaçada e sua voz, estrangulada. Tentou se concentrar, tentou encontrar leveza nesse momento, para que ela não percebesse o quanto o estava deixando desesperado e vulnerável — Certamente é muito mais bonita do que os outros.

O mundo começou a girar em torno dele. Podia sentir o pulsar no ferimento em seu ombro e essa pulsação fazia seus joelhos tremerem.

— Bem, certamente espero que sim. — disse, seu tom ainda calmo e suave e ele pôde ouvir o sorriso nele. — Eu vi alguns daqueles malucos que meu pai treinou. Ser mais bonita não é exatamente a montanha mais difícil de escalar.

— Cristo. — conseguiu dizer, enquanto virava a cabeça no travesseiro.

Ela se ergueu e se inclinou sobre ele. Uma mecha de cabelo, que havia se

soltado quando ele a beijou, caiu de seu coque simples e roçou em sua pele. Concentrou-se em sua sedosidade, na forma como fazia cócegas em seu peito.

— Isso vai ajudar. — prometeu, passando a mistura que havia feito sobre o ferimento.

Ele se contorceu com o frio do remédio. A maneira como fazia sua carne formigar ao penetrar no corte que ela havia aberto. Mas, em poucos segundos, sentiu um entorpecimento feliz, que penetrou na carne.

— Pronto. — sussurrou, enquanto levantava a mão e começava a abrir a aba de sua calça — Está melhor?

Ele a encarou, seu corpo dividido entre o prazer e a dor quando o tocou. Sentiu-se tonto ao sussurrar: — O que está fazendo comigo?

Ela sorriu — Preciso tirar suas calças para olhar sua perna, Lucas. Prometo que é apenas para tratá-lo.

Ele fechou os olhos enquanto ela puxava o tecido e o deixava nu — Pode fazer o que quiser, Diana. Deve ser capaz de ver isso.

Ela disse algo, mas parecia distante. Concentrou-se na forma como os dedos dela passavam sobre sua perna. Não tinha ideia de quanto tempo se passou e então ela estava ao seu lado, com os lábios roçando sua têmpora enquanto sussurrava: — Descanse, agora.

Achou que deveria responder, mas não conseguia pensar em nenhuma palavra. Nenhuma que fizesse sentido, pelo menos. Então, deixou que seus olhos cansados se fechassem e se rendeu à inconsciência que seu corpo exigia.

Capítulo 5

Diana estava na cozinha, removendo pedaços de carne dos ossos do frango que tinha acabado de tirar do espeto sobre o fogo. Sempre gostou de cozinhar e fazia isso para seu pai há anos. A ciência do cozimento era muito semelhante à ciência dos cataplasmas e tinturas, por isso o ato lhe parecia familiar e reconfortante.

Não que isso estivesse funcionando no momento. Apesar de se ocupar, sua mente a levava de volta aos pensamentos sobre Lucas. Fazia vinte e quatro horas que havia reaberto e limpado suas feridas. Ele dormia desde então, um sono profundo, com muita dor e, assim esperava, finalmente curado. Merecia isso, depois do pesadelo pelo qual passou nos últimos seis meses.

Verificava-o quase a cada hora. Dizia a si mesma que era seu dever como curadora, mas esse era apenas metade do motivo. A outra metade era aquilo que a mantinha olhando para o teto em sua cama. Ele a havia beijado. Profunda e completamente e com toda a experiência que um homem daquele tipo teria. Deveria tê-lo afastado, mas não o fez. Não conseguiu.

Era profundamente desconcertante admitir isso, mesmo que apenas para si mesma. Mas sentia uma atração estranha e poderosa por Lucas, desde o momento em que o viu. Algo diferente de tudo que ela já havia sentido antes.

Quis aquele beijo. Cada hora que passou com ele. Pior ainda, desejava outro. Era por isso que entrava para ver como estava. Para estudar aqueles lábios surpreendentemente carnudos. Para pensar em como os sentiria se tocassem os seus novamente. Se roçassem em sua pele, até que ela se perdesse completamente.

— Um caminho muito perigoso. — murmurou, enquanto espetava a carcaça e tirava mais carne de frango fumegante do osso — Um caminho que já percorreu antes, para seu infortúnio.

O Duque de Willowby era perigoso, ponto final. Não havia nada mais a ser dito sobre o assunto.

Só que sua mente continuava dizendo muito mais. Perigoso, mas tão bonito. Perigoso, mas inegavelmente carismático. Perigoso, mas quando a olhava, desejava coisas que sabia serem erradas. Coisas que poderiam destruir seu mundo inteiro.

Sacudiu a cabeça, tentando, pelo que devia ser a centésima vez, remover aqueles pensamentos perversos de sua mente. Em sua distração, moveu a mão e a roçou na lateral da pinça de metal quente que estava espetada no meio do frango — Ai! — gritou, levando a mão aos lábios para sugar a carne vermelha.

— Deixa-me ajudar.

Ela se virou e começou a se mexer ao ver Lucas parado na entrada da

cozinha, apoiado no batente da porta, com o rosto pálido. Suas roupas estavam amassadas, o cabelo despenteado pelo sono, mas o corpo dela começou a formigar ao vê-lo.

— O que está fazendo? — perguntou, correndo para ajudá-lo e forçando-se a se concentrar em seu papel de curadora, não de devassa — Por Deus, deveria dormir mais um dia, depois do que passou.

— *Mais um dia?* — repetiu ele, com os olhos arregalados — Quanto tempo eu já dormi?

— Vinte e quatro horas, um pouco mais, na verdade.

Ele ficou tenso e seus lábios se contraíram — O que me deu? Láudano?

Ela o ajudou a se sentar — Algo parecido com isso, misturado ao cataplasma para ajudar com a dor.

— Eu não gosto de láudano. Me deixa fora de controle. — disse, suavemente.

Ela franziu a testa quando levou a mão à boca novamente. Ele a pegou antes que chegasse aos lábios e a virou para ver a pequena queimadura que arranhava a pele da palma da mão.

— Deve ter alguma magia para isso. — disse, erguendo os olhos para ela.

Mais uma vez, sentiu-se cativada por sua expressão. Mais uma vez, perdeu a capacidade de pensar com clareza e racionalidade. O que havia nesse homem? O que havia em si mesma, que a levava a tais pensamentos e desejos?

— Posso fazer uma mistura rápida. — admitiu — Isso ajudará na cura.

— Permita-me. — sugeriu, apontando para a cadeira ao lado da sua — Apenas me diga o que fazer.

Ela franziu os lábios, mas decidiu não discutir. Afinal de contas, estava claro que ele não permitiria que o fizesse. Esse homem estava acostumado a conseguir o que queria, exatamente como havia sugerido antes. Então, respirou fundo e começou a lhe dar ordens sobre quais ervas usar e como misturá-las para ela. Para sua surpresa, ele seguiu suas instruções ao pé da letra, sem nem mesmo discutir.

Ficou olhando enquanto ele esmagava os itens com o almofariz e o pilão, os músculos do braço bom trabalhando enquanto os triturava. Estava muito concentrado no trabalho, com a boca fechada em uma carranca profunda e o olhar fixo na tigela. Podia identificar o espião nele, motivado, determinado, inegável.

Totalmente inegável.

— E agora? — ele perguntou.

Sobressaltou-se, arrancada daqueles pensamentos inesperados e indesejados — Er, nós... nós colocamos na queimadura. — gaguejou.

Virou-se para ela e sorriu — Então?

Ela piscou — Então o que?

— Estenda sua mão, Diana. — disse, aproximando-se o suficiente para que ela sentisse seu calor.

— Sim, sim, é claro. — suspirou e virou a mão para mostrar-lhe o ferimento.

Ele espalhou a pasta esverdeada que havia feito sobre a queimadura — Tem um pano para cobri-la? — perguntou.

Assentiu — Está ali no armário.

Ele se afastou e ela aproveitou a oportunidade para respirar fundo algumas vezes. A tensão, a faísca entre eles... Deus, era poderosa. Sentia como se estivesse perdendo todo o controle e isso a aterrorizava e emocionava ao mesmo tempo.

Ele voltou, com um pano de flanela macio na mão. Encontrou seus olhos enquanto envolvia gentilmente sua palma da mão. Só desviou o olhar para amarrar o pano. Ela seguiu seu olhar e franziu a testa para o nó que ele havia usado. De alguma forma, parecia familiar.

— Alguns chamariam isso de bruxaria, sabe? — disse, sentando-se ao lado dela e roubando um pedaço de frango, do prato onde estava tirando a carne.

Ela sorriu, embora suas palavras tenham provocado um aperto no estômago — De fato, tem razão, mesmo que seja uma provocação. Não faz muito tempo, eu poderia ter sido acusada exatamente disso. Queimada por isso em alguns lugares. Mesmo agora, não é como se as pessoas confiassem em uma mulher com tal vocação.

Ele examinou seu rosto de perto, muito de perto, e ela engoliu em seco sob seu olhar. O que ele estava pensando?

— As espãs que conheci ao longo dos anos disseram praticamente a mesma coisa. — disse finalmente — Suas habilidades não são visíveis. Suponho que seria igualmente difícil conquistar o respeito *que merece*.

Ela inclinou a cabeça — É verdade. Mas quem importava o deus a mim.

Sentiu que ele ainda a observava, e sua voz estava tensa quando disse: — Quer dizer, seu pai.

Ela recuperou o fôlego e se levantou, apontando para o frango — Fez bem em ter descido, na verdade. Precisa de nutrição. Isso ajudará seu corpo a se recuperar.

— Estou muito feliz que esteja empenhada em proteger meu corpo. — disse, com a voz subitamente áspera.

Seu tom a emocionou, pois ela sabia muito bem o que ele queria dizer. Sentiu seu corpo chamar por ele, por mais errado que fosse. Para manter alguma distância, virou-se e pegou dois pratos. Serviu, rapidamente, o frango que estava preparando, junto com cenouras do jardim, que assou em um molho à base de vinho.

— Simples, mas farto., — disse ela ao colocar um prato diante dele e outro ao seu lado, diante de seu próprio lugar.

Ele arqueou uma sobrancelha e pegou um garfo. Espetou uma fatia de frango e uma de cenoura de uma só vez, e seus olhos se iluminaram ao mastigá-las — Excelente. — disse.

Ela riu ao dar sua própria mordida — Parece muito surpreso.

— E estou., — admitiu com uma risada, enquanto quase despejava a comida em sua garganta — Não conheço nenhuma dama que saiba cozinhar.

Ela enrijeceu — Bem, eu não sou uma dama.

— É a filha de um cavalheiro. — disse suavemente — E uma mulher gentil. Qualquer pessoa com olhos pode ver que é uma dama.

— Hmmm.

Esperava que a resposta não comprometedor a levasse a outros assuntos, mas é claro que isso não aconteceu. Ele estava concentrado agora, determinado, como os espões costumam ficar quando algo lhes parece estranho.

— Onde *aprendeu* a cozinhar?

— Nossa governanta não se importava em me mostrar quando eu manifestava interesse. Suponho que sua esperança era que isso me afastasse do caminho de meu pai. Estava errada, é claro. — disse com um suspiro — Na verdade, meu pai gostava que eu cozinhasse, pois é muito parecido com a fabricação de remédios. Com uma receita, uma precisão, uma ciência.

Ele mastigou pensativamente — Posso ver a verdade nisso.

— Quando a Sra. Smith morreu, eu assumi seu papel de governanta e cozinheira para meu pai. — explicou — E assistente, quando ele precisava.

Lucas encarou-a com um olhar claramente confuso — Ele não... lhe desejava mais?

— Mais? — perguntou, fingindo falta de compreensão, quando sabia muito bem a que ele se referia.

— Uma vida fora do mundo dele., — esclareceu — Um marido. Filhos.

Ela estremeceu quando colocou o prato de lado e desviou o olhar do dele — Duvido que meu pai pensasse em mim dessa forma. Para ele, eu era uma ferramenta. Para ser treinada e usada, conforme necessário.

— Não queria mais para *si*, Diana? — perguntou — Não quer mais agora?

Ela apertou os lábios. Ele estava dançando perigosamente perto de um limite que não podia correr o risco de deslizar. Então, em vez disso, moveu-se para pegar seu prato vazio — Posso lhe servir mais alguma coisa?

Ele balançou a cabeça e pegou seu pulso, impedindo-a de recuar. Suas mãos eram extremamente fortes e ela percebeu que não adiantava lutar. Pior ainda, não queria lutar. Gostava do peso dos dedos dele contra sua pele. Gostava da intensidade de seu olhar quando a encarava.

Gostava da troca entre eles, mesmo sabendo que o resultado não seria nada bom.

— Eu não quero mais. Não estou com fome.

Ela engoliu em seco — Não consigo imaginar que isso seja verdade, Lucas. Comeu tão rápido e...

Ela puxou um pouco mais para perto — Não estou com fome de comida.

— Lucas. — sussurrou, embora não tenha oferecido resistência quando a puxou, devagar como melação, para seu colo.

Acomodou-se ali com cuidado e agora estavam frente a frente. Sua

respiração mexia com os lábios dela, e ele não quebrava o contato visual.

— Quer o mesmo que eu. — sussurrou — Ou nega isso?

— O que quer? — perguntou, com a voz embargada.

Ele inclinou a cabeça, sua expressão a desafiou, dizendo-lhe que sabia muito bem o que ela queria. Que ela também sabia o que ele queria.

O que, é claro, era verdade. Não havia como negar o que ele queria. Era evidente, pelo comprimento pesado de seu pênis que pressionava sua coxa enquanto estava sentada em seu colo. Era evidente em suas pupilas dilatadas e na forma como suas mãos se apertavam contra ela.

Mas ele não disse essas coisas. Não disse absolutamente nada. Simplesmente segurou sua nuca e a puxou para mais perto. E, assim como no quarto dele, no início do dia, nada fez para resistir a ele. Na verdade, inclinou a cabeça, dando-lhe mais acesso quando sua boca encontrou a dela.

Por um breve momento, o beijo foi suave. Mas então mudou e, de repente, encontrou-se com os braços em volta dele, movendo-se contra ele, sua boca estava aberta, devorando-a com uma paixão que estava borbulhando sob a superfície há dias. Finalmente transbordou e não sentiu nenhum desejo de lutar contra ela ou contra ele.

Queria isso. Depois de anos de solidão, tristeza e dor, queria algo... bom. E queria isso agora.

Como se percebesse isso, ele se afastou. Estava ofegante quando disse: — Suba comigo, Diana.

Ela engoliu com dificuldade. Essa era sua oportunidade de recuperar o controle sobre si mesma. Negar a ele, a si mesma e fazer o que qualquer outra pessoa da boa sociedade consideraria a coisa certa.

E, no entanto, não o fez. Levantou-se, estendendo a mão para ele, que a pegou. Lentamente, subiram as escadas dos fundos e seguiram pelo corredor curto. Na porta de seu quarto, ele parou e a encarou.

— Preciso ser muito claro, Diana - eu a quero. Quero fazer amor contigo. E, em circunstâncias normais, eu assumiria a iniciativa, até que estivesse implorando por mim. Mas no estado em que me encontro...

Ela ficou na ponta dos pés e pressionou dois dedos em seus lábios para silenciá-lo — Eu sei o que fazer. — sussurrou ao contorná-lo para abrir a porta.

Seus olhos se arregalaram, mas ele não questionou enquanto ela o levava para dentro do quarto, cruzando-o até a cama. Ele parou ali e estremeceu quando estendeu a mão para tirar a camisa. Ela se aproximou para afastar suas mãos e fez isso ela mesma, desatando e deslizando o tecido gentilmente de seus ombros, até que caísse atrás dele, no chão. Em seguida, tirou suas calças, agradecida por ele estar descalço, para que suas botas não impedissem a remoção.

E então ele estava nu, de pé à sua frente, e ela parou de respirar.

Encarou-o, assim como todas as vezes que o viu dessa forma. A primeira vez que tentou, e talvez tenha falhado, olhar para ele com os olhos de uma

médica. Tentou vê-lo como um corpo que deveria ser reparado.

Esta noite, encarou-o como uma mulher deveria encarar um homem que teria como seu. Absorveu-o lentamente, apreciando cada centímetro de carne tonificada, mesmo as danificadas, que estavam escondidas atrás da bandagem que ela havia enrolado antes. Seu olhar passou pela barriga lisa, pelos quadris estreitos e, por fim, fixou-se no pênis duro que se inflamava de desejo.

— Há muito tempo que não sou tocado por ninguém, a não ser por aqueles destinados a me curar, Diana. — sussurrou, sua voz áspera tanto pela emoção quanto pelo desejo — Por favor.

Ela sufocou, pois as palavras dele a atingiram muito profundamente. Também sentia falta do toque de outra pessoa. Um toque de amor, desejo ou prazer. Não havia percebido o quanto sentia falta disso, até a noite em que ele a abraçou enquanto ela chorava e despertou todos os desejos que tentou guardar.

Havia mais de uma maneira de se curar, não havia?

Aproximou-se, mantendo o olhar no dele, enquanto colocava as mãos em seu peito. Ele sibilou um som de prazer, acompanhando seus movimentos enquanto ela deslizava os dedos por sua carne, deixando os polegares tocarem seus mamilos lisos antes de acariciá-los sobre seu estômago.

— Dentes de Deus. — grunhiu, inclinando a cabeça para trás enquanto usava a mão boa para se equilibrar na cama.

Ela se encheu de poder feminino com a reação. Gostava de fazer esse homem poderoso tremer, como agora, enquanto passava a ponta de um dedo no comprimento de seu pênis duro.

Seus olhos se abriram, fitando-a mais uma vez. Enquanto o provocava, ele levantou as mãos e desabotoou seu vestido, em alguns movimentos hábeis, que lhe deram um vislumbre, mais uma vez, de como esse homem era antes da lesão. Estremeceu quando ele abriu o vestido e o puxou por seus braços, até que caísse no chão, sob seus pés.

Suas vestes íntimas eram simples, um chemise curto sobre uma calçola. Pelo menos uma vez na vida, desejou ter roupas íntimas bonitas, mas o algodão liso que a separava dele parecia não o incomodar. Apenas a encarou, com os olhos arregalados. Só a olhava fixamente, com as pupilas dilatadas, até quase não restar mais nada de marrom, com as mãos trêmulas, enquanto as enfiava sob as alças do chemise e o empurrava para baixo, cada vez mais para baixo, até que seus seios ficaram à mostra.

— Diana era uma deusa. — sussurrou, enquanto inclinava a cabeça e soprava ar quente em seus mamilos. Eles endureceram e a sensação a percorreu quando enfiou os dedos em seus cabelos e os emaranhou nos cachos rebeldes.

— S-sim. — disse com a voz embargada.

— Seu nome é muito apropriado. — murmurou antes de passar a língua e traçar a ponta dura de seu mamilo. Passou a língua de um lado para o outro, e seus joelhos quase se dobraram com o prazer. Viu-se puxando-o para mais

perto, apertando-o contra si, em um pedido silencioso por mais. Por tudo.

Ele riu contra sua carne e a olhou — Melhor continuarmos isso na cama?

Ela assentiu e observou, enquanto ele se encostava nos travesseiros. Deitou-se sobre o braço bom, apoiando-se, enquanto deixava um espaço para que ela se juntasse a ele.

Ela soltou um longo suspiro. Essa era outra oportunidade de fugir disso. Dele. Mas não o fez. Em vez disso, tirou o chemise que estava caindo. Ele se acomodou um pouco mais, observando-a, enquanto desatava o laço na cintura de sua calçola e, lentamente, também a descia até os tornozelos.

Estava nua. *Estavam* nus. Quando se deitasse naquela cama, junto a ele, não haveria como voltar atrás. Ele a tocaria, ela o tocaria e tudo se transformaria em luar e prazer nebuloso. Isso mudaria tudo sobre o que havia concordado em fazer para ajudá-lo.

E, mesmo assim, queria fazer isso.

Queria fazê-lo *por causa* disso. E porque estava sozinha e sofrendo, há tanto tempo. Será que não merecia o prazer que esse homem prometia a cada virada de cabeça e piscar de olhos?

— Mudando de ideia?

Ela piscou e percebeu que estava nua diante dele, pensando no que aconteceria em seguida. No entanto, ele não parecia perturbado.

— Não que eu não goste da vista. — ele continuou — Mas não aceito o que não me é dado de forma plena e feliz, Diana. Uma vez que fizemos isso, não poderemos voltar atrás. E eu não posso fazer promessas em relação a isso. Não com minha profissão.

Ela soltou um longo suspiro — Agradeço a sua honestidade, Lucas. Mas não estou hesitando porque quero promessas. Não as pediria, nem as aceitaria se fossem feitas.

Ele a examinou por um momento, depois estendeu a mão — Então estamos de acordo.

Ela assentiu, e sua própria mão tremeu quando pegou a dele e finalmente se juntou a ele na cama. Acomodou-se nos travesseiros, de costas, ao seu lado. Por um momento, ele não fez nada além de olhá-la.

— Não fui totalmente honesto. — disse finalmente.

Ela ficou tensa. A desonestidade era de se esperar, mas, mesmo assim, a aterrorizava — Sobre o que? — forçou-se a perguntar em um tom calmo que desmentia sua agitação interior.

— Eu faço *uma* promessa.

— E qual é? — sussurrou.

— Prazer. — murmurou, e então colocou a mão quente em sua barriga, espalhando os dedos grossos pela carne, enquanto ela se arqueava levemente contra ele, por puro instinto e desejo.

— Isso é tudo o que lhe peço, tudo o que quero. — ofegou.

Segurou sua nuca e o puxou para baixo, afogando-se mais uma vez em seu beijo, enquanto ele levava aqueles dedos para baixo, mais baixo, até seu

quadril, até suas coxas e, finalmente, abriu um pouco suas pernas e encostou a palma da mão em seu sexo.

Ela rompeu o beijo com um suspiro. Tinha se esquecido de como era ser tocada tão intimamente. Sentir a onda de desejo fluir através dela e querer muito mais do que apenas o roçar dos dedos. Naquele momento selvagem, queria aqueles dedos dentro dela, queria sua língua, queria seu pênis. Queria tudo, e estremeceu com o poder desse desejo irrestrito.

E com o terror desenfreado.

— Não dói usar o braço ruim para... — começou, lutando para se sentar e trazer a realidade de volta a essa fantasia selvagem.

Ele riu suavemente — Pare de ser uma curadora pela próxima... meia hora. — disse. Seu sorriso se alargou — Ou uma hora. Se houver dor, valerá a pena.

Enquanto falava, ele abriu suas dobras e passou o dedo em sua entrada. Foi gentil ao fazer isso, quase provocando. Ela caiu para trás com o toque e se arqueou, quase contra sua vontade, com a sensação. Quando olhou para cima, encontrou-o observando seu rosto. Observando sua rendição.

— Mais. — ela gemeu, porque não conseguia mais resistir.

Seus olhos se arregalaram — Não quero machucá-la.

Ela prendeu a respiração. Ele presumiu que estava intocada. Que estava oferecendo sua virgindade e que ele se esforçava ao máximo para manter o controle ao tomá-la.

Suas mãos tremiam quando se abaixou e cobriu sua mão com a dela. Pressionou-a com força contra ela, sentindo o dedo dele penetrá-la um pouco.

— Não há nada para machucar ou roubar, Lucas. — prometeu, com as bochechas ardendo ao sussurrar essa confissão — Apenas me *toque*.

Ele a encarou por um momento, com os olhos arregalados e cheios de perguntas. Ela rezou para que seu lado espião, aquele que investigava, cutucava e examinava, ficasse em silêncio. Que a deixasse ter seus segredos e lhe desse apenas o que ela quisesse em troca.

E sua resposta foi dada quando ele introduziu dois dedos profundamente dentro dela. Ela se contraiu contra ele com um suspiro de prazer. Ele grunhiu o seu próprio grito e começou a acariciar profundamente dentro dela. Curvou-os enquanto pressionava o polegar contra seu clitóris. Ela estava se contorcendo agora, levada instantaneamente ao limite da loucura. Ao limite do prazer.

Com seus dedos habilidosos, levou-a à beira do abismo e depois a arrastou para o precipício. Ela arqueou as costas, fincando os calcanhares com força na cama, enquanto uma onda após a outra de prazer a atravessava. Mudando-a. Lembrou-a de tudo o que desejava e de tudo o que havia perdido. Gritou o nome dele enquanto se sacudia, arranhava e pedia por mais e por menos.

Por fim, a sensação de espiral diminuiu e ela se recostou nos travesseiros, com um suspiro de alívio. Ele retirou os dedos, segurou seu olhar e os levou aos lábios, onde sugou sua essência das pontas.

Estremeceu quando o desejo voltou a fluir por ela. Queria mais. Era óbvio

que ele também queria.

Sentou-se e segurou o rosto dele, beijando-o profundamente, saboreando a si mesma em sua língua, por um breve momento. Em seguida, empurrou-o para trás, tirando a pressão de seu corpo maltratado e rolando-o para trás.

— A deusa assume o controle? — ele provocou, embora sua voz estivesse carregada de desejo, não de brincadeira.

— Se quiser estar no controle, considere isso um incentivo para que faça o que lhe foi pedido e se cure. — disse, enquanto o cavalgava, estremecendo quando seu pênis deslizou contra o ápice de seu corpo, mas ainda não se posicionando para tomá-lo dentro de si.

— Incentivo, de fato. — rosnou, sentando-se um pouco e puxando-a para baixo, para outro beijo. Seus dedos puxaram com força a cabeça dela, guiando-a, apesar de sua posição precária.

Ela se mexeu, deslizando uma mão entre eles. Acariciou seu pênis, da base à ponta, uma vez, depois duas, sentindo-o se contorcer de prazer contra ela. Em seguida, ela o conduziu até sua entrada escorregadia e deslizou sobre ele, em um movimento lento.

Ele rompeu o beijo com um grito selvagem quando ela o tomou por completo. Os quadris dele balançaram, forçando-a a empurrar, e ela agarrou os travesseiros de cada lado de sua cabeça, enquanto começava a cavalgá-lo com força, peso e rapidez. Ele a arrastou de volta para o beijo e ela se perdeu em uma paixão que nunca imaginou experimentar novamente. Empurrou-o com mais força, esmagando-se contra ele, buscando novamente a liberação que já havia tido. Buscando-a com um desejo ganancioso e avarento.

Ele se ergueu sob ela, e o choque de suas pélvis lhe deu o que ela desejava. Gritou, enfiando a língua na boca dele enquanto gozava, pelo que pareceu ser uma eternidade de felicidade. Ele segurou seus quadris e a manteve em movimento, prolongando o prazer.

Quando finalmente conseguiu voltar a se concentrar, viu como o pescoço dele estava tenso, como sua respiração estava irregular. Com um grito, afastou-se dele, pegou o pênis dele e o acariciou, mantendo o ritmo que havia sido criado, até que ele soltou um grito e sua essência jorrou dele, em fortes explosões.

Ela caiu ao seu lado, aconchegando-se em seu ombro bom, enquanto ele a envolvia com os braços. Não falou nem lhe fez perguntas, ela não ofereceu explicações ou discussões. Era paz, tranquilidade e um prazer suave. E foi assim que adormeceu, em seus braços e em sua cama.

Capítulo 6

Lucas acordou com a mesma brusquidão que havia acordado nos últimos seis meses. Hoje, porém, algo estava diferente. E percebeu com um sobressalto que era a dor. Estava lá, sim, ainda queimando e arranhando, mas havia diminuído. Não o fazia querer arrancar o ombro do corpo, pelo menos.

E isso era positivo.

Havia outra coisa que também estava diferente. Podia sentir o perfume de Diana em seu travesseiro, aquele doce aroma de baunilha de seus cabelos que enlouquecia um homem. Isso provava que sua noite de paixão não tinha sido um sonho viciado, causado por láudano e dor.

Foi real.

E, ainda assim, acordou sozinho. Aquele cheiro era a única indicação de que ela estivera em sua cama.

Sentou-se lentamente, preparando-se para o aumento da dor. Veio, mas ainda era menos do que o normal — Ela realmente é uma bruxa. — pensou em voz alta, depois jogou fora as cobertas e saiu da cama, devagar. Queria encontrá-la. Falar com ela. Certificar-se de que não estava perturbada ou sofrendo com o que fizeram.

E isso exigia que vestisse suas roupas. Sempre um desafio.

Foi até o armário no canto do quarto e o abriu. Em algum momento, Diana havia colocado suas poucas camisas e calças lá dentro, bem dobradas. Como ela tinha tempo para lavar as roupas, com todas as outras coisas que fazia?

Ergueu a camisa e examinou-a fixamente. Sua nêmesis de sempre. Exigia movimentos que não deixavam seu ombro feliz. Mas cerrou os dentes e lentamente passou o braço pelo buraco. Ao estendê-lo para trás, a dor dobrou, e soltou a respiração pelo nariz, com um gemido baixo de desconforto.

— Gostaria de alguma ajuda?

Ele se virou e encontrou Diana à porta, com uma bandeja de comida nos braços. Usava um vestido simples e o cabelo estava solto, em volta dos ombros, emoldurando o rosto e deixando-a ainda mais bonita do que o normal. Viu-se imaginando como ficaria em um vestido de baile, arrumada como a rainha que era.

É claro que isso nunca aconteceria. Nunca iriam a um baile juntos, isso não era possível. Afastou o pensamento errôneo.

Ela o estava olhando. Já o havia feito antes, mas agora o olhar dela percorria seu corpo quase nu e seus olhos se iluminavam com um prazer consciente. De repente, vestir-se não parecia ser tão importante.

E, no entanto, o fato de tê-la o ajudando parecia uma perda. Uma rendição.

— Odeio ser tão inútil. — admitiu, enquanto olhava para a camisa pendurada em seu braço.

Ela colocou a bandeja ao lado da porta e se aproximou dele. Pegou a camisa de seus braços e pegou um par de calças. Ele se equilibrou sobre ela para vesti-la e prendeu a respiração quando ela começou a fechar a aba.

— Inútil de novo, não é? — disse suavemente — Terá de reaprender essas coisas. Embora eu ache que, como duque, esteja acostumado a ter ajuda. Tem um valete, não tem? Em alguma outra vida?

— Em outra vida. — franziu os lábios — Essa é uma maneira de dizer. Sim, eu tinha um valete antigamente. Há muito tempo. Não tenho ajuda para me vestir desde que eu tinha... Deus... dezenove anos? Vinte?

Ela o encarou — Isso foi quando entrou para o Departamento de Guerra?

Ele assentiu — Também fui oficial do exército. Por pouco tempo. Mas eu tinha um camareiro lá.

— Um duque no exército. A maioria não busca essas coisas.

Ele desviou o olhar — Tive meus motivos.

Ela voltou sua atenção para o que estava fazendo. Ele ficou satisfeito com isso. Não queria falar sobre o passado.

— Quero dar uma olhada no ferimento. — disse, desenrolando o curativo em seu ombro. Ele se apoiou no encosto de uma cadeira próxima enquanto o fazia.

— Parece... melhor. — ele admitiu — Embora, talvez, seja apenas imaginação.

Ela olhou para o ferimento agora descoberto, limpando o que restava da pomada que havia colocado nele. Embora não fosse treinado, podia ver que o ferimento parecia menos irritado.

— Parece melhor. — disse ela com um assentimento — Temos um longo caminho a percorrer, mas penso que estamos progredindo. Deixe-me pegar minhas bandagens e trocarei o curativo. Sente-se naquela cadeira, está bem?

Fez o que ela pediu, observando enquanto pegava os materiais. Retornou com eles e com uma bebida turva, que entregou a ele — Beba isso.

Ele olhou e cheirou a bebida. Parecia bastante benigna. Tinha um cheiro um pouco floral, mas nada terrível. Tomou um gole — Meu Deus, isso é horrível. — disse, encarando-a.

Ela riu, a musicalidade do som enchendo a sala e aquecendo seu coração de uma forma que não lhe agradava particularmente — É verdade. — admitiu — Mas é uma receita antiga, para ajudá-lo a recuperar suas forças. Beba tudo, por favor.

Ele fez uma careta, mas bebeu em alguns goles longos. Emitindo pequenos sons de desagrado, deixou o copo de lado — Como saberei que não está tentando me matar?

Sua risada aumentou quando começou a envolver novamente o ombro dele — Se eu estivesse tentando matá-lo, garanto que já estaria morto.

Ficou maravilhado com seu tom alegre, com a facilidade com que a provocação era feita e com a sensação de leveza que lhe causava. Passou meio ano chafurdando na dor física e emocional e agora... aqui era diferente.

E ficou igualmente surpreso com o fato de que ela não estava se esquivando ou fingindo sobre o que havia acontecido entre eles. E, no entanto, era um assunto que precisava ser abordado. Observou quando ela pegou sua camisa e a sacudiu, depois veio pelas suas costas para ajudá-lo a enfiar os braços nas aberturas. Com sua ajuda, a dor foi bem menor, embora ainda tenha cerrado os dentes para suportar.

— Diana, — conseguiu dizer como uma forma de se distrair do desconforto — vamos conversar sobre o que aconteceu ontem à noite?



Diana congelou, seu corpo ficou subitamente instável. Estar perto desse homem já era difícil o suficiente, mas pensar em cada momento em que as mãos dele tocaram sua pele e seus corpos estiveram unidos era muito perturbador.

E agora ele queria analisar esses momentos em voz alta. Como um bom espião faria.

Soltou um longo suspiro — Suponho que sim. Podia senti-lo observando-a, enquanto se afastava para abrir as cortinas e deixar entrar um pouco de luz no quarto escuro. A vista do jardim lá embaixo a ajudou um pouco, então concentrou-se na vista e tentou não deixar que suas emoções aflorassem demais. Não que estivesse arrependida do que fizeram. Recusava-se a ser julgada por algo de que ambos participaram igualmente.

— Eu me aproveitei? — ele perguntou suavemente.

Ela se virou, em choque com a pergunta. Não era o que esperava, especialmente considerando que sua falta de virtude tinha ficado clara de muitas maneiras.

— Não *sou eu* quem está incapacitada. — disse ela.

Um pequeno sorriso surgiu em um canto de seus lábios perturbadores — Sou eu? — ele provocou, e parte da tensão deixou a sala e o corpo dela.

Ainda assim, sentiu o calor subir às suas bochechas. Não era de corar com frequência - sua vocação a havia endurecido em alguns aspectos. E, no entanto, suas bochechas ardiam, como uma inocente mal saída da sala de aula — Está me provocando.

Seu sorriso se alargou — Estou. Mas minha pergunta foi genuína.

Ela engoliu em seco antes de sussurrar: — Não se aproveitou, Lucas. Eu poderia ter impedido o que aconteceu entre nós meia dúzia de vezes, na noite passada, mas não o fiz, porque eu o queria na mesma intensidade. Por mais devasso que isso pareça.

Seu olhar se manteve fixo nela, com uma expressão ilegível, mais uma vez. E ela odiava isso. Odiava sua capacidade de desligar as emoções, de retê-las com tanta facilidade. Isso lhe trazia muitas lembranças e muita dor.

— E agora? — ele perguntou, por fim — À luz fria da manhã, sente-se diferente em relação ao que fizemos?

Deu-lhe as costas novamente, fechando o punho contra a superfície fria da janela. Isso estava sendo mais difícil do que deveria — Eu conheço os perigos

de tal coisa. As *consequências*.

— Eu também. — disse ele, e ela começou a se mexer, porque sua voz estava bem atrás dela agora, embora não o tivesse ouvido se levantar da cadeira ou mancar até ela. Ele tocou seu braço e ela se virou, olhando-o nos olhos. — Mas não foi isso que perguntei. O que *quer*, Diana?

Não conseguia dizer aquelas palavras, expressar o que queria em voz alta. O desejo a colocou em tantos problemas, em um passado muito recente. Mas isso parecia diferente. Estava mais velha, mais sábia. E Lucas não era como o homem anterior. Ele não era como *ninguém* que já tivesse conhecido.

Ele estendeu a mão e pegou a sua. Seus dedos eram ásperos na palma dela e causaram um arrepio que provavelmente deixou bem claro seu desejo contínuo por ele. Ele passou o polegar sobre sua carne suavemente, de forma rítmica — Se não pode ou não quer dizê-lo, então eu o farei. Eu a desejei como nunca desejei outra pessoa, Diana. É desconcertante, na verdade, sentir tanta atração física por alguém que não passa de uma estranha para mim. Mas esse desejo está longe de ser saciado. Eu *ainda* a quero.

Sobressaltou-se com a confissão, dita de forma tão clara e gentil, sem falsas promessas ou manipulações que se esperaria de um homem tentando conseguir o que queria. Especialmente um espião.

— E o que isso significa? — perguntou, com a voz trêmula.

Ele ergueu a mão para acariciar sua bochecha, e foi preciso tudo o que tinha para não se inclinar sobre ela, com um suspiro de prazer e rendição. Ele tinha poder demais. Poder em geral. Poder sobre ela. Deveria fugir disso, mas não o fez.

— Eu não sei. — ele refletiu — Mas... pediu-me um mês, Diana. Eu não poderia lhe pedir o mesmo? — perguntou — Há mais de uma maneira de curar uma ferida, e acho que nós dois poderíamos nos beneficiar disso.

Ela fez uma pausa, pois aquela frase - *mais de uma maneira de curar uma ferida* - era exatamente o que havia pensado consigo mesma na noite anterior, quando estava tentando justificar uma noite de prazer. Agora ele estava usando a mesma lógica para oferecer um mês de prazer. Um mês nos braços desse homem e em sua cama. Sem promessas ou amarras. Sem nada além de prazer.

Era chocante, é claro, receber uma oferta dessas. Escandaloso, até, embora não se sentisse escandalizada enquanto ele a observava, esperando pacientemente por sua resposta.

— A menos que não sinta a mesma atração que eu. — disse, com um tom ilegível.

Ela engoliu com dificuldade — Acho que está claro que sim. Eu... sinto. Só não tenho... certeza.

— Eu entendo. — disse, e tocou sua bochecha novamente, dessa vez traçando-a com a ponta do dedo — Não é algo que um cavalheiro deva perguntar a uma dama. Não é algo que eu imaginaria perguntar-lhe, mas aqui estamos.

Ela assentiu. Oh sim. Aqui estavam eles — Se vamos fazer isso... essa coisa, — sussurrou finalmente — precisa me fazer uma promessa e apenas uma promessa.

Ele assentiu lentamente, sem alterar a expressão para que ela pudesse saber o que sentiria em relação à sua exigência.

Ela respirou fundo e teve a impressão de que seus pulmões tremiam — Deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance para garantir que eu *nunca* engravide.

Agora era impossível controlar sua expressão. O choque tomou conta de suas feições, antes que ele dissesse: — Asseguro-lhe que eu nunca seria tão descuidado a ponto de fazer uma coisa dessas. Embora deva saber que eu assumiria a responsabilidade se acontecesse...

— Não! — ela interrompeu bruscamente, desinteressada em ouvir suas mentiras sobre um assunto que a atingia em cheio — Nenhuma criança, Lucas.

Ele examinou seu rosto por um instante e depois assentiu lentamente — Serei cuidadoso.

Ficou tensa, pois sua curiosidade sobre o pedido e a determinação com que ela o fez eram evidentes em seu rosto. Tinha perguntas que ela não tinha intenção de responder, nem agora nem nunca.

— Diana... — começou.

Silenciou-o levantando-se na ponta dos pés, segurando seu rosto e beijando-o. Funcionou, é claro que funcionou. Ele era um homem, antes de ser um espião, e a necessidade sempre destruía a curiosidade. Ele inclinou a boca sobre a dela, abrindo-a e beijando-a, enquanto seus braços a envolviam e a seguravam.

Percebeu que a tensão se dissipava à medida que o beijo a arrebatava. Os pensamentos e as lembranças se dissiparam, deixando apenas a sensação e o desejo. Deslizou as mãos até seu peito, ainda desnudo, pois nenhum dos dois havia fechado a camisa depois que o ajudou a vesti-la. Apertou os dedos contra os músculos, traçando leves padrões em sua pele com a ponta de suas unhas curtas. Ele grunhiu no fundo da garganta e suas mãos desceram até as costas dela, para apertá-la contra ele.

Ela se preparava para abrir a calça que havia acabado de ajudá-lo a vestir, quando ouviu um som vindo do andar inferior da casa. Batidas na porta. Separaram-se e seus olhos se encontraram. Os dele estavam cheios de preocupação, e ele recuou.

— Poderia pegar a pistola que tenho debaixo do travesseiro, por favor? — perguntou, calmo, apesar da pergunta horrível.

Seus olhos se arregalaram, mas fez o que ele pediu, indo até a cama — Mantém uma pistola debaixo do travesseiro?

Ele foi até a janela — Sim, mantenho, desde que... — parou e se virou para ela, com a mão erguida — Pode colocá-la de volta. É Stalwood.

Diana arregalou os olhos e levou uma mão aos cabelos soltos. Sentiu que a

noite passada a tivesse marcado, de alguma forma. E que o acordo que acabavam de fazer, para continuar a paixão entre eles, a marcasse ainda mais. Stalwood perceberia, não é? Era demasiado esperto para não o fazer.

— Vai atender ou devemos nos esconder até que ele vá embora? — Lucas provocou, mas Diana viu a firmeza em seu olhar. Uma gentileza que não esperava, mas que a atraía, sempre que ele revelava esse lado de si mesmo.

— Esconder-nos parece ótimo. — disse — Mas devo deixá-lo entrar. Temo que ele arrombe a porta se eu não o fizer. Consegue se arrumar sozinho?

Ele assentiu e indicou a porta — Vá em frente, vá em frente.

Enquanto descia as escadas, respirou fundo. Stalwood estava batendo novamente, desta vez com mais força. Apressou-se até o saguão e abriu a porta, com a respiração ofegante ao fazê-lo.

Stalwood estava lá, é claro. Seu rosto mostrava preocupação, que deu lugar ao alívio quando a viu — Bom dia, Diana. Comecei a ficar preocupado quando não respondeu.

Seu olhar percorreu-a, e Diana não pôde evitar um rubor ao se afastar e conduzi-lo à sala de estar — Peço desculpas. Quando não se tem um criado, às vezes demora-se um pouco mais para responder.

Stalwood assentiu — Entendo. Isso significa que gostaria de ter um criado? Eu poderia encontrar alguém de confiança para...

— Não! — Diana interrompeu, talvez com um pouco mais de esforço do que deveria, se as sobranceiras delicadamente erguidas de Stalwood servissem de indicação. Mas a ideia de ter outra pessoa entrando nessa pequena bolha que havia criado com Lucas não era uma ideia agradável — Quero dizer apenas que me viro bem. Gosto de cozinhar, a roupa é enviada para ser lavada. Não há problemas.

Ele inclinou a cabeça — Como quiser.

Ela se mexeu — Meus modos, desculpe-me. Gostaria de me acompanhar até a sala de estar?

Stalwood a seguiu até a pequena sala. Ela atçou as brasas do fogo e jogou uma tora de lenha para aquecer ainda mais o cômodo. Respirando fundo para se acalmar, abriu as cortinas para deixar entrar mais luz no cômodo.

— Como está seu paciente? — perguntou ao se acomodar em uma cadeira. Observava-a. Sentia isso a cada movimento.

Forçou um sorriso brilhante ao encará-lo mais uma vez — Bem. Melhorando a cada dia que passa.

— Ele se adaptou, então. Não está lhe dando muito trabalho?

Diana quase riu quando uma imagem de Lucas passou por sua mente. Ele estava inclinado sobre ela, com os dedos pressionando profundamente dentro dela, provocando um prazer intenso, enquanto ela gritava o nome dele, várias vezes.

— Nenhum. — disse em voz baixa.

— Estou chocado. — disse Stalwood, balançando a cabeça — Os outros que trabalharam com ele reclamavam sem parar de seu mau humor.

— Eles não eram tão talentosos quanto Diana.

Tanto Stalwood quanto Diana olharam para a porta, enquanto Lucas entrava. Stalwood levantou-se em um instante, examinando seu agente, com olhos preocupados. Diana sorriu. Apesar de tudo, sempre gostou de Stalwood. Ele realmente se importava com aqueles que arriscavam suas vidas pela segurança do rei e do país.

— É bom vê-lo, Willowby. — disse Stalwood, e estendeu a mão.

Lucas a apertou com seu braço bom e depois se dirigiu ao sofá. Sentou-se e Diana pôde ver que terminar sua toalete e vir até aqui tinha sido muito cansativo para ele. Mas ele afastou o cansaço e sorriu para Stalwood.

— Veio me checar e avisar a Diana sobre minha péssima atitude?

Stalwood a olhou de relance e fez sinal para que se sentasse ao lado de Lucas. Ela hesitou antes de concordar. Sentar-se ao lado dele parecia perigoso. Afinal, Stalwood também era um espião. Podia ver sinais tão bem quanto qualquer um.

Mas não poderia exatamente ir contra o pedido dele sem fazer uma cena, então sentou-se, tentando manter uma distância adequada entre ela e seu amante.

— Diana já viu o suficiente de sua atitude, mesmo que seja educada demais para reclamar comigo sobre isso. — disse Stalwood, com um tom falsamente severo — Mas é bom vê-lo com um pouco de cor nas bochechas.

Lucas assentiu e lançou a Diana um olhar astuto, que a fez corar — É bom me sentir um pouco mais vivo novamente.

— Bem, espero ver uma melhoria contínua. Gostaria muito de tê-lo de volta à ativa, quando puder.

Diana observou a mudança de comportamento de Lucas. Ele se inclinou para frente, seu rosto endureceu, seu corpo ficou em uma posição de prontidão. Não havia mais o amante gentil ou o homem quebrado, tentando se curar. Aqui estava o espião. A mudança a fez se arrepiar. Estremeceu ao ver o quanto isso a afetava, quando sabia que não deveria.

Afinal de contas, Lucas não era dela. Os dois deixaram bem claros seus limites. Mesmo que compartilhassem prazer nas próximas semanas, o destino dele não estaria ligado ao dela.

E precisava lembrar-se disso, para não se envolver demais e arriscar seu coração. Essa era a única coisa que não podia perder. Não novamente. Nunca mais.

Capítulo 7

Lucas olhou fixamente para Stalwood. Podia ver que seu mestre espião estava pensando em problemas quando disse que queria Lucas de volta à ativa. A ideia fez suas palmas das mãos coçarem e seu coração acelerar.

— Se me quer de volta, depois de ter me negado todos esses meses, deve ter algo que precise das minhas habilidades específicas para ser resolvido.

Stalwood olhou de relance para Diana, e Lucas se sobressaltou. Estava tão empolgado com a perspectiva de estar de volta à ativa, que quase se esqueceu de sua presença. Quando olhou por cima do ombro, viu que estava pálida, com uma expressão de profunda preocupação.

Estremeceu com aquele olhar. Sabia disso. Era perda, algo que sentiu tantas vezes em sua vida. Ela estava pensando no pai. No que essa profissão lhe havia tirado. No que ele permitiu que acontecesse, antes mesmo de entrar em sua vida e em sua casa.

— Talvez queiram ficar a sós. — disse Diana, levantando-se — Eu farei... prepararei um chá para todos nós. Verei se tenho algo parecido com um biscoito, embora seja cedo para isso.

Não esperou por uma resposta, apenas saiu da sala. Quando ela se foi, Stalwood balançou a cabeça — Talvez eu não devesse tê-la envolvido nisso.

Lucas arqueou uma sobrancelha — Na verdade, acho que concordo.

— Questionar a autoridade? Parece que o antigo Willowby finalmente voltou. Ela realizou uma mágica no seu caso. — disse Stalwood, seu tom seco como lenha.

— Ela perdeu muito.

Stalwood franziu a testa — Sim, perdeu. Ela amava profundamente o pai.

— E eu sou a razão pela qual ele está morto. — disse Lucas, levantando-se e mancando até a janela — O fato dessa mulher não me desprezar mostra a doçura de seu caráter. Eu não mereço sua ajuda ou... ou qualquer outra coisa.

Stalwood o estava observando. Lucas podia sentir seu olhar fixo em suas costas. Sentia como ele juntava as peças dos pequenos momentos que tinha visto dos dois juntos.

— Oakford foi o responsável por suas próprias decisões ruins naquele dia. A culpa não é apenas de sua imprudência. Não o enviei aqui para se prostrar e se punir por quaisquer erros que tenha cometido ou não. — disse Stalwood, suavemente — Nem o enviei aqui para desonrá-la.

Lucas virou-se lentamente e encontrou os olhos de seu superior. Stalwood sabia. Mas é claro que sabia. A tensão entre ele e Diana era palpável. O sexo não a aliviou, só a fortaleceu. Serviu apenas para que soubesse o que deveria fazer com ela, mais tarde, para que ambos se sentissem melhor.

A desaprovação de Stalwood não mudaria isso, mesmo que devesse fazê-

lo.

— Não quero prejudicá-la. — respondeu.

— Ótimo, ela merece coisa melhor. — Stalwood cruzou os braços — Mas não é isso que precisamos discutir.

Lucas se endireitou — Tem novidades.

Stalwood assentiu — Carter Mackany foi morto ontem à noite. Assassinado.

O estômago de Lucas se revirou, ele cambaleou de volta para o sofá e encarou seu superior. A expressão de Stalwood estava carregada de tristeza e raiva, emoções que certamente refletiam as próprias. Conhecia Mackany há anos. Havia treinado Lucas nas complexidades de diferentes sotaques, para que pudesse assumir qualquer papel em um caso. Até trabalharam juntos na Escócia, quando as joias da rainha foram roubadas, o primeiro caso bem-sucedido de Lucas.

— Assassinado. — repetiu quando conseguiu falar.

— Estava em um caso na França. Envolvia o transporte de armas, para além dos bloqueios.

— Proteção sigilosa?

Stalwood franziu a testa — A mais severa. Ninguém deveria saber de seu paradeiro, a menos que fosse da nossa organização.

Lucas o encarou enquanto aquela notícia afundava em suas entranhas e ficava ali, fria e pesada — Nosso traidor.

— Ele ficou em silêncio por meses, desde o ataque. Acho que matar Oakford e feri-lo deve tê-lo desanimado por um tempo. Sabia que havia pressão sobre ele. Mas parece que continua operando dentro da nossa organização.

Lucas se concentrou no fogo crepitante — Eu o quero. Quero pegá-lo e puni-lo pelo que fez comigo. Ao Oakford. Ao Mackany. A quantos outros?

— Entendo. — Stalwood enfiou a mão no bolso do paletó e retirou uma pilha de páginas dobradas — Este é o relatório completo sobre o dia em que foi atacado. Ele contém não apenas o seu relato, mas também o dos outros que vieram depois, as testemunhas restantes e os detalhes da investigação que fizemos desde aquele dia. Quero que dê uma olhada nele, se estiver disposto a isso. Veja se consegue juntar algumas das peças ou se consegue ver algo que deixamos passar.

Lucas pegou os papéis com as mãos trêmulas. Há meses que não fazia nada de útil. E, embora isso não fosse exatamente ir a campo para liderar a perseguição, já era alguma coisa.

Preferia algo a nada, hoje em dia.

— Cuidado para não deixar a Diana se envolver com essas coisas. — disse Stalwood suavemente, tirando Lucas de seus pensamentos.

Ele olhou para os papéis novamente — Sim, é claro. Ela não precisa saber tudo sobre os últimos momentos de seu pai. E é muito inteligente para não se envolver se souber que os tenho. — levantou-se — Ajude-me a voltar para

meu quarto. Diga a ela que me cansei. Isso me dará tempo para esconder a papelada. Vou examiná-la mais tarde, quando ela estiver ocupada.

Stalwood assentiu e seguiu Lucas para fora da sala. Mas, enquanto subiam as escadas, Lucas não pôde deixar de se sentir culpado pelo subterfúgio. Diana fazia tudo o que estava ao seu alcance para ajudá-lo e agora mentiria para ela.

Não se sentia bem como seu amigo, paciente ou amante. Só podia esperar que essas mentiras levassem à revelação do homem responsável pela morte do seu pai. Pelo menos poderia lhe dar essa paz. Mas somente se ele ocultasse dela a verdade, agora.



Diana acompanhou Stalwood até a porta, despedindo-se, depois de tomarem chá. Quando voltou ao quarto e encontrou Lucas deitado, ela esperava que o conde fosse se recolher imediatamente. Só que ele permaneceu por mais de uma hora, sem que conversassem sobre o assunto.

Na verdade, tinha sido bom não ter a nuvem negra da perda do pai pairando entre eles.

Mas agora ele segurava uma de suas mãos e examinava seu rosto com muita atenção. A nuvem estava de volta — Não está dormindo bem.

Ela corou. Isso era verdade, embora a causa de seu atual estado de inquietação não fosse a desagradável que ele supunha. Sua noite havia sido passada com Lucas. E pretendia repetir essa noite. Ansiava por isso, nem que fosse para esquecer tudo o mais em sua vida que a incomodava.

— Estou bem. —ela o tranquilizou-o.

Stalwood balançou a cabeça: — Não sou um substituto para o seu pai, Diana, sei disso, mas sinto alguma responsabilidade pelo seu bem-estar. Tanto como seu amigo quanto como seu superior.

— O senhor sempre foi amigo dele, —ela disse suavemente — e aprecio isso. Assim como ele o fazia. Mas não precisa se preocupar.

Ele ficou em silêncio por um longo momento, antes de perguntar: — Cometi um erro ao pedir que ajudasse Willowby?

Ela enrijeceu — Não, já posso ver melhoras em sua condição. Não tenho ideia de até onde podem chegar, mas, considerando que meu pai se importava tanto com ele, vejo como meu dever fazer o que puder para ajudar. Não me arrependo de ter assumido os cuidados dele, milorde.

Stalwood sustentou seu olhar — Ele é um bom homem, Diana. Eu nunca lhe teria exposto a ele se tivesse qualquer dúvida sobre isso. Mas é um espião. E sabe o que isso significa. Portanto, seja... cautelosa.

Ela corou novamente. Parecia que Stalwood tinha percebido algum nível de conexão que havia se formado entre eles, mesmo que duvidasse que ele tivesse adivinhado toda a verdade. Se descobrisse que Lucas tinha ido para a cama com ela, sua sensação era de que haveria uma explosão muito maior.

— Eu sempre sou cautelosa, lhe garanto. — disse, depois apertou sua mão e se afastou — Enviarei uma atualização sobre a condição dele em uma

semana. Bom dia.

— Bom dia. — disse, tocando no chapéu, antes de voltar para a bela carruagem que o aguardava em sua pequena garagem.

Ela fechou a porta e virou-se para as escadas atrás de si. Prometeu a Stalwood que seria sempre cautelosa, e isso não era totalmente falso. Sabia que não deveria confiar em Lucas com seu coração. Com sua alma.

Mas seu corpo era outra coisa. Ansiava por seu toque. Ansiava por terminar o que foi interrompido quando Stalwood chegou.

Ansiava, e isso era inegável. Balançou a cabeça, enquanto subia as escadas. A porta do quarto de Lucas estava fechada e ela hesitou um pouco, antes de bater de leve.

Houve um som de um breve movimento, antes que ele dissesse: — Entre.

Entrou. Estava apoiado na cama, ainda completamente vestido, embora Stalwood aparentemente o tivesse ajudado com as botas.

— Ele se foi? — Lucas perguntou, seu olhar a percorrendo da cabeça aos pés. Arrepiou-se com a intimidade daquele olhar. Com sua intensidade.

— Sim. Gostaria que tivesse me chamado quando se cansou. Eu poderia tê-lo ajudado.

Um breve lampejo de emoção passou por sua expressão, mas depois desapareceu — Eu não queria interrompê-la no que quer que estivesse fazendo. Stalwood estava à altura da tarefa de me ajudar.

Ela se aproximou — Tenho dificuldade em imaginar que o muito correto conde de Stalwood esteja disposto a fazer uma tarefa tão comum.

Lucas franziu a testa — Não o confunda. Seu título nunca o tornou brando. Ele já trabalhou muito em campo, antes de assumir o cargo de líder dos espões.

Ela assentiu lentamente — Suponho que eu deva saber mais do que ninguém que não se deve julgar um espião por sua aparência externa. Raramente são o que parecem ou afirmam ser.

Ela estremeceu quando as palavras saíram de sua boca. Tinha falado demais, revelado demais a um homem que sempre encontrava um significado mais profundo no que era dito. Era de sua natureza. E o viu fazendo isso naquele momento, examinando-a como se estivesse coletando provas.

— Venha aqui. — estendeu a mão para ela.

Ela engoliu em seco, antes de fazer o que era pedido. Aproximou-se e colocou sua mão na dele. Houve uma reação instantânea em seu corpo. Calor, formigamento, desejo e... conforto.

Foi o último que a fez querer afastar a mão. Não queria buscar, nem encontrar, conforto nesse homem. Essa era a armadilha mais perigosa em que poderia cair.

— Fomos interrompidos, mais cedo. — disse suavemente, erguendo a mão que não a segurava e deslizando-a até seus cabelos. Massageou seu couro cabeludo gentilmente e ela liberou a respiração, em uma longa expiração de prazer.

— Sim, fomos. — murmurou, deixando-se puxar por ele.

— Eu gostaria de terminar o que começamos. — disse ele ao puxá-la para junto de seu corpo e pressionar seus lábios nos dela.

Ela se derreteu em seu calor, feliz por ele ter escolhido não buscar nada além do desejo que corria entre eles. Isso era tudo o que queria, nada mais. Lembrar-se disso era fundamental para sua própria segurança.

Mas, todos esses pensamentos se desvaneceram quando ele passou a língua entre seus lábios, fazendo-a girar em torno de sua boca, saboreando-a, amolecendo-a e deixando-a fraca de desejo por ele. Deslocou-se para ficar ao lado dele, na cama, e se ergueu contra seu corpo, esfregando-se contra ele como um gato, enquanto o beijo se aprofundava, espiralava e continuava para sempre.

Estava perdida nele e adorava isso. Não queria ser encontrada, se o prazer e a paz que sentia em seus braços era o que ela poderia ter para sempre.

O pensamento do para sempre a sacudiu, e ela se afastou, olhando para seu rosto. Não para sempre. Não havia mais nada para ela. Nada que ela quisesse e nada que lhe fosse oferecido. Ficar presa a qualquer pensamento contrário era um exercício de dor e tolice.

— Não gosto desse olhar. — disse, empurrando-a gentilmente para trás — Está pensando... pensando demais.

Ela sorriu, apesar de seus pensamentos — Sou tão óbvia assim?

— Somente para um observador atento à natureza humana. — disse, deslizando uma mão por seu corpo e pegando a borda de sua saia. Começou a deslizá-la para cima, centímetro por centímetro — O que eu sou.

Ela franziu os lábios — Esqueceu de mencionar modesto.

— Eu nunca mentiria dizendo que sou isso. — disse. A saia estava em seus joelhos agora, e ele deslizou os dedos sobre a carne, até que ela se arqueou com um arrepio de prazer — Conheço meus... talentos. Por que eu não deveria me orgulhar deles?

Ela mal conseguia pensar agora. A saia estava em volta de suas coxas e os dedos dele estavam quentes contra sua pele, quando ele abriu a calçola e a tocou.

— Quais talentos exatamente? — ela ofegou, quando ele deixou sua saia em uma pilha ao redor de sua cintura e colocou a mão em seu sexo.

Ele ergueu o olhar para seu rosto e sorriu — Estou tão feliz que tenha perguntado.

Ele desceu por seu corpo, fazendo seus movimentos com cuidado, para não causar mais dor do que o necessário. Acomodou-se entre suas pernas, deitando-se de barriga para baixo, para não ter que apoiar muito do seu peso no braço machucado.

— Lucas. — sussurrou, mal conseguindo pronunciar seu nome, quando ele se inclinou e soprou uma rajada de ar quente contra seu sexo. Seu corpo estava tão ultrassensível que estremeceu com a sensação.

As sobrancelhas dele se ergueram — Oh, muito bom. — murmurou, depois

abaixou a cabeça e a lambeu.

Ela apertou o cobertor com as mãos e choramingou com a sensação repentina e inesperada de sua boca sobre ela, tão intimamente. Com o prazer elétrico inesperado que ele criou. Com ou sem experiência, nunca havia sentido nada parecido. Nunca imaginou um homem fazendo tal coisa ou que isso criaria uma reação tão súbita, imediata e vulcânica em todo o seu corpo trêmulo.

Era magia, pura e simples.

E era implacável. Porque, é claro, era Lucas que estava conduzindo aquilo. Ele passava a língua sobre ela, em movimentos longos e uniformes, girando a ponta em torno do clitóris, todas as vezes.

— Por favor. — ofegou, com os dedos descendo para os cabelos dele, puxando-o para perto, afastando-o, sem saber como conseguir mais e, ainda assim, diminuir a intensidade do que estava sentindo.

Ele ergueu o olhar — Tudo a seu tempo, minha querida. — sussurrou, depois voltou ao trabalho.

Ela caiu para trás, seus olhos se fecharam e seu mundo se tornou nada além de sensações agudas. Viu-se levantando os quadris para ele, encontrando o ritmo de sua língua repetidamente, à medida que o prazer aumentava dentro dela.

E, à medida que isso acontecia, o foco dele mudava. Não mais lambia todo o sexo dela. Agora concentrava-se inteiramente em seu clitóris. Aquele ponto sensível de nervos enviou ondas de choque através dela. Estava no limite e queria se jogar e voar.

Ele a chupava e ela poderia fazer as duas coisas. Onda após onda de intenso prazer a percorreu. Ela se arqueou contra ele, com os quadris batendo descontroladamente, enquanto ele prolongava a sensação, cada vez mais, além do ponto em que ela sentia que poderia suportar, além do limite do que parecia ser sanidade e segurança. Era tudo, e ultrapassou os limites de seu pequeno mundo, até que sentiu que poderia fazer qualquer coisa.

Lentamente, o prazer foi se dissipando. Por fim, ele ergueu a cabeça, sorrindo para ela, com uma confiança feroz e masculina.

Ela não conseguia nem se mexer, mas isso não importava. Ele voltou a subir por seu corpo, desabotoando seu vestido e empurrando-o pelos braços. Ela levantou os quadris para deixá-lo deslizar para longe. Ele deixou o chemise, mas tirou sua calçola.

— Vire-se de lado. — disse ele.

Ela o fez, virando-se de costas para ele. Ele se deitou de lado, junto a ela, com a boca encostada em sua nuca, o hálito quente e vaporoso contra sua pele. O impulso duro de seu pênis pressionou seu traseiro e ele a abriu, alisando sua entrada molhada, antes de penetrar seu corpo com um golpe longo e pesado.

Ela se jogou contra ele, enterrando-se na curva de seu corpo, enquanto os braços dele a envolviam. Ele reboiou os quadris enquanto batia, penetrando

profundamente em seu sexo, pressionando seu corpo de uma forma que ela nunca havia sentido antes. Ela o enfrentou, golpe após golpe, e o prazer que acabara de abandonar retornou em uma sucessão rápida e ainda mais poderosa. Ela gozou uma segunda vez, gemendo o nome dele, enquanto ele aumentava a força e a pressão das investidas e, finalmente, quando ele grunhiu seu nome, retirou-se e ela sentiu seu calor fluir entre seus corpos.

Estremeceu e ele a puxou para mais perto, sua boca roçando sua pele, tatuando-a com suas palavras sussurradas e vãs de desejo. E ela adormeceu com tudo isso em sua cabeça. E nada mais do que normalmente a incomodava.

Capítulo 8

Lucas examinou o documento que havia colocado entre as páginas de um livro que Diana havia lhe emprestado, tentando encontrar algum significado ou pista oculta nas palavras. Quatro dias se passaram, desde a visita de Stalwood, e não foi fácil encontrar tempo para analisar os documentos que lhe foram entregues.

Não que estivesse reclamando de como seu tempo havia sido gasto. Diana era uma amante habilidosa, receptiva, e nunca foi uma pessoa que fingisse ou manipulasse seu desejo.

É claro que ela também era uma capataz, que insistia também em trabalhar em sua cura. Esse era o relacionamento deles agora. Dor e prazer. Às vezes, um imediatamente após o outro.

Mas se sentia melhor. Mais forte do que há muito tempo.

A porta de seu quarto se abriu e ela entrou. Fechou o livro imediatamente, escondendo o documento que não queria que visse, e lhe sorriu. Ela usava um vestido simples, com uma saia listrada, e o cabelo estava solto, como de costume.

— Saiu da cama muito cedo., — ele falou lentamente. — Por que, diabos, insiste em se vestir?

Ela riu de sua pergunta, mas não parou na cama. Em vez disso, foi até um painel que estava no canto do quarto. Com cuidado, afastou-o para o lado e revelou uma banheira.

Ele piscou — Que espião eu sou, nem me dei conta disso.

Ela sorriu ao se virar para ele novamente — Meu pai tinha a noção controversa de que a lavagem ajudava a inspirar a cura. E, embora eu tenha gostado muito dos nossos banhos de esponja, acho que você está se recuperando bem o suficiente para que possa usar a banheira, se quiser.

— Estou pronto para qualquer coisa que a envolva. — disse, inclinando a cabeça em direção ao pênis semiereto que estava em seus lençóis. Um estado permanente quando ela estava por perto.

Ela revirou os olhos. — É um safado, Vossa Graça. Começarei a trazer a água.

— Deixe-me ajudar. — sugeriu, movendo-se para jogar as cobertas para trás.

Ela disse que não e ergueu a mão — Vai se machucar carregando baldes.

Ele franziu os lábios. Claro que estava certa, mas a verdade ainda o incomodava. No entanto, ela não permitiu que abordasse o assunto, apenas desapareceu da sala, deixando-o sozinho com seus sentimentos de inépcia.

Voltou alguns instantes depois, trazendo um balde pesado, carregado de água fumegante. Enquanto a despejava na banheira, ele balançou a cabeça —

Não gosto de ser inútil.

Encarou-o — Não é inútil, Lucas. Mas, se abrir o ferimento em seu ombro ou machucar sua perna, pode muito bem se tornar um.

Ele cruzou os braços — Não poderia pelo menos pedir ajuda aos lacaios de Stalwood?

Ela ponderou sobre isso — Sim, muito bem.

Sinalizou para que ele voltasse à sua posição confortável e desapareceu do quarto novamente. Ouviu-a abrir a porta e falar com o espião que estava vigiando a casa no momento. Em poucos instantes, um homem alto e robusto, que Lucas não reconheceu, entrou no cômodo, carregando não um, mas dois baldes de água.

O homem inclinou a cabeça, antes de despejar cada um deles na banheira — Vossa Graça.

Lucas estremeceu. Embora tivesse se acostumado com as vezes em que Diana o provocava gentilmente com seu título, ouvir isso de um estranho ainda fazia seu estômago se contrair.

— Obrigado. — disse, enquanto o homem saía. Passaram-se alguns instantes até que ele retornasse. Lucas teve que presumir que Diana tinha mais água para aquecer, antes que os baldes pudessem ser enchidos novamente, e como aquele homem corpulento devia gostar da oportunidade de se envolver com ela. Por que não gostaria? Ela era adorável e brilhante, sensual e gentil.

Lucas *gostava* dela. Tentava não gostar. Procurando não sentir mais do que jamais sentiu por qualquer amante temporária. Mas era impossível vê-la como tal. Esse sentimento o deixou paralisado e esforçou-se para lidar com ele, enquanto o jovem voltava e jogava água na banheira, mais uma vez. Estava mais da metade cheia agora, apenas mais alguns baldes seriam suficientes.

— Qual o seu nome? — Lucas perguntou, desesperado para mantê-lo ali, em vez de permitir que fosse até Diana, enquanto ela preparava a água para a banheira.

— Logan, Vossa Graça. — disse, encarando Lucas mais uma vez. Seu olhar o percorreu e Lucas sentiu seu desconforto - sua *pena*. Seu estômago se contraiu — Geoffrey Logan.

— Há quanto tempo trabalha para Stalwood? — perguntou.

— Menos de um ano. — o jovem assumiu uma postura natural de relaxamento militar.

Lucas assentiu — Essa deve ser uma de suas primeiras tarefas.

— É. — admitiu.

— Temo que não seja exatamente emocionante. — Lucas o observou atentamente, em busca de alguma reação. Houve uma, o garoto ainda não tinha se treinado a não a demonstrar. Um lampejo de frustração. Um indício de inquietação.

— É um prazer fazer isso, garanto-lhe, Vossa Graça. O senhor é bem-visto no departamento. Muitos dos que nos treinaram falaram de suas habilidades, mencionaram suas façanhas. O senhor fez muito pelo país, durante seu tempo

na ativa.

Lucas hesitou. Suas realizações estavam sendo mencionadas no passado. Algo de uma época passada, que já havia acabado, uma reminiscência de amigos com quem havia trabalhado em casos. Seus próprios medos, ditos em palavras claras por um homem que dificilmente deveria fazê-lo. A raiva subiu em seu peito e a reprimiu cuidadosamente, o melhor que pôde.

— Pelo menos a companhia é boa. — disse. Logan arqueou uma sobrancelha e balançou a cabeça, como se não estivesse entendendo. Lucas o encarou — Srta. Oakford.

Logan ficou com as bochechas coradas — Eu... er... sim, senhor. Ela é muito bonita.

— Todos têm essa opinião? — ele pressionou.

— Apenas três de nós, Vossa Graça. — explicou. — Em um horário rotativo. Mas sim, ela ocasionalmente é... mencionada.

— Sr. Logan, tenho tudo pronto para o senhor, mais uma vez! — a voz de Diana veio do andar de baixo, e o jovem fez uma saudação antes de sair correndo para ajudá-la.

Cada fibra do corpo de Lucas se coçava de ansiedade. Irritação. Frustração diferente de tudo o que já havia experimentado. Odiava cada parte disso tudo e, se acrescentasse Diana à mistura, ficava impossível. Não precisava sentir ciúmes, pelo amor de Deus. Ela não era dele - era apenas uma distração temporária. Se ela permitisse que este, aquele ou qualquer outro jovem a cortejasse, era um direito dela. Poderia ir para a cama com todo o Departamento de Guerra e ele não tinha o direito de julgá-la. Ela merecia prazer, felicidade e um futuro.

Só poderia lhe dar uma dessas três coisas. Era uma falha dele, não dela.

Logan voltou com Diana em seus calcanhares. Levava dois baldes e ela um. Ele colocou os dois dele no chão, depois sorriu para ela ao pegar o último e colocá-lo na banheira fumegante.

— Há mais alguma coisa que eu possa fazer, Srta. Oakford? — perguntou.

Ela estendeu a mão para tocar seu braço — Não, foi de grande ajuda, obrigada.

Ele a saudou e depois a Lucas, e os deixou sozinhos. Lucas levantou-se e ela ergueu a mão — Ainda não. — disse ela — Só mais uma coisa.

Ela saiu do quarto novamente e ele se recostou nos travesseiros, cada vez mais frustrado. Não gostava de não estar no controle. Lembrava-o de...

Bem, isso não importava. Não pensaria naquela época, naquela vida que abandonou e o porquê.

Diana voltou com uma pequena tigela cheia de ervas. Ergueu-a em sua direção, antes de ir para a banheira. Ele teve que sorrir quando as jogou na água fumegante.

— Vai me ferver como um frango finamente temperado, então? — perguntou, sua frustração desaparecendo em troca da provocação, que tinha começado a parecer tão fácil e confortável entre eles.

Ela colocou a tigela vazia de lado e virou-se para ele com uma risada — É mais como um chá, e será o biscoito mergulhado nele. Mas agora a água está muito quente e as ervas precisam ficar em infusão.

— O que farão?

— É sempre tão curioso, Vossa Graça.”

— Sou., — admitiu — Especialmente quando uma dama está tentando fazer de mim uma refeição.

Ela riu novamente, a música daquele som tocando cada parte dele — Elas o ajudarão a relaxar. Aliviarão um pouco da dor. Nada que possa lhe fazer mal.

Ele a observou atentamente — Acho que nunca me faria mal, Diana. Não de propósito.

Ela se retraiu com a intimidade que aquelas palavras criaram. Ele mesmo ficou bastante chocado por tê-las dito. Não era sua intenção. Havia algo nessa mulher...

Ela limpou a garganta — Talvez sua opinião mude daqui a pouco. Enquanto o banho esfria, eu gostaria de tentar massagear seus músculos.

Ele piscou surpreso com a ideia — Esfregando-me, quer dizer. Como um cavalo premiado?

Ela balançou a cabeça e o olhou com um ar brincalhão, que lhe disse que não o estava ignorando — Acho que é um passo à frente de ser uma galinha ou um biscoito.

— Se acha que isso ajudaria. Não sou contra a ideia de que esfregue suas mãos em mim.

— Farei o possível para não me distrair. Felizmente, não cometeu o mesmo erro de que *me* acusou antes, de se vestir, portanto, se puder rolar de barriga para baixo e remover os travesseiros que ergueu como uma fortaleza atrás da cabeça, seria útil.

Ele obedeceu e deitou-se de barriga para baixo, virando a cabeça para longe dela. Ouviu-a se movimentar e, em seguida, suas mãos o tocaram. Estavam escorregadias, com um óleo perfumado que cheirava a canela e algo exótico que não conseguia identificar. Ele sibilou de prazer com a sensação erótica de carne deslizando sobre carne.

— Oh, eu deveria solicitar esse tratamento todos os dias. — gemeu.

— Talvez não goste tanto quando eu for mais fundo. — disse ela — O prazer nem sempre é a primeira reação, mas sim a dor.

Ele abriu os olhos e fitou o outro lado da cama. Suas palavras o lembraram de uma constatação que o incomodava há alguns dias. Algo que ainda não havia discutido com ela, mas que agora estava em sua cabeça, um ciúme entre outros ciúmes indesejados.

— Foi casada? — perguntou finalmente.

Suas mãos hesitaram nas costas dele e depois voltaram ao trabalho — Isso porque eu não estava... não estava *intocada*, na primeira vez que fez amor comigo?

Virou a cabeça para olhá-la e disse: — Sim.

Suas bochechas ficaram vermelhas e ela se afastou por um momento. Ele cerrou o maxilar. Talvez tenha ido longe demais, tenha sido muito direto. Seus amigos há muito tempo diziam que ele podia ser assim.

Ela voltou a olhá-lo e ele viu sua exaustão. Ergueu-se sobre o estômago, ignorando a dor que sentia no ombro, e pegou sua mão — Não me deve nenhuma explicação, Diana. Sei disso. Quero que *saiba* que eu sei disso. Mesmo assim, pergunto por que estou curioso. E porque quero saber mais a seu respeito.

Ela olhou para seus dedos entrelaçados. Então, afastou-se e fez com que ele voltasse à sua posição original. Suas mãos retornaram para sua pele e ela suspirou.

— Quando minha mãe morreu, meu pai só sabia medicina. Não tinha a menor ideia de como criar um filho, muito menos uma filha.

Lucas pensou em seus próprios pais. Seu pai, que sempre o desprezou. Sua mãe, que mal conseguia olhá-lo. Duvidava que Oakford tivesse sido tão severo, mas isso não significava que fosse um bom pai ou que houvesse dado a Diana o que ela precisava.

E isso ele entendia perfeitamente.

— Isso deve tê-la magoado., — disse suavemente.

Sua hesitação foi a única resposta que lhe foi dada por um momento. Então ela sussurrou: — Às vezes. Por fim, ele começou a me instruir sobre sua vocação. É claro que logo percebi que ele me ensinava o que sabia, porque era tudo sobre o que conhecia. E isso significava que tínhamos longas conversas sobre um corpo e todos os seus processos. — respirou fundo — Não sou como as damas com quem foi criado, Lucas. *Nunca* fui uma inocente risonha.

— Talvez não em sua mente. Mas o corpo é uma coisa diferente. — Sim. — sua voz ficou trêmula, e ele precisou de tudo para não erguer a cabeça e olhá-la. Para não rolar e puxá-la para mais perto. Lutou contra esses impulsos, não apenas para seu próprio bem, mas porque duvidava que ela continuaria se o fizesse. Podia sentir sua relutância.

— Não precisa me contar. — disse novamente.

— Eu sei. Mas acho que merece a verdade, dada a... natureza do nosso relacionamento. — suspirou novamente — Eu era inocente até *conhecê-lo*.

— Ele., — repetiu.

Seus dedos se cravaram com mais força em seus músculos e ele se retesou contra uma onda de dor. Por um momento, ela se dedicou apenas a isso e, aos poucos, os músculos relaxaram e a dor diminuiu.

— Sinto muito, sei que está doendo.

Sabia que ela estava tentando distraí-lo de alguma forma. Que relutava porque sua história era obviamente dolorosa. Não queria machucá-la, mas esse impulso dentro dele, a tenacidade do espião, não cedia.

— Quem era ele? — pressionou e finalmente rolou para poder olhá-la quando fez a pergunta.

Só que não viu dor em sua expressão. Pelo menos não foi só isso que viu.

Havia emoções muito mais profundas em seu olhar. Raiva. Ressentimento. Perda. E tristeza. Algo mais profundo e mais potente do que uma mera dor passageira.

Viu tudo isso e desejou poder retirar a pergunta. Não porque não quisesse saber a resposta, mas porque, de repente, a resposta parecia importante demais. Muito íntima. A resposta os uniria, e temia isso como nunca havia temido nada em sua vida.

Mas estava prestes a saber. Não havia como voltar atrás.

Capítulo 9

Diana mal conseguia respirar, mas conseguiu manter a voz calma ao dizer: — É um homem tenaz.

Ela lhe sorriu, mas ela percebeu a falsidade, ouviu-a em sua voz quando ele disse: — É uma prerrogativa investigativa.

Ela apertou os lábios. Gostava de suas provocações, na maior parte do tempo. Isso a deixava confortável. Naquele momento, parecia falso. Uma maneira de fazer com que a tensão se dissipasse, para conseguir o que queria dela.

— Estou sendo investigada? — perguntou suavemente.

Seu olhar semicerrado se tornou mais intenso e quente quando ele estendeu a mão para tocar sua perna através da saia — Muito intimamente.

Ela franziu a testa mais profundamente. Se estivesse usando o que compartilharam contra ela, isso a deixaria muito magoada. No entanto, ainda se sentia motivada a lhe contar a verdade que ele buscava. Se o fizesse, talvez ele entendesse um pouco quem ela era. E talvez também o afastasse.

Afinal de contas, uma pessoa como ele, não desejaria uma mulher que se entregou tão facilmente. Isso colocaria um muro entre eles e talvez a impedisse de ser tão carente em relação a esse homem.

— Ele era amigo do meu pai. — disse, e odiou o tremor em sua voz — Veio para nossa casa de campo como visitante. Pelo menos foi o que me disseram.

Lucas sentou-se um pouco, apoiando-se nos cotovelos. Ela viu a dor em seu rosto, mas não tão intensa como nos dias anteriores. Estavam progredindo.

— O que quer dizer com foi o que lhe disseram? Que não era a verdade? — pressionou.

— Acho que ele... — hesitou, pois nunca havia se sentido confortável com essa parte de sua história — Ele fazia parte de um caso em que meu pai estava trabalhando.

Lucas a encarou, sua expressão dura e subitamente fria — Oakford lhe disse que trabalhava em casos?

— De vez em quando, sim. Sei que sua função principal era ser um cirurgião para os homens, mas ele tinha uma mente brilhante e, às vezes, trabalhava em outras coisas.

— Entendo. — Lucas ficou em silêncio por um momento — Então esse outro homem veio como parte de algo em que seu pai estava trabalhando. Para o Departamento de Guerra.

— Eles ficavam bastante concentrados e sempre se calavam repentinamente, quando eu entrava em um cômodo sem avisar. Naquela época, eu ajudava meu pai nos afazeres domésticos, e ele me proibiu de entrar

em seu escritório e me disse para não revisar a papelada, enquanto a visita estivesse lá. — deu de ombros — Não sou tola. Entendi o que estava acontecendo. Isso o surpreende?

— Que não seja uma tola? — perguntou — De modo algum. Estou *surpreso* por saber que seu pai trabalhava em casos. Eu não sabia que ele os aceitava. Mas posso ver como sua mente seria uma boa opção para o trabalho. Como disse, ele era brilhante. Eu sempre recorria a ele para me ajudar a resolver problemas.

Ela respirou fundo para evitar as lágrimas que inevitavelmente surgiam quando pensava muito no pai — Tenho certeza de que esse homem fazia o mesmo.

— Quem era ele? — Lucas perguntou.

Ela se virou, com os punhos cerrados ao lado do corpo — Não, não lhe direi isso. Não quero que converse sobre mim com seus amigos, comparando experiências.

— Diana! — disse ele, seu tom agudo forçando-a a olhá-lo. Estava sentado agora, encarando-a — Não pode pensar que eu a desrespeitaria ou ao que compartilhamos dessa maneira.

Ela ergueu o queixo — Não quero pensar assim. — Mas o que sei sobre o que conversa quando está sozinho com os outros?

— Não é assim, eu garanto. — disse, com o tom de voz carregado de repulsa, ao pensar nisso. Isso era tão real que a deixou aliviada.

— O nome dele não importa. — disse, e foi até a banheira para testar a água. A água estava quase perfeita agora e isso lhe deu uma desculpa para se afastar dele, para desviar o olhar, de modo que ele não visse seu rosto quando continuasse sua história — No final, não posso nem o culpar completamente pelo que aconteceu.

— Como pode dizer isso? Era uma inocente e ele um visitante na casa de seu pai.

Ela deu de ombros, como se isso não importasse. A maior mentira que já contara — Eu era solitária e tola. Tomei o flerte como algo mais. E quando ele me beijou... — interrompeu-se ao se lembrar daquele momento com todos os detalhes. Na época, havia ficado emocionada. Agora se sentia vazia — Bem, senti como se uma luz tivesse se acendido dentro de mim. Uma luz que sempre esteve lá, mas eu nunca tinha percebido.

— Há quanto tempo isso aconteceu? — perguntou, com a voz áspera.

Ela se forçou a olhá-lo. Ele estava ilegível como sempre — Dois anos. — sussurrou — Eu ainda não tinha completado vinte e um anos. Isso provavelmente lhe parece muito tolo, pois a maioria das mulheres tem mais juízo nessa idade.

— Não é uma idade tão madura. — disse suavemente.

— Para mim, certamente não era. Eu não tinha ido a bailes ou tido pretendentes. De certa forma, era ingênua em relação aos modos dos homens e das mulheres, do amor, da... *união*. Ele me ofereceu uma... uma ilusão. E

eu o deixei ter o que queria, porque achei que isso significava amor e um futuro.

Sua bochecha se contraiu — E depois que ele conseguiu?

Ela inclinou a cabeça — Tudo mudou. Descobri que ele era casado, por exemplo. Isso partiu meu coração. E então meu pai descobriu a verdade sobre nosso encontro. Ficou mais furioso do que eu jamais havia visto em toda a minha vida. Achei que ele poderia matar seu amigo. Mas não matou. O outro homem foi embora e...

Ela parou. Havia muito mais na história, mas era impossível dizer essas coisas em voz alta. Nunca falava sobre isso, e certamente não estava prestes a começar com um homem que já havia dito que não lhe oferecia nada além de prazer.

— E? — ele disse.

— E agora estou aqui. — disse, seu tom falsamente brilhante — E agora sabe o que aconteceu. Por que não entra em seu banho? A temperatura está perfeita para ajudar esses músculos a se soltarem. Isso aliviará sua dor.

Ele a fitou por um longo momento e ela sentiu que a estava lendo. Sentiu-o analisando-a, como havia sido treinado para fazer. Naquele momento, soube que ele sentia que havia mais para contar e prendeu a respiração, enquanto esperava que a acusasse ou exigisse que lhe contasse toda a história.

Em vez disso, levantou-se, silencioso e lento. Quando os lençóis caíram, ela se viu olhando para seu corpo. Ela não conseguiu evitar. Ele se moveu em sua direção e, quando a alcançou, pegou a parte de trás de sua cabeça e a puxou para um beijo.

Ela suspirou, espalmando as palmas das mãos em seu peito nu e se deleitando com seu gosto e como ele lavava toda a dor que estava queimando dentro dela durante a confissão.

Quando ele finalmente se afastou, olhou-a nos olhos — Não a estou usando, Diana.

Ela prendeu a respiração — Eu sei. Sei disso. Desta vez, estou entrando em nosso acordo com os olhos bem abertos. Ninguém pode se machucar se não houver mentiras.

— Diana... — ele começou, mas ela balançou a cabeça.

— Entre agora. — disse, oferecendo-lhe uma mão para se equilibrar enquanto o fazia — Acho que é seriedade suficiente para o momento.

Ele franziu os lábios, mas não discutiu. Em vez disso, afundou na água quente com um suspiro trêmulo e seus olhos se fecharam, com a cabeça apoiada na borda da banheira. Ela também suspirou. O assunto havia passado. Pelo menos por enquanto.

E, se fosse cuidadosa, nunca mais precisariam abordá-lo novamente.



Lucas não tinha ideia de quanto tempo ficou deitado na banheira. Tempo suficiente para que a água começasse a perder parte de seu calor. Foi seduzido pelo banho. Pelo calor que se infiltrava em seu corpo, pela fragrância doce e

suave das ervas que Diana havia acrescentado, pela forma como seus músculos começaram a relaxar e a dor, que era sua companheira constante, diminuir.

E, no entanto, ainda não estava totalmente confortável. Sua mente continuava a girar, repassando o que ela havia confessado sobre o homem que lhe tirou a inocência. Tinha sido muito honesta sobre um assunto extremamente doloroso. O fato de ter sido seduzida e descartada por um amigo de seu pai, outro espião... trouxe à tona uma raiva em seu peito, que era muito mais forte do que deveria.

E perguntas. Isso gerou perguntas. Conhecia George Oakford desde o início de sua vida como espião. Nunca tinha visto o cirurgião trabalhar em um caso, nem ajudar em um. O dia em que Lucas se machucou, tinha sido uma aberração, um momento de oportunidade, em que ele precisou de apoio e o pai de Diana estava lá.

Oh, ele havia conversado com o homem sobre problemas espinhosos, é claro. Oakford tinha uma mente afiada e era rápido em oferecer conselhos ou soluções. Mas não conseguia imaginar um cenário no qual pudesse realmente ir à casa de Oakford, para se unir a ele em um caso. A ideia parecia... estranha.

— Aqui. — disse Diana, sua voz suave interrompendo seus pensamentos.

Ele abriu os olhos e pegou o sabonete que ela lhe estendia — Pronto para eu terminar, não é?

Ela sorriu — A água está esfriando e é melhor que se lave antes de sair. Ficar sentado na água fria não será bom para seus ferimentos.

Ele assentiu e começou a se lavar. Estava ciente de que ela o observava enquanto voltava para sua cadeira, a alguns metros de distância. Observando-o com um interesse erótico que deixava seu corpo nervoso, de uma forma muito agradável.

Desejá-la era fácil. Conhece-la? Isso era outra história. Sua confissão o aproximou um pouco mais, é claro, mas ainda sentia que ela escondia algo. Havia mais em seu passado. Mais sobre o homem que a machucou.

Mas agora não era o momento de insistir. Talvez nunca fosse. Afinal de contas, não estava aqui para conhecer essa mulher fascinante. Não ficaria com ela por muito tempo. Ela repetiu isso várias vezes - ambos sabiam do que se tratava. Um caso, com o objetivo de obter prazer.

Nada mais.

— Seu pai era um bom homem.

Ela se remexeu no assento e seus olhos se desviaram com desconforto, diante da intimidade daquela afirmação — Sim, — disse finalmente — ele era.

— Ele falava a seu respeito, às vezes. — continuou, e então se questionou sobre o motivo. Isso não ia contra o que ele tinha acabado de decidir? Que esse era um caso temporário, que não exigia nenhum conhecimento ou conexão mais profunda?

Ela inclinou ainda mais a cabeça — Ele fez isso?

Ele não conseguia ler seu tom, não sabia se a informação que forneceu a magoava ou a ajudava, se era uma surpresa ou algo que inspirava raiva.

— Sim. — continuou, apesar de tudo o que lhe dizia para parar — Sempre dizia que era muito inteligente. Como ele tinha orgulho de sua habilidade.

Para sua surpresa, a expressão dela ficou subitamente mais dura. Levantou-se lentamente e se afastou, com as mãos fechadas ao lado do corpo — Sim. — disse com os dentes cerrados — Sei tudo sobre como ele valorizava minha *utilidade*.

Ele balançou a cabeça, sentando-se na banheira e colocando o sabonete na borda — Era mais do que isso, Diana. — exalou.

Ela se virou e o encarou — Ele também falou a seu respeito. — disse, claramente tentando mudar de assunto — Chamava-o de Duque disfarçado, embora eu nunca tenha sabido seu nome verdadeiro. Ele brincava com isso e me dizia que era membro de um clube de duques de muito prestígio, mas que, mesmo assim, era bom no que fazia.

Lucas virou o rosto. Seu clube. Esforçou-se tanto para não pensar nisso. Neles. Seus amigos. Aqueles com quem não falava desde... bem, *desde*... isso era tudo — Eles são os melhores dos homens. — disse suavemente.

Ela inclinou a cabeça e, depois de um momento de silêncio, disse: — Bem, meu pai o considerava um... um...

Ele a olhou, perguntando-se por que a dificuldade em encontrar uma palavra tão simples — Um amigo? — sugeriu.

Ela assentiu — Sim, isso, é claro. Mas era mais do que isso. Ele deixou bem claro que o via como um filho, eu acho. Às vezes, eu sentia bastante inveja de seu vínculo com ele.

— Um filho. — Lucas repetiu em estado de choque — Isso significa muito para mim.

Não disse mais nada, não podia. Mas isso não impediu Diana. Ela deu um passo à frente, com seu olhar verde brilhante focado nele. Lendo-o como só ela parecia ser capaz de fazer. Como sempre, isso o deixou desconfortável, pois se sentia muito vulnerável.

— O que foi? — perguntou.

Ele cerrou os dentes e balançou a cabeça — Nada.

— É mais do que nada. — sussurrou — Afinal, eu lhe contei sobre meu passado - não pode me contar nada em troca?

Ele suspirou. Isso era justo. E o que diria não revelaria nada importante. Pelo menos não algo que ela *entendesse* a importância.

— Meu próprio pai não me via como um filho. — disse, com cada palavra ardendo ao sair de sua boca — Na verdade, ele mal suportava me ver. Portanto, a aceitação de seu pai nesse nível significa mais do que possa entender. Eu... sinto muito por ter falhado com ele. Sinto muito

Ela se aproximou mais, e agora aqueles olhos brilhantes se arregalaram — Pare de dizer isso. Meu pai esteve envolvido com espões e seus deveres por décadas, Lucas. Ele conhecia os riscos.

— Assim como todos nós Alguns de nós estão destinados a morrer por nosso país. Só não achei que esse fosse o destino de seu pai.

Seu rosto se contorceu de horror — Está dizendo que é seu? — engoliu em seco — É por *isso* que evita assumir o manto de seu título?

— Em parte. — admitiu, e essa única palavra foi como se um peso de mil libras tivesse caído sobre seus ombros danificados.

— Qual é a outra parte? — ela pressionou.

Ele balançou a cabeça e se levantou lentamente. A água escorreu por seu corpo e viu como a atenção dela se deslocava de seu rosto para seu peito, seu estômago e seu pênis.

— Não quero mais conversar, Diana. — disse suavemente.

Ela sustentou seu olhar por um longo momento e, em seguida, diminuiu a distância restante entre eles. Estendeu a mão e encostou a palma em sua barriga, passando os dedos sobre os músculos firmes.

— Entendo. — sussurrou, enquanto estendia a mão oposta para trás e pegava uma toalha felpuda da mesa atrás dela.

Sacudiu-a e a entregou, mas ele não se cobriu. Apenas se apoiou no ombro dela e saiu da banheira. Alcançou-a, segurando suas costas e puxando-a firmemente contra ele. Ela guinchou quando seu corpo úmido se moldou ao dela, mas qualquer protesto brincalhão foi perdido quando levou sua boca à dela.

Como sempre, ela respondeu. Adorava isso nela. Seu corpo foi feito para ele. Feito para ser tocado. Feito para ser adorado, e ele estava à altura dessa tarefa, embora, às vezes, tocá-la o fizesse querer estar inteiro novamente, mais do que qualquer outra coisa. Inteiro para que pudesse tomá-la, abraçá-la e dar-lhe prazer, de uma dúzia de novas maneiras. Maneiras nas quais ela nem sequer imaginava.

Mas, por enquanto, isso seria suficiente. Empurrou-a em direção à cama e caíram nela, juntos. Deleitava-se com a forma como seus corpos se encaixavam, mesmo quando lutava para se manter apoiado em seu braço bom, enquanto a beijava e a beijava, até que todo o resto desaparecesse.

Ela se arqueou sob ele, com pequenos sons de prazer já escapando de sua garganta, enquanto passava a língua contra a dele em um desejo poderoso e necessitado. Seu pênis doía, seu corpo doía, ele precisava estar dentro dela. Agora.

— Vire-se. — grunhiu, enquanto se afastava.

Ela o fez, deitando-se de barriga para baixo, na cama. Ele agarrou seus quadris e a puxou, até que estivesse inclinada para o lado, com seu traseiro delicioso dando-lhe a visão perfeita dos prazeres que estavam por vir.

Lentamente, segurou sua saia com a mão, arrastando-a por seu corpo, pelas panturrilhas, pelas coxas, pelos quadris e prendendo-a contra suas costas. Envolveu-a com a mão, balançando-a suavemente, enquanto desamarrava a cintura de sua calçola. Elas caíram em torno de seus tornozelos e a deixaram apenas com ligas, meias e uma linda pele nua.

Acariciou seu traseiro e ela estremeceu. O nome dele escapou de sua boca em um suspiro suave e ela se ergueu, oferecendo-lhe tudo.

Ele queria aceitar. Massageou a carne firme ali, puxando-a para trás, para que pudesse deslizar o pênis na fenda. Ela ofegou com o choque dele contra aquele lugar proibido, mas não protestou. Apenas o olhou por cima do ombro, incerta.

— Eu poderia. — falou lentamente, sustentando seu olhar, enquanto acariciava o pênis sobre a entrada do botão de rosa de seu bumbum, totalmente distraído — E você gostaria.

Ela mordeu o lábio — Eu gostaria?

Ele assentiu — Eu me certificaria disso. Mas não tenho nada aqui para facilitar a entrada. Portanto, hoje não. Não desta vez. Desta vez, vou tomá-la... — e se interrompeu, enquanto deslizava o pênis para baixo, até a entrada de seu sexo. Quando a tocou com a ponta, encontrou-a molhada, quente e pronta — ...aqui. — ofegou.

Ela empurrou para trás e ele deslizou um centímetro. Um centímetro do paraíso, enquanto ela o agarrava, como uma luva bem ajustada. Havia estado com muitas mulheres em sua época. Sempre gostou do prazer e não negava.

Mas isso era diferente. Quando a penetrou, preenchendo-a da base até a ponta, foi diferente. Foi único. Era tudo. Entrou em seu corpo, e uma parte dele sentiu que voltava para casa. Para um lugar que nunca havia tido. Que pertencia a ela, que estavam unidos e, talvez, mais do que isso.

O pensamento o sacudiu e se impulsionou ainda mais para afastá-lo. O prazer subiu por seu pênis e fez com que todas essas reflexões desaparecessem. Agarrou os quadris dela, cravando os dedos em sua pele, amassando a carne ali, provavelmente deixando pequenos hematomas. Mas ela gemeu de desejo e ele não parou. Simplesmente começou a impelir-se contra ela.

Ela o enfrentou, golpe após golpe. Seu corpo se agarrou a ele, fazendo-o empenhar-se no movimento, empenhar-se na liberação. E ela veio, forte, rápida e pesada. Concentrou-se com afinco para mantê-la sob controle, pois queria que ela a extraísse dele com seu orgasmo.

— Toque-se. — grunhiu.

Ela o olhou por cima do ombro, uma segunda vez, e ele quase se desmanchou com a expressão sensual, a paixão vidrada e o desejo nu em seu rosto.

Ela não disse nada. Apenas sustentou seu olhar, enquanto colocava uma mão entre as pernas e começava a esfregar o clitóris. Sentiu-a pressionar seus dedos contra seu pênis e fechou os olhos. Iria liberá-lo e mal podia esperar.

Sentiu-a estremeecer embaixo dele e soltar um ofego, um gemido e, em seguida, sua vagina o agarrou, em ondas de liberação. Ele impulsionou-a, deleitando-se com a força ondulante que o impelia à liberação.

Quando isso aconteceu, quase se esgotou dentro dela. Por pouco não se retirou, soltando um grito, enquanto se derramava contra sua pele e a sentia

tremer sob ele.

Em seguida, encostou-se a ela, aconchegando-a ao seu lado e deixando que a conexão o aquecesse, a liberação o curasse e sua presença o acalmasse, embora soubesse muito bem que isso não duraria muito.

Capítulo 10

Diana acordou lentamente, em uma nuvem de conforto e prazer. Estava aquecida e segura e, ao se aconchegar nos cobertores, sentiu os braços fortes se fecharem mais contra ela. Isso era o paraíso, não havia mais nada igual, e não queria acordar desse sonho.

Exceto que precisava. Finalmente, a realidade se impôs e ela abriu os olhos, para encontrar a luz nebulosa do sol entrando no quarto, por trás das cortinas. Estava de lado, de frente para Lucas. Os braços dele estavam ao seu redor, mas ele ainda dormia.

Nesse raro momento, deliciou-se com a visão dele. Era realmente lindo, e ainda mais quando estava relaxado assim. Isso o fazia parecer mais jovem, menos cansado do mundo, menos afetado pela dor.

Mas não se deixou enganar por essa aparência. Ontem ele usou a paixão contra ela. Estavam conversando, pediu-lhe que falasse um pouco sobre a vida que levava no passado e ele a interrompeu, deitando-se com ela.

Permitiu que o fizesse porque seu toque era perfeito demais para que não se rendesse a ele. Queria isso, queria-lhe. Por isso, aceitou-o, várias vezes, até a noite chegar, até o sono chegar.

Mas não podia ignorar o fato de que estava perfeitamente disposto a voltar os desejos de seu corpo contra ela.

Foi o melhor? Bem, essa era uma questão completamente diferente. Compartilhar segredos com ele era perigoso. Levava a uma sensação de proximidade, que era falsa, uma armadilha. Se suas próprias paredes caíssem, poderia ser devastador, especialmente considerando o aniversário que logo se aproximava. Mais uma semana e estaria lutando para se manter distante dele, para que não visse sua fraqueza e seu desgosto.

Talvez precisasse começar a praticar essa distância agora.

Afastou-se lentamente e empurrou as cobertas, tentando se desvencilhar de seus braços, mas ele os apertou ao seu redor e, de repente, estava encostada nele. Suas costas se achataram contra o peito largo dele e a dureza de seu pênis foi pressionada contra ela enquanto ele beijava o local onde seu pescoço e ombro se encontravam.

Sua voz era profunda e sonolenta quando murmurou: — Disse-me para descansar, Diana. Fique na cama comigo, hoje

Não pôde deixar de sorrir, embora a pura tentação daquelas palavras fosse perigosa demais. Ficar ao lado dele, hoje? Era muito fácil começar a imaginar ficar com ele para sempre. Em sua cama, em seus braços, em sua vida.

— Passaremos fome. — protestou, tentando não suspirar enquanto ele continuava a beijar sua pele.

— Vale a pena.

Ela estremeceu, procurando uma resposta que a libertasse da prisão que adorava — Stalwood virá mais tarde, esta manhã. — finalmente disse.

— Ainda não é tarde. — argumentou, e começou a acariciar seu mamilo com o polegar, até que ela não conseguisse mais respirar.

Mas encontrou sua determinação. Lutou contra ele — Lucas, honestamente, não temos tempo.

Ele a soltou imediatamente, e ela saiu cambaleando da cama e procurou no chão o roupão que descartou na noite anterior, quando foi procurar comida depois da terceira vez que fizeram amor.

Quando estava coberta e um pouco calma, virou-se para ele. Ele a encarava, com o olhar fixo, analisando e julgando. Como se pudesse ver através dela, caso se concentrasse o suficiente. Na verdade, temia que ele pudesse.

— Venha, eu o ajudarei a se preparar para o dia. — disse, recorrendo à eficiência para encobrir suas emoções mais profundas — Deixe-me dar uma olhada nesses ferimentos e depois eu o ajudarei a se vestir.

Por um momento, pensou que recusaria. Que a confrontaria. Que a seduziria de volta aos seus braços, e que então ela lhe contaria tudo o que havia passado uma vida inteira mantendo em segredo. Teria tudo dela e, quando fosse embora, levaria tudo com ele.

Mas ele não o fez. Seu rosto ainda estava ilegível quando se levantou da cama e inclinou a cabeça — Como quiser, Diana. O que desejar.

Ela fez sinal para que se sentasse na cadeira ao lado da lareira, para que pudesse verificar seus ferimentos, mas essa aquiescência não parecia uma vitória. Parecia um movimento em um jogo de xadrez.

E era um jogo que não acreditava estar ganhando.



Durante toda a manhã, Lucas sentiu a distância que Diana colocou entre eles. Isso ficou evidente na maneira fria com que o auxiliou. Na maneira como evitava conversar além das perguntas e respostas educadas. A maneira como o colocou na sala, para tomar o café da manhã, em vez de no... seu quarto ou na cozinha, onde, às vezes, partiam o pão juntos.

Ela até recusou sua oferta de ajuda para se arrumar. Não houve brincadeira, nem provocação sedutora. Apenas o deixou sozinho e não voltou por quase uma hora.

Não tinha ideia do que havia provocado sua mudança. Fizeram amor por horas, na noite anterior, e tinha sido mágico. E, no entanto, hoje...

Bem, hoje ela estava construindo muros. Muros que eram para o melhor, é claro. Sabia muito bem que estavam se aproximando demais e, ainda assim, sentia um desejo desesperado de derrubar essas barreiras, de trazê-la para junto dele e exigir que ela lhe desse mais. Que lhe desse tudo.

Totalmente injusto.

Ela entrou na sala de estar, onde o havia colocado há algum tempo. Um serviço de chá estava equilibrado em seus braços. Enquanto a observava, ela o

colocou sobre o aparador e começou a arrumá-lo, discretamente.

— Stalwood chegará em breve. — disse sem olhá-lo — Sei que os dois têm muito o que conversar, então os deixarei a sós, quando estiverem acomodados com as suas bebidas.

Ele arqueou uma sobranceira e deu um passo em direção a ela. Quando percebeu que estava enrijecida, como se tivesse percebido suas intenções, parou e a encarou — Que jogo é esse, Diana? — perguntou suavemente.

Ela desviou o olhar para ele — Jogo?

— Não é uma serva para mim nem para ele, mas está fingindo ser. O que está acontecendo? Fiz algo errado?

Ele se viu prendendo a respiração pelo que responderia, esperando que lhe revelasse alguma maneira de transpor esse muro entre eles. Mas ela apenas sorriu, com uma expressão totalmente falsa, e negou — Claro que não. Está tudo bem.

— Não brinque com minha inteligência, Diana. — disse, seu tom um pouco mais áspero do que desejava — Não estou gostando disso.

Seus lábios se entreabriram e ela engoliu em seco. Viu-a lutando consigo mesma, tentando encontrar as palavras para dizer o que quer que a tivesse assustado. Ele se inclinou para frente, desesperado para ouvi-las, mas então bateram na porta da frente.

Parecia aliviada. A expressão durou apenas um instante, mas a viu. Reconheceu-a. Isso o atingiu no estômago como um soco.

— Com licença. — disse, sem encontrar seus olhos, ao sair correndo dali. Ele balançou a cabeça ao ouvi-la abrir a porta, cumprimentar o conde e depois levá-lo de volta à sala.

— Lorde Stalwood. — anunciou, mais uma vez como se fosse a criada de Lucas e não sua amante. Sua - sua *amiga*, pois foi dessa forma que começou a pensar nela durante o tempo em que estiveram juntos.

Não queria perder isso.

— Meu Deus, mas está com uma aparência melhor. — disse Stalwood ao entrar na sala, com a mão estendida.

Lucas ainda optou por cumprimentá-lo com seu braço bom, mas já sentia mais força até nele — Diana fez maravilhas. — disse, olhando de Stalwood para ela. Ela ainda não encontrava seu olhar.

— Eu deveria lhe enviar todos os meus feridos, minha querida. — disse Stalwood, sorrindo-lhe brevemente.

Ela se enrijeceu com a sugestão e perdeu um pouco da cor de suas bochechas — Eu...eu não me atreveria a tomar o lugar de meu pai, milorde. Agora os deixarei à vontade para conversarem.

Não disse mais nada, mas virou-se e saiu da sala. Stalwood ficou a observando-a e depois olhou para Lucas — Eu não tive a intenção de ofendê-la. Não imaginei que pensaria que minha intenção era substituir seu pai.

Lucas fez sinal para que ele fosse até o sofá e serviu o chá — Não foi por sua causa que ela se ofendeu. Parece que eu fiz isso sozinho.

Stalwood arqueou uma sobranceira — Fez isso agora? Como?

Ele balançou sua cabeça — Não sei bem ao certo. Estávamos nos dando bem e então... — interrompeu-se e deu de ombros, sentindo-o doer — Ela é um enigma.

Stalwood o olhava, com mais atenção ainda, agora — Conheço-a desde que ainda era uma menina, sabe. Oakford trabalhou comigo e para mim durante anos.

Lucas se endireitou com verdadeiro interesse — E que tipo de criança ela era?

Stalwood hesitou e depois disse: — Brilhante. Era rápida em rir. Mas com um traço de tristeza que a envolvia. Sentia falta de sua mãe, eu acho.

— E agora do pai. — a culpa tomou conta de Lucas ao dizer isso.

— Sim. Ela é... ela é mais frágil do que parece.

Lucas considerou essa afirmação. Não parecia verdadeira. Frágil não era a palavra certa para Diana, pois tinha um núcleo de aço que a sustentava. Frágil significava fraca de alguma forma, e ela não era assim.

— Vulnerável. — sugeriu — Ela é vulnerável, sob aquela fachada de confiança e força. Talvez eu... eu não tenha honrado isso.

— Preciso intervir? — Stalwood disse suavemente — Retirá-lo de seus cuidados?

O estômago de Lucas se retesou com a ideia de que se separaria dela naquele momento. Afastou-se do sentimento. Isso era bobagem. Estava confuso com seu comportamento e isso virou tudo de cabeça para baixo. Ele só queria ficar bem e ela estava ajudando nisso. Não havia outro motivo para que não quisesse se afastar.

— Acho que ela ainda poderia me fazer bem. Dez dias com ela e já estou me sentindo quase inteiro novamente.

Stalwood recostou-se na cadeira — Apenas seja cuidadoso.

Lucas ignorou a advertência e entregou o chá ao seu superior, antes de se sentar em uma cadeira em frente a ele — Estive examinando os arquivos do caso.

Não tanto quanto queria, é claro. Diana tinha sido uma distração, mesmo assim, conseguiu dedicar o tempo que pôde. A emoção da caçada havia retornado imediatamente.

Stalwood se inclinou para frente, seus olhos se iluminaram com interesse — E?

— Tenho algumas perguntas e observações. Primeiro, George Oakford chegou a ser designado para algum caso?

Stalwood piscou e a confusão em seu rosto respondeu à pergunta, antes mesmo dele gaguejar: — Oakford? Ele era um cirurgião - por que, diabos, eu o colocaria em um caso?

Lucas respirou fundo — Foi o que pensei.

— Por que perguntou sobre isso?

— Diana disse algo sobre o fato de seu pai ter recebido uma visita. Ela

acreditava que o homem era um espião e que estavam trabalhando em um caso, juntos. — não disse mais nada sobre sua confissão. Essa era uma linha que não cruzaria.

— Não. — disse Stalwood — *Nunca* lhe designei um caso. É claro que ele se colocou no meio de sua missão, há seis meses, então, não posso dizer com certeza que não tenha feito o mesmo no passado. Mas nunca me confessou isso. Ela poderia ter se enganado?

— Suponho que sim. Afinal, foi uma impressão que ela teve, não algo que o pai realmente tenha lhe dito. Mesmo assim, isso me chamou a atenção. Me fez pensar... — interrompeu-se. Tinha uma sensação incômoda no peito. Algo que parecia incompleto.

— Posso investigar mais a fundo. — sugeriu Stalwood — Consultar meus registros. Quando ela disse que isso aconteceu?

— Há dois anos. Não sei mais detalhes e a história não me foi contada de uma forma que me permitisse pressioná-la.

Stalwood estreitou o olhar — Muito bem. Confio em seus instintos quanto a isso. Investigarei o assunto. O que mais?

— Quanto mais eu analiso o arquivo do caso, mais penso que não apenas o homem que estava na propriedade, naquele dia, era nosso traidor, mas que ele pode não ter trabalhado sozinho.

Stalwood estremeceu — Acha que posso ter mais de um bastardo em minhas fileiras?

Lucas assentiu — Talvez. Embora o parceiro desse homem possa ter sido de menor escalão. Quando ele matou Oakford e me feriu, provavelmente acreditando que eu também morreria, isso o assustou. É por isso que demorou tanto tempo para voltar aos seus caminhos perversos. Mas agora que ele está...

Deteve-se. Estava pensando em algo nos últimos dias. Agora, a mudança de atitude de Diana o fez pensar ainda mais sobre o assunto.

— O que?

— Estive escondido por meses, protegido, para que não pudesse ser encontrado por essa pessoa, certo? — perguntou.

Stalwood assentiu — Senti que poderia estar em perigo. É provável que ainda esteja.

— Concordo. Mas essa pode ser a maneira de atrair esse homem. — Lucas se levantou e andou lentamente pela sala — Pense nisso, Stalwood. Retornar à ativa no estado em que me encontro estaria fora de questão - sei disso, mesmo que odeie admitir. Mas não há nada que me impeça de voltar a algum tipo de vida pública.

— Como isca? — Stalwood perguntou.

Lucas o encarou, incapaz de manter a empolgação em sua voz — Isca é uma maneira de colocar isso. Tormento é outra. Pense nesse homem, sentindo que está livre, sem saber o que a única testemunha em potencial de seus crimes é capaz de fazer. Então eu volto. Ele pode não ser capaz de resistir a

isso.

Stalwood apertou os lábios — Não é uma má ideia, na verdade.

— Parece surpresa. — disse Lucas com uma risada — Minhas boas ideias são exatamente o motivo pelo qual me trouxe os arquivos do caso, em primeiro lugar.

— Modesto, como sempre. — disse Stalwood, seu tom seco como poeira. Mas seu sorriso desmentia qualquer irritação que seu tom pudesse ter transmitido — No entanto, temos que agir com cuidado. Se souberem que está hospedado aqui, com Diana...

Lucas balançou a cabeça — Não, também pensei nisso. Este lugar é muito isolado, muito pequeno para ser seguro, se minha localização for divulgada. Seria melhor se eu... se eu voltasse para a casa ducal, aqui em Londres. Assumir meus deveres como Willowby.

Stalwood ergueu as duas sobrancelhas em sinal de surpresa, e Lucas não podia culpá-lo. Nunca teve, nem expressou, qualquer interesse no título. Muito pelo contrário, embora ninguém soubesse por que se afastou tanto de seu ducado e de tudo o que o acompanhava. Nem seus amigos, nem seus colegas, ninguém.

— *Será útil, se estiver disposto a ser Sua Graça por um caso.* — disse Stalwood suavemente.

Lucas levantou o queixo — George Oakford está morto por minha causa e Diana merece justiça. Respostas. Eu também. Estou disposto a fazer quase tudo para isso.

— Sabe que sua mãe vai ficar na casa de Londres. — disse Stalwood, sustentando seu olhar — Ela será um problema?

Lucas ficou tenso — Minha mãe. Tenho certeza de que será um problema para mim, mas no que lhe diz respeito e para o caso... não.

— Se acha que é o melhor, então eu aprovo. — disse Stalwood — Providenciarei guardas para sua propriedade, em quem confio implicitamente. Há mais alguma coisa de que precise?

Lucas negou — No momento, não, mas, se isso mudar, eu o informarei. Só preciso contar à Diana e providenciar para que se mude comigo.

Os olhos de Stalwood se arregalaram — Pretende levar Diana contigo?

— Claro. — disse Lucas — Ela está me ajudando muito na recuperação. Mas é mais do que isso.

— Mais.

Os lábios de Lucas se entreabriram com o tom conhecedor na voz de Stalwood — Sim. — grunhiu — Mais. Diana terá de ir e vir, se não estiver hospedada comigo. Será vista e isso poderá colocá-la em perigo, caso o homem que fez isso comigo, com o pai dela, esteja observando. E nós queremos que ele esteja observando. Se ela estiver comigo, ficará sob os cuidados de seus guardas, assim como eu.

Claro que havia muito mais do que isso. Não tinha intenção de dizer isso a Stalwood. Talvez não precisasse, se a expressão tensa de seu superior fosse

alguma indicação.

— E como vai explicá-la? — Stalwood perguntou — Essa bela jovem, que veio residir em sua casa, sem supervisão?

Lucas congelou. Na verdade, não tinha pensado tão longe. Aqui, seu acordo não tinha sido público. Em sua casa... bem, ele sabia que era considerado um solteiro - um bom partido, graças à sua fortuna e ao seu título. O traidor da sua causa não seria o único a vigiar sua casa, cada movimento seu.

— Conversarei com ela. — disse — E deixarei que ela decida como quer que as coisas sejam apresentadas.

Stalwood se levantou — Concordo que essa é a melhor maneira de fazer isso. Informe-me sobre o que os dois planejaram e se precisam de mais alguma coisa. Conversaremos depois que estiverem instalados.

— Muito bem. — disse Lucas e indicou ao seu superior que se dirigisse ao saguão. Apertaram-se as mãos e ele observou enquanto Stalwood saía pela porta e entrava em sua carruagem que o aguardava.

Agora que tinham um plano, a mente de Lucas estava acelerada. Isso não era bem voltar a campo, mas era trabalhar em um caso, realmente trabalhar.

E mal podia esperar para voltar ao meio das coisas e se lembrar de qual era o verdadeiro objetivo de sua vida.



Diana andava pelo quarto de Lucas, arrumando as coisas. Isso era tudo em que conseguia pensar, enquanto Stalwood e Lucas conversavam no andar de baixo. Não tinha lugar ali com eles. Não tinha lugar com Lucas, de jeito nenhum. No entanto, lembrar-se disso era, de certa forma, difícil.

— Está sendo totalmente tola. — gritou, deixando as palavras pairarem no ar ao seu redor. Ouvia-as e sabia que estavam certas. Mesmo assim, ainda doíam.

Com uma maldição silenciosa, arrancou uma fronha do travesseiro, jogando-a na cesta no chão. Ao fazer isso, um livro escapou das dobras do tecido, ricocheteou na beirada da cama e caiu no chão, fazendo com que folhas de papel dobradas deslizassem pela superfície de madeira.

Suspirou e se curvou para pegar os itens — Espiões e seus segredos. — murmurou, pensando na pistola que já havia colocado cuidadosamente de lado, quando tirou a capa do outro travesseiro.

Lucas certamente tinha muitos desses segredos. Coisas que escondia sobre seu passado, sua vida, sua vocação. Sabia o que era viver com um homem assim. Seu pai tinha sido muito parecido. Calado e cuidadoso, afastando-a de qualquer coisa que fosse importante para ele. A última vez que o viu, estava zangado com ela por ter entrado em seu escritório, na propriedade rural, e reorganizado alguns itens em sua mesa.

Essa foi a última conversa que tiveram, pois ele foi embora logo depois e nunca mais voltou.

Estremeceu e virou mais um papel. Estava pronta para enfiá-los de volta no

livro e colocá-lo na mesa lateral para Lucas, quando viu seu nome, escrito com uma mão trêmula, em uma das folhas.

Franziu a testa e segurou o papel contra o peito. Essas eram coisas particulares de Lucas. Nenhuma quantidade de sexo ou segredos sussurrados do passado lhe dava o direito de remexer nelas.

Mas era seu nome, nesse papel que ele havia colocado em um livro e depois escondido em um travesseiro. Como poderia não ficar curiosa?

Deu uma olhada na porta. Embora não pudesse ouvir os homens conversando na sala fechada, também não tinha ouvido Stalwood sair. Até que o fizesse, ela estava segura para... para...

— Bisbilhotar. — disse em voz alta, completando a frase em sua cabeça.

Mas, por mais que odiasse a descrição e o fato de que era totalmente adequada, ainda pegou o papel e o ficou encarando.

Tinha sido a mão de Lucas, apostaria sua vida nisso. Seu ferimento a deixava trêmula, mas, ainda assim, havia um floreio que combinava com ele.

O que estava no papel era muito mais interessante. Parecia ser uma longa série de anotações, com marcadores, bem-organizadas. Estava escrevendo sobre o assassinato de seu pai, listando uma longa linha de fatos sobre o caso.

Ela cambaleou até a cadeira diante da lareira e se afundou no assento almofadado. Seu coração estava batendo forte, suas mãos tremiam. Sabia um pouco sobre aquele dia. Os fatos eram apenas esqueletos, contados a ela por Stalwood e Lucas. Mas isso era detalhado. Era horripilantemente detalhado. Lucas anotou todos os momentos daquele dia, inclusive as palavras exatas que foram ditas, e a coletânea delas brilhava diante de seus olhos, que se enchiam de lágrimas.

— Diana.

Ela se sobressaltou e ergueu o olhar para ver Lucas parado na porta. Seu rosto estava duro, cheio de raiva e traição, enquanto mancava até ela e arrancava a página de sua mão.

— O que acha que está fazendo?

Capítulo 11

Lucas estremeceu quando Diana o encarou, seus olhos verdes escurecidos pela tristeza e pela dor. Suas mãos tremiam quando as abaixou no colo e soltou um suspiro que pareceu abalá-la até o âmago.

Mas quando se levantou, a dor desapareceu e foi substituída por uma raiva que ele não esperava — O que estou fazendo? Eu que pergunto, o que *está* fazendo? — retrucou.

Ele recuou, surpreso com o poder de suas emoções cruas e com a reação que inspiraram nele. Foi repentina e formidável, uma combinação de vontade de gritar com ela por intrometer-se e de querer abraçá-la e confortá-la em sua dor.

Afastou tudo isso e se esforçou para ser controlado e comedido — *Está me perguntando*, quando entrei e a encontrei mexendo nos meus documentos particulares? Não achei que fosse usar o tempo que teve enquanto eu conversava com Stalwood para vasculhar meu quarto.

Seus lábios se separaram em um suspiro indignado e ofendido — Como ousa! Não foi isso que fiz. Arrumava seu quarto enquanto estava ocupado, trocando seus lençóis, para que a roupa suja pudesse ser lavada.

Apontou para a cama e ele notou que ela estava, de fato, meio desfeita e que seu quarto parecia menos bagunçado. Coisas que deveria ter observado imediatamente ao entrar no quarto. Notar detalhes estava enraizado nele, a primeira coisa para a qual foi treinado como espião. No entanto, não o fez porque estava distraído com Diana.

— Então, quando encontrou algo escondido, decidiu que isso lhe dava o direito de examiná-lo?

Ela cruzou os braços — Não. O livro caiu e as páginas dobradas dentro dele se espalharam. Achei que estava sendo ridículo escondendo coisas, apenas um espião tão obcecado com seus segredos, que achava que todos os outros também estavam. Mas, quando comecei a pegar os papéis, vi meu nome neles.

Apontou para o que ele tinha na mão. Ele o virou lentamente e estremeceu. De todas as coisas que ela poderia encontrar, essa era uma das piores. Tratava-se de um registro de todos os detalhes que havia reunido ou coletado do caso. O nome dela estava lá porque a considerava parte do caso, agora, ligada a ele de uma forma que jamais poderia ser desfeita.

Mas nunca teria permitido que lesse determinadas partes. Como a aparência de seu pai, morto no chão. Como os detalhes de sua última conversa ou o som dos tiros, quando Oakford foi morto.

Pelo seu rosto, ela havia lido tudo. E agora isso nunca sairia de sua mente, assim como nunca sairia da dele.

— Tem investigado esse caso o tempo todo. — sussurrou — E escondeu isso de mim.

— Desde a última vez que Stalwood veio aqui. — admitiu, enquanto dobrava o papel e o colocava no bolso do paletó — E não estava escondendo isso. Não lhe contei o que estava fazendo porque não tem relação contigo, Diana.

Seu rosto se encolheu diante dessa declaração e ela se afastou, como se ele a tivesse agredido fisicamente — Ele pode tê-lo amado mais, Vossa Graça. — sussurrou, com a voz trêmula — Mas era *meu* pai.

Ele estremeceu, não apenas com suas palavras, mas com a emoção contida nelas. Aproximou-se dela em três passos largos e pegou suas mãos. Ela se debateu contra ele, mas recusou-se a soltá-la. Na verdade, puxou-a para mais perto.

— Ele a amava, Diana, disse eu não tenho dúvidas. E quando eu disse que minha investigação não tem relação contigo, eu quis dizer que não deveria ter que pensar em seu pai dessa forma. Que não deveria pensar nos últimos momentos dele, mas no que compartilharam enquanto estava vivo.

— Acha que não pensei em seus últimos momentos, muito antes de lê-los em detalhes? — finalmente se soltando. Lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto e sua respiração veio em soluços dolorosos — Eu me pergunto se ele estava com medo. Será que sentiu dor? Pergunto-me se ele sabia que aqueles eram seus últimos momentos e se sentia-se em paz. Pergunto-me se ele... se ele pensou em mim.

Lucas a ficou observando, essa mulher feita de inteligência, bondade e ferro. Essa mulher que estava completamente sozinha no mundo, agora que seu pai havia partido. Como conhecia bem esse sentimento.

Deu um passo à frente e a pegou em seus braços. Dessa vez, ela não resistiu. Deixou que a puxasse contra o peito, enquanto ele alisava seu cabelo gentilmente. Ela estremeceu enquanto chorava, derramando toda a dor que estava guardando.

Quando as lágrimas diminuíram um pouco, ele sussurrou: — Diana, sim, estou investigando sua morte. Todos nós merecemos justiça. Ele, eu e *você*.

Ela ergueu o rosto em sua direção e ele foi atingido pela lembrança da primeira noite em que passou aqui, quando a abraçou assim e a confortou em uma dor semelhante. Agora a conhecia melhor. Agora queria ainda mais aliviar as feridas, que ela carregava de forma tão silenciosa e corajosa. Aquelas que o mundo não via.

Também queria aliviar as que ela não havia compartilhado. As que ele sentia abaixo da superfície, onde ela as protegia com tanto cuidado.

— Se eu mereço justiça, então também mereço a verdade. — sussurrou — E eu a quero, Lucas.

Ele hesitou — Quer saber sobre meu caso?

— Não espero que concorde com isso. — disse, afastando-se. Deixando-o frio. Desolado, de uma forma que ele não queria analisar — Mas pare de

esconder isso de mim. Esta é uma casa muito pequena para que faça isso.

Ele se sobressaltou. Tinha subido as escadas, pronto para lhe dar a notícia da mudança e se esqueceu de tudo quando se deparou com suas lágrimas. Mais um exemplo de como ela o distraía profundamente.

Ele inclinou a cabeça — Desculpe-me.

Franziu a testa — Está realmente se desculpendo comigo?

Ele assentiu — Sim. Não para investigar. Essa é a minha natureza e o meu dever e não mudarei por ninguém. Mas talvez eu não devesse ter sido tão reservado. Tem razão quando diz que Oakford era seu pai - ninguém foi mais afetado por sua morte. Investigar sob seu teto, pelas suas costas, foi errado.

— Obrigada. — disse, embora seu tom ainda estivesse atordoado. Ele se perguntou se os pedidos de desculpas eram tão raros para ela, que mal reconhecia um quando o ouvia.

— E isso me leva ao assunto que vim abordar contigo quando subi. — continuou — Tem a ver com a investigação.

Ela inclinou a cabeça — Muito bem. O que é?

— Stalwood e eu concordamos que eu poderia fazer mais nesse sentido, se me mudasse para minha própria casa, aqui em Londres.

Seus lábios se entreabriram — O que? Por quê?

Ele hesitou. Tinha acabado de prometer que não a deixaria de fora do que estava fazendo. Mas também não queria colocá-la em perigo. Pelo menos não mais do que sabia que o faria, apenas por estar em sua presença.

— Por favor, poderia ser honesto comigo? —disse, com um tom exausto — Estou muito *cansada* de todas as mentiras.

Sim, podia ver isso em seu rosto, em seus olhos, em sua postura. Ela estava no limite, pronta para desmoronar. Não queria ser ele a empurrá-la, mesmo que também não achasse que poderia ser ele a pegá-la.

— Vou lhe dizer a verdade. — disse — Com o entendimento de que não poderá repetir isso a ninguém, em momento algum.

Ela assentiu lentamente — Muito bem, embora não saiba a quem pensa que eu contaria.

Suas palavras o lembraram, mais uma vez, de como era solitária e ele estremeceu antes de dizer: — O homem que foi responsável pela morte de seu pai, o traidor... voltou aos seus velhos hábitos. Houve outra morte

Seus joelhos se dobraram e ela se segurou no encosto da cadeira mais próxima, enquanto o olhava, horrorizada — Não. Não!

— Sinto muito, Diana, mas sim. Esse homem, sem dúvida, sabe que ainda estou vivo, mas Stalwood fez um ótimo trabalho ao me esconder nos últimos seis meses. Achamos que, se eu voltar aos olhos do mundo, isso pode levar esse bastardo a um ponto de ruptura. Talvez ele faça ou diga algo que o revele como o covarde que realmente é.

— Quer se colocar como isca.

Ele sorriu — Foi o que Stalwood disse também. Vejo que a sua mente é realmente a de um espião, em alguns aspectos, Diana.

Esperava que ela sorrisse de volta, mas, em vez disso, aproximou-se dele com os olhos brilhando — Então deixará óbvio onde está. Praticamente irá tentá-lo, abrirá suas portas para ele, permitirá que entre em sua casa para ameaçá-lo...

— Diana, — interrompeu — não a colocaria em perigo.

Ela segurou suas bochechas — Não falo de mim, seu tolo! Falo a seu respeito. Esse homem quase o matou! Como pode pensar em se colocar em seu caminho? Provocando-o com sua presença? E se ele voltar a atacá-lo?

Ele inclinou a cabeça. Ela estava realmente preocupada apenas com seu bem-estar. Seu coração palpitava com esse fato. Não era algo que havia compartilhado com muitas pessoas em sua vida. Ninguém em um nível profundo, desde que se afastou dos amigos, depois de entrar para o serviço do Departamento de Guerra.

E, no entanto, aqui estava ela, temerosa não por si mesma, mas por ele.

Ele virou o rosto e beijou uma das palmas de suas mãos — Stalwood providenciará proteção. Para nós dois.

— Nós dois?

— Sim. Quero que venha comigo. Que continue me ajudando lá, como tem feito aqui.

Ela se afastou, deixando cair as mãos — Quer que eu vá à sua casa, em Londres. Sua casa ducal. Como o quê? Sua criada? Sua médica? Sua... sua amante?

Ele suspirou — Isso é parte do que precisamos determinar. Se vier à minha propriedade, aqui na cidade, não seria como aqui na periferia. As pessoas veriam. Saberiam, Diana. Eu poderia protegê-la de muitas coisas, mas não dos boatos. Stalwood poderia providenciar algum tipo de acompanhante, é claro. Alguém para fazer com que isso pareça menos desagradável, mas...

— Não quero uma supervisora. — disse — Isso tornaria meu trabalho mais difícil. — levantou-se, passando por ele e andando pelo quarto. Parou na janela, de onde olhava para o jardim.

— Então o que sugere? — perguntou.

— Minha presença lá o ajudaria. — sussurrou.

Ele se acomodou na cadeira que ela havia deixado e assentiu — Sim. Estou me recuperando rapidamente no tempo que passamos juntos. E, para ser sincero, me sentiria mais confortável tendo-a por perto. Não tenho ideia de quem é essa pessoa. Não faço ideia do que sabe a respeito de seu pai. A seu respeito. Mas não gosto da ideia de que fique sozinha, até que ele esteja sob custódia, ou morto.

Ela estremeceu, pois não havia pensado no que poderia acontecer ao homem responsável por toda essa dor que havia surgido em suas vidas.

— Sua amante. — disse suavemente.

Ele se sobressaltou ao olhá-la — Perdão?

Ela o encarou — A melhor maneira de ter acesso ao seu corpo, Lucas, é se me chamarmos pelo que sou. Ou seja, sua amante.

— Não é minha amante! — explodiu, indo em direção a ela, tão rapidamente, que quase caiu com o movimento repentino e a dor que se seguiu.

— Está se deitando comigo. — disse, mantendo o olhar fixo — Isso é o que um homem de sua posição faz com uma amante.

— Esse tipo de sugestão arruinaria completamente o seu futuro. — retrucou.

Ela inclinou a cabeça para trás e riu, embora não houvesse nenhum indício de alegria no som — Meu querido, que futuro acha que tenho? Sou filha de um homem sem título, sem fortuna, sem quase nada que o recomende. Não sou virgem. Não trago nada para o casamento com um homem de posição ou privilégio. Mesmo que tivesse, não desejo esse tipo de casamento. Ou qualquer tipo de casamento, na verdade. Fui estragada para esse tipo de coisa há muito tempo.

Lucas ficou encarando-a. Ela estava falando sobre aquele homem, aquele espião que tirou sua inocência. Foi ele quem a estragou para a ideia de amor, família ou um futuro, que fosse mais do que uma existência solitária, onde ela ajudava a todos, menos a si mesma. O fato de a perda dessa pessoa ter inspirado tanta amargura, significava que ela o amava.

E um pico de dor e raiva ciumenta percorreu Lucas com esse pensamento. Endireitou-se e a encarou, com um olhar que esperava que mantivesse seu verdadeiro coração escondido.

— É injusto contigo, Diana. — insistiu.

Ela deu de ombros — A vida é injusta, Lucas. Acho que sabe disso melhor do que a maioria. Está decidido. Farei o papel de sua amante e irei acompanhá-lo nessa mudança, para que eu possa continuar a ajudá-lo.

Ele cerrou o maxilar. Não gostava disso, mas ela não estava errada. A maneira mais fácil de fazer isso funcionar era desempenhar esse papel. Desempenhar? Diabos, não era muito diferente de como a tratava. A única diferença entre ela e uma amante era o apoio financeiro que a amante recebia.

Talvez lhe devesse isso tanto quanto lhe devia qualquer coisa. Mas agora não era o momento de pensar nessas coisas. Estaria segura em sua casa, não teria mais que se preocupar em cozinhar ou limpar ou qualquer outra coisa que não fosse seu trabalho. E, como ele estava melhorando a cada dia, até mesmo isso não seria tão cansativo para ela, como havia sido na sua chegada, quase duas semanas antes.

Era melhor assim. Sim. A sensação incômoda em seu estômago se resumia apenas à empolgação de poder continuar seu trabalho.

— Bem, posso não concordar, mas acho que está decidido. — disse — Avisarei aos meus criados, aqui na cidade, que chegaremos em vinte e quatro horas. Isso lhe dá tempo suficiente para se preparar?

Ela engoliu em seco e então seu rosto se transformou. Não era mais sua amante - havia uma espécie de distância ali. Aquela parede que ela havia tentado erguer pela manhã, mas mais alta agora. Mais formidável — Com

certeza, Vossa Graça. Embora isso provavelmente signifique que estarei bastante ocupada até nossa partida, amanhã.

Ela assentiu em sua direção e se dirigiu à saída. Na porta, ela se virou. Ele prendeu a respiração, enquanto ela se esforçava para falar o que pretendia.

— Quero ajudá-lo, Lucas. Farei isso da maneira que lhe parecer melhor. Mas, por favor, não minta para mim novamente, nem esconda o que está fazendo. Por favor.

O segundo “*por favor*” soou trêmulo e mais emocional do que imaginou que ela gostaria. Isso dizia muito a seu respeito. Revelava mais do que ela havia demonstrado, até mesmo quando faziam amor.

Ele assentiu — Talvez eu não possa lhe contar tudo o que estou fazendo. Na verdade, não poderei, mas não lhe mentirei a esse respeito. Não esconderei isso.

Isso pareceu satisfazê-la, pois ela saiu da sala. E o deixou com a sensação de que nada entre eles seria o mesmo.

Capítulo 12

Lucas observava a elegante carruagem que havia sido enviada para buscá-lo. Diana olhava para frente, com um olhar inescrutável e as mãos fechadas no colo. Parecia que estava sendo levada para a forca, não para sua bela casa, que ficava há apenas uma hora da dela, do outro lado da cidade.

Claro que também era assim que se sentia com relação a essa mudança. Não tinha interesse em retornar à casa e à vida ducal. Era isso que vinha evitando há anos. Quase uma década, na verdade. Uma década, desde o momento que destruiu sua vida e expôs as mentiras que havia por trás dela.

— Eles estão acostumados com o fato de que leve uma amante para casa de vez em quando? — Diana perguntou, sua voz suave interrompendo seus pensamentos.

Ele ergueu a cabeça — Eu... — hesitou. Contar-lhe a verdade era revelar um pouco do nervo exposto que era sua família e seu passado. Mas prometeu que não mentiria mais — Na verdade, não venho aqui com frequência. — admitiu.

Ela inclinou a cabeça, surpresa — Mesmo quando está na cidade?

— Tenho uma casa perto de Piccadilly. Prefiro passar meu tempo lá.

— Mas está vindo para cá porque é...

— Mais público. — disse — Isso fará com que pareça ao nosso traidor que desisti de minha vida como espião e mudei para a vida que o dever impõe.

— Depois da extensão de seus ferimentos, suponho que faça sentido. — disse Diana — Já pensou em realmente fazer isso?

— Não tenho interesse em ser Duque de Willowby. — disse, em um tom muito mais áspero do que pretendia.

No entanto, ela não recuou. Em vez disso, inclinou-se, estendendo as mãos para segurar as dele — Mas acontece *que é* o Duque de Willowby.

Ele quase riu. Quase deixou a história toda sair de seus lábios, enquanto ela massageava suas mãos. Felizmente, a carruagem chegou à sua casa e parou. Isso silenciou qualquer confissão tola que pudesse ter saído de seus lábios.

Ele se endireitou e afastou as mãos — E agora desempenharemos nossos papéis.

Ela demorou mais para se recostar e sua expressão ficou perturbada, quando a porta da carruagem se abriu e revelou um lacaio. Ela saiu primeiro, sorrindo para o criado em agradecimento, antes de se virar e ajudá-lo a descer as escadas curtas. Ele viu os criados, que se alinhavam do lado de fora para cumprimentá-lo, trocaram olhares, e suas bochechas se inflamaram.

Quer estivessem se perguntando por que o filho pródigo havia retornado ou se maravilhando por sua perda de destreza física, qualquer das opções era difícil. Não gostava de seus sussurros e julgamentos.

Diana passou o braço pelo dele e sussurrou: — Continue firme.

Ele a olhou, surpreso com o fato de que aquelas duas palavrinhas tenham cortado sua ansiedade e emoção. De repente, preocupou-se um pouco menos com os outros. Ela estava ali e isso bastava.

Ela os guiou escada acima, com o cuidado de fazer parecer que ele estava suportando todo o próprio peso em vez de se apoiar levemente nela, enquanto cumprimentava discretamente os criados. Quando chegaram ao último degrau, o mordomo de seu pai, Jones, os aguardava. Lucas apertou os lábios. Ele e Jones nunca se entenderam.

Mas, para sua surpresa, o mordomo parecia realmente satisfeito em vê-lo — Vossa Graça, que bom tê-lo em casa, sir.

Lucas entrou no saguão e olhou em volta, com um suspiro. Casa. Este lugar nunca foi um lar. Nem nenhuma das propriedades de seu pai. Nunca passou um momento de sua vida se sentindo querido ali. Sentindo-se amado. Havia se endurecido para as reações que esses fatos geravam, mas se lembrava bem deles. Lembrava-se da dor de ser tão jovem e saber que era desprezado por um homem que deveria zelar por ele.

— Jones, — se forçou a dizer — apresento-lhe a Srta. Oakford.

O olhar do mordomo deslizou para ela, e Lucas a sentiu mudar sob o escrutínio. É claro que se mexeria. Ser rotulada como amante era algo com o qual ela dizia ser capaz de lidar, mas não significava que fosse gostar disso.

Mesmo assim, Jones se saiu muito bem. Inclinou a cabeça em sinal de boas-vindas — Srta. Oakford, faremos tudo o que pudermos para garantir seu conforto durante sua estada.

— Obrigada. — disse Diana, com a voz muito baixa e até mansa.

Lucas não gostou, mas continuou — Peço desculpas por ter decidido vir tão repentinamente. Espero que isso não tenha dado muito trabalho para a equipe.

— Não, Vossa Graça, — disse Jones, enquanto pegava suas luvas e chapéus — como sua mãe já estava hospedada aqui, não foi preciso fazer nada.

Lucas enrijeceu — Ah, sim. A duquesa. Ela ainda está na residência?

Agora o mordomo parecia desconfortável — Er, sim, Vossa Graça. Ela está fazendo as malas para se mudar para a casa do dote, mas ainda está aqui. Queria vê-lo quando o senhor...

— Eu a verei. Pode ir, Jones.

Lucas olhou para o saguão quando o mordomo saiu e se deparou com sua mãe. Encolheu-se um pouco ao vê-la. A última vez que a viu foi no funeral de seu pai. Quando ela estava de pé ao lado do caixão, com a neve e a chuva girando em torno de suas peles e seu olhar sombrio se fixou nele. Nunca se sentiu tão perdido em sua vida.

E fugiu.

— Mãe. — disse, afastando-se do calor da presença de Diana e aproximando-se da frieza dela.

Ela se encolheu com aquela palavra. Desviou o rosto por um momento, antes de voltar a se concentrar nele — Voltou para fazer o seu pior, não é? — perguntou com a voz trêmula.

Ele parou de se mover — Para cumprir meu dever. — respondeu, pois isso não era mentira. Só não era o que ela pensou quando essa palavra foi dita.

— Dever. — ela sibilou — O que sabe sobre dever? Arrastará esse título e tudo o que ele representa para a lama, antes de terminar.

Lucas não respondeu, pois aquilo de que o acusava era exatamente o que queria fazer ao longo dos anos. Queimar tudo. Não deixar nada para trás, nem o nome, nem o título, nem o prestígio que fazia parte dele.

Agora era diferente. De alguma forma, havia mudado. Podia não querer ser Willowby, mas não desejava destruir o que Willowby representava.

— Asseguro-lhe...

— Está trazendo sua prostituta para a propriedade ducal.

Atrás dele, Diana ofegou, e ele olhou para a mãe — Talvez seja melhor tomar muito cuidado com quem *chama* de prostituta, *madame*.

Ela se lançou sobre ele. Poderia ter se esquivado, mas não o fez. Deixou que a mão dela batesse em seu rosto, sentiu o calor, a picada, e não se moveu nem se afastou.

— Lucas! — Diana gritou.

Ele ergueu a mão para que ela não se aproximasse ou interferisse. Se era disso que sua mãe precisava, não lhe negaria.

— Por que não pôde simplesmente ficar longe? — sussurrou a duquesa, com um tom áspero, embora houvesse lágrimas em seus olhos.

Ao observar aquele olhar lacrimoso, viu tudo pelo que ela havia passado em sua vida. Tudo pelo que o fez passar, também. Ele inclinou a cabeça — Sinto muito. — disse suavemente, mas com firmeza.

Seus lábios se entreabriram, quase em surpresa. Sua expressão relaxou um pouco e ela sussurrou: — Suponho que todos nós sentimos. Agora estou indo para a casa do dote. Adeus.

Em seguida, passou por ele. Passou por Diana, sem sequer olhá-la. Saiu pela porta da frente, em direção à carruagem que acabava de ser esvaziada. Gritou uma ordem em um tom trêmulo e partiu.

Por um momento, tudo ficou em silêncio. O único som era o tique-taque do grande relógio no saguão, contando os segundos intermináveis, desde que sua mãe o atingiu.

Finalmente, Diana deu um passo à frente — Oh, Lucas. — sussurrou, enquanto pegava gentilmente sua mão.

Olhou-a. Não havia pena em seu rosto, não como muitos teriam demonstrado, ou o interesse fofoqueiro que os aristocratas de seu convívio teriam expressado. Havia apenas compreensão, muito mais profunda do que antes de chegarem aqui.

Havia apenas empatia.

Parte dele queria se apoiar nisso. Deixar que se envolvesse com ele,

sangrasses a angústia como tantos curandeiros menos talentosos haviam tentado sangrar seu ferimento e sua dor. Queria que ela preenchesse os buracos em seu coração e em sua alma.

Mas não podia. Retirou sua mão da dela e disse: — Tenho algumas cartas para escrever. Jones! — o mordomo apareceu, antes que Diana pudesse responder — Leve a Srta. Oakford para o quarto que solicitei em minha carta. Obrigado.

Então virou-se e saiu, antes que qualquer um deles pudesse comentar ou ver quão profundamente ele havia sido afetado. E o quanto tinha a lamentar.



Diana andou de um lado para o outro, no cômodo que lhe foi designado, mas isso não a ajudou a queimar a energia nervosa que sentia. Havia muitas coisas acontecendo em sua mente, para que se sentisse calma ou racional.

Em primeiro lugar, a câmara era um palácio. Era quase do mesmo tamanho de sua casa de campo inteira. Sentiu-se como se tivesse encolhido e agora não teria como escapar. Também era muito elegante, até mesmo para a amante que fingia ser. Tudo era prata de lei, flocos de ouro, musselina fina e seda. Estava tão acostumada com o simples e o útil, que qualquer coisa além disso lhe parecia quase estranha.

O que também lhe era estranho era o fato de o quarto de Lucas ser conectado ao dela por uma antecâmara. Descobriu esse fato quando ficou sozinha, nessa casa-museu. Quando abriu a porta, encontrou duas criadas guardando as coisas dele. A maneira como pararam de falar quando ela entrou no quarto, deixou claro sobre o que estavam fofocando.

Afundou-se na cadeira mais próxima e cobriu os olhos. Disse a ele que poderia lidar com tudo isso, mas agora questionava essa afirmação, feita com toda a bravata de uma mulher que não sabia no que estava se metendo.

Mas poderia lhe contar isso? Não, claro que não. Em primeiro lugar, porque teria de admitir que ele estava certo. Em segundo lugar, porque ele tinha problemas muito maiores para resolver.

Estremeceu ao pensar na cena com a mãe dele, no saguão. Tinha poucas lembranças de sua própria mãe, mas todas eram calorosas, suaves e gentis. Ver a Duquesa de Willowby atacar o filho com toda a força, e o fato de Lucas ter permitido que o fizesse, machucou seu coração de uma forma profunda e poderosa. A mulher nem sequer perguntou a respeito de sua claudicação, como se não se importasse com o fato de seu único filho estar ferido, quase ter morrido.

As mãos de Diana tremeram de empatia e raiva por ele. Havia tanta coisa sobre o homem que não sabia, não podia entender, porque ele a deixava fora de sua vida e de seus segredos. Seu corpo? Ah, esse era dela. Não tinha dúvidas de que poderia ter seu corpo a qualquer momento.

Mas sua mente? Sua alma? Seu coração? Seus segredos?

Esses estavam fora dos limites.

— Suponho que uma amante seja a melhor maneira de me descrever. —

murmurou — Ou como sua mãe me chamou: uma prostituta.

A ideia era dolorosa, pois, quando Lucas a tocava, sentia muito mais do que isso entre eles. Mas colocou isso de lado. Estava aqui para ajudá-lo. No momento, ele devia estar debruçado sobre uma mesa, com os músculos tensos e doloridos.

Então precisava ir até ele. Isso era tudo o que havia para fazer. Não para lhe pedir que falasse com ela. Sabia que não deveria fazer isso. Mas apenas para... ajudar. Só queria ajudar.

Saiu da câmara e abriu caminho pela propriedade. De alguma forma, encontrou as escadas, mas logo se perdeu nos corredores e portas que pareciam não levar a lugar algum.

Como alguém poderia se acostumar com essa vida?

Não tinha resposta para isso, mas não precisava, pois, ao virar mais uma esquina, descobriu uma porta aberta, à frente. Viu o brilho da luz da lareira refletindo na madeira e suspirou ao se aproximar.

O que encontrou foi um escritório. Ao entrar no cômodo, sentiu o cheiro de charutos velhos e lenha queimada, há muito tempo. O cômodo era pomposo e abafado, nada parecido com o homem que estava sentado atrás da enorme escrivaninha de mogno, nos fundos. Lucas estava debruçado sobre ela, rabiscando uma nota com uma enorme pena, que colocava e tirava do tinteiro ao seu lado, sem se importar com as gotas que arrastava pela página.

— Lucas? — disse suavemente.

Ele se sobressaltou e levantou a cabeça para olhá-la. Pela primeira vez, desde que o conheceu, estava despojado de seus limites, de seus muros, de todo o treinamento que recebeu como espião e que o mantinha seguro e distante de qualquer coisa desagradável ao seu redor. Sua dor era evidente, em todos os ângulos de seu belo rosto. Era mais profunda do que uma simples lesão física e ela a compreendia em seu âmago.

Era semelhante à sua própria dor. Imagens espelhadas, provocadas pelo que ela supunha serem circunstâncias muito diferentes.

— Não quero falar sobre nada. — disse, enquanto aquecia um bastão de cera sobre a vela ao seu lado. Lacrou a carta, selando-a rapidamente, e se levantou.

— Não? — perguntou, acompanhando cada movimento inquieto dele, enquanto contornava a escrivaninha, com a carta na mão, em sua direção — Isso é bom. Nem eu.

Ele respirou fundo e perdeu um pouco da energia. Aos poucos, começou a se transformar no homem que ela conheceu, aquele a quem se entregou. Não era mais o duque relutante, nem o filho indesejado. Apenas Lucas.

— Então, o que quer? — perguntou, e, pelo seu tom, sabia muito bem o poder e o duplo significado daquelas palavras.

Ela hesitou, pois a ideia de tê-lo, de fazer amor com ele, era realmente tentadora. Especialmente porque havia passado a noite anterior em sua própria cama, separada dele, porque sabia que essa coisa entre eles estava saindo do

controle.

Mas, no momento, não tinha certeza de que sexo era o que ele precisava. Pelo menos não a única coisa de que precisava.

— Quero caminhar. — respondeu.

Seu semblante caiu tão rapidamente que foi quase cômico, e teve que conter uma risada diante da expressão — Diana... — começou.

Ela ergueu a mão — Por ordens médicas.

Viu como ele queria discutir. Como queria recusar sua sugestão. Mas então apenas suspirou e ergueu os braços, quase em rendição — Muito bem.

Ela recuou — Isso é tudo? Muito bem? Não vai me dar um sermão sobre como isso não é o que deseja fazer?

Ela o olhou com atenção — Nunca dei um sermão em minha vida.

Agora ela não pôde deixar de sorrir, enquanto cruzava os braços — Nunca?

— Tudo bem. — deslocou seu peso — Uma ou duas vezes. Mas discutir contigo? Aprendi que essa é uma tarefa infrutífera. Deixe-me chamar Jones e entregar-lhe isto, e então iremos para os jardins de Willowby.

Notou que ele disse “os jardins de Willowby”, e não seus, separando-se mais uma vez do título que possuía. Mas não fez nenhum comentário quando ele se aproximou da sineta ao lado da porta. Para seu prazer, tocou-a com o braço machucado, e não com o bom. E, embora o tenha visto flexionar os dedos e sacudi-los um pouco depois de fazê-lo, sua reação não foi nada parecida com a dor que demonstrou, apenas duas semanas antes, quando chegou às suas mãos.

Parte dela estava feliz por esse fato, é claro. Aliviar sua dor, mesmo que só um pouquinho, era uma vitória que desfrutaria pelo resto de sua vida.

Mas a outra parte sentia algo mais sombrio, mais agudo e mais profundo. Parte dela sentia um grande terror ao vê-lo funcionar tão bem fisicamente. Porque logo não teria mais motivos para estar ao seu lado.

Em breve, perderia essa ligação entre eles, essa conexão que era tão tênue e, às vezes, perfeita. E isso era algo que precisava aceitar, ou se arriscaria a perder mais do que desejava considerar.

Capítulo 13

Lucas guiou Diana por mais um caminho, no vasto jardim atrás de sua casa, mas não estava avaliando a beleza ao seu redor. Não, havia algo muito mais agradável que se intrometia em sua mente. O calor dela ao seu lado, a sensação dos dedos dela na parte interna de seu cotovelo, quando os pressionava ali, o cheiro de seus cabelos, algo quente e doce, que chegava às suas narinas e lhe trazia... paz.

E havia a admiração de olhos arregalados em seu rosto enquanto ela olhava para tudo ao seu redor. Sua expressão quase conseguia fazer com que um homem deixasse de odiar o lugar.

— É magnífico. — exclamou finalmente, com as palavras quase incertas, como se não fossem as adequadas.

Ele se forçou a olhar em volta e depois deu de ombros — Não é tão maravilhoso quanto o seu jardim.

Soltou o braço e virou-se para ele com uma expressão de puro choque no rosto — Como pode dizer isso? — avançou alguns passos, com as mãos entrelaçadas — As fontes, as árvores, as flores... aquela sebe é aparada no formato de um coelhinho?

Ele não pôde deixar de sorrir com seu entusiasmo — Sim, um coelhinho. Acho que há sebes de esquilos, de veados e de pássaros também.

— Maravilhoso! — disse, e bateu palmas, com a admiração de uma criança.

— Nunca estive em um jardim como este? — perguntou — Estou bastante surpreso, considerando a predileção de seu pai por plantas.

Olhou-o — Em primeiro lugar, o interesse de meu pai era por plantas puramente medicinais. Ele achava que esse tipo de coisa era bobagem. Beleza ou outras noções frívolas não o atraíam muito.

Lucas inclinou a cabeça — Admito que Oakford era muito pragmático.

— Quanto a vir a um lugar como esse, como eu poderia ser convidada? Meu pai pode ter conhecido homens muito importantes, mas eu não fazia parte do grupo deles. Nem ele, para falar a verdade. Era um comerciante, de certa forma, prestando serviços para seus superiores. Não éramos exatamente convidados para festas no jardim.

Lucas franziu a testa. Estava tão distante desse tipo de vida, há tanto tempo, que quase havia se esquecido do esnobismo envolvido. Suspirou antes de falar — Suponho que tenha razão.

— Claro que tenho. — seu olhar se desviou — Pertencemos a mundos muito diferentes, Vossa Graça.

Ele inclinou a cabeça, enquanto aquelas palavras penetravam em seu corpo, de uma forma que duvidava que fosse sua intenção — Oh, Diana, viu minha

mãe. Depois de testemunhar aquela pequena cena entre nós, acha que *algum dia* eu pertenci a este lugar?

Ela respirou fundo e se virou para encará-lo. Lá estava sua empatia novamente, totalmente à mostra. Tão calorosa e curativa quanto o sol acima deles.

— Sinto muito, Lucas. — disse ao se aproximar dele com cautela. Ergueu a mão e colocou a palma em seu rosto. Ele se inclinou para ela, sentindo seu calor, sua bondade e sua força. Precisava de tudo naquele momento, e ela não o decepcionou.

— Assim como eu. — disse suavemente.

Pensou que ela poderia questioná-lo, mas, em vez disso, passou a mão pelo seu braço e o guiou novamente para a frente, passando pela enorme fonte de Zeus, que seu pai tanto amava, e indo mais longe no jardim.

Ficaram em silêncio por um tempo, mas era um silêncio confortável. Finalmente, ela o olhou — Para quem estava escrevendo? Se isso não revelar segredos do império, é claro.

Ele sorriu com o tom de provocação que voltou à sua voz. Descobriu que gostava quando as coisas eram fáceis assim. Muito melhor do que quando eram repletas de dor ou traição.

— Nenhum segredo de Estado, exceto que eu obviamente preciso espalhar a notícia de que estou de volta à Sociedade e me recuperando de meus ferimentos.

Ele sentiu sua hesitação. A ansiedade pareceu flutuar entre eles, por um instante. Mas sua voz estava firme quando disse: — Entendo.

— Escrevi para meu amigo Simon. Er, o Duque de Crestwood. Um dos membros do meu clube de duques, sobre o qual me perguntou. Ele é a nossa borboleta social. Se ele sabe, então, todo mundo logo saberá.

— Seu clube de duques. — disse com um pequeno sorriso — Admito que tenho me interessado por esse assunto desde que meu pai o mencionou pela primeira vez. Deve ser o mais jovem em meio a um grupo de homens de meia-idade e idosos.

— Eu *sou* o mais novo. Mas eles não têm nada de antiquados. Houve um período estranho de anos em que todos os duques, velhos e jovens, tiveram filhos, herdeiros, ao mesmo tempo. Estamos todos em um intervalo de cinco anos um do outro.

Ela balançou a cabeça — Esse grupo deve causar um grande alvoroço entre as damas.

Ele riu — Para falar a verdade, eu realmente não sei. Entrei para o serviço militar quando me tornei elegível e depois para o Departamento de Guerra. Minha experiência como duque na Sociedade é limitada. Mas presumo que eles estejam partindo corações, embora vários de meus amigos já estejam casados. Até mesmo com famílias.

— Suponho que esteja na idade também. — disse, seu tom subitamente distante — Como se formou esse grupo?

Ele virou ligeiramente o rosto. Ela estava se concentrando em um assunto que certamente achava que lhe seria mais fácil do que discutir o terrível relacionamento que tinha com a mãe. Mas, de certa forma, esse assunto era igualmente difícil.

E, no entanto, viu seus lábios se moverem, apesar de seu longo desejo de manter seus segredos guardados a sete chaves. Diana simplesmente inspirava honestidade — Quase todos nós tivemos... pais ruins. — disse suavemente — Então, prometemos ajudar uns aos outros a navegar pelas águas de nossos futuros deveres. Tornamo-nos amigos rápidos e sei que poderia contar com qualquer um deles, para qualquer coisa que eu pedisse.

Quando ele ficou em silêncio por muito tempo, ela disse: — Mas?

Ele parou no caminho e a encarou — Supõe que haja um “mas”?

— Posso dizer que há.

Seus ombros curvaram-se diante da derrota e da vergonha que sentia em seu coração — Eles não poderiam dizer o mesmo sobre mim. Não sou um... bom amigo. Afastei-me deles. Quase não posso mais ser chamado de um dos seus. Na verdade, não tenho ideia se Simon ou qualquer um dos outros vai querer me ver.

— São amigos desde crianças. — disse ela — Tenho certeza de que esse homem ficará feliz em receber notícias suas, especialmente se a ausência foi longa. E sempre poderá voltar para eles, Lucas.

— Não sei. — disse, e desviou os olhos para o outro lado do jardim — É complicado.

— Tenho certeza de que é. *Você* é, aprendi isso no pouco tempo que convivemos. — sorriu gentilmente — Mas não há nada permanente, até que se torne. E os arrependimentos são difíceis de suportar quando não há mais reparações a serem feitas.

A dor era óbvia em seu rosto e no tremor de sua voz. Ele pegou sua mão e passou o polegar sobre a carne macia — Está pensando em seu pai.

Ela assentiu — Sim. Havia coisas que deveríamos ter dito, eu acho. Agora, nunca mais o farei.

Lucas respirou fundo. Sim, ele mesmo tinha coisas que gostaria de ter dito a Oakford — Eu gostaria de visitá-lo. Ele foi enterrado aqui em Londres?

Ela prendeu a respiração, e ele viu como isso era difícil. O quanto isso a cortava, queimava, destruíra de dentro para fora. Mais uma vez, sua culpa aumentou, mais dolorosa do que qualquer ferimento que tenha sofrido.

— Não. — respirou dolorosamente — Houve um culto aqui, para os membros do departamento, privado e pequeno. Mas seu corpo foi levado de volta para nossa casa de campo. Eu queria... vê-lo. — virou o rosto — Mas Stalwood não permitiu.

Ele recuou — Por quê? — perguntou, e já podia ver o quão terrível era a resposta.

Ela engoliu em seco — Stalwood não te contou?

Ele negou lentamente e mal conseguiu respirar o suficiente para sussurrar:

— Não.

— O corpo dele foi... mutilado, Lucas.



Diana observou enquanto Lucas recuava, cambaleando para trás, com um olhar de dor no rosto, que a deixou muito abalada. Isso a fez reviver seu próprio horror e dor quando lhe disseram que não poderia ver o rosto de seu pai, uma última vez.

— Não! — ele gritou — Não!

Ela pegou seu braço e o guiou até um banco, onde ele se sentou pesadamente e colocou a cabeça entre as mãos. Por um longo tempo, ficou em silêncio. Tão silencioso, que ela se sentou ao seu lado e colocou a mão em suas costas, fazendo círculos lentamente sobre o plano musculoso.

— Quando? — ofegou.

— Não sei. — sussurrou — Stalwood não me contou muito sobre isso. Presumi que ele tivesse sido atingido na... na cabeça.

Ele franziu os lábios — Não. Não, não foi. Aquele bastardo fez isso a ele, danificou seu corpo. Mas por quê? Por que ele faria uma coisa dessas? E apenas com Oakford, quando havia tantos outros que poderia ter destruído.

Ele parecia estar falando sozinho agora, e ela balançou a cabeça — O que quer dizer com outros?

Lucas estremeceu sob a mão dela e olhou para cima, com o rosto abatido — Eu não lhe deveria contar. — sussurrou — Se não viu isso nas minhas anotações que encontrou em sua casa, eu não deveria deixá-la com essa imagem.

— Eu quero saber.

Ele limpou a garganta — Nosso traidor matou todos os criados, qualquer um que pudesse identificá-lo.

Ela se encolheu com aquela notícia brutal — E-eu não sabia disso.

— Contaram-me depois. — Lucas balançou a cabeça — Eu estava deitado ali, morrendo ao lado de seu pai. Havia centenas de outras coisas que aquele homem tinha que fazer, antes de fugir da cena do crime. Por que ele pararia para mutilar Oakford?

Seu estômago revirou — Não sei.

Ele estremeceu, como se estivesse percebendo, mais uma vez, como isso era horrível para ela — Oh, Diana. Sinto muito. Já lhe tiraram tanta coisa e agora isso.

Ela se arrepiou. Às vezes era difícil não ter essa mesma reação. Não contabilizar o custo da vida que seu pai havia vivido, de todas as formas que ela havia destruído ou alterado a sua própria. Mas, hoje, não sentia nada disso. Hoje, apenas olhava para o homem ao seu lado e queria aliviar um pouco de sua culpa.

— Há *um pequeno* memorial em nossa casa, aqui em Londres. — Bem no fundo do jardim. É claro que seu corpo voltou para casa. Tento não pensar no que foi feito com ele. Em vez disso, me concentro em onde seu espírito

está. Sua alma. Livre e, espero, com minha mãe.

— Essa é uma boa maneira de pensar nisso e, se isso lhe dá paz, peço que se apegue a essa noção. — disse Lucas — Mas isso não elimina minha culpa ou minha dor. Nem deveria.

— Lucas...

Ele se levantou e se afastou. Passou a mão pelo cabelo, bagunçando as longas mechas, o que lhe deu aquele ar de pirata.

— Sinto muito. — interrompeu — Sinto muito, Diana. E, se me odeia, então não mereço menos. Eu certamente não mereço e não mereci o cuidado que teve comigo.

Ela ofegou e se aproximou dele em três passos largos — Pare com isso! Pare com isso agora mesmo.

— Eu...

Ela ergueu a mão para cobrir seus lábios, passando o polegar suavemente sobre sua boca — Eu o ouvi falar sobre sua responsabilidade nesse assunto, várias vezes, durante as duas semanas em que estivemos juntos, Lucas. Já lhe disse isso antes, mas quero que realmente me escute agora: meu pai fez suas próprias escolhas.

— E se eu...

— Pare! — insistiu — Por favor. Se não tivesse, se ele não tivesse se eu não tivesse... há milhares de outras coisas que poderiam ter acontecido conosco, se tivéssemos virado à esquerda em vez de à direita, ou ido a algum lugar um pouco mais tarde, ou mais cedo. Ficará louco se viver em um mundo de possibilidades, em vez de encarar o que realmente aconteceu. Ele escolheu ajudá-lo. Morreu. Eu odeio isso. Eu odeio mesmo. — percebeu que as lágrimas estavam começando a se acumular em seus olhos e piscou rapidamente para afastá-las — Odeio o fato de ele ter morrido. Mas estou me conformando com isso. E deveria fazer o mesmo.

Ele a encarou por um longo momento. Longo o suficiente para que ela se sentisse desconfortável com sua atenção, especialmente quando não tinha ideia de quais eram os pensamentos em sua cabeça. Foi dura com ele, incisiva. Ele poderia rejeitá-la, agora que estava voltando ao papel de duque, e não precisava aceitar isso de ninguém abaixo dele.

Mas, por fim, ele estendeu a mão e tocou seu rosto — É uma pessoa muito melhor do que eu jamais poderia ser, Diana Oakford. Tenho sorte em conhecê-la.

Respirou fundo com aquele elogio inesperado e o calor que a invadiu. Ele conseguia deixá-la entusiasmada com apenas algumas palavras, um olhar, um toque. Podia fazer com que se sentisse pertencente a ele, mesmo que não fosse, não pudesse ou nunca pertenceria ao seu mundo. *Qualquer* mundo que habitasse, fosse um duque ou um espião, ou ambos.

— Vamos entrar. — ele sussurrou.

A aspereza em sua voz era inegável. O modo como a olhava era ainda mais. As emoções do dia começaram a se dissipar, substituídas por algo

quente, sombrio, perverso e apaixonado. Algo que ela queria para aliviar sua dor e a dele.

— Entre. — repetiu — Mas só se desejar.

— Vai me tocar se eu entrar? — perguntou, sentindo suas bochechas escurecerem ao fazer isso.

Ele assentiu lentamente — Oh sim, vou tocá-la, Diana. Porque eu preciso. Eu a quero. E acho que o que nós dois precisamos, agora, é esquecer. Me ajudará a esquecer?

Estendeu a mão e ela a pegou, sem hesitação — Sim. — sussurrou.

Capítulo 14

Diana olhou para a mão de Lucas, com seus dedos entrelaçados nos dela, e estremeceu quando abriu a porta de seu quarto. Ele a conduziu para dentro e observou enquanto se afastava dele.

— Quando entrei, mais cedo, fiquei tão envergonhada com as expressões de entendimento dos criados, que nem olhei em volta. — disse ao fazer isso.

Lucas fechou a porta atrás de si e se encostou nela — Entrou aqui, mais cedo?

Assentiu enquanto o olhava — Sim. Eu... eu não sabia que nossos quartos eram interligados.

Ele arqueou uma sobrancelha — Esse é um dos melhores benefícios de fingir ser minha amante. Pedi que fôssemos colocados em quartos adjacentes. Então, o que acha da câmara?

Deu de ombros — É agradável, é claro. Mas não é realmente... o seu estilo, é? É tão abafado e formal e... e...

— Azul. — disse, olhando ao redor e para a explosão de centáurea que os cercava — É muito azul. E não, não é meu estilo. Mas nada nesta casa é, de fato. Minha mãe a decorou após seu casamento com meu pai. Ela gosta de enfeites.

Ela franziu a testa ao ouvir a menção a sua mãe, sua mente voltando àquela cena horrível no saguão, mais uma vez. Nunca tinha visto um dos pais ser tão cruel com o próprio filho. Perguntava-se o que teria causado aquilo.

Ele sorriu levemente, mas a expressão estava carregada de tristeza — Por favor, não me pergunte sobre ela. — sussurrou — Não agora.

Ela balançou a cabeça lentamente — Não o farei. Neste momento, eu quero isso...

Aproximou-se dele, segurando suas bochechas, enquanto se inclinava e pressionava seus lábios contra os dele. Os braços dele a envolveram, puxando-a com força contra o peito. Derreteu-se ao sentir seu calor aproximando-a mais. Ele a atraiu para si, tornando-a segura e completa.

Ele angulou a cabeça, inclinando a boca contra a dela, introduzindo a língua, saboreando-a e esvaziando sua mente de todos os pensamentos, exceto o de levá-lo para aquela cama.

Ela levou as mãos a sua jaqueta e rapidamente a abriu. Quando ele a tirou, sorriu, pois a expressão de dor que sempre acompanhava a ação estava muito mais tênue. Estava se curando e isso fez seu coração disparar.

Mas foi seu corpo que assumiu o controle, quando ele deslizou as mãos para seus cabelos, seus dedos se apertando contra o couro cabeludo, enquanto soltava o coque que ela havia feito às pressas, naquela manhã. Prendedores se espalharam ao redor de seus pés e ela se arrepiou com o toque íntimo que era

tão inocente e tão perverso ao mesmo tempo.

— Adoro seus cabelos. — murmurou, pressionando o rosto contra as mechas — Adoro a aparência e o cheiro, adoro a sensação dele em minha pele. Como seda.

Ela corou e pegou sua mão, conduzindo-o pelo quarto imenso, em direção à cama enorme, na parede do fundo. Ele sorriu, cedendo à sua liderança nesse momento, embora ela visse em seus olhos que não tinha intenção de deixar que seu controle continuasse.

Aguardava ansiosamente o momento em que ele finalmente o roubaria dela.

Quando chegaram à cama, ele começou a desabotoar seu vestido. Fez isso lentamente, sustentando seu olhar, enquanto passava cada botão por seu orifício e, em seguida, abria gentilmente o tecido grosseiro do vestido simples. Os dedos dele roçaram sua clavícula, e seu peito, enquanto o fazia, e ela não conseguiu conter um pequeno suspiro de prazer ao sentir a pele contra a pele.

Ficaram apenas uma noite separados, mas parecia uma eternidade. E isso era voltar para casa.

Ele tirou o vestido de seus ombros e desceu pelos braços, depois se afastou e a olhou. Seus olhos estavam arregalados, como se nunca a tivesse visto assim antes. Ela corou com a atenção, virando o rosto para que ele não visse o quanto seu olhar a comovia. Transformava-a. Fazia com que ela desejasse mais do que jamais lhe seria possível nesta vida.

— Sempre me deslumbra. — disse suavemente, enquanto enganchava os polegares através do tecido caído do vestido e o afastava, deixando-a apenas com o chemise — Fico deslumbrado com o quanto é perfeita, em todos os sentidos

Ela negou — Não sou perfeita, lhe asseguro.

— Não há nada além de perfeição aqui, Diana. — sussurrou, segurando seu queixo e inclinando seu rosto em direção ao dele. Seus olhos estavam escuros e intensos, dilatados de desejo, mas também concentrados naquela expressão pesada que só tinha quando estava concentrado em algo que queria.

Hoje era ela.

Ela se ergueu na ponta dos pés e encostou a boca na dele. Então, as palavras se dissiparam. Sua lenta sedução terminou e o beijo se aprofundou, com uma súbita urgência e intensidade. O desejo tomou conta, a necessidade dominou, e estremeceu quando ele tirou sua roupa íntima, com muito mais rapidez e propósito do que havia feito com seu vestido.

— Vá para a minha cama. — ordenou, de repente, o senhor da mansão, de repente, o duque.

Não havia como negar essa ordem, pois era uma ordem, não um pedido. Posicionou-se em seus travesseiros e observou, com um olhar semicerrado, enquanto ele se despiu. Demorou mais do que acreditava que ele queria, mas o fez por conta própria e, finalmente, ficou nu à sua frente.

Ela ficou olhando, como sempre fazia. Era um espetáculo, isso ninguém

podia negar. Desde os ombros largos, marcados por uma cicatriz terrível, deformada e saliente, que estava se curando lentamente, até os quadris estreitos e as coxas fortes, marcadas novamente pelos horrores pelos quais ele havia passado. Era tão perfeito quanto dizia que ela era. Perfeito e delicioso.

Queria saboreá-lo.

Ele sorriu quando ela ergueu o dedo e o chamou. Ele se sentou ao seu lado e ela imediatamente se virou para cobri-lo. Ele arqueou uma sobrancelha — Acha que pode controlar isso? — provocou.

Ela estendeu a mão entre eles e acariciou seu pênis, já duro — Sei que posso.

Ele fechou os olhos e se arqueou contra ela, enquanto continuava a acariciá-lo. Repetidamente, de forma gentil, mas firme. E, conforme fazia isso, deslizou por seu corpo até seu pênis, para que pudesse abaixar a boca e abocanhá-lo.

Seus olhos se abriram e ela encontrou seu olhar selvagem sem hesitar, enquanto o chupava.

— Diana. — ofegou, suas mãos descendo até ela. Pensou que ele poderia afastá-la, mas, quando o levou mais fundo, enroscou os dedos em seus cabelos e soltou um longo e baixo xingamento.

Ela sorriu e começou a bombear a boca, lentamente, deleitando-se com sua dureza contra a língua. Com o gosto e o cheiro dele. A forma como seus quadris se flexionavam contra ela, empurrando-se ainda mais para dentro de sua garganta. Incluiu a mão no tormento, acariciando a parte dele que não conseguia alcançar com a boca, enquanto começava a estabelecer um ritmo que o levaria à plenitude.

Ela queria isso. Sentir o sabor daquele momento em que ela roubou seu controle e o conquistou, de uma forma que não poderia ser mudada ou esquecida, mesmo quando não estivessem mais juntos. Ela se moveu em sua direção, com um impulso cada vez maior, e o sentiu começar a ficar tenso, com os movimentos de sua mão e boca. As pernas dele se enrijeceram sob ela, os pés se flexionaram, enquanto aumentava o ritmo, passando a língua ao redor da circunferência do pênis, a cada movimento para baixo.

Ele estava perto de se liberar e ela se viu pressionando contra a cama, enquanto o tomava, com o corpo em chamas pelo poder que lhe permitia. Pela sensação de lhe dar prazer. Pelo sabor de seu corpo, à medida que ele se aproximava cada vez mais do fim.

— Diana, eu não posso... eu vou... — balbuciou, tentando afastá-la com os dedos.

Ela os ignorou, chupando com mais força e rapidez, e ele gritou alto, antes de explodir. Ela aproveitou cada impulso, ávida em seu desejo, por seu sabor salgado e doce. E somente quando ele caiu para trás, com a respiração difícil e irregular, permitiu que se soltasse.

Sorriu para ele, exausta de prazer. Seu próprio corpo ainda zumbia de desejo, latejante e úmido, mas, vê-lo de joelhos valeu muito a pena.

Ela se moveu para se deitar ao seu lado e seus olhos se abriram — Oh, acha que já acabou, não é? — perguntou, com um tom totalmente perverso.

Ela inclinou a cabeça — Acho que acabei contigo, Vossa Graça.

— Nem pela metade. — disse, e agarrou seus braços. Ergueu-a, enquanto se inclinava para baixo, até se deitar na cama. Ela esperava que a puxasse para um beijo, mas não o fez. Moveu-a mais para cima de seu corpo, até que ela se deitou em seu peito.

— O que... — sussurrou, finalmente entendendo — Não vou esmagá-lo?

— Oh, como isso é bom. — falou lentamente, levou-a mais longe, até que estivesse posicionada sobre sua boca. Ela agarrou a cabeceira da cama com as duas mãos e ofegou, quando ele abriu suas dobras e a lambeu gentilmente. Depois, não tão gentilmente.

Ela se afundou, cavalcando sua língua, encontrando prazer a cada trago, a cada toque, a cada momento que provava que ele conhecia seu corpo e o que queria e precisava. O fato de que conhecia tornou mais fácil para ela se soltar. E quando o fez, o prazer que começou a se formar, quando ele pressionou a língua contra ela, explodiu e convulsionou sobre ele, sacudindo-se, enquanto se agarrava à cabeceira da cama, e gemia o nome dele repetidamente.

Por fim, desabou para o lado, enrolando-se nele, sentindo seus braços a envolverem, enquanto continuava a sentir as ondas de sensações se dissipando por todo o seu corpo.

Ele não disse nada, pelo menos no início. Em vez disso, apenas passou os dedos por seus cabelos, um movimento suave e rítmico, que a ajudou a descer lentamente das alturas de liberação que ele inspirava, toda vez que a tocava.

Não tinha ideia de quanto tempo havia se passado, quando se apoiou no cotovelo e olhou para o belo rosto dele — Está progredindo muito, Lucas.

A sombra de um sorriso cruzou seu rosto — Julgando meu desempenho e com tanto... entusiasmo. — brincou — Isso me faz pensar que tenho que provar-lhe meu valor novamente.

Ela riu e bateu de leve em seu peito — Não foi um julgamento de seu desempenho. Eu quis dizer que posso ver como está se movendo com muito mais facilidade, como a dor se reflete muito menos em seu rosto, com algumas ações que executa.

Ele deu de ombros com seu ombro bom — Sei que tem razão. Não posso dizer que ainda não estou frustrado com o que não posso fazer. Vejo que há cada vez mais coisas que consigo fazer. Mas é difícil não... não ser o homem que já fui. Não saber se algum dia voltarei a ser.

Assentiu e estendeu a mão para traçar a linha de seu maxilar, com a ponta do dedo — Só posso imaginar como isso é difícil.

— Mas é a única responsável pela minha recuperação.

O calor inundou suas bochechas e ela virou o rosto — Acho que não inteiramente.

— Bem, assumo total responsabilidade por *sua* recuperação. — disse ele.

Ela voltou a olhá-lo — Minha recuperação? Do que está falando?

— Queimou-se, há quase duas semanas, e veja só. — pegou a mão dela e a levantou, mostrando que a pequena queimadura havia desaparecido há muito tempo — Tudo isso graças a mim e às minhas magníficas habilidades médicas.

Ela não pôde deixar de rir, apesar do fato de que, ao abordar o assunto, sua mente voltou para aquele dia em sua cozinha e em como ele havia misturado o cataplasma que necessitava e, em seguida, enfaixado sua mão dolorida — Na verdade, tenho pensado naquele dia com frequência. — disse — Mas não por causa de suas habilidades superiores.

— Me feriu, madame. Eu acreditava que tinha um futuro e acabou com minhas esperanças.

Ela balançou a cabeça — Brinca, mas tenho certeza de que, caso se dedique aos estudos, poderá se tornar um bom médico. O dever de um cirurgião está relacionado aos detalhes e sua atenção a eles é excelente. O que me leva a uma pergunta.

Ele assentiu, e a provocação desapareceu de seu comportamento — Claro. Em que posso ajudá-la?

— Naquele dia, amarrou o envoltório em minha mão, de uma maneira muito especial.

Ele assentiu — Sim. Foi especial.

— Como aprendeu essa técnica?

Uma sombra cruzou sua expressão, e ele se recostou nos travesseiros e olhou para o teto, por um momento, como se estivesse reunindo seus pensamentos. Como se essa resposta fosse mais complicada do que ela imaginava.

— Quando acordei de meus ferimentos, havia passado quase vinte e quatro horas do ataque. — explicou lentamente — Eu queria me levantar e ir trabalhar, mas, quando tentei, estava paralisado de dor e incapaz de suportar até mesmo um pouco de peso para ficar de pé.

Ela inclinou a cabeça — É claro que tentaria, apesar de quase ter sido morto.

— Somos quem somos, não é? — disse, com um sorriso irônico — O cirurgião insistiu que eu não poderia me levantar e, por um mês, não o fiz.

— Deve ter sido muito frustrante. — disse suavemente. Esse homem, esse homem vibrante, exasperante e ativo, não teria suportado ficar confinado a uma cama. Só conseguia imaginar como ele deve ter se comportado terrivelmente.

— Achei que poderia enlouquecer. — admitiu — Tentavam me dar coisas para me entreter, mas eu estava meio louco com lúidano, e sabe Deus o que mais. E tudo em que eu conseguia pensar era naquele dia. Seu pai. O som dos tiros cortando o ar.

Ele parou, e ela estendeu a mão para cobrir a dele — E o nó? — incentivou-o, levando-o de volta ao curso, com a maior gentileza que conseguiu reunir.

Ele balançou sua cabeça — Claro, desculpe. Naquele primeiro dia, quando trocaram meu curativo ensanguentado, deixaram-no ao lado da minha cama. Tudo o que eu podia fazer era ficar olhando para aquele nó. Era... intrincado. Então, comecei a praticá-lo, várias vezes. Até que consegui dominá-lo.

Ela apertou os lábios e tentou não deixar que seus pensamentos escapassem. Era quase impossível, quando essa informação levava a mais perguntas do que respostas.

— Seu cirurgião foi treinado pelo meu pai?

Lucas sentou-se ligeiramente. A sensualidade preguiçosa que fluía entre eles antes havia desaparecido. Ele estava concentrado novamente, fitando-a, com um interesse agudo e perspicaz.

— Não. — disse lentamente — Não o primeiro. Ele foi companheiro de seu pai, mas não seu aluno. Acho que seu nome era Yates.

Diana fez uma careta, pois conhecia o homem — Teve sorte de não ter sido morto. Meu pai lhe tinha muito pouca consideração. Mas, como ele poderia saber?

— Sabe o que? — inclinou-se — O que levou a esse interrogatório?

— O nó. — explicou — É provável que não seja nada, mas eu só vi meu pai fazer esse nó. Era uma espécie de... assinatura dele, se é que isso faz sentido. Até eu tive dificuldade em aprendê-lo, pois é, como disse, complexo. Mas o amarrou com facilidade. Eu só queria saber como o conhecia. Ainda assim, acho que Yates pode ter aprendido a prática com meu pai.

Lucas continuou encarando-a. Seus olhos estavam um pouco arregalados e sua mandíbula, travada. Lá estava o espião novamente. Seu amante havia desaparecido.

— Yates não fez o nó que aprendi. — disse suavemente — O ferimento em minha perna era profundo.

— Sim. — disse, com um calafrio — Isso fica evidente pela cicatriz e pelo fato de que continue mancando. No entanto, curou-se muito bem, ao contrário do ombro, que os médicos não conseguiram deixar em paz.

Ele assentiu — Isso porque, quando me encontraram, minha perna já havia sido enfaixada. Tem sido um ponto de discórdia sobre como isso aconteceu. Talvez os primeiros homens que chegaram tenham feito a bandagem, talvez tenha sido outra pessoa. Mas o nó que aprendi estava em minha perna, antes que um cirurgião examinasse meus ferimentos, Diana.

Seus lábios se separaram e ela se afastou — Mas, se isso for verdade...

— Então, quem fez isso conhecia as técnicas especiais e avançadas usadas por seu pai, para tratar os feridos. — saiu da cama e andou pelo quarto, antes de voltar e fitá-la com um olhar fixo — Quem quer que tenha feito isso já treinou com ele.

Capítulo 15

A **face** de Diana perdeu a cor enquanto o olhava da cama. A mão que segurava o lençol sobre seu corpo tremia, enquanto processava o que Lucas acabava de lhe dizer.

Na verdade, ele mesmo estava tendo problemas para processar isso. A perna enfaixada era uma pergunta sem resposta, desde aquele dia, é claro. Mas isso foi atribuído a algo que aconteceu no caos daquela tarde horrível. Algo que um servo gentil poderia ter feito, ou um colega espião, quando o encontraram, depois que a guarda foi chamada.

Agora, porém, essas novas informações entraram no quebra-cabeça de sua mente e se encaixaram em um espaço em branco. Só que isso criou mais perguntas do que respostas.

Respostas que Diana começou a fornecer, em momentos inesperados.

— Como ou por que alguém conheceria os métodos de meu pai? — insistiu. Sua voz estava trêmula.

— Uma excelente pergunta. — disse Lucas — Ele tinha acólitos. Estagiários. Mas, se um deles estivesse lá, isso significaria...

Seus lábios se separaram — Que eles eram os traidores? — explodiu.

Ele deu de ombros — É uma possibilidade. É uma possibilidade. Uma que eu não havia considerado. Mas, se foram eles que atacaram seu pai e a mim, por que essa pessoa enfaixaria minha perna? Isso salvou minha vida, já me disseram várias vezes, nos últimos seis meses. Por que o homem que me atacou iria querer me *salvar*?

Fez essa pergunta e, quando a proferiu, uma resposta lhe veio à mente. Uma resposta terrível, horrível, que jamais havia considerado, até aquele momento.

Uma resposta que não tinha nada a ver com ninguém mais no mundo, além do pai de Diana. Só que não podia acreditar que George Oakford estivesse envolvido nos ataques ao Departamento de Guerra.

Não o amigo de Lucas. Não o pai de Diana.

— O que foi? — ela sussurrou, com o olhar verde brilhante fixo no dele — Por favor, diga-me por que sua expressão está assim.

Ela o encarou. Ela já havia passado por tanta coisa. Perdeu tanto. Não podia lhe contar sobre esse sentimento incômodo que agora se enraizava em seu peito. Recusava-se a fazer isso com ela.

Não, até ter certeza de que estava certo.

— Eu a deixei de fora. — disse suavemente — Sei que isso a magoou.

Ela cruzou os braços e ele viu um lampejo solitário de raiva em suas lindas feições — Entendo isso até certo ponto, mesmo que odeie. — disse ela.

— E se eu não a deixasse de fora? — ele perguntou suavemente — E se

eu... e se eu precisasse de sua ajuda? Estaria disposta a fornecê-la?

Ela abriu a boca, e ele viu o *enfático sim* em seus olhos, antes mesmo que falasse. Mesmo assim, ergueu a mão para impedir sua resposta — Antes de responder, deve saber que receberá detalhes, Diana. Informações que podem lhe causar muita dor.

Ela ergueu o queixo, e o núcleo de ferro que a atravessava nunca foi tão óbvio — Já senti dor muito maior do que possa imaginar. — sussurrou — Posso voltar a senti-la, especialmente se isso significar descobrir a verdade e levar à justiça quem lhe fez isso, quem fez isso ao meu pai. Se acha que posso ajudar, então, permita-me fazê-lo.

Ele assentiu lentamente — Vamos nos vestir, então. As anotações completas do caso estão em meu escritório. Vamos examiná-las, juntos.



A escuridão começou a invadir o escritório de Lucas e Diana ergueu os olhos para encontrá-lo acendendo lanternas e atizando o fogo, que facilitaria a leitura. No quarto dele, em seu chalé, não tinha acesso a tanto material. Agora já havia lido tudo e seu peito doeu quando empurrou os papéis para o lado e respirou fundo.

— Sinto muito. — disse Lucas, ao se sentar em uma cadeira ao lado da dela. Ele estava estudando atentamente seu rosto — É demais?

— Não. — disse, embora, em seu coração, não sentisse que isso fosse totalmente verdade — Sim, é difícil ler essas coisas. Imaginar meu pai morto pela bala de um assassino, provavelmente disparada por um amigo dos dois. Mas não é só isso. É a grande emoção dos últimos dias. É a época do ano...

Lucas inclinou a cabeça — A época do ano?

Ela se levantou e se afastou. Não tinha a intenção de dizer aquilo em voz alta. No entanto, algo nele fez com que o fizesse. Algo que lhe dizia para sussurrar seus segredos mais sombrios e dolorosos.

Mesmo que ele não desse nada em troca.

Ela empurrou os ombros para trás com esse lembrete e o encarou — N-Não é nada. Já criou uma linha do tempo para os eventos que antecederam aquele dia, o próprio dia e os posteriores?

Ele assentiu — Com certeza, mas nunca é demais repetir. Posso anotar, se quiser me dar suas impressões.

Ele se levantou e foi até a escrivaninha, onde pegou um pergaminho e o colocou em toda a largura da mesa. Mergulhou a pena na tinta e a olhou com expectativa.

— Quando surgiram as primeiras suspeitas de que havia um traidor em seu meio? — ela perguntou — Os documentos não foram claros quanto a isso.

— Há três anos. — disse, anotando a data na extremidade do papel — Algumas informações desapareceram e nossos inimigos as tinham. Era óbvio que tinham sido roubadas, vendidas.

— E nunca aconteceu isso antes?

Ele deu de ombros — Alguns episódios menores, aqui e ali, mas nada

muito suspeito. Achamos que nosso traidor não esteve em ação, por mais de um ou dois meses, antes do primeiro grande incidente.

— Disse incidentes menores. Presumo que a princípio não tenha sido óbvio que estavam lidando com um traidor, certo?

Uma sombra se abateu sobre o rosto de Lucas — Faz as perguntas certas. Não. Reconhecemos que coisas estranhas estavam acontecendo aqui e ali, mas levamos cerca de seis meses para determinar que tínhamos um traidor em nossas fileiras. As informações roubadas poderiam ter sido obtidas por alguém de fora do nosso universo. Um infiltrado de fora, em vez de alguém de dentro. Mesmo quando a verdade ficou clara, havia vários agentes trabalhando em vários ângulos do caso. Ninguém trabalhava em conjunto. É por isso que, há dois anos, fui encarregado de toda a operação e assumi o controle de tudo relacionado ao nosso traidor.

Estava adicionando datas à linha do tempo, e Diana se moveu para ficar ao seu lado e examiná-las. Seu estômago revirou. Ali estava o começo do fim para seu pai. Para ela mesma. O ponto em que uma pedra foi posicionada no topo de uma colina muito alta e começou a rolar, fora de controle, em direção à sua vida.

Conseguia ver isso agora. Não podia impedir. Era horrível ver o que estava acontecendo, e estremeceu, enquanto se afastava de Lucas. Ele pegou sua mão enquanto ela o fazia e a puxou de volta. Ele a olhava de seu assento, com seus olhos escuros cheios de compreensão e empatia.

— É demais? — perguntou.

Ela se abaixou e traçou sua face com a ponta do dedo. Suas pupilas se dilataram, mas ele não a aproximou. — Não. — sussurrou — Bem, sim, mas não tanto, a ponto de parar. É difícil ver o caminho de destruição que levou à morte de meu pai. Aos seus ferimentos.

Ele soltou sua mão enquanto olhava a lista crescente de datas e eventos — Sempre foi difícil para mim ver as coisas assim. Ficar imaginando o que eu poderia ter feito para impedir tudo isso.

Ela pressionou um dedo na primeira data da linha do tempo e balançou a cabeça — Somente esse homem poderia ter impedido tudo isso. — somente *ele* poderia ter voltado para o caminho certo e evitado que aquele dia terrível acontecesse.

Ele assentiu lentamente, mas sua expressão era de incredulidade. Como se entendesse, mas não acreditasse.

— Vamos continuar. — sugeriu, afastando-se dele — Houve algum momento importante no caso, depois que assumiu o controle?

— Sim. — embaralhou os papéis em sua mesa e, em seguida, apontou para o que estava diante dele — Procuramos padrões nos casos, sabe? E o primeiro que encontrei, neste caso, foi aqui, logo depois que assumi o controle.

Ela olhou para o papel que indicava e prendeu a respiração — Os casos que levaram ao compartilhamento de informações com os inimigos, as coisas que o traidor fez, tudo aconteceu depois que os casos foram assumidos por outros

agentes.

— Todos os casos tinham um agente substituindo outro. Agora, entre os agentes que saíram dos casos e os que assumiram, não há nenhum padrão que eu possa encontrar. Homens diferentes. Mas, de alguma forma, nosso traidor estava ciente da transição e a usou a seu favor.

Diana o olhou. Seu rosto estava iluminado com a mesma expressão que ela sentia em seu próprio rosto. Sorriu gentilmente para ele — Posso ver por que isso o entusiasma tanto. Pela primeira vez, estou entendendo um pouco melhor.

Ele franziu a testa — Bem, há momentos em que é emocionante, com certeza. Encontrar um padrão como este é uma emoção diferente de qualquer outra. Avançar em uma investigação e saber que está um passo mais perto de descobrir a verdade, é...

— Intoxicante. — ela sussurrou.

Ele assentiu — Sim, essa é a palavra certa. Não há outra bebida, droga ou vício que eu tenha encontrado, que alimente minha alma como isso.

— Fez o mesmo com meu pai. — sussurrou, enquanto passava o dedo ao longo da linha do tempo.

Lucas ficou em silêncio por um instante e depois disse: — Ele lhe contou muito sobre o que fazia pelo departamento?

— Ele era cirurgião, é claro. Era tudo o que eu achava que ele fazia, até aparecer com... com aquele homem, há dois anos. Era óbvio que havia mais do que isso. Então, não sei, talvez Stalwood tenha colocado sua mente em uso, quando suas mãos não estavam.

Lucas desviou o olhar, e algo no coração dela caiu com a expressão inesperada em seu rosto. Como se tivesse algo a esconder.

— O que foi? — perguntou.

Ele deu de ombros, com seu ombro bom — Eu nunca soube que ele fosse designado para casos. Stalwood disse que também desconhecia. O que me surpreende é que ele... estaria trabalhando em algo que nenhum de nós tinha conhecimento.

Diana o encarou. Havia uma cautela em seu comportamento, agora. Não gostou disso — Vive em um mundo de segredos. Estou francamente chocada por achar que conhece todos eles.

— Tem razão, é claro. — disse, depois de uma longa hesitação — Mas...

Ele não conseguiu terminar o pensamento que estava em sua cabeça. Naquele momento, houve uma leve batida na porta e, em seguida, Jones entrou na sala.

— Vossa Graça, recebeu uma missiva. O senhor disse que a queria quando entregassem.

Diana observou quando toda a bravata confiante de Lucas desapareceu, substituída por um nervosismo quase infantil. Ele se levantou da escrivaninha e foi até o mordomo. Jones estendeu uma folha dobrada e Lucas a pegou, com as mãos ligeiramente trêmulas — Obrigado, Jones. Iremos jantar em breve, se

a Sra. Cox tiver tudo pronto para nós.

Jones inclinou a cabeça — Ela o terá dentro de meia hora, Vossa Graça. Precisa de algo mais?

— Não. — disse Lucas, ainda olhando para a carta em sua mão — Isso é tudo.

Diana se mexeu quando o mordomo lhe lançou um olhar, aquele mesmo que a julgava, toda vez que a via, e saiu da sala. Depois que ele se foi, deixou o desconforto de lado e se concentrou em Lucas — O que é? — perguntou, dando um passo cauteloso em sua direção.

Ele levantou a cabeça, como se tivesse esquecido que estava ali — É... é do amigo, para quem escrevi hoje. Simon Greene, Duque de Crestwood. Não esperava que ele respondesse tão rapidamente, mas esta é a letra dele. Eu a reconheceria em qualquer lugar.

Ele não fez mais nenhum movimento e Diana deu os passos restantes em sua direção — Vai abri-la?

Voltou a olhá-la — Na verdade, eu... tenho medo de fazê-lo.

Ela se retraiu diante da inesperada honestidade nessa resposta. Era necessária intimidade para que um homem como Lucas admitisse que tinha medo de alguém, especialmente para ela. Ansiava por mais intimidade, por aquela conexão que vinha buscando por toda a sua vida e que, no entanto, sabia ser tolice procurar nele.

— Por que os afastou por tanto tempo? — perguntou, com a garganta subitamente seca.

Ele virou a carta repetidamente em suas mãos — Sim. Nem sempre foi assim. Eu era o mais jovem do grupo, alguns diriam que era o mais sóbrio. Mas isso nunca me impediu de ser incluído, persuadido, amado igualmente.

Ela sorriu com a descrição — Parece adorável ter amigos como esses.

Ele engoliu com dificuldade e ela pensou ter visto um leve lampejo de lágrimas em seus olhos, antes que piscasse para afastá-las — Era. Mas mudou.

— Como?

Ele se mexeu e, por um longo momento, ficou em silêncio, travando uma batalha interna sobre o que dizer. Rezou para que vencesse essa batalha. Que pudesse ter um vislumbre da verdade sobre ele.

— Começou... oh, começou há muito tempo. — gaguejou, com a voz embargada — Eu tinha dezesseis anos. E algo aconteceu.

— Algo? — insistiu, desejando, de todo o coração, que ele encontrasse uma maneira de lhe fazer confidências. Ele sabia tanto a seu respeito e ela não sabia... nada.

Ele fechou os olhos, e a dor correu por seu rosto, como uma cachoeira. E então desapareceu. Escondida, porque ele era um espião e capaz de mascarar qualquer coisa significativa.

— Não importa o quê. Isso me mudou, só isso. Comecei a me afastar de todos. Minha família, meus amigos, todo mundo. Quando eu tinha dezoito

anos, meu pai morreu. Em vez de assumir meu título, alistei-me no exército, como oficial.

Ela ergueu as sobrancelhas, surpresa — Uma coisa rara para um homem de sua posição.

— Minha família ficou furiosa. Eu era o duque, maldição. Não fui feito para arriscar minha vida e minha linhagem pelo rei e pelo país. — balançou a cabeça com um bufo de escárnio — Não dei ouvidos. Em dois anos, comecei a trabalhar no Departamento de Guerra. Escrevi para alguns de meus amigos, mas, a cada ano, era menos frequente. A cada ano, eu ia mais longe. E agora... bem, não escrevo para ninguém, desde pelo menos um mês antes do ataque.

Ela assentiu lentamente. Não entendia os detalhes do que havia feito Lucas se afastar de todos que amava e isso ainda a perturbava. Mas entendia perfeitamente a dor absoluta que ele claramente sentia com aquela ação. A perda e a tristeza por não ter ninguém.

Isso ela entendia perfeitamente.

— A distância pode não ter significado tanto quanto pensa. — disse suavemente — Seu amigo lhe escreveu agora, uma resposta quase imediata. Certamente, isso significa alguma coisa.

Olhou para a carta, mais uma vez, sem abri-la — Receio que sua resposta me mande para o inferno. — admitiu — Não mereceria menos.

Ela estendeu a mão e envolveu seus dedos nos dele. Sentiu o calor de sua pele e o amassado do papel, sentiu o leve tremor de suas mãos — Eu poderia olhar. — sugeriu gentilmente.

Ele a encarou, mantendo o olhar fixo por um momento, dois momentos, uma eternidade. Depois, entregou-lhe as páginas e assentiu, silenciosamente.

Ela se inclinou e beijou seu rosto, depois rompeu o lacre no verso do envelope e abriu a carta. Tinha duas páginas, e ela examinou a primeira brevemente, antes de sorrir e começar a lê-la em voz alta.

— *Willowby*, — começou, e Lucas estremeceu, como sempre fazia quando alguém usava seu título. Acreditava que dessa vez também se tratava de seu amigo, de seu medo. Rapidamente, continuou: — *Não sabe quanto tempo esperei para ter notícias suas, ou quanto medo nosso grupo, como um todo, sentiu, desde que parou de escrever, meses atrás. Saber que está bem e em Londres traz uma alegria ao meu coração que só é superada pela felicidade recente em minha própria vida, a qual desejo compartilhar contigo.*

A cada palavra que lia, observava a tensão se esvaír dos ombros de Lucas, o medo sair de seu rosto, substituído por alívio e alegria. Observava cada contração e mudança, deleitando-se em ver sua dureza desaparecer, substituída por algo mais gentil. Mais jovem. Algo intocado pelo que quer que o tivesse mudado e que ele se recusava a compartilhar.

— Devo continuar? — perguntou — Ou gostaria de continuar a leitura?

Ele estendeu a mão e ela lhe entregou a carta. Ele a leu e soltou um longo suspiro, antes de lê-la uma segunda vez. Como se a primeira não fosse

confiável. Como se quisesse ter certeza de que não era um sonho ou uma fantasia, de que seu amigo ainda se importava.

— Eles virão, amanhã. — disse finalmente.

Ela piscou. Ela mesma não havia lido até aquele ponto da carta — Eles?

— Sim, Simon, sua esposa Meg e outro de nossos amigos, Matthew. Ele é o Duque de Tyndale e aparentemente os estava visitando, quando a carta chegou. Estarão aqui, para o chá da tarde

— E... eu não deveria estar, nessa ocasião. — gaguejou.

Encarou-a — Não estar aqui? — repetiu, como se tivesse falado alguma língua estrangeira — Por que, diabos, não deveria estar aqui?

Ela torceu as mãos e se afastou — E-eu não estou apta a conhecer dois duques e uma duquesa. Não antes do nosso acordo, e certamente não, desde que estou sendo rotulada como sua amante.

— Por que eles se importariam com isso? — perguntou.

Ela se virou para ele e ergueu as mãos — Não seja obtuso, Lucas, isso está abaixo de seu intelecto. Seus criados me olham como se eu fosse uma prostituta. O que uma duquesa pensaria?

A mandíbula de Lucas se contraiu — Se meus servos ousarem ser rudes contigo, os demitirei imediatamente. Quanto à duquesa em questão, conheço Meg quase toda a minha vida. Ela nunca foi nada além de gentil, generosa e acolhedora. De qualquer forma, ela seria uma hipócrita se tivesse algo a dizer sobre o assunto. Talvez eu não esteja mais diretamente informado sobre os detalhes da vida de meus amigos, mas já ouvi o suficiente. Ela e Simon se envolveram em um escândalo terrível, há menos de um ano. Ela jamais se atreveria a julgar outra pessoa.

Diana balançou a cabeça. Aquelas palavras soavam muito bem, mas sabia que, provavelmente, não eram verdadeiras. As damas podiam ser cruéis umas com as outras — Não sei, — sussurrou enquanto olhava para si mesma, em seu vestido simples e útil — ela pode não gostar de mim.

— Se ela não gostar, eu lhe darei cem libras. — Lucas riu — Meg não é assim.

Ela se afastou, incerta. Ainda emotiva, graças às dificuldades dos últimos dias, ao aniversário que estava por vir, que tentava ignorar, embora não conseguisse fazê-lo totalmente.

— Tem certeza de que eu não deveria simplesmente ir... para casa? — sugeriu — Eu poderia voltar em alguns dias e lhe dar privacidade com seus amigos.

Ele se aproximou dela, virando-a gentilmente, antes de pegar suas duas mãos — Eu gostaria que estivesse aqui. — disse, sustentando seu olhar — Por favor, fique comigo.

Foi o “por favor” que a atingiu no estômago, fazendo com que todos os seus argumentos desaparecessem com o vento. Assentiu lentamente — Muito bem. Se é disso que precisa, não seria bom negar minha presença.

Ele acariciou seu rosto — Excelente. Agora... — puxou-a para mais perto,

moldando seu corpo ao dele, enquanto seus braços a envolviam. O coração dela começou a acelerar, como sempre acontecia quando estava com ele — Há algo mais que preciso. E acho que também precisa disso. Subirá comigo?

Ela hesitou por um momento, não porque não quisesse o que ele estava pedindo, mas porque queria muito. Tornou-se viciada nele. Ao seu toque, seu gosto, seu conforto. E sabia o quanto isso era perigoso.

Mesmo assim, não resistiu a ele. Simplesmente afastou o medo e o coração e deixou que a levasse para o andar de cima, onde sabia que não sentiria nada além de prazer, mais uma vez.

Capítulo 16

Na manhã seguinte, Diana estava diante de Lucas, olhando, atônita, para o que ele havia acabado de pedir. Ela franziu os olhos.

— Cortar seu cabelo. — repetiu — E fazer sua barba.

Ele assentiu lentamente — Sim. Não posso encontrar meus amigos parecendo um pirata, posso?

Ela estendeu a mão, enrolando um de seus cachos encaracolados na ponta do dedo — Sentirei falta do pirata, admito.

Um sorriso brilhou em suas feições, e os joelhos dela ficaram um pouco fracos — Um pirata é feito de ações, moça. — disse com uma piscadela — Prometo nunca parar de... saquear...

Ela balançou a cabeça, diante do tom lascivo em sua voz e de como seu corpo reagiu com desejo, com uma conexão confortável. Maldito fosse esse homem, por tornar tudo tão... fácil.

— É um canalha. — disse com uma risada, então pegou a tesoura da mesa onde os criados a haviam colocado e começou a examinar suas madeixas. Havia cortado o cabelo do pai ao longo dos anos, portanto, não estava desacostumada com o ato, mas o cabelo de seu pai nunca teve uma coleção de cachos grossos.

— Não poderá ficar com raiva de mim se eu fizer uma bagunça. — disse, depois usou a tesoura para o primeiro corte.

Ele pegou o cacho quando caiu e o levantou — Um troféu, milady.

Ela riu, enquanto pegava o pedaço de cabelo e o enfiava no bolso da saia. Em seguida, concentrou sua atenção no trabalho que tinha em mãos. Com uma inspiração profunda, começou a cortar. No início, era tudo profissional, mas, à medida que seu cabelo ficava mais curto, ela deslizava as mãos contra seu couro cabeludo, para moldá-lo.

— Mmm. — disse, acariciando o antebraço dela, enquanto se movia ao redor dele — Eu teria pedido que fizesse isso há muito tempo se soubesse.

— Está me distraindo e vai acabar todo torto, se continuar assim. — disse, mas sua respiração estava curta.

— Talvez valha a pena. — disse, dando um beijo em seu braço e depois piscando para ela.

Ela tentou ignorá-lo e finalmente recuou e olhou para o seu trabalho.

— Espelho? — ele perguntou.

Ela negou — Não, não até terminarmos. — pegou uma toalha na tigela de água quente e fumegante, que também havia sido trazida. Espremeu um pouco do líquido e envolveu seu rosto, gentilmente. Enquanto esperavam que os pelos amolecessem e os poros se abrissem, examinou o homem à sua frente.

Ela o estava transformando no homem que ele era antes. Talvez de volta à

vida que abandonara todos aqueles anos atrás. Um homem não podia ser um espião para sempre, especialmente quando tinha um ducado para cuidar. E, com seus ferimentos, uma vida em campo talvez nunca mais fosse possível.

Portanto, voltaria a ser Sua Graça. Acabaria assumindo suas responsabilidades. Uma delas seria se casar com uma dama de posses, proveniente de uma família rica e com título. Formaria uma família com ela.

Piscou diante do caminho tortuoso de seus pensamentos. Nenhuma dessas coisas lhe dizia respeito, é claro. Ela e Lucas deixaram claro, desde o início, que um caso era tudo o que poderia acontecer. Que ele não estava pensando em um futuro com ela. Que ela não poderia pensar em um futuro com ele.

— Pronto? — perguntou, com um tom falsamente brilhante, enquanto desembrolhava o pano fumegante e o colocava de lado.

Ensaboou seu rosto gentilmente, memorizando os ângulos de sua mandíbula e a sensação de sua barba irregular. Lembrou-se de como roçaram sua pele, tantas vezes. Gostava da intimidade do ato, mais do que deveria. Ele tinha que confiar nela com a lâmina de barbear na mão. E parecia fazer isso sem esforço, pois manteve os olhos fechados mesmo quando ela raspou a lâmina pela primeira vez em sua pele.

Ela se concentrou mais uma vez no trabalho, uma dádiva de Deus, quando sua mente queria levá-la a lugares tão perturbadores. Pouco a pouco, retirou todos os pelos, aparou as costeletas e, em seguida, colocou a lâmina de lado e limpou o rosto e o pescoço de todos os pequenos pelos que haviam caído durante o trabalho.

Deu um passo para trás e não pôde deixar de suspirar. Ele era quase outra pessoa, esse homem recém-cortado e barbeado à sua frente. Mas totalmente bonito, totalmente perfeito.

— Não pode estar tão ruim assim. — disse ao estender a mão para o espelho.

Ela finalmente o entregou, balançando a cabeça — Nada ruim mesmo. É muito bonito. É... é de fato um duque.

Seu olhar se voltou para el. — Não, não sou. — sussurrou, colocando o espelho de lado e pegando sua mão. Ela ofegou quando foi gentilmente puxada para seu colo. Ele acariciou seu pescoço com a bochecha recém-suavizada, e ela estremeceu, com o prazer renovado.

Virou o rosto para o dele e o beijou. A mão dele subiu, os dedos deslizando ao longo de seu pescoço, contra a base de seu crânio, enquanto ele inclinava sua cabeça para melhor acesso. O beijo se aprofundou e ela sentiu o inchaço de seu pênis começar a pressionar sua coxa.

Afastou-se e sorriu — Isso não vai funcionar. Ele arqueou uma sobrancelha diante de seu tom provocador — Não, de jeito nenhum. — concordou, com uma falsa seriedade — Não quando temos visitas chegando. Na sua opinião, o que devemos fazer a respeito?

Ela riu e, mais uma vez, ficou impressionada com a facilidade com que tudo isso acontecia. Fácil demais. E, no entanto, deliciava-se com isso.

Deleitava-se com o prazer daquilo, e dele.

Ela deslizou a mão entre eles e manteve o olhar focado no dele, enquanto passava a mão pela dobra de seu roupão. Afastou o tecido e olhou para o que havia revelado. Seu pênis, duro e orgulhoso, curvando-se, agora que não estava mais confinado pelo tecido sedoso.

Envolveu-o com a mão, deslizando os dedos para cima e para baixo, enquanto ele inspirava por entre os dentes.

— Não era exatamente isso que eu tinha em mente. — resmungou — Não que eu esteja reclamando.

— Não temos tempo para mais nada. — ela sussurrou, enquanto dava leves beijos ao longo de seu queixo, agora liso — Não se quiser realmente estar vestido quando seus amigos chegarem.

Ele jogou a cabeça para trás com um gemido. Já se levantava contra a palma de sua mão, se esfregando contra ela — Estar vestido é superestimado. Eu poderia descer de roupão.

Ela bombeou mais rápido — Não acho *que seja* uma boa ideia. Além disso, isso é prazeroso demais para mim.

— É mesmo? — soltou uma maldição distorcida — Como assim? Parece que não está tirando muito proveito disso.

— Não? — reclinou-se e o encarou, apertando o punho, observando como sua bochecha se contraía — Neste momento, está no limite do controle e eu o coloquei lá. Se não acredita que manter esse pouco de poder seja prazeroso, então... bem, está enganado. Quero vê-lo perder o controle, Lucas. — inclinou-se e lambeu gentilmente ao longo de seu pescoço — Agora, por favor.

Ele soltou um grito estrondoso do fundo do peito, e então ela sentiu a ondulação em seu pênis pouco antes dele gozar. Continuou a bombeá-lo suavemente, até que ficou mole na cadeira. Só então o abraçou e beijou profundamente seus lábios.

Quando ela se afastou, ele suspirou e disse: — Meu Deus, se alguém quisesse me matar, deveria simplesmente enviá-la. Mas eu morreria feliz.

Ela balançou a cabeça e levantou-se lentamente de seu colo — Sabe, nem deveria estar brincando com essas coisas.

Ele se endireitou um pouco e assentiu — Desculpe-me. Tem razão. Eu não queria fazer pouco caso de algo tão próximo da verdade. É culpa de uma mente viciada.

— Viciada por...

— Você. — finalizou, com um sorriso brilhante. Ela se arrepiou. Meu Deus, mas ele era ainda mais bonito todo arrumado, como estava agora. Achava que isso seria impossível.

— Então me culpa. — disse, afastando-se. A distância poderia ajudá-la com sua atração. Outra mentira para contar a si mesma.

Ele deu de ombros — Só no caso de mãos muito habilidosas. — inclinou a cabeça e seu sorriso se desfez. Seu olhar ficou quente e pesado — Não pense,

nem por um momento, que não sei que, depois disso, lhe devo algo igualmente espetacular.

Ela engoliu em seco — Não sabia que estávamos marcando pontos.

— Quando se trata de prazer por prazer... sempre. — deu uma piscadela.

Ela inclinou a cabeça — Estou ansiosa por isso. Agora, devo chamar seu valete ou gostaria que eu o ajudasse a se vestir?

— É minha valete favorita, Srta. Oakford, acho que sabe disso. Mas, dadas as circunstâncias, acho que seria melhor chamá-lo.

— As circunstâncias?

Ele pegou sua mão e a puxou para perto, pressionando sua boca com força contra a dela. Ela envolveu seu pescoço com os braços e se encolheu contra ele. Era um hábito agora, algo em que nem sequer pensava. Se ele a tocasse, ela seria dele.

— Se voltar a me tocar, acho que não chegaremos lá embaixo para encontrar meus amigos. — rosnou contra seus lábios. Virou-a gentilmente e depois lhe deu uma palmada no traseiro — Agora vá, antes que eu mude de ideia.

Ela riu ao deixá-lo, mas depois que entrou no quarto adjacente e fechou a porta atrás de si, encostou-se nela com um suspiro. A conexão que sentia com esse homem estava aumentando a cada segundo que passavam juntos.

E sabia muito bem que precisava rompê-la. O quanto antes, se quisesse manter sua sanidade e seu coração.



Lucas se mexeu na janela de seu escritório, olhando para os jardins atrás da propriedade. O tique-taque do relógio na lareira soava como um tiro de espingarda em seus ouvidos, cada vez que contava mais um segundo. Mais um tique para o momento em que seus amigos chegariam.

E ele teria que enfrentar tudo o que havia feito para afastá-los a tal ponto.

De repente, sentiu a mão de Diana deslizar para a sua. Virou-se para encontrá-la encarando-o, com compreensão em seu rosto. Empatia. Meu Deus, mas queria se apoiar nisso. Aceitar tudo o que lhe oferecia, até que pudesse preencher o vazio dentro de si mesmo.

Só que não achava que fosse capaz de lhe dar algo em troca. Um fato que ficava cada vez mais difícil de aceitar, a cada dia que passava com ela. Estava usando-a. Usando-a para se curar. Usando-a para encontrar paz. Usando-a para investigar seu caso.

E sua ajuda estava revelando mais e mais perguntas, que sabia que poderiam partir o coração dela. Não queria fazer isso.

— Não fique nervoso. — sussurrou, e aquele tom calmante se infiltrou nele e reduziu sua ansiedade.

Bateram na porta e sua tensão voltou ao se virar e encontrar Jones lá, como esperado — O Duque e a Duquesa de Crestwood e o Duque de Tyndale estão esperando pelo senhor no salão púrpura, conforme solicitado, Vossa Graça.

Assentiu em reconhecimento — Nós nos juntaremos a eles em breve,

Jones. Não há necessidade de nos anunciar.

O mordomo apertou os lábios, mas assentiu levemente — Certamente. O chá e os biscoitos devem estar sendo entregues lá, neste momento.

Ele se retirou e Lucas conseguiu respirar fundo, antes de sorrir para Diana — Aqui vamos nós.

Ela colocou a mão na dobra de seu braço e deixou que a conduzisse para fora da sala. Caminharam juntos pelo corredor, e uma parte dele sentiu que estava sendo levado à força. Porque, não sabia dizer. Amava as três pessoas que estavam naquela sala à sua espera.

Mas não havia demonstrado seu amor muito bem. E, apesar da carta gentil de Simon, ainda temia o que encontraria quando abrisse a porta da horrível sala de estar púrpura de sua mãe.

Chegaram a essa porta e, quando estendeu a mão, Diana apertou seu braço — Não espere o pior.

Ele assentiu, mas não conseguiu se impedir de fazer isso ao abrir a porta. Sua respiração ficou presa ao entrar na sala de estar.

Simon, Duque de Crestwood, e Matthew, Duque de Tyndale, estavam de pé junto à lareira, examinando uma das horríveis estatuetas de cavalos em miniatura de sua mãe, das quais ela tanto gostava. Meg estava no aparador, servindo chá. Pareciam... iguais. E tão diferentes. Pôde ver todo o tempo que havia passado, desde a última vez que se aproximou deles.

Parecia apenas um momento. E foram anos.

— Meu Deus, ele está aqui, em carne e osso. — disse Simon ao se afastar da lareira e seguir em linha reta até Lucas. Diana o soltou e Lucas se viu puxado para um abraço forte de um de seus melhores amigos. Simon bateu em suas costas enquanto sussurrava: — Fez mais falta do que poderia imaginar.

Os joelhos de Lucas quase fraquejaram com essa afirmação e ao perceber a falta que seus amigos faziam também. Havia tentado fingir que isso não era verdade. Que podia se virar sozinho, que merecia estar sozinho, mas agora percebia sua mentira.

Simon se afastou e Matthew estendeu a mão para apertar a de Lucas. Sentiu o olhar cuidadoso de Matthew examinar seu rosto e encontrar a dor que tentava esconder. Matthew já havia experimentado tanto da sua própria dor, que não havia dúvida de que a reconhecia quando a via — Parece assustador.

Lucas não pôde deixar de rir da saudação, uma que o grupo sempre reservava uns para os outros, quando estavam separados por mais de algumas semanas.

Meg ficou parada, enquanto os homens se cumprimentavam, mas, agora, ela se aproximou e segurou suas duas mãos. Lucas sorriu para ela, pois via nela muito de seu irmão James, o líder do grupo. Também viu o inchaço inconfundível de sua barriga, agora que ela o encarava, e seu olhar se voltou para Simon. Ele sorriu e assentiu levemente.

— Não lhes dê ouvidos. — disse com uma risada enquanto acariciava sua face — Oh, meu Deus, é tão bom vê-lo. Não sabe como foi difícil não ter um

bando inteiro de duques invadindo sua casa, quando o grupo soube de seu retorno. Simon insistiu para que não o surpreendêssemos de uma só vez.

Lucas não pôde deixar de imaginar isso, todos os seus amigos aqui, como se o tempo não tivesse passado. Como se nada tivesse mudado, embora metade deles estivesse casada agora e nenhum soubesse a verdade sobre ele.

Afastou o pensamento e deu um passo atrás, para pegar o braço de Diana — Posso apresentar minha... minha amiga, Diana Oakford. Diana, o duque de Tyndale e o duque e a duquesa de Crestwood.

Todos os amigos se voltaram para ela, e a sentiu enrijecer um pouco, diante dos olhares deles. Não podia culpá-la. Não havia dúvida do que presumiriam que ela era... e com toda razão.

— É um prazer conhecê-la. — disse Meg, dando um passo à frente, para pegar sua mão. Havia uma leve hesitação em sua voz quando ela disse: — Qualquer amigo de Lucas é nosso amigo.

— Obrigada, Vossa Graça. — disse Diana, mas, embora sorrisse, Lucas podia ouvir a tensão em sua voz, ver a falsidade em sua expressão.

Estava tão acostumado com sua confiança absoluta que essa hesitação o atingiu em cheio. Ela estava realmente insegura perto de seus amigos e queria que não ficasse, mesmo duvidando que esse tipo de encontro ocorreria com frequência.

Porque isso seria temporário. Nada mais. Embora estivesse ficando difícil pensar nisso.

— Sabe, Lucas, lembro-me de que esta casa tem um jardim maravilhoso. — disse Meg.

— Oh, sim, é tão adorável. — Diana concordou, e seu entusiasmo não foi forçado nessas palavras.

Meg sorriu — Talvez a Srta. Oakford e eu possamos dar uma volta por lá. Isso dará aos cavalheiros, tempo para se atualizarem.

Simon olhou para sua esposa e um mundo de compreensão fluíu entre eles. Diana olhou para Lucas, e ele desejou que fosse tão fácil com ela. Era e não era, pois havia barreiras entre eles que não existiam entre Simon e Meg. Eles as derrubaram há um ano ou mais.

— Eu gostaria disso. — disse Diana lentamente.

— Excelente! — Meg disse — Espero que saiba um pouco sobre flores, pois sou péssima quando se trata de horticultura.

Diana riu quando saíram juntas da sala — Conheço um pouco, Vossa Graça.

Quando se foram, Simon fechou a porta e virou-se para Lucas, balançando a cabeça — Fico pensando que preciso me beliscar - está realmente na minha frente. Quanto tempo se passou?

Lucas inclinou a cabeça, envergonhado — Anos, infelizmente.

— E há mais de seis meses que ninguém do nosso círculo recebe uma carta., — acrescentou Matthew ao se sentar e esticar as longas pernas à sua frente — Sabe que fizemos apostas sobre o que o manteve afastado.

— Se eu lhes contasse, não acreditariam em mim.

Simon arqueou uma sobranceira — Talvez seja verdade. Mas sabe que alguém acabará por lhe arrancar isso. Agora que está de volta.

Lucas enrijeceu. Quando escreveu para Simon, não pensou tão à frente, a ponto de se considerar “de volta”. Pensava no que havia perdido ao se afastar de seus amigos, é claro. Precisava passar um tempo com pessoas que o compreendessem. Também esperava que pudessem ajudá-lo a fazer essa estranha reentrada na sociedade, que tinha como objetivo ajudar em seu caso.

Mas estar “de volta”? Isso parecia... muito estranho.

— Não nos olhe assim, — disse Matthew — como se estivesse pensando em fugir. Meg estava certa quando disse que era quase impossível evitar que todos batessem à sua porta para vê-lo. Se pensarem que vai fugir, poderá ser sequestrado e amarrado.

Lucas balançou a cabeça — Eu não gostaria de ver o resultado disso. Não, não vou me candidatar. Porém, estou muito desatualizado sobre tudo o que aconteceu. Podem me informar?

Simon o olhou, como se soubesse que Lucas estava evitando assuntos que precisavam ser abordados. Mas respirou fundo e começou a falar. Lucas se recostou, deleitando-se com as histórias dos casamentos recentes de James, Simon, Graham, Ewan e Baldwin. Seu coração doeu quando percebeu que o pai de seu amigo Kit estava doente. Riu quando soube que Robert estava voltando aos seus velhos hábitos, perguntou-se, junto com seus amigos, por que Hugh estava tão mal-humorado e olhou para Matthew, que escondia bem sua dor. Mas não o suficiente para que não pudesse vê-la, mesmo anos após a morte da noiva de Matthew.

Estava tudo ali, exposto diante dele, e sentiu um aperto por ter ficado tão distante de tudo aquilo.

— Têm estado ocupados desde que parti. — murmurou enquanto se levantava e caminhava até a janela.

— Você também. — disse Simon — Considerando o fato de estar mancando.

Lucas o encarou. Pensava que estava escondendo isso muito bem. Sua perna não o incomodava tanto ultimamente - estava ficando mais forte a cada dia.

— E há a garota. — acrescentou Matthew, olhando-o nos olhos — Parece que teve suas próprias aventuras, desde a última vez que o vimos. Acho que mais do que todos nós juntos.

Lucas balançou a cabeça lentamente — Sei que posso confiar em vocês. Sei disso, mesmo que não o tenha mostrado ultimamente.

Simon trocou um breve olhar com Matthew antes de dizer: — Sim, pode. E, a julgar pelo fato de ter entrado em contato conosco, depois de tanto tempo, isso me faz pensar que precisa. Precisa *de nós*. Por quê?

Lucas passou a mão pelo cabelo. Parecia estranhamente curto, e apertou-o com os dedos, antes de dizer: — Eu... eu sou um espião.

Houve silêncio na sala por um minuto, dois, e então Matthew se levantou de repente e riu — Eu disse isso, não disse? E todos disseram: ‘Não seja tolo, Tyndale’. Mas, aqui, ele admitiu o fato. Droga, por que não fiz uma aposta?

Lucas o encarou — Adivinhou?

Matthew deu de ombros — É algo que vem sendo discutido ao longo dos anos como um motivo para alguém se separar das pessoas que o amam, sim. E, desde que entrou em serviço, por ter sido muito reservado sobre sua partida... tudo se encaixou.

Simon assentiu em concordância — Sim, mas uma coisa é brincar sobre espões e outra é conhecer um. Não está brincando, está?

— Não. — Lucas suspirou e ficou chocado com o peso que havia sido tirado de seus ombros com sua confissão — Fui recrutado pelo Departamento de Guerra durante meu período como oficial. E eu... eu adorei. Adorei a investigação, adorei sentir que estava realmente ajudando meu país. Como se eu... valesse alguma coisa.

Simon desviou o rosto para Lucas — Mas sempre valeu muita coisa.

Lucas se afastou. Não contaria todos os seus segredos. Não hoje. Nem nunca, se tivesse algo a dizer sobre isso — De qualquer forma, é onde tenho estado nos últimos anos. Eu não queria colocar a vida de mais ninguém em risco. Mas, há meio ano, fui ferido por um traidor de nossa causa. Um espião que virou... não sei como chamá-lo. Agente duplo?

Os olhos de Matthew se arregalaram — Meu Deus.

— Quase morri. — admitiu suavemente. Tentava evitar essas palavras, sempre que possível, evitar o medo que pensar nelas gerava, mas ali estava. Nunca sentiu que tinha muito pelo que viver, sempre imaginou que poderia morrer a serviço de seu país..., mas, encarar a morte de verdade? Isso era algo muito diferente.

Simon afundou no sofá — É por isso que está mancando

Lucas assentiu — Sim. Há algumas semanas, fui entregue a... Diana. O pai dela era cirurgião do Departamento de Guerra e morreu no dia em que fui atacado. Ela tem um pouco de sua habilidade e todos os outros médicos não fizeram nada, além de piorar a situação.

— Então ela não é sua amante. — disse Matthew.

Os lábios de Simon se curvaram em um meio sorriso. — Oh, eu acho que é. A faísca entre os dois é óbvia demais.

Lucas inclinou a cabeça — Não devia continuar com o que há entre nós. Mas viram-na. Ela é deslumbrante e essa é a menor de suas qualidades. É muito inteligente e desafiadora, além de ter uma força e bondade profundas, que eu não conseguiria igualar, mesmo que me esforçasse ao máximo.

Simon recuou — Está apaixonado por ela?

Lucas paralisou ao ouvir a pergunta. Diante da reação à ela, que fez seu coração palpitar e a voz em sua mente gritar, *sim!*

Afastou essa voz. Afastou aquela sensação física. Amá-la? Isso era impossível, por mais que parecesse verdade. Não importava o quanto isso o

fizesse sonhar com uma vida que havia abandonado há muito tempo.

— Ela está me ajudando. — disse suavemente — Na minha cura e na investigação do que aconteceu comigo, naquele dia

— Ainda está investigando? — perguntou Matthew — Apesar dos ferimentos?

— Estou. E ela teve algumas percepções aguçadas que me ajudaram. E me perturbaram. — pensou nas dúvidas que haviam começado a surgir em sua mente sobre o pai dela e as abandonou, junto com todas as outras emoções que havia reprimido, desde que seus amigos chegaram.

Matthew apertou as mãos à sua frente, e sua frustração era clara — E se pudéssemos ajudar?

Lucas negou — Não. Não posso falar muito sobre isso. É segredo e é perigoso. Não vou expor ninguém a esse risco. Especialmente considerando o quanto todos têm a perder, agora.”

Simon enrijeceu, e Lucas percebeu que ele pensava em Meg e na criança que ela carregava. Pela dureza protetora que surgiu no rosto de seu amigo, Lucas não tinha dúvidas de que morreria para mantê-la segura, se necessário. Não arriscaria a ela ou a si mesmo, se não fosse necessário.

Um fato que o deixou muito aliviado, pois não queria ter que discutir esse ponto.

— Então, nem todos nós poderemos nos tornar espiões, como sonhávamos quando éramos meninos. — disse Simon — Mas isso não responde à pergunta de como podemos ajudá-lo.

Lucas suspirou — Meus superiores e eu chegamos à conclusão de que esse homem, esse traidor em nossas fileiras, poderia ser eliminado, se me visse retornar à Sociedade. Seu medo do que eu poderia lembrar poderia levá-lo a cometer erros. E levá-lo a se revelar sem querer.

Matthew se levantou — Quer ser a isca.

Lucas quase riu — Esse parece ser o consenso de todos que ouvem o plano. Sim, eu serei a isca, em uma armadilha que pode levar um assassino à justiça. Mas não estou na Sociedade há anos. Gostaria de saber se poderiam ser persuadidos a ajudar... a me reintroduzir?

Simon e Matthew trocaram um olhar, e então Matthew deu de ombros — Tenho certeza de que isso poderia ser feito, sob uma condição.

— E qual é? — Lucas perguntou.

Simon cruzou os braços — Quando estiver de volta ao rebanho, não sairá mais. Não vai mais fugir. Não de seus amigos. Não do que quer que o tenha afastado de seu futuro, em primeiro lugar.

Lucas respirou fundo. Não havia como fugir do que o havia afastado de seu futuro. Tentou e nunca conseguiu.

— Talvez seja... hora de encarar tudo. — admitiu lentamente — E eu lhes prometo que esses convites não colocariam ninguém em perigo. Apenas me colocariam à vista do público, onde eu poderia ser notado novamente.

— Bem, — disse Simon, aproximando-se e colocando o braço em volta de

Lucas — tenho algumas ideias sobre isso.

Capítulo 17

Diana lançou um olhar para a casa e tentou não deixar seus pensamentos vagarem demais. Era quase impossível, quando tudo o que queria saber era se Lucas estava bem. Se seria capaz de encarar os amigos com quem tanto se importava, apesar do que quer que o tivesse inspirado a afastá-los. Desejava, em uma parte tola de si mesma, estar com ele. Para apoiá-lo.

— Estamos de acordo., — disse a Duquesa de Crestwood, enquanto se aprofundava no banco ao longo do caminho do jardim e colocava a mão gentilmente sobre a barriga. Ela também olhou para cima, para a casa, e sua preocupação era evidente.

A diferença é que ela tinha o direito de se sentir assim. As bochechas de Diana esquentaram com um rubor. O que essa mulher estaria pensando dela, mesmo sendo tão gentil e amigável.

— Não conheço as intenções de Willowby, — continuou a duquesa — mas posso lhe garantir que as de Simon e Tyndale são apenas as mais amorosas. Todo o grupo sentiu muito a falta dele, especialmente considerando todo o tumulto e a alegria que surgiram em nosso círculo, no último ano e meio.

Diana engoliu em seco — Tenho certeza de que não é da minha conta.

— Não é? — voltou a olhar para a casa — Parece que *ele* se sente diferente.

Diana se assustou com essas palavras. Com o que significavam nesse contexto. Com a ideia de que essa dama sabia que ela e Lucas eram amantes. Que rotulou Diana de prostituta, mesmo que discretamente.

— Sabe o que eu sou.

As bochechas de Meg escureceram e ela desviou o olhar de Diana — Sua amiga.

— Vossa Graça. — começou Diana.

A duquesa sorriu — Oh, por favor, não faça isso. Somos um grupo muito informal, com muitos duques e duquesas, para sermos todos tratados de Vossa Graça. Fica muito confuso. Por favor, me chame de Meg, e eu serei muito direta e a chamarei de Diana, em troca.

Diana piscou, confusa — Meg?

— Excelente, — disse Meg — tornou isso muito fácil, com muito menos embates do que eu tive com, digamos, Adelaide ou Helena.

Diana balançou a cabeça — Eu não...

— Parece muito provável que as conheça, em breve. — Meg suspirou — Supondo que tudo corra bem com os cavalheiros, como tenho certeza de que acontecerá.

Olhando fixamente para a duquesa, Diana tentou pensar em algo para dizer. Até então, pensava que Meg a via como a amante de Lucas, mas estava

falando com ela como se ela fosse algo mais importante. Alguém que merecia um lugar em uma mesa, cheia de duques e duquesas, no alto escalão da sociedade.

— Acho que pode estar enganada em sua opinião a meu respeito, Vossa Graça.

— Meg.

Ela entrelaçou as mãos à sua frente — Meg. E... eu não farei parte de seu círculo, não importa o resultado da reunião de Lucas, hoje.

— Não vai? — Meg riu, e foi um som suave e brincalhão — Sei que há muitas histórias desagradáveis sobre aqueles com títulos, mas garanto que não temos um ogro no grupo. São todos homens bons, com muitas qualidades. E as esposas, até o momento, são o sonho de qualquer garota, quando pensa nas amigas que teria a sorte de ter em sua vida.

— Tenho certeza de que tem razão. Não se trata de um insulto ao grupo, lhe garanto. É que eu sou... eu sou...

Meg ergueu as sobrancelhas quando Diana não terminou e assentiu — É...?

Diana cruzou os braços e lutou para não fugir — Vai me obrigar a dizer isso em voz alta? Estou hospedada na casa dele, sem acompanhante. Sou sua..."

— Sua amante. — Meg terminou — Sim, é o que parece. Admito que essa ideia me deixou um pouco desconfortável no início, mas, depois que conversamos, estou começando a achar que minha visão não é totalmente verdadeira.

Diana recuou — Asseguro-lhe que é. Não há nada entre nós fora de nosso - nosso acordo.

Corou ainda mais com essas palavras. Estava dizendo a Lucas que não queria ser vista como uma "prostituta" pelos amigos dele e agora estava defendendo sua posição, como sendo exatamente isso. Enquanto isso, a duquesa deu-lhe um olhar conhecedor.

— Não somos um... um grupo típico de amigos, minha querida. Nossas fileiras estão repletas de homens que sofreram muito e mulheres que tiveram seus próprios segredos. Portanto, se fosse a amante de Willowby e nada mais, garanto-lhe que isso não faria com que eu a estimasse menos. Mas não é isso que é.

— Acho que sei o que sou mais do que ninguém. O que *pensa* que eu sou? — Diana perguntou.

Meg riu novamente — Alguém que faz Lucas Vincent, Duque de Willowby, parar de correr. Uma mulher que segura seu braço com grande proteção, quando ele entra em uma sala onde está inseguro. Uma mulher que parece pertencer a este lugar. É isso que é.

— Ele... ele não parou de correr por minha causa. — Diana sussurrou, pois não tinha resposta para o resto das alegações de Meg.

— Se insiste. — disse Meg — Mas eu ainda gostaria que o resto das

duquesas a conhecessem.

Diana olhou para si mesma e corou mais uma vez — Vossa Graça, esse é o melhor traje que tenho. Não é adequado para a companhia de duquesas, creio que concordará.

— A cor a favorece., — disse Meg. Levantou-se lentamente, se firmou e então se aproximou de Diana. Moveu-se ao redor dela, examinando-a — Nós duas temos um tamanho parecido e, como não estou usando meu guarda-roupa habitual, acho que posso resolver seu problema de vestidos.

A boca de Diana se abriu — Não pode estar falando sério ao me oferecer suas roupas emprestadas!?

— Não, — disse Meg — a deixaria ficar com elas. Simon comprará coisas novas para mim, depois do bebê, pois tenho certeza de que meu corpo mudará. Minha seda verde a deixaria linda, pois realçaria seus olhos cor de jade. — bateu palmas — Oh, jade! Tenho um colar muito bonito e ele...

— Por favor, Meg, — Diana interrompeu — é muito gentil, mas...

— Sem “mas”. — disse Meg — Sério, deixe-me fazer isso. Pelo menos não me recuse de imediato.

Diana suspirou, pois, a oferta era muito tentadora. Com base no lindo vestido que Meg estava usando, podia ver que, o que quer que oferecesse, seria mais bonito do que Diana imaginava. Aquela caridade parecia... desperdiçada. Não tinha vida ou lugar entre essas pessoas.

No entanto, sentia-se tão confortável.

— Madames!

Ambas se viraram e Meg abriu um largo sorriso, enquanto os homens desciam o caminho do jardim, em direção a elas. Diana deixou de lado seus sentimentos sobre a oferta de Meg e olhou para Lucas. Não conseguia lê-lo completamente, mas viu que ele parecia... relaxado. Feliz. E respirou fundo pela primeira vez, desde que o deixara, quase uma hora antes.

O Duque de Crestwood estendeu a mão e Meg a pegou, entrando no círculo de seus braços, com um sorriso que poderia ter iluminado mil noites. Diana se sentiu incomodada diante de tanta adoração entre eles. Parecia quase uma acusação, quando olhou para Lucas e o encontrou sorrindo para ela.

— Srta. Oakford, Willowby nos disse que é uma grande horticultora. — disse Tyndale — E que seu jardim é muito superior a este aqui.

Diana balançou a cabeça — Muitas vezes me pergunto se Willowby sofreu um ferimento na cabeça, ao ver meu pequeno jardim, se ficou tão encantado com ele, quando tinha essa casa para a qual voltar.

— Casa é onde está o frango saboroso. — Lucas murmurou — Havia muitas coisas para recomendar em seu jardim, Diana.

Ela corou e ficou satisfeita quando os outros passaram para outro assunto. O elogio de Lucas ao seu jardim parecia... alguma forma de exposição. Aquela coisa importante, revelada para aqueles que eram praticamente estranhos.

— Então, vamos nos divertir. — Crestwood estava dizendo com um sorriso

para Meg.

Ela riu — No meu estado? Talvez queira que outra pessoa faça isso

— Bem, Adelaide não., — disse Simon — Já que ela está em uma condição semelhante, embora não tão avançada quanto a sua. E quanto à Charlotte?

— Eu diria que Charlotte ou Emma seriam as melhores. — Meg disse, batendo palmas — Oh, um baile. Que bom reunir todo mundo.

Tyndale sorriu, mas Diana pensou ter visto uma tensão em seus lábios. Teria se demorado mais, observando-o, mas seu coração começou a acelerar — Um baile? — repetiu.

Lucas se virou para ela — Sim. Diana, contei a verdade aos meus amigos. Sobre mim. Sobre você.

Seus lábios se separaram. Ela não estava preparada para essa afirmação — Eu... oh.

— A verdade? — Meg repetiu, inclinando a cabeça — Bem, estou ansiosa para arrancar isso de Simon.

— Assim como eu. — murmurou Crestwood.

As bochechas de Meg se iluminaram e ela riu — Mas, por enquanto, acho que devemos ir. — aproximou-se de Diana, com as mãos estendidas, e se inclinou para acariciar seu rosto suavemente — Pense no que eu lhe ofereci. Precisarás disso ainda mais agora, se houver um baile e eu adoraria poder ajudá-la.

— Obrigada. — disse Diana, sentindo o olhar de Lucas voltado para ela. — Agradeço a oferta, pode ter certeza.

Meg se virou para Lucas e beijou seu rosto — É muito bom tê-lo em casa, meu amigo. Sei que James e os outros também estão morrendo de vontade de vê-lo, então, temos que combinar isso antes de qualquer baile que organizarmos, caso contrário, ficará cercado e isso seria muito estranho.

— É verdade. — concordou com um sorriso.

Diana observou enquanto ele se despedia de Tyndale e Crestwood. Os dois cavalheiros a cumprimentaram e, em seguida, o pequeno grupo voltou para a casa, deixando Diana sozinha com Lucas. Quando todos estavam fora do alcance da voz, ela se aproximou. Precisava tocá-lo. Para se certificar de que estava inteiro, depois do que provavelmente havia sido uma provação desgastante, não importava o quão bem tivesse sido.

— Parece mais feliz. — disse suavemente.

Ele a olhou e assentiu — Isso foi um lembrete da peça que estava faltando em minha vida. E como foi tolice minha descartá-la quando...

Interrompeu-se e se afastou. Ela franziu os lábios. Quando ele se afastava dessa maneira, quando a deixava longe do passado ou de sua dor, isso evidenciava muito bem em que posição ela se encontrava, por mais que ele negasse com veemência.

— Contou-lhes que é um espião. — disse, em um esforço para mudar de assunto. Tanto para o seu bem quanto para o dele.

Ele assentiu e a encarou — Se vou usar a hospitalidade deles para reentrar na Sociedade e instigar nosso traidor, achei que era o correto. E admito que, quando os vi, tive *vontade* de lhes contar. Para que entendessem por que eu havia desaparecido. Que não foi por causa deles.

Ela cruzou os braços — Bem, é bom que tenha *alguém* com quem compartilhar seu passado.

Ele arqueou uma sobranceira e ela se esquivou, pois sabia que seu tom tinha sido petulante. Injustamente, é claro. Afinal, ele não lhe devia nada. Mesmo assim, queria mais.

— Acha que eu não compartilho meu passado contigo? — ele perguntou.

Ela deu de ombros — Fica insinuando sobre alguma coisa horrível que lhe aconteceu e, no entanto, não se revela de forma significativa. Confessei alguns dos meus segredos mais obscuros e, ainda assim, sei tão pouco a seu respeito.

— Não confessou todos.

Ela recuou — Como?

— Ora, vamos, Diana. Não brinque com algo em que nenhum de nós acreditará. Contou-me muitas coisas e sinto-me honrado por ser de sua confiança. Mas, por favor, não finja que esvaziou sua alma para mim. Posso sentir que está escondendo muito mais.

Ela se afastou mais um passo, chocada com sua observação casual. Despedaçada pelo fato de que estava certo. O segredo que ele queria descobrir pairava sobre ela no momento, e o fato de tê-lo mencionado, mesmo sem entendê-lo, a magoou profundamente.

— Bem, então suponho que nós dois temos nossos segredos. E nós dois continuaremos a nos decidir por eles.

Ele abriu a boca, como se quisesse dizer mais alguma coisa, e ela se inclinou para frente, esperando secretamente que dissesse. Mas não o fez. Em vez disso, suspirou — Meg lhe disse para pensar em uma oferta. Qual foi?

Foi como se uma parede de gelo se erguesse entre eles. O assunto estava encerrado, ao que parecia — Ela se ofereceu para compartilhar alguns de seus vestidos comigo, para que eu possa ficar mais apresentável para acompanhá-lo.

Suas sobranceiras se ergueram — Isso foi muito gentil.

— Sim. — assentiu — Meg é muito gentil. Insistente, inclusive, mesmo que eu tenha explicado a ela que não o acompanharei em nenhum evento, portanto, não era necessário.

Ele a encarou — O que quer dizer com isso? É claro que irá a qualquer baile ou evento a que eu for.

Ela ofegou — Está louco? Está tentando se reintroduzir na boa sociedade, como uma forma de atrair seu traidor, e quer levar sua amante como companhia? Não acha que isso causará um alvoroço?

— Suponho que sim. Mas um tumulto não seria o pior resultado. Além disso, a quero lá comigo. É minha parceira nisso, não é?

Ela engoliu com dificuldade. Sua parceira? Isso implicava uma certa

conexão, uma certa intimidade. E, no entanto, não era verdade, não de fato. Como já tinha dito, havia um muro entre eles, em muitas questões.

Talvez fosse hora de parar de fingir que isso não era verdade.

— Não somos parceiros. — observou-o recuar, diante daquela negação tranquila — Somos duas pessoas lançadas em uma experiência terrível e comum. E nos tornamos amantes. Mas nós dois deixamos claro, desde o início, que não era nada mais do que isso, não foi?

— Diana. — disse, levantando as mãos, como se fosse protestar.

Ela balançou a cabeça — Por favor, não faça isso. Será capaz de investigar seu caso sem a minha ajuda, quando voltar ao olhar da Sociedade. Seu ombro melhora a cada vez que o examino. Sua claudicação é quase imperceptível. Nem precisa mais de minhas habilidades como curadora

Ele se aproximou mais, pressionando seu espaço. Ela lutou para se manter firme, em vez de cair em seus braços ou fugir — O que significa isso? O que está dizendo?

Ela respirou fundo — Talvez seja hora de pararmos de fingir, Lucas. Talvez seja hora de... nos separarmos.

Ele segurou seu cotovelo e balançou a cabeça — Não. Está dizendo isso porque tem medo de ir a um baile?

— Não! — gritou, mas soube imediatamente que era mentira. Pela sua expressão, ele também sabia — Há muitas razões para terminarmos este caso. — corrigiu-se — Certamente, uma delas é que está entrando na próxima fase do seu caso e da sua vida. Uma arena à qual eu definitivamente não pertencço.

— Por que eu a levei para minha cama?

Ela assentiu — Isso faz parte.

— Bem, odeio desiludi-la da noção de que todas as damas são puras, mas sei que todos os meus amigos recém-casados, que são duques, foram para a cama com suas damas, antes de fazerem seus votos. Somos humanos, minha querida, independentemente dos títulos que recebemos ao nascer. Uma dama tem tantos desejos quanto uma mulher cujo pai não era chamado de *milorde*.

— Sim, uma dama. Meg é uma *dama*. Todas as esposas de seus amigos são damas. Eu não sou. Meu pai estava meio passo acima de um comerciante, aos olhos deles. Sou o tipo de mulher que amarraria suas fitas ou limparia seus aposentos, Lucas. Não pertencço ao mundo deles. Ao seu mundo. É um duque, pelo amor de Deus.

Sua respiração ficou curta e ele a encarou. Apenas a encarou. Então disse: — Não. Eu não sou.

Ela ergueu as mãos — Pode desejar não ser, pode fugir disso o mais rápido e longe que quiser, mas é quem é. É o Duque de Willowby, Lucas. O mais recente do que eu presumo ser uma longa linhagem. Fingir o contrário é...

Ela a segurou pelos braços novamente e a ação repentina a fez parar de falar, assim como a expressão desamparada e dolorosa em seu rosto.

— Ouça-me, Diana. Não estou dizendo que não sou o duque porque não quero ser. Estou lhe dizendo... estou lhe dizendo que não sou o duque porque

o último Willowby não era meu pai.

Capítulo 18

O mundo girou em torno de Lucas quando disse as palavras em voz alta. Nunca confessou isso a outra pessoa, nem mesmo aos amigos que lhe eram tão queridos. O segredo o apodreceu por dentro, quando soube.

O segredo o transformou no homem que é hoje.

Diana tocou sua face e ele voltou a recuperar o equilíbrio. Olhou-a nos olhos, aqueles olhos de jade, que o haviam cativado desde o primeiro momento em que a viu, e pôde respirar novamente.

— Lucas, — sussurrou — do que está falando?

Ele balançou sua cabeça — Queria meu segredo, Diana. Bem, é isso. Ele não era meu pai. Eu não era seu filho. O que tenho, não é merecido. Não deveria tê-lo herdado. Mas, aqui estamos nós.

Ela o olhou por um longo momento e, em seguida, a expressão calma que sempre usava, quando fazia seu trabalho como curadora, cruzou seu rosto. Segurou seu braço e o guiou até um banco no jardim. Ele se afundou nele, grato por não ter mais que se apoiar nas pernas.

— Como descobriu?

Ele inclinou a cabeça por um momento e ficou olhando para as nuvens, que rodopiavam acima. As lembranças inundaram sua mente e se preparou para o impacto emocional do que estava prestes a lhe dizer.

— Ele sempre me *odiou*. — disse, sentindo o efeito dessas palavras — Eu sempre soube disso. *Ela* também me odiava, como pôde ver quando chegamos. Eles me enviaram para a escola assim que puderam, para me tirar da casa e de suas vistas. Acho que pensei que isso era normal, que era o comportamento de uma família. Achei que nunca pertenceria a lugar algum até que, aos doze anos, conheci os outros, os duques. Quando fui convidado para seu clube, comecei a me sentir parte dele.

Ela assentiu — Isso certamente explica sua proximidade com eles.

— Sim, mas nosso vínculo foi construído sobre um ponto em comum. O fato de sermos todos filhos de duques, quase todos pouco confiáveis ou cruéis, de uma forma ou de outra. Recorríamos uns aos outros para obter apoio, informações e amor fraternal. E então eu perdi a única coisa que me unia a eles.

Ela negou — O que os une é o amor que sentem um pelo outro. Isso esteve palpável naquela sala, mais cedo.

— Mas eles não sabem. Nunca contei a ninguém o que aconteceu.

— O que *aconteceu*? — ela sussurrou.

Ele cerrou os punhos contra as pernas — Nosso amigo Robert, o Duque de Roseford... ele sempre foi selvagem. Consegui que entrássemos em um clube. Estávamos jogando e havia, nós estávamos...

— Havia mulheres. — acrescentou gentilmente.

— Sim. — disse com um olhar apologético pelo tópico rude sobre as mulheres com quem se deitou na vida, antes de conhecê-la — Eu tinha dezesseis anos e foi minha primeira vez vendo realmente o mundo dos homens.

Ela sorriu um pouco — Naquela idade, imagino que devia estar embriagado com muito mais do que apenas bebidas alcoólicas.

— Estávamos nos divertindo muito, até que me virei e meu pai... Willowby... estava parado, a um metro de distância, me encarando. Estava furioso por eu estar em um clube de devassidão, como ele chamou.

Ela piscou — Mas *ele* estava no clube.

— Um bom argumento, mas que eu não conseguiria apresentar-lhe quando ele estava meio bêbado e cheio de raiva indignada. Arrastou-me pelo colarinho, na frente de meus amigos, e me jogou em sua carruagem. Foi a viagem de volta para casa mais longa da minha vida, com seus gritos e berros sobre todos os meus fracassos.

— Oh, Lucas, — sua voz falhou — sinto muito.

— Eu estava ressentido com ele, há anos. Ressentido com sua frieza. Naquela época, já havia passado algum tempo com o pai de Tyndale e com nosso amigo, Kit, cujo pai é Duque de Kingsacre e muito gentil. Percebi que nem todos os pais tratavam seus filhos como o meu e comecei a odiar Willowby com tanta força quanto ele me desprezava. Era a tempestade perfeita. Um homem e um garoto quase adulto, ambos embriagados, com tanta coisa não dita entre eles, por mais de uma década.

— Então as disse. — sussurrou, e estendeu a mão para enroscar os dedos nos dele.

Ele olhou para as mãos entrelaçadas, rendendo-se à paz que seu toque parecia proporcionar, toda vez que o compartilhava. Nesse momento, quando se sentia abalado, isso lhe deu forças para dizer o que aconteceu em seguida.

— Sim. — sua voz falhou — Eu lhe disse que estava cansado de sua crueldade e frieza. Que merecia sua consideração e seu respeito, se não seu amor.

Ela assentiu lentamente — Isso foi corajoso de sua parte. O que ele fez?

— Bateu-me com tanta força com as costas da mão, que senti gosto de sangue. E então me disse que eu não merecia nada, porque não era nem mesmo seu filho verdadeiro.

A expressão dela suavizou-se com profunda empatia — Lucas, ele estava embriagado e era cruel - é bem possível que o estivesse apenas agredindo.

— Pensei o mesmo, naquele momento. Fiquei tão atônito, que não conseguia acreditar que isso fosse possível. Se eu não era seu filho, quem eu era? Não conseguia pensar em uma resposta. Mas, o que ele me disse naquele momento acalorado, acabou se revelando muito verdadeiro. Minha mãe confirmou.

Ela prendeu a respiração e Lucas lutou para recuperar a dele. Havia tantas

lembranças voltando para atormentá-lo. Lembrou-se do rosto de sua mãe, quando os dois entraram aos tropeções, no saguão. Como estava enojada enquanto os olhava do corredor.

— Por que ela faria isso? — Diana perguntou.

— Ele não lhe deu escolha. Quando chegamos aqui, nesta mesma casa, ele me arrastou para dentro. Lá estava ela, acordada pelo barulho. Ele começou a gritar para que ela desse um jeito em seu bastardo, como deveria ter feito durante todos esses anos. Ela não estava bêbada, e houve um momento em que toda a cor de seu rosto desapareceu. Foi então que eu soube. Naquele momento, eu soube.

— O que ela lhe disse? — Diana perguntou, sua mão se apertando contra a dele — Ela explicou?

— De certa forma. No início, ficou furiosa, não com o fato de ele ter me batido ou me xingado, mas com o fato de ter revelado seu segredo. Perguntou-lhe como foi capaz, depois de todos esses anos, como pôde? Tudo veio à tona então, enquanto os via gritarem seu ódio um para o outro, como ele havia gritado para mim. Era como se eu nem estivesse na sala, enquanto discutiam toda a situação sórdida, como, tenho certeza, já haviam feito muitas vezes antes, só que em particular.

— Ela o traiu. — sussurrou Diana.

— Com um criado, aliás. — disse Lucas, quase rindo, embora não houvesse nada de engraçado na lembrança mais dolorosa de sua vida — O valete do meu pai - bem, o valete anterior dele. E esse caso aconteceu em uma época em que meu pai sabia muito bem que a criança não poderia ser dele. Portanto, não sou um duque, apenas uso o traje. Acho que viver uma vida de mentiras me ajudou em meu papel de espião. Eu deveria ser grato, talvez.

Ela se virou mais para ele e suas mãos quentes se aproximaram do seu rosto. Passou os polegares por sua pele e sussurrou: — Isso não é verdade. A vida *deles* foi uma vida de mentiras, não a sua. O que quer que sua mãe tenha feito, não foi culpa sua. Não poderia mudar isso.

— Nem Willowby, embora reconheça que ele queria. — disse Lucas — Nasci durante o casamento deles - protestar contra minha ascendência teria sido infrutífero e causaria um escândalo que destruiria a todos nós, não que meu pai se importasse com alguém além de si mesmo. Ele passou todos aqueles anos olhando para mim e vendo o homem cuja semente contaminada passaria para a sua linhagem, e ficou horrorizado. Não é de se admirar que me desprezasse.

— Ele era uma pessoa cruel, que colocava os pecados de um adulto em uma criança inocente, não importa o que pensava sobre suas linhagens, seu título ou sua fortuna. — murmurou Diana — Oh, Lucas, isso é um fardo para carregar.

Ele deu de ombros — Mas eu não o carreguei. Fugi dele, sabe. Fugi naquela mesma noite, para a casa de nosso amigo Hugh, em Londres. Ele era o único que já havia herdado. Ele me deixou entrar e me perguntou sobre o

que havia acontecido, mas eu não quis contar-lhe. Não podia. Estava muito arrasado.

— Mesmo depois que aquela primeira reação horrível passou? — ela perguntou — Poderia ter confessado a qualquer um deles, nem que fosse apenas para aliviar o fardo.

— Poderia. — admitiu — A maioria deles tem um passado brutal com seus próprios pais. Tenho certeza de que seriam gentis e me dariam apoio. Mas, quando me olhassem, veriam que não pertencço ao grupo. Pelo menos era o que eu acreditava. Por isso, nunca contei a ninguém.

Ela abaixou a cabeça e sua voz estava distante quando disse: — Essa dor que não podia ser falada o consumiu vivo. Uma perda que não pôde ser compartilhada.

Ele a encarou, pois havia uma expressão em seu rosto que lhe dizia que entendia esses conceitos em um nível muito mais profundo. Não entendia o que a havia quebrado, mas se sentia mais confortável, sabendo que não estava sozinho no tipo de dor que agora florescia em seu peito.

— Sim. — admitiu — Afetou tudo em minha vida. Assim como Hugh, todos os meus outros amigos acabaram sentindo que algo havia mudado, mas eu os afastei e fingi que não importava. Quando Willowby morreu, dois anos depois, entrei para o exército, em vez de enfrentar o passado e o futuro. Talvez eu quisesse morrer, não sei. Tornei-me um espião para esquecer o que sou, mas isso me bate na cara a todo momento. Se acha que não pertence a este lugar, bem, eu também não, Diana. Portanto, esse é o meu segredo. Aí está a verdade.

Diana ficou em silêncio por um longo momento. Tanto tempo, que temia que talvez seu segredo tivesse mudado a maneira como ela o via, assim como temia que mudasse a visão de seus amigos. Que não importava o que ela dissesse, sabia o que ele era e isso era tudo o que enxergava agora. Como seu pai havia feito. Como sua mãe.

Mas então ela segurou suas mãos e beijou primeiro uma palma, depois a outra — O fato de ter compartilhado isso comigo significa muito para mim, Lucas. E talvez o fato de ter dito essas coisas em voz alta lhes dê menos poder.

— Não sei se isso é verdade. — disse e se levantou. Caminhou até a borda da fonte e observou a água cair sem parar. Entendia aquela sensação. Sempre caindo, sempre perdido. Virou-se e a encontrou observando-o atentamente — Acho que eu lhe devia esse segredo. Afinal, me contou o seu.

Algo em seu rosto mudou. A culpa e a dor que sempre via nela voltaram. Isso o lembrou de que *havia* mais em seu passado do que o que ela havia compartilhado.

— Tinha razão quando disse que eu não fui totalmente aberta contigo. — disse.

Ele prendeu a respiração e se odiou por pressioná-la — Mas eu fui injusto ao acusá-la disso. No calor do momento, falei isso, mas acho que não *me deve*

nada, nem a ninguém, Diana.

— Só que devo. —disse suavemente — E é claro que hoje, mais do que nunca, eu veria isso.

— Hoje? — inclinou a cabeça — O que há de tão especial hoje?

— É o dia antes de amanhã. E o amanhã significa tudo. — suspirou — Teve um longo dia, Lucas - acha que está pronto para uma pequena viagem?

Ele piscou — Uma viagem?

— De volta ao meu chalé, aqui na cidade. Eu ia inventar uma desculpa de que precisava de ervas para poder voltar para lá, hoje à noite ou amanhã, mas talvez seja hora de tirar todas as mentiras do caminho. Talvez seja hora de que realmente entenda, como eu entendo agora. Se quiser, peço que venha comigo.

Ele hesitou. Por sua expressão, ficou claro que seu segredo era terrível. Que alterava a vida. E se ele soubesse, os dois ficariam nus. Não haveria mais nenhuma barreira entre eles.

E isso era aterrorizante.

Mas a ideia de conhecê-la, realmente conhecê-la, também era tentadora. A tentação venceu.

— Sim, — disse suavemente — eu ficaria honrado em acompanhá-la de volta e saber tudo o que *desejar* compartilhar.

— Então vamos, agora. — disse, estendendo a mão trêmula.

Ele a pegou, guiando-a em direção à casa, guiando-os em direção a um futuro, que temia e ansiava, em igual medida.



Lucas permitiu que houvesse silêncio entre eles, durante a longa viagem por Londres, de volta ao seu pequeno chalé. Diana apreciou muito isso, pois, no momento, não conseguia pensar em nada para dizer.

Já havia sido dito o suficiente.

Não tinha a intenção de contar a Lucas toda a verdade sobre seu passado. Nunca quis que ninguém soubesse. Mas, quando ele lhe revelou seu segredo, quando confessou tudo e não pediu nada em troca, a última barreira que mantinha entre eles se desfez. Afinal, esse segredo lhe causou tanta dor por tanto tempo. Como lhe havia sugerido, talvez falar em voz alta lhe tirasse o poder.

A carruagem parou e Lucas a ajudou a sair. Sua mão era quente e reconfortante, quando segurou seu braço e a guiou até a porta. Ela a abriu e eles entraram.

Ambos respiraram fundo de uma só vez, e ela o olhou de relance. Parecia tão feliz por estar aqui quanto ela. De volta ao lugar onde começaram. Esse lugar que era tão diferente do mundo dele e do que enfrentariam lá, nos próximos dias e semanas.

— O que posso fazer? — perguntou — Acender a lareira na sala de estar? Ajudá-la a pegar algo no escritório?

Ela negou — O que tenho para lhe mostrar não está lá dentro. Precisamos

ir para o jardim.

Ele soltou seu braço e fez sinal para que o conduzisse. Ela o fez com as pernas trêmulas, com o coração palpitante, que parecia estar alto o suficiente para ser ouvido pela vizinhança.

Atravessou a fria e escura sala dos fundos e passou pelas portas que davam para o lado de fora. O sol estava quente em seu rosto, mas parecia um tapa, quando pensou no que estava prestes a fazer. Dizer. Sentir.

Lucas a seguiu silenciosamente enquanto ela abria caminho por entre as plantações de ervas e as poucas flores espalhadas pelo pequeno espaço externo. Finalmente, chegou ao grande carvalho, no canto de trás do espaço, parou e ficou olhando para o que viu lá.

Dois pequenos marcadores, memoriais para os mortos. Um era para seu pai e sua mãe. O outro era pequeno - minúsculo, na verdade - como a pessoa que representava. A vida perdida, antes mesmo de começar.

— Diana. — disse Lucas suavemente.

Ela não o olhou, mantendo os olhos naquele pequeno marcador — O nome da minha mãe era Mira. Eu sempre gostei da maneira como meu pai o dizia. Poderia ser um poema de amor, uma admoestação ou uma oração. Quando meu bebê nasceu tão cedo, incapaz de respirar, morreu antes mesmo que eu pudesse segurá-la, eu a chamei de Mirabelle. Pelo menos na minha cabeça.

Os dedos de Lucas se fecharam em seu braço e ela finalmente o encarou. Ele estava pálido e seus lábios tremiam — Sua filha.

Ela assentiu — Aquele caso malfadado com Boyd Caldwell me trouxe mais do que apenas uma história triste sobre a inocência perdida, como pode ver.

Sua mandíbula se contraiu — Caldwell. *Esse* foi o espião que seu pai trouxe para cá? Aquele que a seduziu?

— Presumo que o conheça. — sussurrou, com as bochechas cheias de calor.

Seu olhar se desviou e ele assentiu — Sim. Eu... eu o conheço, embora não muito bem.

Ela olhou para trás, para os memoriais — Quando percebi que estava procriando, tentei esconder o fato. Por fim, fui forçada a contar ao meu pai o que havia acontecido entre nós e como Boyd me abandonou, depois de conseguir o que... queria. Nunca o vi tão furioso. Não sei se confrontou Caldwell - nunca mais falamos a seu respeito. Viemos para Londres, onde ele poderia me observar e me ajudar enquanto trabalhava. Até que... até que comecei a sentir dores. Muito cedo, muito prematuramente. Meu pai tentou ajudar, mas não conseguiu salvá-la. Ele mal me salvou. Ela está enterrada aqui, e é por isso que coloquei um marco memorial para eles ao lado dela. Para que eu pudesse visitá-los juntos.

Ela piscou e percebeu que as lágrimas estavam escorrendo por seu rosto — Amanhã fará um ano que ela morreu.

Ele oscilou ligeiramente e, para sua surpresa, puxou-a para dentro e a

abraçou com força contra o peito largo e quente. Sua mão subiu para os cabelos dela, alisando gentilmente as mechas — Sinto muito, Diana.

Ela sucumbiu, e o peso da dor que carregava consigo, há um ano, a atingiu de uma só vez. Ele a segurou, mantendo-a ereta e sem falar, enquanto ela chorava pela filha que nunca conhecera, depois pela mãe, que também havia partido cedo demais, e pelo pai que lhe havia sido arrancado. Chorou por todos eles, até que seu peito parou de doer e as lágrimas se transformaram em tremores e depois pararam.

— Mirabelle é um nome lindo., — disse, afastando-se para enxugar as lágrimas de seu rosto, antes de entregar um lenço que tirou do bolso do paletó.

Ela limpou os olhos e o nariz e assentiu — Às vezes me pergunto como ela teria sido. Sua aparência.

— Linda e talentosa como a mãe. — disse com um sorriso — É impossível que não fosse, tendo a sua influência. Fico feliz que tenha esse lugar para visitá-la.

Ela balançou a cabeça — Sinceramente, não tenho certeza se papai queria isso. Ele parecia fazê-lo por culpa e não por um desejo de recordação. Estava sempre me incentivando a deixá-la ir, a esquecê-la.

Lucas estremeceu — Isso não é muito gentil.

— Não, talvez não. Mas ele era um cirurgião, é claro. Um médico que via a morte regularmente. Conseguia afastá-la. E esperava que eu fizesse o mesmo. Ele não foi muito reconfortante... depois.

Lucas a aconchegou em seus braços novamente e olharam juntos para os marcadores — Então, *deixe-me* confortá-la. Podemos pernoitar aqui. Mandarei trazer o jantar - podemos ficar aqui, neste lugar, onde o caso e os deveres não importam. E amanhã voltaremos a vê-la, visitá-la e colocar algumas flores, para o seu aniversário.

Ela o encarou, chocada com a gentileza de sua resposta a uma criança que não conhecia, que não era dele. Mas é claro que seria. Apesar de seu início rude com ela, percebeu rapidamente que, embora ele pudesse ser complexo, não era cruel. Era generoso e atencioso, profundamente apaixonado e altamente sintonizado com as pessoas ao seu redor. Talvez essas coisas tivessem sido aprimoradas pelo fato de ser um espião, mas não haviam nascido de sua profissão.

Eram simplesmente... ele. E era por isso que o amava.

Ela se sobressaltou com essa constatação, que a atingiu no coração e quase a fez ceder em choque, dor e terror. Mas não podia negar a verdade. Ela o amava. E sempre o amaria.

Mesmo que lhes restasse tão pouco tempo, agora.

— Eu gostaria muito, — disse, abraçando-o pela cintura e se inclinando para ele — se estiver disposto.

Ele se inclinou e beijou sua têmpora — O que precisar, Diana. Tudo o que precisar e muito mais.

Ela sorriu, mas então soube, e percebeu que nunca seria capaz de esquecer,

que o que ela precisava era do coração que ele não lhe daria. E o futuro que não poderiam ter.

Capítulo 19

Há quatro dias, Lucas e Diana voltaram de seu chalé, e ele notou as mudanças nela. Embora ainda se movimentasse e tratasse de seus ferimentos, estava mais quieta e reflexiva, enquanto processava sua dor. Ele também estava processando. Os dois confessaram muito sobre si mesmos, tanto que percebeu que ambos se sentiam expostos.

De fato, ela havia exposto muito mais do que talvez soubesse. Quando lhe disse que o nome de seu amante, o pai de seu filho, era Boyd Caldwell, tudo nele ficou congelado. Uma das poucas coisas de que se lembrava do dia em que fora atacado era que os guardas de seu traidor haviam passado pelo esconderijo, dizendo parte de um nome.

Cal.

Ele e Stalwood se debruçaram sobre os nomes e sobrenomes de suas fileiras que poderiam coincidir. Sabia que Stalwood havia analisado cada um deles, mais de meia dúzia, inclusive o próprio Caldwell, mas nunca conseguiram chegar a uma conexão sólida.

Só que agora havia uma. Caldwell era próximo o suficiente do pai de Diana para que Oakford o deixasse entrar em sua casa. Deixou-o se aproximar de sua filha. Diana pensou que estivessem investigando um caso juntos.

Pensamentos que assombravam Lucas desde então, pensamentos que começaram a gerar mais e mais suspeitas sobre Caldwell. Sobre o próprio Oakford. Sabia que teria de abordar esses pensamentos com Stalwood, mais cedo ou mais tarde. Mas, quando o fizesse...

Bem, Diana poderia descobrir. Se suas suspeitas se provassem verdadeiras, muito provavelmente partiriam o coração dela. Não estava pronto para fazer isso, especialmente porque ela havia compartilhado tanto.

Especialmente porque, surpreendentemente, não se sentiu desconfortável, nem compartilhando, nem sabendo. Na verdade, sentia-se... mais próximo dela. Sentiu-se naquela noite, depois que ela lhe confidenciou, quando simplesmente a abraçou enquanto dormia. Sentiu-se na noite em que voltaram, quando fizeram amor, na esperança de que o prazer aliviasse um pouco da dor.

Agora, enquanto se sentava em frente a ela, observando-a servir o chá e examinar o aparador de bolos do café da manhã que os aguardava — Recebi um convite, — disse, afastando os pensamentos mais preocupantes sobre o caso, e sobre ela, e finalmente quebrando o silêncio — para um baile, na casa do Duque e da Duquesa de Abernathie.

Ela se virou lentamente, com a mão tremendo tanto, que o prato que segurava balançava — Entendo.

— É esta noite. E recebeu uma mensagem de Meg. Presumo que ela queira

encontrá-la esta tarde, para compartilhar seus vestidos

— A única razão pela qual eu faria isso seria se eu fosse ao baile como sua acompanhante. — disse Diana, pousando o prato e sentando-se ao seu lado — Não creio que isso seja sensato.

Ele franziu a testa. Sua certeza era tanta que não pertencia ao mundo dele. Que seria vista como inferior por seus amigos e colegas — Eu gostaria que viesse. — disse suavemente.

— E atrair atenção negativa em sua direção? — balançou a cabeça — Não serão apenas seus amigos que estarão lá, não é?

Ele franziu os lábios — Não, isso não serviria ao propósito do baile, é claro. Haverá muitos da nobreza lá.

— Então não pertença a esse lugar. — disse, e empurrou a comida que não havia comido para longe — Fim da discussão.

Ele se inclinou e segurou suas mãos. Aproximou-as lentamente de seus lábios e beijou os nós dos dedos. Sentiu-a estremecer, mudar de posição, amolecer. E sorriu — Por favor, venha.

— Acha que pode me convencer com isso? — perguntou.

Ele arqueou uma sobrancelha — Sei que posso. Mas não quero fazê-lo. Quero que esteja lá, para conhecer meus amigos como um grupo. Para que eu possa dançar contigo. Porque gostaria de discutir qualquer informação que possa ser obtida em nosso trajeto. E porque gostaria de vê-la como a estrela brilhante e gloriosa da noite e saber que poderei levá-la de volta para a minha cama, no final dela.

Ela suspirou, mas era óbvio que ele havia vencido, antes mesmo dela dizer: — Muito bem, embora eu ache que poderá se desapontar. Dê-me a carta de Meg e eu lhe escreverei, para dizer que irei até ela, esta tarde, para aceitar sua oferta.

— Ótimo. — disse, entregando a carta com um sorriso — Sua presença será de grande ajuda para mim, tenho certeza.

Ela o olhou e ele percebeu sua ansiedade — Eu o lembrarei disso depois, quando estiver arrependido de ter me levado.

Ela se levantou e foi pegar o chá dele, no aparador. Quando lhe deu as costas, o sorriso dele se desfez. Mais uma vez se foi atormentado por pensamentos perturbadores, que não tinham nada a ver com o baile. Pensamentos de como poderia magoá-la com a investigação que teria de fazer.

E como *ele* ficaria arrasado quando a perdesse.



Quando Meg entrou em sua sala, Diana se virou e ficou surpresa ao ver um sorriso enorme no rosto de sua nova amiga.

— Estou tão feliz que tenha vindo! — Meg disse, e a envolveu em um abraço, que só se tornou estranho por causa da barriga de grávida que estava entre elas. Diana se viu colocando a mão sobre a barriga e se lembrando de seus próprios meses de confinamento.

Meg inclinou a cabeça — Está tudo bem?

— Sim. — disse Diana, afastando a mão — Desculpe-me, só estou distraída. Foi muito gentil em me convidar e renovar sua oferta de me emprestar algumas roupas para esta noite. Admito que não tenho ideia do que fazer, dizer ou pensar, quando se trata de um evento como esse. Temo estragar tudo.

— Bem, nós a ajudaremos. — disse Meg, enquanto segurava seu braço — Agora, venha até meu quarto e começaremos. As outras estão muito animadas para conhecê-la.

— As outras? — Diana repetiu, enquanto seguia a liderança da duquesa.

— Sim. Emma está muito ocupada se preparando para o baile, com a ajuda de Charlotte, mas Adelaide está aqui e Helena também.

Diana parou no meio do corredor e forçou Meg a fazer o mesmo — As outras duquesas?

Meg inclinou a cabeça — Não precisa parecer tão assustada. Eu já a mordi?

Diana não conseguiu rir da provocação gentil — Não, ainda não. Mas é que...

Não conseguiu completar a frase e Meg a envolveu com o braço — Reconheço que está nervosa. Até entendo o motivo. Mas garanto que Adelaide e Helena são as mulheres mais doces e gentis que poderia esperar encontrar. Não sentirá nada além de boas-vindas e amizade da parte delas. São incapazes de qualquer outra coisa.

Diana assentiu lentamente. Meg era tão sincera em seus elogios, que era difícil não acreditar que estivesse certa. Subiram as escadas juntas e Meg a levou até uma porta aberta. Pôde ouvir vozes femininas do lado de dentro, risadas silenciosas, e respirou fundo para se preparar. Ao entrarem, duas senhoras se viraram de um roupeiro aberto no vestiário.

Uma delas era loira, com cabelos soltos, que emolduravam um rosto muito bonito. Também tinha sua própria barriga de grávida, embora não tão grande quanto a de Meg. A outra era esbelta, com um cabelo ruivo e penteado em um coque simples. Quando Diana e Meg entraram, os rostos das duas damas se iluminaram, com sorrisos felizes e amigáveis, que não podiam fazer outra coisa senão deixar Diana à vontade.

— Senhoras, Diana finalmente chegou! — Meg disse, puxando-a para frente — Diana, apresento-lhe Adelaide, duquesa de Northfield, e Helena, nossa mais nova duquesa. Ela se casou recentemente com o Duque de Sheffield.

— Sessenta e sete dias, para ser exata. — disse Helena, e Diana ficou surpresa ao descobrir que a dama tinha um sotaque bem americano. Helena deu um passo à frente, para pegar as mãos de Diana, em sinal de saudação — Ainda estou contando alegremente cada um deles. Olá e seja bem-vinda. Estamos muito felizes em conhecê-la.

— Estamos mesmo. — concordou Adelaide — E espero que Meg tenha lhe dito que somos muitas para nos chamar pelo título, pelo menos entre amigos. Portanto, nos chamará de Helena e Adelaide.

Diana riu, enquanto seu nervosismo continuava a se dissipar — Admito que nenhuma se parece com uma mulher que possa ser contrariada. Portanto, se insistirem, não vejo como recusar.

Conversaram por um tempo, sobre coisas fúteis. A cada momento que passava, Diana se sentia cada vez mais à vontade. Estava tão distante desse escalão da sociedade, que imaginava que as mulheres que o compunham fossem frias, distantes e insensíveis.

Mas essa noção estava sendo refutada em um ritmo acelerado. Todas as três damas eram divertidas, acolhedoras, inteligentes e claramente apaixonadas por seus respectivos maridos. Era quase impossível não gostar delas, de todo o coração, e querer fazer parte de seu pequeno círculo.

Não que pudesse fazer isso, não de fato. Se seus maridos formaram um clube de duques, este era um de duquesas, e isso era algo de que Diana não faria parte, apesar do amor que agora podia admitir, em particular, que sentia por Lucas.

— Adelaide, seu gosto é impecável. — disse Meg finalmente — Poderia vir dar uma olhada nas minhas coisas e me ajudar a decidir o que Diana deve experimentar primeiro?

Adelaide sorriu para Diana e as duas se afastaram para discutir no vestiário, deixando Diana sozinha com Helena.

— Parece uma recém-casada muito feliz.

O rosto de Helena se iluminou — De fato, estou muito satisfeita. Ainda não conheceu Baldwin... er, Sheffield, mas ele é o melhor dos homens. Não que não tenhamos tido nossas batalhas.

— Ouvindo-a falar dele com tanto carinho e vendo sua alegria inconfundível, é difícil imaginar isso.

— De certa forma, somos muito parecidas. Não nasci neste mundo. Não que eu fosse algo tão interessante quanto uma curadora, para um espião. — Helena corou.

Diana riu, embora tenha sido um som nervoso. Lucas lhe dissera que era provável que todas as duquesas soubessem de seu segredo, mas que confiava que jamais sairia de seu círculo. Supôs que soava melhor do que uma amante — É americana - acho isso muito interessante.

Agora foi a vez de Helena rir — Eu sou. De Boston, embora não tenha me sentido em casa por muito tempo. Agora pertenço a este lugar. Mas quando cheguei aqui, pela primeira vez, esse... — acenou com a mão para indicar o belo aposento — ... também não era meu lugar. Eu não era nada mais do que a acompanhante de minha prima quando conheci Baldwin.

Olhando para a adorável mulher à sua frente, mal podia imaginar que nem sempre havia pertencido ao caloroso grupo de seus amigos — Uma acompanhante? — repetiu.

Helena assentiu — Devido a muitas circunstâncias, as coisas pareceram bastante... *terríveis*, por um longo tempo. Eu não conseguia acreditar que poderíamos encontrar a felicidade como encontramos. Mas espero que me

veja como prova de que os obstáculos de classe podem ser superados. Para nós. E para você e o Lucas.

Diana prendeu a respiração — E-eu não estou... Lucas e eu não estamos nos cortejando.

Helena arqueou uma sobrancelha — Não? Então talvez eu tenha entendido mal a situação.

Diana abaixou a cabeça. Helena não parecia achar que tinha entendido nada errado. Mesmo assim, Diana recusou-se a ser consolada por essas palavras. A situação com Lucas era muito mais complicada do que o que havia separado Helena de seu duque.

Diana tinha que se lembrar disso, tanto para si mesma quanto para qualquer outra pessoa que conhecesse.

No entanto, não precisou responder, pois Meg e Adelaide voltaram para ela, com um lindo vestido nos braços. Diana prendeu a respiração ao ver o jade brilhante de uma escolha e o azul escuro e sedutor da outra.

— Experimentará os dois, — insistiu Meg — para começar. E avisarei Willowby que ele não a verá novamente até o baile. Ficará aqui comigo e eu a ajudarei a arrumar seu cabelo também. Acompanhará Simon e eu em nossa carruagem

Diana se remexeu — Ah, mas...

— Não discuta com ela, — disse Adelaide com um suspiro teatralmente fingido — sempre ganha.

— Sempre. — disse Helena, com um assentimento.

Meg parecia satisfeita com a provocação de suas amigas e disse: — Está vendo?

— Muito bem. — Diana ergueu as mãos em sinal de rendição, pois parecia não haver espaço para discutir. Mesmo que houvesse, não estava totalmente desanimada com a ideia de ser mimada e preparada por suas novas amigas — Aparentemente estou à sua mercê.

— Não é muito mais fácil admitir isso? — Meg disse com uma risada brilhante — Agora, qual vestido devemos experimentar primeiro?

Diana mergulhou no momento, enquanto olhava de um lindo vestido para o outro — Posso... posso experimentar o verde primeiro? É lindo.

— De fato, — disse Meg, com um largo sorriso — combina perfeitamente com seus olhos e mal posso esperar para vê-la nele.

Diana se virou e deixou que Helena começasse a desabotoar seu vestido atual, simples. Tudo isso era uma fantasia, uma história de conto de fadas, em que uma moça comum se tornava uma princesa, graças aos amigos. E, embora pudesse gostar de se entregar à ideia por um tempo, lembrou-se de não se envolver demais nela.

Isso acabaria. E mais cedo do que tarde.

Capítulo 20

Lucas se remexeu e olhou para o relógio de bolso, pelo que deve ter sido a décima vez em tantos minutos. O baile de Abernathe estava em pleno andamento, mas Diana ainda não havia chegado com Simon e Meg. Sobressaltou-se quando Graham Everly, Duque de Northfield, passou o braço ao seu redor e riu.

— Está sendo um pouco óbvio, amigo, verificando a porta a cada trinta segundos. Ela chegará aqui quando chegar. E ouvi dizer que a espera valerá a pena. Ao chegar em casa, Adelaide não parava de falar sobre como a misteriosa Srta. Oakford estava linda, no vestido que as três escolheram para ela.

Lucas franziu os lábios e voltou a se concentrar no pequeno grupo de amigos. Tinha chegado cedo à casa de James para a reunião e agora estava cercado por Graham, Ewan, Baldwin, Matthew e Robert. Simon ainda não havia chegado, é claro, e James estava ocupado com Emma, dando as boas-vindas aos convidados, à medida que cada um era anunciado. Apenas dois deles estavam faltando. Kit, que estava no campo com seu pai doente e sua irmã mais nova. Hugh havia sido convidado, mas depois foi constatado que ele não estava em Londres, um fato que incomodou seus amigos, embora não tivessem entrado em detalhes. Estavam ocupados demais, apertando as mãos, trocando histórias e fazendo perguntas sobre sua vida como espião.

Uma grande volta ao lar, de fato, e que aqueceu seu coração.

Agora Lucas estava com os homens, que agiam como se ele nunca tivesse saído de seu círculo. De certa forma, parecia que não o havia feito. Como se tivesse voltado para casa, depois de um longo tempo fora, mas encontrasse sua cadeira, sua cama e sua vida tão confortáveis como sempre foram.

— Está sendo absurdo. — disse, forçando uma expressão benigna no rosto — Conhece minha... *situação* ... e sabe por que Diana faz parte dela. Fingir o contrário é...

Ele interrompeu a frase porque, naquele momento, Simon e Meg foram anunciados. Entraram juntos no salão e, atrás deles, estava Diana. Usava um lindo vestido verde, que combinava perfeitamente com seus olhos. O corte era um pouco apertado demais no peito, pois não havia sido feito para Diana, e sim para Meg, que era menor. Isso só serviu para acentuar suas belas curvas.

Seu cabelo havia sido arrumado pela criada de Meg, ao que parecia, e a mulher fez sua mágica, ondulando, torcendo e enrolando, até que todas aquelas mechas exuberantes parecessem uma coroa digna da mais bela rainha de todo o país. De todo o mundo.

— Estava prestes a nos contar como não se abala com a encantadora Srta. Oakford. — Robert, Duque de Roseford, falou lentamente, com um meio

sorriso para ele — Se isso for verdade, talvez eu a convide para dançar. Ela é deslumbrante.

Lucas fulminou seu amigo - que também era o mais selvagem e inadequado do grupo - com um olhar. A simples ideia de o belo, sorridente e sedutor duque colocar as mãos em Diana, mesmo que apenas para uma dança, fazia o sangue de Lucas ferver.

— Acho que ele pode ter uma apoplexia se continuar a provocá-lo, Roseford. — disse Matthew, rindo — É muito cruel de sua parte.

— Calem-se. — Lucas conseguiu murmurar — Diana é... bem, ela merece mais do que qualquer um de nós. Com licença.

Sentiu os olhos dos amigos em suas costas quando se afastou deles e começou o que pareceu ser uma caminhada eterna pelo salão, em sua direção. Ela estava conversando com Meg e Emma, agora. Emma claramente elogiava o vestido que lhe caía tão bem. Mas Diana continuava a observá-lo pelo canto do olho e, quando as alcançou, soltou um suspiro, como se o estivesse segurando.

— Boa noite, madames. — segurou a mão que Diana, tremendo, lhe ofereceu, e a levou aos lábios — Está maravilhosa. — disse calmamente.

— E... é o vestido requintado de Meg, garanto-lhe. — disse ela.

Emma soltou uma gargalhada — Não é nada disso.

— Nunca rejeite um elogio, minha querida. — disse Meg, e seu olhar se manteve firme em Lucas — Especialmente um que tenha sido feito com tanta sinceridade.

Simon e James se aproximaram, pegando os braços de suas esposas. James sorriu — As chegadas diminuíram agora, então acho que podemos considerar este baile aberto oficialmente.

— Muito obrigado, Vossa Graça, por fazer os preparativos tão rapidamente. — disse Lucas, forçando-se a desviar o olhar de Diana para Emma. Ela era uma mulher adorável, muito bondosa. Era evidente a devoção de James a ela e à filha deles, de coração, corpo e alma. Algo que nunca havia imaginado ser possível para seu amigo, quando eram mais jovens. Ver James tão à vontade não lhe dava nada além de prazer.

— Fico feliz em ajudar. — disse Emma, estendendo a mão para apertar seu braço — Especialmente se isso trouxe um dos amigos mais antigos e queridos de meu marido de volta ao nosso círculo.

— Estão começando uma valsa. — disse James, aproximando Emma um pouco mais — Nós sempre dançamos a valsa de abertura, minha querida. Não me negue isso agora.

Emma corou e o admirou — Como se eu pudesse lhe negar algo. Divirtam-se esta noite, os quatro. Espero que possamos nos falar por mais tempo, depois.

Os dois se afastaram e Lucas observou enquanto James envolvia a esposa na dança, com a mão um pouco baixa demais em suas costas, com os olhos focados um no outro.

— Parecem muito felizes. — observou Diana, com um tom um pouco distante, enquanto o quarteto os observava dançar — E ela é adorável.

— Ela é. — Meg concordou — Eu não poderia ter escolhido uma noiva melhor para o meu irmão. Vê-lo tão feliz é... é...

Ela prendeu a respiração e estendeu a mão para enxugar uma lágrima repentina. Simon puxou-a para mais perto — Oh, meu Deus, esse bebê transforma minha esposa em um pote de água, na maioria dos dias. Lágrimas felizes, lágrimas tristes, lágrimas por causa de uma bainha rasgada...

Meg deu-lhe um tapa de brincadeira e agora estava rindo, em meio àquelas mesmas lágrimas — É um canalha, sir.

— E, no entanto, é tarde demais para escapar de mim, pois é minha, ou assim declarou o ministro. — disse Simon com uma risada — Venha, vamos para pista dançar, e tudo ficará bem, antes dos últimos acordes da música.

Se Meg ia discutir, ele não permitiu, e quase a carregou para a pista de dança, onde se juntaram a James, Emma e o resto dos foliões.

Lucas sorriu para Diana — Está maravilhosa.

Ela corou, e o ato o lembrou de todas as vezes em que fizeram amor. Aquele rubor de prazer era algo que gostava muito de ver em seu rosto, não importava como ele encontrasse uma maneira de fazer isso acontecer.

— E está bonito, não que não saiba disso. — respondeu. Ele lhe ofereceu um braço e ela o aceitou, permitindo que ele a levasse mais para dentro da sala — Como foi seu reencontro?

Ele a encarou, pois ouviu a preocupação em sua voz — Muito melhor do que eu jamais poderia ter sonhado. — disse, escolhendo a honestidade absoluta com ela. Sabia que podia confiar nela para isso — Todas as minhas preocupações desapareceram em um instante. Embora eles certamente tenham uma noção romântica do que é ser um espião.

— É possível ser um espião se *nove* de seus amigos mais próximos e suas esposas sabem a verdade?

Ele sorriu — Bem, meu futuro no departamento ainda pode estar em questão. Melhorei, sim, mas meu corpo não é o mesmo. Talvez nunca mais seja. Mas, se eu puder voltar ao trabalho que amo, sei, com certeza, que posso confiar minha vida e a vida das pessoas com quem trabalho a esses homens e suas esposas. Acredito nisso, de todo o meu coração.

Ela se virou para ele com um meio sorriso — No entanto, temia o que eles pensariam de seu segredo.

Ele sentiu sua mão se erguer, seu corpo se encheu de desejo de tocá-la na face. Mas estava bem ciente de que o salão o observava, entusiasmado com a presença do Duque de Willowby, há muito desaparecido. Ser muito direto com Diana não era a melhor das ideias.

Cerrou o punho ao lado do corpo — Isso é diferente. — disse suavemente.

Ela assentiu — Claro que é. — poderia ter dito mais, mas, naquele momento, seus olhos se arregalaram um pouco, quando olhou para um ponto acima do ombro dele — Aquele é Stalwood?

Ele se voltou para olhá-lo — Sim. Afinal ele é um conde.

— Sim. — disse, balançando a cabeça — Sei disso, mas às vezes me esqueço. Para mim, ele sempre será apenas um velho amigo do meu pai.

Lucas estremeceu com esse lembrete. Tinha algumas coisas para dizer a Stalwood esta noite, sobre o assunto do pai de Diana. Coisas que magoariam o homem, que a devastariam, se ela percebesse suas suspeitas.

Ele forçou um sorriso — Ele a tem em alta conta.

Ela corou um pouco — E discutirão o que vimos em seu caso? Gostaria que eu participasse disso?

Antes que ele pudesse responder, sentiu um toque em seu ombro.

— Não vai nos apresentar? — Robert disse, quando Lucas se virou para ver quem havia interrompido a conversa e o salvado, embora sem querer, de uma mentira muito desconfortável, que estava prestes a contar.

Ele sentiu Diana se deslocar ao seu lado e tocou gentilmente o braço dela, antes de sorrir para os outros e fazer as apresentações aos duques e duquesas que ela ainda não conhecia. Após um momento de boas-vindas e gentileza, sentiu-a relaxar um pouco e observou enquanto ela conversava com os outros.

Vê-la tão relaxada deveria tê-lo deixado feliz. Agradava-lhe o fato de seus amigos gostarem dela. E de que ela parecia se encaixar em seu pequeno grupo unido. No entanto, tudo o que conseguia pensar era no assunto que estavam discutindo, quando foram interrompidos.

Seu caso. O pai dela. E o segredo sobre ambos, que estava escondendo dela.



Diana ficou parada ao longo da parede dos fundos do salão de baile, observando. Era um exercício bastante interessante, pois o salão era uma cacofonia de sons, cores e movimentos. Casais rodopiavam ao seu redor, tanto na dança de flerte do cortejo quanto na dança mais controlada, na pista de dança. Depois, havia os criados, movendo-se em meio à multidão, com todo o esforço para não existirem, embora enxergassem tudo. Os homens se encontravam em grupos para conversar sobre política, às vezes em voz alta demais. E as mulheres faziam o mesmo, embora suas vozes fossem levantadas em uma variedade maior de tópicos. Com frequência, seus olhos recaíam sobre ela, e não havia como confundir seu interesse e julgamento.

Independentemente da atenção, porém, Diana sentia como se estivesse olhando através de um vidro. Continuava muito distante desse mundo. O mundo de Lucas, pois, quando o encontrou no meio da multidão, conversando com James e Graham, ficou claro que seu lugar era ali. Independentemente do que sentisse a respeito de si mesmo, quando se tratava da verdade sobre sua ascendência, ele era um duque. E este era o seu universo.

— Está carrancuda. — Helena disse, enquanto se aproximava de Diana e passava a mão por seu braço — Está tudo bem?

Diana sorriu para a amiga — Claro. — ficaram juntas por um momento, e então ela suspirou — É um mundo muito diferente, não é?

Helena riu suavemente — Oh sim. De fato, é. Está se sentindo como se não pertencesse a esse lugar?

Diana assentiu, enquanto continuava olhando para Lucas — Não pertença.

— Como sabe, já senti a mesma coisa. Mas lhe garanto que todos em nosso círculo o apreciam enormemente. Estávamos fazendo uma reunião de duquesas sobre o assunto. Portanto, se... *desejasse* fazer parte deste mundo, teria todas nós do seu lado. Um grupo formidável, eu lhe garanto.

Diana a encarou — É claro que Emma, Meg, Adelaide e Charlotte são maravilhosas. E é claro que todas são queridinhas da sociedade. Todas as mulheres as observam, e ouvi três damas discutindo o corte do vestido de Charlotte, há pouco. Ela faz moda. Mas...

— Mas? — Helena a encorajou.

— É o suficiente?

— Por que não seria? — Helena perguntou, seu tom muito gentil.

Diana suspirou — Bem, elas também estão me observando, esta noite. Franzindo a testa. Falando por trás de seus leques. Olhando para mim. Seu círculo seria suficiente?

Helena assentiu lentamente — Eu entendo esses sentimentos. Quando Baldwin e eu anunciamos nosso noivado, houve mulheres que me deram um corte direto. Não direi que não foi doloroso ou desconfortável. Mas se o ama, também posso lhe dizer que isso é mais do que suficiente.

Diana congelou. Eram aquelas palavras novamente, mas, dessa vez, proferidas pelos lábios de outra pessoa. Pareciam muito mais vivas — Suponho que a questão mais importante é se ele ama... bem, em teoria, a mim.

— Em teoria? — Helena inclinou a cabeça.

Diana não conseguia olhá-la — Afinal, estamos falando em hipóteses. Isso é necessário.

— Muito bem. Em termos hipotéticos, vejo o modo como ele a olha. Não é apenas desejo em seu olhar. É carinho. Preocupação. O rosto dele se ilumina quando estão perto um do outro. Ele parece... vivo. Do ponto de vista de alguém de fora, isso é muito parecido com amor. Mas, e no seu caso?

— Se eu sentisse algo assim por ele. — disse lentamente — Seria como acordar depois de um longo sono. Como encontrar uma metade que eu não tinha percebido que estava faltando. Mas não uma metade que sufoca ou toma conta do todo. Algo que pode se permitir ser, mesmo separados.

Helena engoliu com dificuldade, seus olhos agora brilhavam com lágrimas, apesar de seu sorriso — Essa é uma descrição muito apropriada. Uma que acho que se encaixa a todos em nosso círculo. Encontrar alguém que o complete e permita que seja livre, é uma coisa rara. Uma coisa que não deve, *hipoteticamente*, ser jogada fora, por medo de não se encaixar no mundo dele. Uma vez que se encaixe na vida dele, isso é tudo o que importa. Pelo menos, deve lhe dizer o que sente e dar a ele a chance de recusar ou aceitar

O já mencionado coração de Diana deu um salto com essa sugestão. Dizer

a Lucas o que sentia seria um desastre. E, no entanto, sabia que Helena tinha razão. Se ela se afastasse sem fazê-lo, temia viver com esse arrependimento para sempre.

E sabia que viver se lastimando era algo duro, afiado e doloroso.

Voltou a olhar para o outro lado da sala. Lucas havia saído do lado de seus amigos e agora atravessava a sala, até Stalwood. Os dois homens apertaram as mãos e depois conversaram com as cabeças próximas, por um momento. Lucas assentiu, olhou por cima do ombro e, em seguida, os dois homens saíram juntos da sala.

Ela voltou a concentrar sua atenção no caso e sorriu para Helena — Deu-me muito em que pensar. Acho que vou tirar um momento para refletir sobre isso.

Helena se inclinou e surpreendeu Diana ao dar um beijo rápido em seu rosto — Na verdade, talvez eu seja egoísta. Nós também poderíamos nos ajudar mutuamente a encontrar nosso caminho neste mundo. Se eu puder fazer algo para ajudá-la, por favor, venha até mim.

— Eu irei. — Diana lhe assegurou antes de se afastar e seguir os homens para fora da sala.

Teria que encarar as verdades que Helena lhe havia oferecido. Isso estava claro. Mas, por enquanto, tinha que se concentrar no caso que havia trazido Lucas até ela. Talvez, quando isso fosse resolvido, o futuro que poderiam compartilhar... ou não... seria mais claro.

Pelo menos, esperava que ficasse. Porque seu coração já estava profundamente envolvido, e não queria perdê-lo, se Lucas decidisse se afastar.

Capítulo 21

— **Está preocupado.** — disse Stalwood ao levar Lucas para uma das salas de James nos fundos e fechar a porta com firmeza atrás deles — Posso ver isso em seu rosto. Aconteceu alguma coisa?

Lucas se mexeu. Ele estava pensando nesse momento há dias e o temia, com todas as fibras de seu ser. O que estava prestes a dizer era impensável, e uma traição aos segredos que Diana havia compartilhado.

E, no entanto, não havia como evitar. Stalwood precisava conhecer seus pensamentos. Poderiam salvar uma centena de homens. Mil.

— Tenho motivos para me preocupar. — verificou lentamente, enquanto se dirigia ao aparador e servia a cada um deles um gole do melhor uísque de James — Deus, essa não é a palavra certa para isso. É pior.

Stalwood aceitou a oferta, mas não bebeu, pois continuou a olhar para Lucas, com apreensão clara em seu rosto — Isso é sobre Diana, não é?

— Diana? — repetiu, surpreso.

Stalwood assentiu — Já me disse coisas que me preocuparam. Ela é uma mulher bonita, além de inteligente e gentil. Seu próprio carisma é difícil de negar. Talvez eu tenha sido um tolo ao colocá-los no mesmo ambiente e não pensar que a natureza seguiria seu curso.

Ele piscou. Stalwood estava mencionando indelicadezas, dançando em torno do assunto de seu caso, porque isso era óbvio. Óbvio demais para qualquer um que o conhecesse, que a conhecesse. E, no entanto, não temia o fato. Não se arrependia, mesmo que devesse. E esse não era o assunto que queria discutir no momento.

— Não, não é Diana que me preocupa. — disse e balançou a cabeça — Isso não é inteiramente verdade. Deixe-me explicar.

Stalwood sentou-se e o encarou — Por favor, prossiga.

Lucas afundou na cadeira em frente ao seu superior e disse: — Analisei todos os papéis, comparei todas as anotações e levei em conta todas as coisas que sei, todas as coisas que descobri com Diana, e estou chegando a uma conclusão recorrente.

— Qual é?

— George Oakford pode ter estado envolvido em atos de traição. — disse Lucas, embora sua voz parecesse lenta e soasse distante, enquanto se forçava a dizer aquelas palavras horríveis e terríveis. Elas soaram no ar ao seu redor, e Stalwood se levantou.

— George Oakford! — repetiu, com o rosto delineado se contorcendo, com o mesmo horror que ardia no peito de Lucas — Não. Isso não pode ser. Quais são suas evidências?

— Ele estava lá, naquele dia. — começou Lucas — Inesperadamente, sem

ser convidado. Deu uma explicação na época e eu me importava tanto com o homem, que temo não ter cavado fundo o suficiente. Mas como ele saberia minha localização? Era um segredo guardado com zelo, considerando a natureza da minha investigação. Suponho que seja possível que ele tenha ouvido meus planos de outra pessoa. Ou talvez...

Stalwood balançou a cabeça — Isso não é suficiente para me convencer.

— Nem a mim. — Lucas o tranquilizou — Mas, há mais. Diana me disse que Oakford levou outro espião para sua casa, há dois anos. Que ela acreditava que esse homem estava trabalhando com seu pai em um caso. Mas, pelo que me informou, Oakford não recebia casos. Sei que essa ideia o incomodou.

Stalwood andou de um lado para o outro por um momento e depois assentiu lentamente. — Sim. Admito que o fato de Oakford trabalhar pelas minhas costas levantou minhas suspeitas. Éramos velhos amigos e eu era seu superior. Se houvesse uma explicação inocente, acho que ele deveria e teria falado comigo.

— Concordo, — Lucas hesitou. As palavras vieram mais difíceis agora — Diana também mencionou um nó especial que seu pai usava para prender as bandagens nos ferimentos. Algo complicado e que não é fácil de aprender. No entanto, esse era o nó da bandagem enrolada em minha perna quando acordei, após o ocorrido.

Stalwood franziu a testa — Mas acreditou que Oakford estava morto quando o viu deitado no chão. Ele não poderia ter amarrado seu ferimento.

— Acho que não. Mas talvez seu parceiro, o homem que atirou em mim, o tenha feito. Embora eu não saiba por que tentaria me salvar, depois de me dar dois tiros e me fazer cair três metros. Ou talvez...

— Talvez?

Lucas se levantou agora. Odiava o que diria a seguir — E se... Oakford tivesse fingido o ferimento inicial? — sugeriu — Não estava ferido, mas queria que eu pensasse que sim, caso eu sobrevivesse. E se ele veio em meu socorro? Nós éramos... eu achava que éramos próximos. Diana disse que ele me via como um filho. Mesmo que fosse um traidor, não quer dizer que ele realmente quisesse que eu morresse. Ele pode até ter pensado que meus ferimentos encerrariam o caso.

— Mas Oakford morreu. Tínhamos um corpo.

— Mutilado, o que não me contou. — Lucas rebateu.

Stalwood soltou um longo suspiro — Lamento que tenha ouvido falar sobre isso. Eu não queria que carregasse ainda mais culpa. Seu corpo estava danificado, sim, mas nós o identificamos por meio de suas roupas e objetos pessoais. Nós o enterramos.

— Tenho motivos para acreditar que Oakford pode ter passado a desprezar seu parceiro. — limpou a garganta — Um motivo pessoal. Se aquele homem se voltasse contra mim, tentasse me matar, e George interviesse, eles poderiam ter brigado...

— Acha que foi quando ele *realmente* atirou em Oakford, junto com todos os outros criados, durante a briga. — concluiu Stalwood — Mas por que ele odiaria o parceiro?

— Diana. — Lucas disse suavemente.

Stalwood piscou algumas vezes, sua expressão carregada de choque — Diana. — repetiu lentamente e em um tom denso de compreensão.

Lucas estremeceu, pois odiava revelar nem que fosse um pouquinho dos segredos que ela lhe havia confidenciado em segredo. Mas tratava-se de um traidor. Um assassino. Um homem que havia se voltado contra os seus e causado a morte do pai de Diana. Isso tinha que justificar o que estava fazendo... de alguma forma.

— Não quero entrar em detalhes. — disse, e esperava que Stalwood respeitasse isso — Direi apenas que Oakford acreditava que Diana havia sido... prejudicada por seu parceiro. Saber disso o apodreceria. Até mesmo o levaria à fúria. Estavam juntos nisso, mas, se Oakford o odiava...

Stalwood assentiu para mostrar que entendia o caminho dos pensamentos de Lucas. Sua expressão era grave — Muito bem, digamos que isso seja verdade. Ainda assim, temos um homem não identificado em nossas fileiras.

— Não mais não identificado. — disse — Diana o nomeou. E o nome corresponde ainda mais às nossas evidências. Boyd Caldwell.

Stalwood oscilou ligeiramente ao ouvir a invocação desse nome — Disse-me que os homens que guardavam a propriedade naquele dia disseram parte do nome de seu chefe. Cal...

— Sei que investigou Caldwell junto com todos os outros. Eliminou-o? — Lucas perguntou.

Stalwood negou lentamente — Ele era um dos homens que não pudemos excluir com um álibi, no momento do seu ataque. Mas também não encontramos nada especialmente suspeito a respeito dele. Mas, se está ligado a Oakford... e Oakford estava lá no dia em que foi baleado...

— É uma boa pista, por mais que eu a odeie — disse Lucas, passando a mão no rosto — Não posso lhe dizer o quanto odeio isso. Pensar que George Oakford poderia ser um traidor, aliado a um assassino... me dá voltas no estômago.

Stalwood estava pálido como papel — Tudo em mim quer jogar essa informação fora. Queimá-la de minha mente, se pudesse. Mas sei que está certo. Há caminhos aqui que as evidências revelam. E até que provemos se estão certos ou errados, não podemos descartá-los. Mesmo que isso parta meu coração e o seu.

— Isso parte meu coração. — Lucas resmungou — Pior ainda, isso partiria...

— O de Diana. — disse Stalwood, com um tom doloroso — Ela sabe de suas suspeitas?

Lucas se encolheu — Não. O que ela me disse não foi dito como parte da investigação. Não revelei a ela o que pensei quando mencionou esse nome...

Caldwell. E não revelarei. Não contarei a ela.

— É melhor assim. — concordou Stalwood — Até termos certeza, mantenha a comunicação aberta. Talvez precisemos de mais detalhes que ela não gostaria de compartilhar, se achasse que destruiriam a memória de seu pai.

Lucas franziu a testa. *Não* era por isso que mantinha seus pensamentos em segredo de Diana. Depois de tudo que ela havia perdido, não tinha intenção de roubar seu amor pelo pai, sua crença e fé na bondade dele. Não, até que soubessem de tudo. Talvez nem mesmo depois.

Se ele pudesse protegê-la, o faria.

— Willowby? — Stalwood disse, incisivo.

Ele se sobressaltou — Lógico. Claro que não contarei a ela.

— Ótimo. — Stalwood passou as mãos pelo colete — Que inferno, odeio isso. Voltarei ao meu escritório e trabalharei um pouco. Entrarei em contato, assim que puder, para dar continuidade a essa investigação.

Os dois homens se olharam e Lucas fez sinal para que seu superior saísse primeiro. Seguiu-o, com as mãos tremendo, enquanto tentava recuperar a compostura, antes de voltar ao salão de baile, onde teria de enfrentar o mundo, seus amigos e Diana.



Diana se escondeu na escuridão de uma alcova, no corredor, observando enquanto Stalwood e Lucas se dirigiam ao salão de baile. Apoiou-se pesadamente contra a parede, pois suas próprias pernas não a sustentavam.

Nunca houve em sua mente a intenção de espionar os homens. Tinha todos os planos de simplesmente se juntar a eles em sua discussão, e acrescentar qualquer informação que tivesse à de Lucas. Porque tinha sido tola o suficiente para se ver como parceira dele nessa investigação. Acreditar nele quando disse que era. Acreditar nele de fato.

Mas quando começou a abrir a porta, ouviu seu nome. O nome de seu pai e a palavra *traidor*. Aquilo a chocou tanto que permaneceu ali, em silêncio e atônita, enquanto os dois homens falavam sobre as provas que Lucas viu contra o pai dela. Sobre como ele havia obtido essas informações.

Ouviu enquanto ele dançava em torno das bordas de seus segredos, para que Stalwood não pudesse entendê-los mal. Lágrimas encheram seus olhos e se apoiou com a mão na parede, enquanto lutava para não desabar.

Confiou nele. Com seu corpo. Com seu passado. Com seu coração. E aqui estava ele, usando-a para manchar o nome de seu pai. Seu coração doía e queria gritar em resposta.

Queria fugir disso, dele, e nunca mais voltar. E, no entanto, isso não era possível.

— Diana? — virou-se para descobrir que Emma havia entrado no corredor, enquanto ela estava perdida em seus pensamentos. A bela duquesa a alcançou e sua expressão se suavizou — Oh, querida, o que foi? — Emma segurou suas mãos e puxou Diana para mais perto. Sua bondade era tão sincera, mas Diana

também queria fugir dela.

Obrigou-se a manter a calma e disse: — E-eu estava um pouco sobrecarregada e me perdi no caminho para a sala de descanso.

Emma a envolveu com um braço e a guiou pelo corredor — Sabe, eu moro nesta casa há mais de um ano e meio e ainda me perco de vez em quando. Deixe-me levá-la até lá, pois também estou precisando de um momento.

Diana assentiu e se deixou levar para a sala onde as senhoras tomavam ar e se reuniam. Só que sabia que não se reuniria. Não hoje. Talvez nunca mais.



Lucas forçou um sorriso quando Diana e Emma entraram juntas no salão de baile. Mais uma vez, vê-la com as esposas de seus amigos o fez se sentir confortável, de alguma forma. Não queria pensar muito nisso. Assim como não queria pensar em Stalwood, que já havia saído para acompanhar suas teorias.

Teria que enfrentar isso quando chegasse a hora. Teria que decidir o que fazer e o que dizer a Diana, se suas teorias feias estivessem corretas. Mas, por enquanto, pretendia aproveitar o tempo que tinham juntos.

Abandonou a mesa de bebidas e foi até Emma e Diana, que levantou o olhar e o observou, enquanto se aproximava. A cada passo, seu coração se afundava, pois algo havia ... mudado em seu olhar. Vazio. Dolorido.

Chegou até elas e fez uma leve reverência — Madames, — cumprimentou — para onde fugiram?

— A sala de descanso. — Emma disse, com um olhar preocupado para Diana — Nós estávamos um pouco abaladas com o calor do salão de baile.

Diana a olhou brevemente, agradecida, e Lucas conteve um xingamento. Obviamente, algo havia acontecido com ela, esta noite, enquanto estava distraído com seu trabalho. Talvez alguém tivesse sido grosseiro ou ela tivesse se lembrado de algo doloroso nos arredores. De qualquer forma, queria ajudá-la.

— Talvez me conceda esta dança, Srta. Oakford. — disse, estendendo a mão — Um pouco de movimento pode aliviar seu desconforto.

Ela o encarou por um instante. Outro. A frieza não saiu de sua expressão — Claro, Vossa Graça. Não há como recusar essa oferta. — disse por fim.

Ele franziu a testa, diante das palavras cuidadosamente escolhidas, mas sorriu para Emma e guiou Diana até a pista. A música começou e ambos entraram nos passos. Talvez ele fosse um pouco mais lento do que as pessoas ao seu redor. Afinal, seu braço e sua perna ainda estavam doloridos, especialmente depois de terem descansado tão pouco, hoje. Mas estava satisfeito com o fato de ainda ser capaz de ter pelo menos um pouco de graça.

— O que há de errado? — perguntou por fim, quando se acomodaram nos movimentos.

O olhar dela deixou o seu e seus lábios se contraíram — Nada.

Ele os girou e balançou a cabeça — Acho que a conheço melhor do que isso, Diana. Vejo que algo aconteceu - alguém lhe disse algo para ferir seus

sentimentos? Ou é outra coisa? Entendo que pode ter se lembrado de seu pai ou de sua... sua filha...

Ela não respondeu, embora seus olhos verdes, agora escuros de emoção, passassem pelo rosto dele. Mas era como se o visse pela primeira vez. Como se não o conhecesse, apesar de tudo o que haviam compartilhado.

Aquela expressão desconectada o atingiu como uma lâmina de faca e fez com que quisesse aproximá-la e consertar o que quer que tivesse mudado sua expressão.

— Quero ir para casa. — ela disse suavemente.

Ele apertou os lábios. Isso não era uma resposta à sua pergunta. Tampouco explicava por que parecia considerá-lo o responsável. Mas era um pedido que poderia atender — Admito que também não estou muito confortável e meu corpo está me castigando por toda essa atividade. Poderíamos partir mais cedo. Tenho certeza de que Abernath não se importará, já que completei a missão que vim cumprir.

Sua sobrançelha arqueou e ela disse: — Tenho certeza que sim.

Ele a virou mais algumas vezes, com a preocupação aumentando a cada momento. Por fim, a música terminou e ele fez uma reverência. Ela o reverenciou com o mínimo de cortesia e, em seguida, girou, como se fosse abandoná-lo na pista de dança.

— Diana, — conseguiu dizer por entre dentes cerrados, enquanto segurava seu braço e a guiava para fora da pista — o que está errado?

— Nada. — disse, talvez um pouco alto demais, pois os olhos de alguns na multidão se voltaram para eles. Ela corou quando percebeu e puxou seu braço do dele — Apenas uma dor de cabeça, Vossa Graça. Nada com que deva se preocupar.

Ele balançou a cabeça lentamente. Ela estava certa, é claro. Se não quisesse incluí-lo em seus problemas, não lhe devia explicações. Ele não era sua família, não era seu marido. E, no entanto, quando ela disse isso, ele percebeu que não era verdade. O bem-estar dela o preocupava. Suas alegrias e seus desgostos, seus risos e suas lágrimas - nas semanas que passaram juntos, tudo isso se tornou muito importante para ele.

Naquele momento, quando ela mal o olhava, quando se afastou dele de corpo e alma, ele reconheceu o motivo. Reconheceu, repentina, poderosa e profundamente, que a amava. Ele amava Diana Oakford, com um poder que quase o fez cair no chão e fez com que todo o resto ao seu redor desaparecesse.

— Está tudo bem por aqui? — Simon perguntou quando ele e Meg se aproximaram.

As bochechas de Diana escureceram de vergonha — Sim. Estou apenas... cansada.

— Terminei meu negócio. — de alguma forma conseguindo encontrar palavras, quando sua mente ainda estava se recuperando do reconhecimento de seu coração — Levarei Diana para casa.

Ela estremeceu, como se não fosse isso que ela queria, mas não discutiu.

Simon franziu a testa — Mandarei trazer sua carruagem para que possa se despedir. — disse suavemente, lançando a Meg um olhar significativo.

Meg retribuiu o olhar, mas sua expressão era brilhante e gentil quando passou o braço pelo de Diana e disse: — Sei que todos ficarão muito tristes em vê-la partir. Mas espero que se junte a nós para um chá, daqui a alguns dias.

Diana pigarreou e disse: — É claro. Quero devolver seu vestido.

Meg franziu os lábios, mas levou Diana até o grupo de amigos, que estavam de pé, na beira da pista de dança. Lucas conseguiu se despedir, ignorando as perguntas nos olhos de seus amigos. Não tinha respostas, então era impossível falar sobre o que não entendia.

Estava mais concentrado em Diana, que permanecia quieta e rígida, enquanto se despedia e abraçava cada duquesa, por sua vez. Meg foi a última, e Lucas a ouviu sussurrar: — Há algo que eu possa fazer?

Diana a olhou com uniformidade — Não. Sua atitude foi adorável. Obrigada por isso. — então ela se virou e lançou um longo olhar para Lucas — Vossa Graça.

Ele estremeceu. Ela sempre alternava entre chamá-lo pelo seu nome de batismo e dirigir-se a ele de maneira mais formal. Na verdade, era a única pessoa que ele conhecia que poderia chamá-lo de “Vossa Graça”, sem que ele ficasse com o estômago revirado.

Mas agora, quando dizia isso, não era uma provocação brincalhona ou um reconhecimento formal. Era uma forma de se distanciar. Até que pudessem conversar, até que pudesse ficar a sós com ela e realmente entender o que havia acontecido para mudar seus sentimentos em relação a ele, não seria possível atravessar essa distância.

Segurou seu braço e a conduziu do salão de baile para o saguão. Simon estava parado na porta e Lucas podia ver que sua carruagem estava esperando do lado de fora.

— Boa noite. — disse Diana ao amigo, depois se desvencilhou do toque de Lucas e deslizou até a carruagem, para ser ajudada por seu lacaio.

Simon o encarou — O que mudou?

— Não tenho ideia. — disse Lucas suavemente — Mas descobrirei.

Moveu-se para se juntar a ela, mas Simon segurou seu braço, mantendo-o firme. Lucas olhou nos olhos de seu amigo. Normalmente, Simon era brincalhão, leve, nada além de bondade, mas agora sua expressão era intensa e focada.

— Quase perdi a Meg, — disse calmamente — porque eu não estava disposto a falar o que sentia. Eu temia tanto as consequências, que quase criei outras muito mais terríveis. Compenso isso todos os dias, mas nunca poderei apagar de fato os meses e anos em que não fui corajoso. Não faça o mesmo. Se ama essa mulher, não perca a chance de ser feliz, por medo das consequências.

Lucas engoliu em seco. Não esteve presente no romance desesperado e difícil de Simon e Meg. Um que havia rompido o noivado anterior dela com Graham, que havia destruído temporariamente a amizade entre os dois homens. Tinha ouvido falar sobre isso, é claro, em cartas de alguns dos outros. Agora via a verdade disso no olhar de Simon. A dor. E o desespero que Simon sentia para não cometer os mesmos erros.

— É complicado. — Lucas murmurou.

Simon balançou a cabeça — Se acha que nem sempre é assim, então deveria conversar com cada um de seus amigos que se casaram recentemente. Vale a pena. Não é um covarde, então lute.

Simon o soltou e se afastou. Lucas assentiu lentamente — Pensarei sobre isso.

— Faça isso. Eu o visitarei em alguns dias. Avise-me se precisar de alguma coisa nesse interim.

Lucas se virou, voltando para sua carruagem, onde podia ver Diana sentada, à sua espera, embora não achasse que fosse com uma expectativa feliz. As palavras de Simon soaram em seus ouvidos. Sua admoestação para lutar por ela. Por um futuro, que não ousava imaginar há mais de uma década.

Não tinha ideia se havia algo pelo que lutar, se a mudança de comportamento de Diana fosse alguma indicação. Mas, se houvesse, precisava decidir se poderia lutar por isso. Lutar por ela.

Capítulo 22

Diana esperava que Lucas entrasse em sua carruagem e começasse imediatamente a interrogá-la. Estava preparada para isso, pois parecia impossível esconder seus sentimentos dele. Eram poderosos demais. Fervilhavam dentro dela como uma poção de bruxa e a queimavam de dentro para fora.

E, no entanto, ele não havia feito isso. Não durante toda a viagem da casa dos Abernathes em Londres até a sua. Não, ele apenas a observou. Silencioso, mas concentrado, seu olhar escuro sempre acompanhando cada movimento dela, planejando suas reações para o momento certo.

Tinha sido tão tola ao se permitir amar um espião. Sabia que a manipulação calculada que viria a seguir era parte de quem era esse homem. Sabia disso desde o início e, mesmo assim, acreditou nele. Deixou-se levar por uma confiança feliz de que poderia ser diferente. Essa noite lhe deu um tapa na cara com a verdade.

Tudo entre eles tinha sido parte de um objetivo mais profundo dele. Ela era uma peça em seu complicado tabuleiro de xadrez. Talvez isso tenha sido tudo o que sempre foi.

E, ainda assim, o amava.

A carruagem diminuiu a velocidade ao acessar a entrada de sua casa e parou. Mesmo assim, ele não disse nada, enquanto o laçao a ajudava a descer. Nem mesmo tentou segurar seu braço, enquanto caminhavam e entravam no saguão, onde Jones pegou seus pertences.

— Vou subir. — disse, recusando-se a encará-lo. Se o olhasse, a dor viria em seguida. Sabia disso.

Ele assentiu — Eu a acompanharei.

— Por quê? — perguntou, antes que pudesse se conter. Arrependeu-se imediatamente, pois ele se inclinou e passou a ponta dos dedos na maçã de seu rosto. Aquele toque gentil fez seu coração vibrar, seu corpo reagir e sua raiva se dissipar, por um breve momento.

— Acha mesmo que a deixarei fingir que as coisas não mudaram? — ele perguntou — Ainda não terminamos, Diana. Quero conversar contigo.

Ela soltou um suspiro e se virou para a escada. Sentiu que ele a observava enquanto a seguia. Mas, o que poderia fazer? Suas emoções estavam tão próximas da superfície que, se as deixasse transparecer, poderia perder o controle. Esse não era um homem com quem se perdesse o controle.

Ele estava sempre no controle.

Abriu a porta e se voltou para ele — Não podemos deixar as coisas como estão? — perguntou. Sua voz tremia.

— Lute. — ele disse suavemente.

Ela inclinou a cabeça, pois a palavra sussurrada não era resposta — O quê? — Nada, não posso deixar isso assim.

Ela cerrou a mandíbula em sinal de frustração e entrou em seu quarto. Jogou-se na cadeira da penteadeira e começou a tirar os grampos do cabelo. Estava tão feliz por tê-lo arrumado - tinha se sentido uma princesa quando se olhou no espelho de Meg, todas aquelas horas atrás. Agora reconhecia o que era. Uma máscara. Um traje.

Tão fabricada e falsa quanto qualquer momento entre ela e Lucas, agora envenenado pela conversa dele com Stalwood.

Ele fechou a porta e se apoiou nela, mas não fez nenhum movimento para se aproximar ou tocá-la. Pelo menos, ele lhe deu isso — Diga-me.

— Sou seu soldado de infantaria agora, Vossa Graça? — perguntou, jogando um alfinete na mesa e vendo-o ricochetear na superfície e cair no chão.

Ele recuou — O quê?

Ela girou em sua cadeira e o encarou — Isso foi uma ordem, não foi? Para reportar?

— Diana. — disse, empurrando a porta. Seu rosto estava contorcido pela dor, pela confusão e pelo desespero. Tudo isso parecia tão real. Como se sua raiva e seu desgosto realmente o comovessem. Teve que se forçar a lembrar que o que tinha ouvido antes provava que a expressão dele não era verdadeira.

— Pensei que me contaria quando fosse se encontrar com o Stalwood. — ela retrucou.

Seus olhos se arregalaram — É *disso* que se trata esse ataque de fúria? Por eu não lhe ter contado que Stalwood e eu estávamos nos encontrando? Diana, sua ajuda tem sido muito importante para mim, agradeço muito, mais do que poderia entender, mas deixe-me esclarecer: esse caso é meu. Eu decido o que devo ou não compartilhar

Olhou para ele — Sim, isso é óbvio. Assim como o fato de eu ser uma *idiota* por pensar que compartilhávamos algo mais do que algumas noites em uma cama.

Ele recuou — Não pode estar tão chateada por causa de um encontro, Diana. Pensar que nada mais importa, porque entrei em um salão sem a sua presença. Isso é loucura.

— George Oakford é o traidor. — disse suavemente — Foi isso que disse ao conde, não foi?

Ele congelou, sua expressão ficando vazia, pois havia passado anos aprendendo a fazer isso. Como desligar e ligar as emoções. Como mentir sem pestanejar.

— Diga olhando no meu rosto que não foi. — continuou, levantando-se e dando um passo em sua direção — Minta para mim, Lucas, como tem feito há semanas.

Ele ergueu o queixo — Espionou minha reunião.

Ela cruzou os braços — Não vire isso contra mim. Eu o segui porque fui

estúpida o suficiente para acreditar que fazia *parte* de sua investigação. Uma parceira, como me disse. Eu teria entrado na sala e nunca teria me escondido, mas ouvi meu nome. E depois o dele. E todas aquelas palavras horríveis que falou sobre ele.

Ele fechou os olhos brevemente e todo o ar saiu de seus pulmões, em uma longa expiração. Por um instante, parecia exausto. Dominado. Devastado, de uma forma que ela nunca teria esperado.

Então, abriu aqueles mesmos olhos escuros e a fitou com firmeza — Eu não queria que tivesse ouvido essas coisas. — sussurrou.

Ela soltou uma risada sem humor — Presumo que não, Vossa Graça. Afinal, elas revelaram que fui uma tola por acreditar em você, em nós. Tenho certeza de que não gostaria que eu soubesse que extraiu de mim todos os meus segredos, coisas que eu nunca teria contado a outra pessoa, e depois os entregou a Stalwood. Isso também será incluído no relatório? Passados para os outros agentes?

Ele se aproximou dela em três passos largos e segurou seus braços, puxando-a contra seu peito. Ela prendeu a respiração por estar tão perto dele, pela paixão que brilhava em seus olhos.

— Não é disso que se trata! — ele quase gritou — Foi difícil para mim dar a Stalwood até mesmo as informações esqueléticas que dei.

— Não pareceu difícil. — sussurrou, enquanto se desvencilhava cuidadosamente de seus braços e se afastava, mais uma vez — Pareceu que entregou a ele minha vida de bandeja, como se não fosse nada mais do que outra peça de um quebra-cabeça. Como se meu coração não importasse.

— É claro que importa. — disse suavemente — Diana, quando comecei a suspeitar de seu pai, não lhe contei, por que sabia que isso partiria seu coração.

— Sabia que eu não acreditaria. — corrigiu, com a raiva borbulhando em seu peito e fazendo-a cerrar os punhos ao lado do corpo — E eu não acredito.

— Não precisa. — disse rapidamente — Ele é seu pai e, se puder considerá-lo inocente, manter suas lembranças apenas positivas, eu não gostaria que tivesse nada menos que isso.

Ela o encarou — Mas continuará a investigá-lo.

Ele hesitou, e ela sabia a resposta, antes mesmo dele assentir lentamente — Sim.

Afastou-se — Ouvi o que contou a Stalwood. — pensou em cada evidência que ele havia apresentado. E afastou violentamente a dúvida que surgiu em sua mente, quando considerou todas elas juntos.

— Sinto muito. Eu não queria que descobrisse dessa forma.

— Não. — ainda não o olhava — Não queria que eu descobrisse de jeito nenhum. Quando o ouvi acusar meu pai, isso foi chocante. Quando o ouvi entregar os momentos mais dolorosos do meu passado a outra pessoa, quando lhe foram contados em sigilo, isso foi arrepiante. Mas quando falou para Stalwood que mentiria para mim, que me manteria no escuro, para poder

continuar a me usar... *isso* foi devastador.

Ela finalmente o encarou e o encontrou de pé, com a cabeça inclinada e os ombros caídos — Faria alguma diferença se eu lhe dissesse que falei dessa forma para que Stalwood não suspeitasse de meus sentimentos mais profundos? — perguntou — Que eu estava planejando esconder-lhe a verdade, por enquanto, por que não queria magoá-la, como está ocorrendo agora?

Ela cerrou os dentes. Como queria acreditar nisso. Pensar que suas mentiras foram contadas para protegê-la. Mas não acreditava. Não tinha mais fé. Havia sido destruída, pedaço por pedaço, por Caldwell e sua sedução vazia, pela perda de sua filha, pela morte de seu pai e agora... *isso*.

Esse desgosto final, que roubou seu fôlego, e a fez querer fugir. Fazia com que precisasse fugir. Essa era a única maneira agora.

Passou por ele, tomando cuidado para não o tocar, e foi até o armário. Abriu-o e começou a tirar suas roupas.

— O que está fazendo?

Ela o encarou — Agora que sei o verdadeiro propósito de sua investigação, não posso mais participar dela. Meu pai está morto e não vou contribuir para manchar seu nome. Quanto aos seus ferimentos, nós dois sabemos que é mais do que capaz de se curar sozinho. Provavelmente vem se recuperando há dias. Ficar aqui foi... um erro. E um erro que não posso mais me dar ao luxo de cometer

Ele abriu e fechou a boca e ela esperou que argumentasse. Que exigisse. Que recusasse. Mas, por fim, ele simplesmente assentiu lentamente — Eu entendo, Diana. Entendo por que não suporta mais ficar no mesmo espaço que eu. Não vou impedi-la. Seria injusto fazer *isso*. Mas não quer esperar até amanhã para ir embora?

Ela o encarou. Se esperasse pelo amanhã, poderia esperar mais um dia, e mais outro. Poderia se deixar levar por esse homem, e por todas as coisas que ela secretamente esperava. Se aprendeu alguma coisa com a visão pragmática de seu pai, sobre a dor e a perda, foi a se afastar de ambas, o mais rápido possível.

— Não, *isso* não seria sensato.

Ele pareceu cambalear e se agarrou ao encosto da cadeira mais próxima, para manter a postura. Depois, assentiu — Muito bem. Pedirei a um de meus lacaios que a acompanhe de volta à sua casa. Ele a ajudará a acender as lareiras e garantirá sua segurança.

— Não precisa...

Ele avançou — Por favor, deixe-me fazer *isso*, Diana. Por favor.

Ela prendeu a respiração com o desespero em seu tom. Doloroso e muito real. Parecia tão real. Queria confiar nele. Mas não podia.

— Tudo bem. — deu-lhe as costas — Deixe-me pegar minhas coisas, está bem?

— Sim. — disse suavemente — Claro que sim. Eu tomarei as outras

providências.

Percebeu que ele hesitou, permanecendo à sua porta por muito tempo, antes de deixá-la sozinha. Quando saiu, ela caiu de joelhos, cobriu o rosto e chorou. Pelo que havia acreditado e esperado. Pelo que havia perdido. E pelo que nunca teve.



As mãos de Lucas tremiam enquanto ele observava seus criados colocarem as poucas coisas de Diana na carruagem que a levaria para casa. Para bem longe dele. O "lacaio" que ele estava enviando para ajudá-la era, na verdade, um dos guardas de Stalwood. Havia dado instruções estritas para que o homem ficasse, vigiasse a casa e cuidasse dela.

Era a única maneira de lhe dar o que precisava. A única maneira de deixá-la partir, porque ela não suportava mais olhá-lo. A culpa não era de ninguém, a não ser dele, e mesmo assim, parecia que todo o seu ser estava sendo atacado.

Quando se virou, encontrou-a de pé atrás dele. Tinha trocado seu lindo vestido por uma roupa mais simples e, ainda assim, para ele, parecia mais bonita do que nunca.

— Isso é tudo? — disse, com a voz quase inaudível.

Pensou que ela estava perguntando a ele, mas foi Jones quem respondeu ao entrar no saguão por trás de Lucas — Sim, Srta. Oakford, — disse friamente — Isso é tudo. Posso fazer mais alguma coisa pela senhorita?

— Deixe-nos. — sussurrou Lucas, pois não podia se atrever a falar com firmeza ou gritaria.

O mordomo franziu a testa e fez o que lhe foi pedido. Lentamente, Lucas fechou a porta e a encarou. Esse era o último momento que teriam a sós. Talvez o último momento deles, e não conseguia pensar em nada para dizer. Não quando ela o encarava como se não o conhecesse.

— Eu nunca quis machucá-la. — disse, e as palavras pareciam falsas. Como se fossem uma desculpa, quando ele não tinha nenhuma.

Ela assentiu lentamente e soltou um pequeno suspiro — Suponho que não. É quem é, Lucas. E seu dever lhe é importante. Sei disso

Queria dizer-lhe que a amava. Queria gritar isso a plenos pulmões, até que acreditasse nele. E, no entanto, percebeu como isso seria egoísta. Era uma forma de manipulá-la. De tentar apagar os danos que causou com suas mentiras.

E ela merecia algo melhor.

Ela avançou, e ele se enrijeceu quando estendeu a mão para ele. Mas não lhe deu um tapa, embora talvez ele merecesse. Não exigiu que ela fosse libertada para voltar a uma vida que não poderia incluí-lo.

Ela estendeu a mão e segurou sua face. Olhou fixamente para seu rosto e, por um momento, todo o mal que ele havia feito desapareceu. Ela era Diana novamente. Sua salvadora, sua luz, sua vida.

— Lucas, não... não deixe que nada disso o afaste de seu futuro. —

sussurrou.

Ele franziu a testa — Ainda está determinada a me salvar?

— Suponho que eu seja uma tola, mas sim. — seus dedos traçaram suavemente sua face — Fugiu de sua vida por muito tempo, por causa de erros que não eram seus. Mas foi trazido de volta para cá, para seus amigos, para sua casa e para um futuro que um dia deixou que fosse roubado. Espero que isso talvez o impeça de fugir novamente.

Ele soltou o fôlego — Se quer que eu tente viver essa vida, então não há como eu não lhe conceder essa dádiva, Diana. Devo-lhe isso. Devo-lhe muito mais.

Ela se ergueu, então, e seus lábios se aproximaram dos dele. Tudo dentro dele queria aproximá-la, reivindicá-la com o beijo que ela concedeu, forçá-la a sentir o que havia roubado de seu coração. Mas não o fez. De alguma forma, apenas deixou que roçasse seus lábios nos dele, com a leveza de uma pena, como as asas de uma borboleta. E então ela se foi.

— Adeus. — disse, passando por ele em direção à porta.

— Adeus. — sussurrou em resposta, aquela única palavra como uma espada sendo cravada em seu coração. Observou-a sair de sua casa. Viu-a sair de sua vida.

E soube que nada jamais seria igual.

Capítulo 23

Fazia dois dias que Diana havia partido. Bem, trinta e sete horas e vinte e três minutos. Provavelmente conseguiria acertar até os segundos, mas não parecia haver muito sentido naquele exercício. Ela se foi e tudo em seu corpo e alma doía...

Agora ele estava no corredor, olhando para a porta da sala de estar, e lutava para encontrar forças para abri-la. Não por causa de seus ferimentos. O tempo que passou com Diana os aliviou tanto, que conseguia lidar com eles. Não, hesitava porque enfrentar o que estava lá dentro sem ela parecia... impossível.

Lentamente empurrou a porta e respirou fundo, quando sua mãe se afastou do retrato de seu pai, pendurado acima da lareira. Seu olhar sombrio fixou-se no dele e depois se desviou, enquanto seus lábios se franziam.

— Fez sua convocação. — disse, e cruzou os braços — E eu aceitei. O que quer?

Ele estremeceu diante de sua frieza, mas entrou na sala mesmo assim. Diana o havia feito prometer que não fugiria de sua vida. Para fazer isso, precisava enfrentar o passado.

— Boa tarde, mãe. Posso lhe servir um chá?

Ela balançou a cabeça — Não.

Ele suspirou — Será que não podemos ser civilizados?

Suas narinas se dilataram e ela deu de ombros, antes de se acomodar em uma cadeira diante da lareira — Suponho que possamos tentar. Embora eu veja poucos benefícios no exercício.

— Houve pouco no passado, não é? — ocupou a cadeira em frente à dela — Há tanta coisa entre nós.

Ela parou um pouco, com uma expressão de surpresa — Não pode ter me chamado aqui para falar sobre *isso*.

Ele se inclinou para frente, apoiando os cotovelos sobre os joelhos — E, ainda assim, o fiz.

Ela recuou, com as mãos agarrando os braços da cadeira até os nós dos dedos ficarem brancos — Eu não quero.

— Entendo o motivo. — disse lentamente — O assunto é difícil para a senhora. Mas deve saber que também é difícil para mim. Nós o evitamos por anos. Evitamos um ao outro. A ponto de que eu nem mandei chamá-la quando fui baleado, quase morto.

Seus lábios se entreabriram — Baleado?

— Sim. — respirou fundo — Ao proteger meu país, meu rei, levei um tiro, há seis meses. Não me perguntou sobre minha claudicação quando me viu pela última vez, mas foi assim que a adquiri. Quase morri e não chamei a senhora. Gostaria que eu tivesse feito isso?

Ela ficou em silêncio por um longo tempo, mas sua expressão se tornou menos conflituosa, menos fria — N-não sei. — admitiu — Como mencionou, nosso relacionamento nunca foi feliz. Talvez fosse hipócrita vir apenas porque estava... realmente quase morreu?

Ele assentiu lentamente — Sim. E alguém que me ajudou a me recuperar apontou que eu estava fugindo da minha vida. Nós dois sabemos o motivo. Talvez seja hora de parar.

Ela enrijeceu. Quando Willowby morreu, ela quis que Lucas tomasse seu lugar, que aceitasse o papel que não havia conquistado. Tiveram uma discussão terrível sobre sua decisão de abandonar essa função. Mesmo agora, podia ver que ela ainda estava interessada em que cumprisse seu dever. Talvez para salvar as aparências. Para compensar alguma coisa. Qualquer que fosse o motivo, ela se inclinou para frente, com interesse.

— Deseja assumir o lugar de seu pai?

Ele se encolheu — Na casa de Willowby, sim. Mas, se eu quiser parar de fugir, preciso de sua ajuda.

Ela engoliu em seco — Como?

— Foi um caso? — ele perguntou.

Ela virou o rosto, suas bochechas ficando rosadas — Não pode me perguntar coisas tão impertinentes.

Seu tom áspero estava de volta e ele recuou. Lembrou-se das muitas vezes em que o ouviu. Das muitas vezes em que o sentiu cortá-lo como uma faca. Mesmo agora, ainda doía.

— Age como se eu tivesse alguma participação em suas decisões. Eu apenas sofri com elas. É realmente tão fria, a ponto de dizer que eu não mereço entender por que a senhora fez o que fez, quando isso mudou tudo em minha vida?

Ela o encarou e cruzou os braços. Ele soltou um longo suspiro. Parte dele queria continuar insistindo, mas essa era a parte emocional. Talvez fosse necessário tratar isso como um interrogatório com um suspeito relutante. E a melhor maneira de fazê-lo era, muitas vezes, não fazer... nada.

Recostou-se em sua cadeira, mantendo o olhar fixo e uniforme e não disse nada. O tempo passou e ele a viu ficar desconfortável. Viu-a mudar de posição. Viu-a corar.

Por fim, ela soltou o fôlego em um grito — Foi um ato de guerra!

— Foi por isso que escolheu o criado do meu pai.

Os ombros dela caíram e percebeu que agora ela estava rendida — Ele nunca me quis. Seu pai deixou isso bem claro. Queria o dinheiro do meu pai, queria... decoro em público. Mas a mim? Mal conseguia me olhar. Passei a odiá-lo por isso. Como um veneno que se infiltrou em cada canto de nossa vida juntos.

Lucas a encarou. Todos esses anos, como se ressentia dela pelo que havia feito. Pela ascendência que lhe havia sido roubada, pela forma como o afastou. E, no entanto, agora via sua dor. Ela a escondia bem. Talvez tenha

herdado dela sua própria capacidade de fazer o mesmo. Mas, por baixo da máscara fria que usava, aquela frieza de dama de companhia que mantinha um muro entre ela e todos os outros, havia a dor. O arrependimento. A perda.

— Eu cometi um erro. Uma vez. — balançou a cabeça — E então aconteceu você e não havia como negar. Especialmente quando aquele valete idiota decidiu me chantagear por isso.

Lucas estremeceu — Ele fez isso?

— Sim. — sua voz estava cheia de desgosto — Ameaçou derrubar o mundo ao meu redor.

— A senhora deve ter ficado apavorada.

— Fiquei. Até tentei... — corou ainda mais — Bem, tentei fazer com que seu pai se aproximasse de mim. Para que não ficasse tão óbvio que ele não era seu pai. Não deu certo.

Lucas fechou os olhos, afligido pela ideia de sua mãe, tão sozinha, enquanto tentava seduzir um homem que não a queria, para encobrir o fato de ter sido seduzida por alguém que a havia usado. Aquela rejeição do duque havia selado seu destino, selado o dele.

— Sua chegada acabou com tudo. — disse, erguendo o queixo — E sim, comecei a me ressentir contigo por isso. Desprezei-o por isso. Por seu queixo, que era como o do outro homem. Por sua risada, que era como a dele.

— O mesmo aconteceu com Willowby. Mesmo antes de me contarem a verdade, eu já conhecia a emoção. — Lucas disse suavemente — Não era fácil para uma criança sentir esse ódio sem entendê-lo.

Ela assentiu lentamente — Sei disso. Sabia disso na época, mas era incapaz de fazer qualquer outra coisa. De certa forma, foi um alívio quando descobriu. Quando foi embora. Quando ele morreu.

— Imagino que sim. Ele não controlava mais sua bolsa. Não impedia mais seu futuro. E eu não a lembrava mais do que ansiava e perdeu. — Lucas encontrou seu olhar — E agora, olhando para mim, com os anos que nos separaram, ainda me despreza?

Ela examinou seu rosto cuidadosamente — Quando disse que quase morreu, admito que havia algo em meu estômago que... se revirou. Um grande desejo de não perder o que eu nunca quis ou estimei.

Suas palavras foram francas e ainda doíam. Mas lhe pediu honestidade e lá estava ela. Descobriu, nesse momento de calma, que se tornou possível graças aos empurrões de Diana, que podia entendê-la. E ver a esperança que aquelas palavras criaram para eles.

— Eu não era filho dele. — disse Lucas — Mas sou seu.

— Então quer... o quê? Algum tipo de vínculo estreito? — disse as palavras como se fossem estranhas. Com um leve toque de repulsa.

— Não, não acho que isso seja possível. Não fomos feitos para isso, não é mesmo, depois de tanta coisa entre nós? — suspirou — Mas isso não significa que devemos nos afastar completamente. Há algo no meio, não há?

Ele se mexeu ao dizer essas palavras. Quando as sentiu em seu coração.

Independentemente do que tivesse acontecido, havia um lugar para sua mãe em sua vida. Pequeno, talvez. Distante. Mas não partido. Não totalmente.

Diana lhe deu forças para enxergar isso. Para ser capaz de dar o salto e dizer isso à sua mãe. Foi o presente de Diana para ele. Seu último presente, talvez, e isso lhe revirou o estômago, muito mais do que a espera pela resposta, agora.

— Não quero me afastar. — suas palavras vieram deliberadamente — Mas como avançamos?

— Com cuidado. — sugeriu — Lentamente e com um pouco de compreensão um pelo outro. Algo que acho que nenhum de nós jamais ofereceu.

Ela assentiu — Muito bem. Acho que posso fazer isso.

Estendeu a mão e segurou a dela. Ela permitiu, e percebeu que era a primeira vez que a tocava em anos - décadas, talvez. Depois de alguns segundos, o soltou e se levantou. Ele a seguiu. O desconforto ainda pairava no ar, mas era menos terrível. Menos permanente.

Era um começo.

Bateram à porta da sala e ambos se viraram quando Jones entrou.

— Vossa Graça, tem uma mensagem urgente. — disse, enquanto entregava uma folha de papel dobrada — Eu normalmente não teria me intrometido, mas o homem disse que era muito importante e não podia esperar.

A duquesa sorriu — É provável que seja o melhor. Vou deixá-lo com seus assuntos urgentes. Talvez possa me visitar para tomar um chá, daqui a algumas semanas. Podemos começar daí.

Lucas assentiu e observou enquanto ela saía da sala, com Jones em seus calcanhares. Virou o bilhete e ficou sem graça. Era o selo de Stalwood que fechava a página. O homem tinha um selo diferente para diferentes tipos de mensagens. Este indicava que o espião deveria vir imediatamente para uma reunião. Quando Lucas abriu a página, não ficou surpreso ao encontrá-la em branco. O selo era a mensagem, nada mais.

Saiu da sala e entrou no saguão, bem a tempo de ver Jones fechando a porta e a carruagem de sua mãe se afastando. O mordomo pareceu surpreso por vê-lo tão rápido e disse: — Precisa de algo?

— Meu cavalo. — disse Lucas com cautela, pois não cavalgava desde o ataque — E rápido.

Jones saiu para chamar os lacaios com a mensagem, e Lucas balançou a cabeça para clareá-la. Essa reunião com Stalwood tinha que ser sobre Oakford e Caldwell. E só podia esperar que isso o ajudasse a clarear a mente para trabalhar no caso.

Porque, no momento, precisava de uma distração.



Diana estava na mesa da cozinha, cortando ervas secas, antes de colocá-las em frascos marcados para futuros medicamentos e tinturas. Normalmente, o trabalho era agradável, pois a ajudava a limpar a mente.

Hoje... bem, hoje era diferente. Na verdade, temia que todos os dias fossem diferentes, para o resto de sua vida, por causa de Lucas. Fazia quase dois dias que havia saído de sua casa, se afastado de sua vida e voltado para a própria. Só que o chalé em Londres agora era assombrado por pensamentos e lembranças do homem. Aqui ele a tocou, aqui se beijaram, aqui ele a abraçou, a confortou.

Estremeceu e algumas das ervas secas se espalharam pela mesa. Praguejou e varreu-as da borda para a palma da mão, no intuito de preencher o frasco novamente.

Tinha toda a intenção de voltar para o campo, mas ainda não havia tomado as providências necessárias — Mas temo que não será nada melhor. — disse, sobressaltada com o som de sua própria voz. Sua casa parecia tão silenciosa agora, sem a presença de Lucas.

— Ainda fala sozinha, não é?

Virou-se ao ouvir a voz em sua porta. Era uma voz que reconhecia, assim como o homem que a possuía. Que estava parado ali, encarando-a.

Boyd Caldwell.

Por instinto, afastou-se dele alguns passos, até se encostar na parede oposta. Não via esse homem há quase dois anos. Não, desde que a seduziu e depois a deixou. Parecia o mesmo. Alto, de ombros largos, cabelos escuros e olhos verdes. Era mais velho que Lucas. Mais velho e muito menos atraente.

Por um momento, pensou nas acusações que haviam sido feitas, sobre ele ser o traidor. Estava tão concentrada em seu pai, que não se permitiu considerá-lo.

Agora, não conseguia parar de pensar nisso.

— Parece que viu um fantasma. — disse Boyd, entrando na cozinha e fechando a porta atrás de si, embora não tivesse sido convidado a entrar.

Ela enxugou as mãos trêmulas na frente do avental e tentou recuperar a compostura — É quase isso. Não o vejo há dois anos, Boyd. O que está fazendo aqui?

Ele sorriu. Uma vez, que parecia ter sido há uma vida inteira, lembrou-se de ter ficado encantada com aquele sorriso. Agora sentia-se desconfortável, tendo-o direcionado a ela.

— Não posso vir visitar uma velha amiga?

Ela engoliu o nó na garganta — Nunca fomos amigos, Boyd.

O sorriso se alargou, tornou-se um pouco lascivo, quando seu olhar passou por ela — Não. Acho que não éramos. Éramos muito, muito mais.

— Se veio aqui para isso, ficará tristemente desapontado. — retrucou, enquanto cruzava os braços sobre o peito, como um escudo — Agora sei a verdade a seu respeito, Boyd

Ele arqueou uma sobrancelha — Sabe?

Naquele momento, percebeu que havia um duplo sentido naquela declaração. Ela quis dizer isso como um lembrete de que agora sabia que ele tinha uma família, uma esposa, que seus avanços eram egoístas e não tinham

futuro.

Mas também sabia das suspeitas que o cercavam. Se fosse verdade, poderia ser considerado um traidor. Um assassino. Uma pessoa que roubou seu pai e quase matou o homem que ela amava.

Ergueu o queixo — Sei sobre sua família. — disse — Tem outros segredos?

— Como se não soubesse. — o sorriso se transformou em sarcástico e ele olhou em volta de sua cozinha — É igualzinha ao seu pai, com todas as suas ervas e poções.

Ela enrijeceu — Sim, conhecia bem meu pai. — disse, testando cuidadosamente as águas — Se alguém era seu amigo nesta casa, era ele.

— Uma vez. — disse, com um tom curto e ríspido.

Ela inclinou a cabeça — É mais difícil ser amigo de um homem morto, eu acho. Um que seduziu sua filha.

— É essa a história que conta a si mesma? — Boyd perguntou, encarando-a novamente — Que era a doce inocente, que foi enganada por um homem sombrio e maligno? Bateu os cílios para mim muitas vezes, minha querida. Não confunda as mensagens que me enviou.

— Por que está aqui? — disse por entre dentes cerrados — Acho que não temos nada a dizer um ao outro.

Ele não se moveu, apenas permaneceu no meio da cozinha, posicionado entre ela, a porta para o lado de fora e a que dava para o resto da casa. Posicionado entre ela e a segurança, percebeu agora, com uma sensação de desconforto e pavor.

— Ouvi dizer que se envolveu com o duque de Willowby. — disse lentamente — Tornou-se a prostituta dele, mas uma que ele leva para festas apropriadas, então, isso já é alguma coisa.

Ela congelou e olhou atentamente para seus olhos. Havia algo tão feroz neles. Tão perigoso e, naquele momento terrível, soube que todos os palpites de Lucas sobre esse homem estavam corretos. Que ele era a pessoa que quase o havia matado. Que era um trapaceiro e um vil traidor de todos que confiavam nele.

E percebeu, em um lampejo de tristeza, que seu pai provavelmente também era culpado. Não havia como confundir a conexão entre eles, especialmente porque Boyd estava aqui. Ameaçador, frio e perigoso.

— Ele estava ferido. — disse, com leveza — Pediram-me para ajudá-lo e o fiz.

— Há um pouco mais do que isso. — disse, com aquele sorriso malicioso voltando aos lábios — E quem pode culpá-lo? Conheço seus encantos. Fui o primeiro a experimentá-los. Acha que eu deveria contar a ele sobre isso, quando vier resgatá-la? Ou já confessou tudo isso quando se entregou a ele?

Ela prendeu a respiração. Suas palavras eram grosseiras e rudes, mas também aterrorizantes. Resgatá-la. Isso significava que estava sendo ameaçada. E Lucas também.

Ela balançou a cabeça — Suponho que possa lhe dizer o que quiser. — disse suavemente, tentando desesperadamente medir seu tom — Não significa nada para ele. Como disse, eu era apenas sua prostituta.

— Então acredita que ele não viria buscá-la, se estivesse em perigo? — perguntou com uma risada. Enfiou a mão no bolso e retirou lentamente uma pequena pistola. Apontou-a diretamente para ela — Como está agora.

Ela buscou ar, mas não conseguiu inspirar o suficiente, enquanto olhava para a arma apontada para ela. Esse homem já matou antes, a sangue frio, e não havia razão para acreditar que não faria o mesmo com ela. Um toque de seu dedo e ela nunca mais sentiria o cheiro das flores em seu jardim ou andaria pelas colinas ao redor de sua casa. Nunca mais veria Lucas, nem sentiria seu toque, nem poderia dizer a ele que o amava.

A tristeza brotou dentro dela, por tudo que perderia ao longo de sua vida.

— Acalme-se agora. — disse ele — Não precisa se precipitar, minha querida. É um meio para um fim. Um belo pedaço de queijo, para um ou dois ratos.

Ela balançou a cabeça. No mínimo, poderia tentar salvar Lucas nessa situação — Estou lhe dizendo, ele não virá me buscar. Não sou suficientemente importante.

— Por isso ele colocou um guarda em sua casa? Por que é insignificante?

Ela piscou — Um guarda?

— Não sabia? — perguntou — Bem, isso não importa. Eu mesmo cuidei do rapaz. O que é mais um espião morto, afinal?

Seu estômago revirou, mas forçou-se a manter a calma — Está apenas tentando me assustar. — sussurrou.

— Espero que esteja funcionando, pois deveria estar com medo. Por si mesma. E por ele. Porque está enganada sobre os sentimentos dele, eu acho. — disse com uma risada — Meu pessoal me diz que ele se importa contigo. E, mesmo que não o faça, o homem não deixaria uma amante morrer. Dessa forma, permite que seu coração fique à frente de sua cabeça. Além disso, se ele não vier, o outro virá. E esse seria um bom alvo para esse gato, tanto quanto Willowby.

— O outro? — Diana repetiu, confusa — Que outro? Está falando de Stalwood?

Seu sorriso se alargou, impossivelmente cruel e insensível — Não. Estou falando do seu pai, Diana.

Os lábios dela se separaram. Esse homem era louco — Meu pai está morto.

Ele balançou a cabeça lentamente — Não, não, minha querida. Morto é o que ele queria que acreditassem. Asseguro-lhe que George Oakford está muito vivo e bem. Pelo menos estará, até que eu o atraia para mim, com a sua vida como isca, e depois enfie uma bala em seu cérebro mentiroso.

Diana o encarou, incapaz de pensar, falar ou respirar. O mundo começou a girar. Seu pai, vivo? Depois de todos esses meses de luto e dor, isso era possível? Sua respiração ficou curta quando foi dominada pela emoção e,

então, fez algo que nunca havia feito antes, em todos esses anos.
Desmaiou.

Capítulo 24

Lucas desmontou do cavalo com cuidado, ignorando a dor intensa que lhe atingiu a perna e o ombro ao fazê-lo. Entregou as rédeas a um dos homens de Stalwood e olhou para cima, para a elegante casa à sua frente. Lá dentro, teria de enfrentar seu superior e descobrir a verdade sobre um homem que considerava um pai.

Não estava ansioso para saber o que ouviria. Seus instintos já sabiam o que seria.

Subiu as longas escadas e foi recebido pelo mordomo de Stalwood. Pela expressão séria no rosto do homem e pela maneira como levou Lucas imediatamente para o corredor, ficou claro que era esperado.

O homem abriu a porta — O duque de Willowby, sir. — disse em direção à sala, depois se afastou para que Lucas entrasse. Stalwood estava de pé à esquerda da janela, olhando para fora, com uma expressão pensativa.

— Recebi sua mensagem — disse Lucas — e vim imediatamente. Estremeço só de pensar no que encontrou.

Stalwood virou-se e olhou para Lucas, depois olhou para além dele, para o lado direito da sala, com uma expressão incisiva. Lucas seguiu seu olhar e sentiu o coração disparar na garganta.

Um fantasma estava de pé no aparador, com uma bebida na mão. Só podia ser um fantasma - não havia outra explicação, pois era George Oakford. O médico estava olhando para Lucas, com uma expressão fechada e pouco clara.

— Mas que diabos? — Lucas ofegou.

Stalwood sinalizou para seu criado — Isso é tudo, Jessup. Nada de interrupções, sem exceções.

A porta se fechou atrás de Lucas, mas ele continuou olhando atônito para Oakford — Explique isso. — sibilou, sua mente se voltando para Diana. O coração dela havia sido partido pela morte do pai. E aqui estava ele, em carne e osso, como se os últimos seis meses não tivessem acontecido.

— Ele apareceu aqui há uma hora. — Stalwood resmungou. Não havia dúvida, por sua voz trêmula, de que estava tão chocado com esse acontecimento quanto qualquer outra pessoa — Foi por isso que o chamei aqui.

Oakford colocou sua bebida no aparador e deu um passo à frente — Willowby.

Lucas não pensou, não planejou, simplesmente atacou o homem. Seu punho se chocou com a bochecha de Oakford e o médico cambaleou para trás, segurando-se na borda do aparador.

— Como pôde? — Lucas gritou, enquanto Stalwood corria para frente, para pegar seu braço e impedir o ataque. A dor latejava em seu ombro, mas a

ignorou — Sabe o que Diana passou, desde que “morreu”?

Oakford se endireitou, levando a mão à bochecha, que já estava inchada — Essa foi a pior parte de tudo isso, lhe garanto.

— Quer uma explicação. — Stalwood rosnou no ouvido de Lucas — Para si mesmo, para ela. Bem, ele diz que tem uma, e eu ainda não a ouvi. Deixe-o falar.

— Vai querer ouvir. — disse Oakford suavemente — Mas deve me deixar dizer tudo, porque preciso de sua ajuda. *Diana* precisa de sua ajuda.

Com isso, Lucas ficou imóvel, toda a sua raiva se transformando em medo — Diana? Por quê?

Oakford suspirou — Deixe-me começar pelo começo. Sempre fui um homem pragmático, não sou propenso a demonstrações emocionais.

— Como Diana está em perigo? — Lucas gritou.

— Porque eu levei um demônio para a nossa casa. — Oakford retrucou finalmente — Eu a expus ao Boyd Caldwell, sem pensar que ele iria... iria...

— Eu sei o que ele fez com ela. — Lucas sibilou, com desgosto — E as consequências que teve de enfrentar depois, sozinha.

Oakford virou a cabeça, e um lampejo de emoção cruzou seu rosto — Falhei com ela, — admitiu — muitas vezes. Mas o motivo pelo qual fiz isso foi por ela.

— Tornou-se um traidor da coroa por Diana? — Stalwood perguntou, seu tom frio como gelo — Oh, é difícil acreditar nisso, *velho amigo*.

— É verdade. Quando minha esposa morreu, percebi o quão pouco eu sabia para ajudá-la. Ela tinha um futuro, mas eu não podia lhe dar nada além de uma educação. O que eu deixaria para ela quando morresse? Um pequeno chalé aqui, outro no campo? Um jardim cheio de ervas sem valor? Que tipo de vida era essa para ela? Minhas preocupações aumentaram quando ela cresceu e se tornou uma mulher.

— Foi quando Caldwell o abordou? — Lucas perguntou, tentando se concentrar nos detalhes, mesmo quando o medo por Diana o atormentava.

Oakford assentiu — Ele foi ferido durante um caso - foi assim que nos cruzamos.

Lucas estremeceu. Isso explicava o padrão que havia notado nos ataques. Todos os homens que foram substituídos em seu caso tinham sido feridos. Oakford era o elemento comum.

— Caldwell sentiu-se... revoltado com o fato de isso ter acontecido e se convenceu de que o Departamento de Guerra o considerava dispensável. Eu nunca tinha visto tanta raiva em outra pessoa. — Oakford estremeceu — Mas, quando ele disse que poderíamos ganhar dinheiro juntos, lhe dei ouvidos. Por ela.

— Pare de dizer *por ela*. — Lucas rosnou — Sua filha jamais desejaria que trocasse seu país e seus amigos pelo conforto dela. Fingir que fez isso em nome dela é manchar tudo o que ela é.

Oakford inclinou a cabeça e, por um momento, toda a energia pareceu se

esvair dele — Tem razão, é claro. Sei que a falha é minha e de mais ninguém. Caldwell me garantiu que poderíamos negociar segredos menores, que ninguém precisaria se machucar. Quando as pessoas começaram a morrer, quando ele feriu minha filha, tentei sair, mas ele não permitiu.

— Ele não permitiu que saísse. — repetiu Stalwood com repulsa.

— É verdade! — o tom de Oakford era áspero e desesperado — Ele veio me visitar no campo, ameaçando e exigindo. Disse que se eu não o ajudasse, ele me denunciaria. Eu teria perdido tudo e Diana teria sido envolvida nisso. Ele me disse que haveria apenas uma última traição. Que sabia que havia armas sendo transportadas e que também tinha contatos que poderiam vendê-las à França, para o exército de Napoleão. Disse-me que ninguém precisaria morrer por esse ato.

— Exceto todos os homens que seriam alvejados, graças às armas! — Stalwood gritou — Meu Deus, George. Por quê? *Dinheiro*? Se estivesse realmente preocupado com Diana, sabe que eu teria providenciado o conforto e o futuro dela. Fez isso por seu próprio egoísmo.

Oakford se encolheu — Mas então você apareceu, Willowby. — disse, depois de um momento em que parecia estar se recompondo — Foi descoberto, e Caldwell ficou furioso. Ele já o desprezava e queria que morresse. Eu saí sorrateiramente, na esperança de interceptá-lo. Quando escalou o muro, eu o alvejei.

Lucas deu um passo para trás e sentiu a reação na mesma perna em que o homem havia atirado — *Você* atirou em mim? — sussurrou em descrença.

Oakford assentiu — Esperava que, se eu o ferisse, seria o suficiente para Caldwell. Disparei o primeiro tiro para fingir *que estava* ferido e depois o acertei. Presumi que, quando caísse e me visse caído ali, se distrairia. Planejei me levantar com coragem, correr em seu auxílio e tirá-lo de lá, e Caldwell ganharia tempo e dinheiro, terminando o serviço.

— Quase me matou. — disse Lucas.

— Não, *Caldwell* quase o matou. — corrigiu Oakford — Ele percebeu que havia algo em andamento e desceu atrás de mim. Atirou em seu ombro. Eu sabia que esse era um ferimento muito mais grave. Convenci-o de que eu terminaria de matá-lo e que ele deveria voltar aos seus negócios. Mas ele estava assustado, paranoico, certo de que qualquer um poderia estar contra ele.

— Ele atirou nos outros, na casa. — Lucas sussurrou.

— Sim. — disse Oakford, e engoliu em seco — Matou todos eles. Quando o ouvi começar a atirar, tentei levantá-lo e fazê-lo se mexer. Mas errei e você ficou inconsciente com a queda. Sua perna estava sangrando muito. Amarrei o ferimento e estava prestes a ir embora, quando Caldwell voltou. Ele o queria morto, Willowby, então lutei com ele.

Lucas cruzou os braços — Desculpe-me se não agradeço por isso.

— Nem deveria. — disse Oakford — Caldwell fugiu depois que lutamos, e eu reuni todas as informações sobre seus contatos e... e o dinheiro que ele

tinha escondido para a troca pelas armas.

Lucas recuou — Então ainda era tudo uma questão de dinheiro.

Oakford deu de ombros. — Fácil para você dizer isso, alguém que sempre o teve. Eu *precisava* dele. E sabia que, se Caldwell não o tivesse, ele poderia causar muito menos danos nesse meio tempo.

— Corajoso. — disse Stalwood, seu tom cheio de sarcasmo.

As narinas de Oakford se dilataram ligeiramente, mas ele continuou: — Caldwell correu quando viu os cavaleiros chegando. Só que eu não tinha certeza de que ele não voltaria atrás, que não se voltaria contra mim. Foi uma decisão em uma fração de segundo, quando o restante dos agentes chegou. Peguei um dos criados, troquei nossas roupas e objetos pessoais, para que o corpo ficasse parecido com o meu.

— Mutilou o corpo daquele homem. — disse Stalwood, horrorizado — E fugiu como uma cobra.

— Seu *covarde*. — Lucas retrucou — Poderia ter impedido isso naquele mesmo dia, se tivesse se entregado e contado a verdade a todos.

Oakford cerrou a mandíbula — Suponho que eu seja um covarde. Não queria ser arrastado por isso. Ser transportado ou enforcado. Que Diana ficasse manchada pelo que eu fiz.

— Então, em vez disso, a devastou? — Stalwood balançou a cabeça e sua expressão estava distorcida de raiva e descrença — Seu bastardo.

— Por que voltar agora? — Lucas perguntou — Deve saber que não será libertado apenas por se entregar ou denunciar Caldwell.”

— Por causa de Diana. — disse Oakford, dando um passo à frente — Caldwell sabe que estou vivo - está tentando me encontrar há meses. Ele quer as informações e o dinheiro que roubei. Está desesperado por isso. Tenho me escondido, mas observando cada movimento dele. Há apenas alguns dias, seus olhos se voltaram para outro lugar. Em sua direção, Willowby.

Lucas congelou. Foi exatamente por isso que ele retornou à Sociedade, para chamar a atenção do homem que quase o matou — Ele ouviu que eu estava de volta à casa ducal e achou que eu poderia identificá-lo?

— Ele sabe que é inteligente o suficiente para juntar tudo. — disse Oakford — E pelo fato de Diana estar ao seu lado, ele pode até acreditar que eu o estou ajudando.

Lucas avançou — Acha que ele acredita que Diana está envolvida em seu esquema. Que *ela* é a chave para encontrá-lo.

Ele assentiu — Sim. Ele pode não acreditar que ela saiba que estou vivo, mas deve presumir que seja a chave para me atrair. E, se for verdade que são... íntimos... talvez fazer com que faça negócio com ele. — Oakford se aproximou de Lucas e pegou seu braço com as duas mãos — Por favor, diga-me que minha filha está segura em sua casa. Vigiada pelos homens de Stalwood, quando não está com ela.

Lucas olhou para Stalwood — Não. — gaguejou, enquanto o medo o dominava — Estava... ela nos ouviu falando sobre nossas suspeitas a seu

respeito, na festa de Abernathie, há alguns dias. Então foi embora. Voltou para sua casa, aqui em Londres.

Stalwood respirou fundo — Não achou isso perigoso?

— Enviei um guarda para protegê-la, mas não tinha ideia de que era tão ruim assim. Não sabia que seu pai estava vivo. Se o desgraçado quisesse me pegar, ele poderia vir me buscar a qualquer momento. Eu era a isca, não ela. Cristo, temos que chegar até ela, para levá-la para um lugar mais seguro. Agora!

Os três homens se dirigiram juntos para a porta e, quando entraram no saguão, o mordomo de Stalwood entrou no caminho deles — Vossa Graça, recebeu uma mensagem encaminhada de sua casa, há um quarto de hora.

Estendeu o papel e Lucas o agarrou, frustrado. Sua mente agora girava em torno de Diana e de sua segurança. Não conseguia pensar em mais nada.

— Precisamos de cavalos, Jessup, imediatamente. — Stalwood ordenou.

O humor do mordomo mudou em um instante. Sua postura se transformou em uma postura militar e saiu correndo para solicitar as montarias. Enquanto fazia isso, Stalwood se voltou para Lucas — O que há na carta?

Lucas se sobressaltou e olhou para a página dobrada — Não sei. — respirou fundo, antes de virar a carta e ofegar.

— Esse selo. — disse, tocando a cera vermelha. Tinha sido carimbado com a imagem de um ceifador. A marca da morte.

— Caldwell. — Oakford disse — Ele usava esse selo para se corresponder sobre nossos planos.

O estômago de Lucas se revirou enquanto abria a carta e a lia em voz alta — *Está no meu caminho e estou cansado disso. Venha até onde tudo começou e onde tudo terminou para o querido George Oakford. Se não o fizer, a filha dele pode acabar lá também.* — fez uma pausa quando uma mecha de cabelo caiu da página.

Oakford percebeu — O cabelo de Diana. — sussurrou.

Lucas assentiu — Venha *sozinho*. — finalizou.

Stalwood balançou a cabeça — Obviamente, isso não acontecerá.

Lucas desviou o olhar — Não, mas deve parecer que estou sozinho.

— Deve parecer que está comigo. — disse Oakford, arregalando os olhos — Somos nós que ele quer, não ela. Talvez, se puder ficar conosco, troque pela liberdade dela e então...

— Acha que eu permitiria que se envolvesse nisso, quando já provou ser um traidor? — Stalwood gritou, agarrando Oakford pelo colarinho e sacudindo-o — Como posso saber se não orquestrou tudo isso como uma forma de chegar a Willowby?

Lucas olhou para Oakford, tentando lê-lo. Tentando decifrar se isso era, de fato, uma armadilha e um truque — Odiou Caldwell depois do que ele fez com Diana. — disse suavemente — Queria sair.

Ele assentiu — Eu disse que queria.

— E tentou me salvar, ao enfaixar minha perna, naquele dia. — Oakford

inclinou a cabeça em silêncio. Lucas olhou para Stalwood — Estou disposto a arriscar.

— Está louco? É um dos meus melhores agentes, não há nenhuma possibilidade de...

— Diana é uma inocente nisso. — Lucas interrompeu — Não deixarei a mulher que amo ser assassinada enquanto discutimos. Oakford vai comigo e ponto final. Irá nos seguir, com tantos agentes quanto puder mover em segredo.

— Começarei a reuni-los. É uma viagem de cinco horas até a propriedade. Podemos partir em duas horas. Com licença. — disse Stalwood, e saiu correndo do saguão.

Lucas o observou partir, depois agarrou o braço de Oakford e o arrastou para fora da casa.

— Para onde estamos indo? — Oakford perguntou, enquanto Lucas o empurrava em direção a um dos cavalos que Stalwood havia pedido anteriormente.

Montou em seu próprio cavalo e o virou para a rua — Para aquela propriedade. De jeito nenhum vou esperar duas horas para ir atrás da Diana. Quando Stalwood perceber que fugimos, ele se apressará em cumprir seus deveres e poderá nos seguir logo atrás.

Oakford sorriu enquanto ambos aceleravam seus cavalos e entravam juntos na rua — Quero lhe perguntar uma coisa. — disse, enquanto corriam pelas ruas movimentadas em direção ao extremo leste da cidade.

Lucas apertou os lábios. Não queria ter uma longa conversa com esse homem, esse traidor. Não queria pensar em nada além de Diana e em como poderia salvá-la. De Caldwell, mas também da dor que sentiria quando visse que seu amado pai estava vivo e havia conspirado contra ela e todos que ele supostamente amava.

— Falou que ama minha filha. — disse Oakford, quando Lucas ficou em silêncio — Isso é verdade?

Lucas olhou de canto de olho para o homem que antes chamava de amigo — Falei isso em voz alta? — perguntou — Sim, é verdade. Estou apaixonado por Diana.

Oakford assentiu e depois suspirou — Ótimo. Porque a probabilidade de eu sair dessa sem ter meu pescoço esticado é quase zero. Eu ficaria feliz em saber que ela foi amada e cuidada por um homem que há muito tempo considero um filho.

Lucas virou o rosto para Oakford. Há pouco tempo, essas palavras teriam significado muito. Agora... — Se me considerava seu filho, como pôde fazer isso? Comigo, e com ela? Como foi capaz de fazer isso com ela?

Oakford suspirou — Eu fraquejei, Willowby. Estava cheio de problemas até o pescoço e apavorado com o futuro dela, por isso fui fraco. Espero que seja mais forte. Ela merece isso.

— Ela merece mais. — concordou Lucas, e então cavalgaram em silêncio,

ambos perdidos em pensamentos sobre a mulher que amavam.
A mulher que colocaram em perigo.

Capítulo 25

Diana estava sentada em uma bela sala de estar, em uma cadeira confortável. No aparador, Caldwell preparava uma xícara de chá para ela. Tudo seria muito civilizado, se suas mãos não estivessem atadas. Se os outros móveis da casa não estivessem cobertos de panos, porque o lugar que invadiram estava desocupado.

Se não estivesse em puro terror, não apenas por sua vida, mas por Lucas. E processando a informação que Caldwell havia lhe contado horas atrás, em Londres: que seu pai estava vivo. Uma mentira, é claro. Tinha que ser uma mentira. O motivo pelo qual Caldwell lhe contou, além de lhe causar dor, era uma questão completamente diferente.

— Gosta com dois torrões de açúcar, não é? — perguntou.

Ela o encarou — Por que fingir que se importa? Não sou sua convidada.

Ele sorriu por cima do ombro — Uma das coisas que me atraíu, há dois anos, foi o seu fogo. Deve ser disso que Willowby gosta também.

— Não se compare a ele. — sibillou, virando o rosto quando trouxe a xícara para ela e a levou aos lábios — Não é nem metade do homem que ele é.

O sorriso presunçoso de Caldwell vacilou um pouco — Sim, foi o que ouvi, mais de uma vez. Realmente acha que ele vale mais por causa de seu título? Sua fortuna?

— Não. — disse suavemente, e pensou em Lucas. Pensar nele era tudo o que a mantinha focada e centrada nessa terrível provação. A única coisa que a impedia de sucumbir à onda de ansiedade que continuava subindo em seu peito — Ele vale mais por causa de sua bondade, sua decência. Sua bravura e seu coração. É isso que faz com que seja cinquenta vezes mais homem do que é, seu covarde sanguinário.

Ele colocou a xícara de chá de lado e, em seguida, segurou o rosto dela com a mão, esmagando suas bochechas, enquanto a dor a atravessava.

— Agora chega. — disse, calmo, mesmo quando a machucava. Controlado — Já passei tempo suficiente ouvindo de meus superiores, de seu pai e de todos os outros sobre as virtudes do Duque disfarçado. Se ao menos ele tivesse morrido quando deveria, mas isso foi culpa do Oakford. Foi ele quem enfaixou a perna de Willowby, para que não sangrasse no gramado, bem em frente a esta janela.

Diana congelou, pensando no que Lucas lhe contou sobre o nó na bandagem que estava em volta de sua perna, quando acordou após o ataque. Aquele nó que ela reconheceu e tentou tanto explicar. E, no entanto, aqui estava a melhor explicação.

Que dizia que esse bastardo realmente não estava mentindo para ela. Que seu pai estava vivo.

Virou-se e livrou seu rosto do aperto dele — O que leva um homem a ser o que se tornou?

Ele sorriu — Uma vida inteira lutando por cada pequena coisa que conquistei. De ver homens como Willowby receberem o que não mereciam. De ser ferido em campo e perceber que estava arriscando minha vida por nada.

— E quanto a sua família? — perguntou — E quanto à sua esposa e seus filhos? Não vale a pena ser decente por eles?

Ele virou a cabeça — Minha esposa e meus filhos não significam nada para mim. Eu me casei porque era esperado e o nome do pai dela me ajudou em minha posição. Ela é apenas um fardo, assim como *eles*.

Havia algo em seu tom quando disse “eles” que desmentia aquelas palavras frias. Na verdade, parecia que ele não se importava com a esposa. Mas as crianças... isso poderia ser uma história diferente.

Ele se afastou, voltando para o aparador. Enquanto o fazia, ela olhou pela grande janela e viu um sopro de poeira vindo da direção da estrada. Seu coração deu um salto. Salvadores. Lucas. Mas ela não queria que Caldwell percebesse isso.

Tinha que distraí-lo e dar a quem quer que tivesse vindo buscá-la sua melhor oportunidade. E só conhecia uma maneira de fazer isso.

— Soube da nossa filha? — perguntou, cada palavra como uma punhalada em seu coração partido.

Ele se virou e a encarou, com o rosto lívido e chocado — O quê?

— Eu engravidei depois de nosso encontro mal pensado. — sussurrou — Não sabia?

— Mentirosa. — cuspiu.

Ela abaixou a cabeça e as lágrimas vieram facilmente — Eu gostaria de ser. Mas é verdade.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo, o que pareceu uma eternidade. Depois disse: — Oakford nunca me contou. Mesmo quando tentou romper nossa parceria, ele nunca disse nada.

Ela estremeceu, pois aquela declaração estava, mais uma vez, provando que seu pai se tornou um traidor. Deixou de lado a mágoa e se concentrou.

— Eu a chamei de Mirabelle. — sussurrou — Ela não conseguiu respirar.

A bochecha dele se contraiu e apertou as mãos ao lado do corpo. Então desligou a emoção, usando as mesmas habilidades de espionagem que tinha visto seu pai e Lucas usarem tantas vezes. Empurrar a dor para longe, apagar a raiva, abandonar... nada.

— Isso provavelmente foi o melhor. — resmungou.

Ela se debateu contra suas amarras — Foi o melhor? — gritou — Seu bastardo estúpido e sem coração!

Ele deu um passo em sua direção, mas, antes que pudesse responder, olhou para a janela — Cavaleiros. — grunhiu — E muito próximos.

Ela não pôde deixar de sorrir, e ele a olhou, furioso. — Sabia, não é? Os

viu chegando?

Deu de ombros, o melhor que conseguiu, estando amarrada. A raiva dele voltou e a golpeou com as costas da mão. Seu lábio se chocou contra os dentes e ela sentiu o gosto de sangue. Um pouco escorreu do pequeno corte que havia ali.

— Ótimo. — disse ele — Um pouco de sangue vai ajudar. Agora, vamos nos preparar para nossos visitantes, certo?

Saiu da sala, puxando uma pistola da cintura, enquanto caminhava, e ela puxou as amarras — Boyd! — gritou.

Ele a ignorou, é claro. Respirou fundo algumas vezes. Não conseguia se concentrar no que estava acontecendo com Lucas, agora. O que precisava fazer era se libertar. A dor percorreu seus pulsos quando torceu as mãos, tentando entender o nó que havia sido amarrado em seus pulsos. Podia sentir os laços do nó contra sua carne e fechou os olhos ao imaginar sua imagem.

Quando a teve em sua mente, deslizou os dedos ao longo dele, tentando encontrar a extremidade do nó. Lá estava ele, contra sua palma esquerda. Começou a empurrar, torcendo a corda, tentando traçá-la de volta em seu caminho. Lentamente, sentiu que funcionava, soltando-se em pequenas frações, em direção à sua liberdade.

Ouviu vozes do lado de fora, sons masculinos, gritos. Muito longe para identificá-los. Precisava se apressar. Empurrou mais, puxou mais, chegando cada vez mais perto, mas ainda não totalmente livre.

A porta da sala se abriu, parou de mexer na corda e olhou para cima. Lucas entrou primeiro, com o rosto carregado de raiva e emoção. Quando a viu, sua expressão se iluminou de alívio.

— Diana. — murmurou.

As lágrimas começaram a aparecer e piscou para evitá-las, sem querer demonstrar fraqueza — Estou bem. — sussurrou — Estou bem, oh, não deveria ter vindo.

— Como se eu não viesse buscá-la.

Ela olhou para a porta, esperando que Boyd entrasse em seguida, mas, em vez disso, era outra pessoa. E enquanto olhava, seu coração quase explodiu no peito. Ali estava seu pai, em carne e osso. Um pouco mais magro, talvez. Suas bochechas cobertas de pelos faciais desalinhados. Mas aqui, vivo.

E tudo o que Caldwell havia dito era verdade.

— Não. — gemeu, com os olhos fechados, enquanto o mundo começava a girar diante de seus olhos — Não, não, não!



Em seus anos nesta terra, Lucas já tinha ouvido muitos sons terríveis. A morte era comum em seu ramo de trabalho e já tinha escutado muitas confissões no leito de morte, muitos gemidos de dor.

Mas nunca ouviu nada pior do que o som que saía da boca de Diana, enquanto olhava para o pai e seu mundo desmoronava ao seu redor. E, pior ainda, não podia fazer nada naquele momento para confortá-la. Não podia

nem mesmo tocá-la.

Mesmo que pudesse, o que diria ou faria? Seu pai estava vivo e ela tinha que aceitar que tudo o que sempre acreditou sobre seu heroísmo e bondade era uma mentira. Ele entendia isso, pois havia passado pelo mesmo conjunto de emoções, quando viu o homem.

Para ela, isso tinha que ser multiplicado por cem.

Caldwell entrou na sala, com a arma apontada para as costas de Oakford e um largo sorriso no rosto — Olhe para a nossa pequena reunião de família. — disse, com aquele tom cruel em sua voz, como uma lima na espinha de Lucas — Diga olá para o papai, Diana.

Ela não parou de olhar para o pai desde que ele entrou na sala, e Oakford não desviou o olhar dela. Ela balançou a cabeça — Por quê? — sussurrou — Por que fez isso?

— Sinto muito. — disse suavemente — A situação saiu do controle e eu deveria tê-la protegido melhor. Mas agora o farei.

Com isso, ele se virou para Lucas e tirou uma pistola de sua bota. Lucas cambaleou e Diana gritou, quando ambos perceberam o que estava acontecendo.

— Seu bastardo. — rosnou — Seu bastardo eterno.

Oakford inclinou ligeiramente a cabeça — Tenho que fazer o que é melhor para a Diana, e essa é a única maneira.



Diana ficou olhando enquanto seu pai recuava e olhou para Caldwell. Seu parceiro parecia tão chocado com a reviravolta dos acontecimentos quanto ele — Tinha uma arma? — Caldwell murmurou.

— Sim. Podemos conversar sobre isso, Caldwell. — disse Oakford.

Caldwell se virou para ele — Falar sobre o quê? Traiu-me e roubou meu dinheiro e minhas informações. Sabe quantos problemas isso me causou, desde que se fingiu de morto? Tive minha cabeça a prêmio por um tempo, Oakford, e a culpa é sua.

— Eu tenho o que quer. — Oakford o acalmou, com o mesmo tom que Diana o ouvira usar com homens feridos, uma dúzia de vezes, uma centena — E tenho Willowby aqui, para completar. Podemos consertar nosso relacionamento, não podemos? Voltar à nossa parceria.

— Pai! — Diana gritou, lutando contra as amarras — Por favor, não faça isso. Por favor!

Seu pai a ignorou, mas viu Lucas a observando. Sua expressão estava distorcida pela dor e lágrimas que fluíam pelo rosto dela — Sinto muito. — ela sussurrou e queria dizer muito mais — Eu sinto muito.

— Eu sei. — ele murmurou de volta.

— Como posso confiar depois do que fez? — Caldwell sibilou, aparentemente alheio ao mundo de comunicação não falada que inundava seus dois prisioneiros — Depois do caos que causou nos últimos seis meses? Pelo que sei, está trabalhando ao lado de Stalwood e ele tem uma dúzia de homens

vindo aqui, para destruir todos nós.

— Ele não sabe. — disse Oakford.

Lucas cerrou a mandíbula e sua indignação era evidente em cada fibra de seu ser — Então *foi* por isso que apareceu em minha casa hoje, me contou essas histórias de que Diana estava em perigo. Os dois estavam juntos nisso, usando-a para chegar até mim?

Caldwell se mexeu — Sabia que eu a tinha?

— Eu sabia que estava me procurando. — disse o pai, balançando a cabeça — Deve saber que fiz o mesmo. Percebi que a levou e por que - eu lhe devia uma recompensa para que pudesse pensar em me conceder uma. Sua carta para trazer Willowby até aqui foi muito oportuna, pois o convenceu da minha veracidade. Sempre fomos uma boa parceria, Caldwell, mesmo que, dessa vez, não tenha sido planejado.

— Convenceu-me a acompanhá-lo sozinho. — Lucas suspirou.

Seu pai assentiu — Achei que uma ameaça contra a segurança de Diana poderia torná-lo indisciplinado. — sustentou o olhar de Lucas por um longo momento e depois olhou para Caldwell — Então ele está aqui. Se deixar Diana ir, podemos nos livrar dele, juntos.

Diana voltou a se debater na cadeira. Suas mãos estavam quase livres — Não, não, por favor. Não o machuque, pai. O senhor o ama como um filho, como costumava me dizer.

— Eu a amo mais. — disse, olhando para ela — Não importa o que pense.

— Então não o tire de mim. — parou de se debater — Por favor, por favor, não o tire de mim. Eu o amo. Preciso dele.

Lucas congelou com essas palavras. Seus olhos se voltaram para ela, que os sustentou pelo que pareceu uma eternidade, antes de sussurrar: — Diana, deixe-o fazer isso. Sua vida vale muito mais para mim do que a minha própria. Olhe para mim.

Ela virou o rosto e o encarou — Lucas...

— Eu te amo. — disse, e era tão bonito e claro, tão verdadeiro. Ela acreditou, embora estivesse em um momento de pânico — Eu lhe prometo, isso é o melhor.

— Bem, tudo isso é muito romântico. — Caldwell retrucou, arrastando-a de volta para o momento e para os perigos que o cercavam — Mas não há como deixar Diana ir para matá-lo e escapar. Stalwood já sabe - deve saber, se Willowby suspeitava de seus atos.

— Stalwood não sabe de nada. — disse Oakford suavemente — Quando entregou o arquivo do caso em minha antiga casa, aqui em Londres, onde Willowby estava hospedado quando retornou, entrei sorrateiramente na casa e roubei os fatos incriminadores. Se Willowby suspeitou, não foi com provas que sustentassem suas afirmações. Stalwood levará meses para resolver essa nova bagunça. Tempo suficiente para que conclua os planos que tem e vá para onde quiser. Tudo o que precisa fazer é deixar Diana ir.

Caldwell se remexeu, e ficou claro que sua mente estava se revirando com

todas essas possibilidades — Não. Eu não vou deixá-la ir. Ela é próxima de Stalwood. Chorou no ombro dele, em seu falso túmulo. Se ela ama Willowby, nos deletaria. — ergueu a mão e apontou a arma para Lucas — Seria melhor matá-lo agora. Depois, se devolver o que roubou, nós dois poderemos negociar sobre Diana. Essa é a melhor maneira.

Ele começou a apertar o gatilho, e Diana observou enquanto Lucas se preparava para o tiro. Naquele momento, suas mãos finalmente ficaram livres e ela se lançou em direção a ele, para bloquear a bala, para salvar sua vida.



A arma fez um som horrível e Lucas observou, horrorizado, Diana se levantar da cadeira, subitamente livre das amarras que a prendiam ali, e se jogar na frente dele.

Lucas gritou e, no mesmo instante, Oakford pulou na frente de Caldwell. A bala o atingiu, em vez de Lucas ou Diana, e ele cambaleou para trás, enquanto um círculo vermelho se espalhava pelo ombro de sua camisa branca. Largou a arma ao cair, e ela deslizou em direção a Lucas.

Ele empurrou Diana para o lado, pegou a arma e disparou, enquanto Caldwell se esforçava para recarregar a pistola. Seu tiro foi certo, atingindo Caldwell entre os olhos. Ele ficou de pé por um momento, com uma expressão vazia no rosto, e depois desabou em uma pilha, no chão, ao lado de Oakford.

Diana gritou e Lucas se virou para ela. Esperava que ela se aproximasse do pai ferido, mas foi nos braços dele que ela se atirou, passando as mãos sobre ele, enquanto sussurrava palavras vazias e intermináveis, sobre a saúde e a segurança dele.

Ela a puxou para perto e a beijou, de forma breve, mas poderosa. Em seguida, virou-a para o pai — Ele mentiu, Diana. Mentiu para protegê-la. Stalwood estava vindo o tempo todo, ele sabia disso e eu também.

Ela ofegou e se virou para o pai, que estava deitado no chão, pressionando a mão no buraco em seu ombro, enquanto os observava. Viu a expressão dela se suavizar, um pouco de sua fé nesse homem voltou com a verdade que os dois haviam escondido para salvar a vida dela.

— Ele precisa da sua ajuda.

Ela assentiu e se ajoelhou ao lado dele. Ele já estava com a mão no ombro, e ela rasgou um pedaço de tecido de sua camisa, para começar a enfaixar o ferimento, enquanto Lucas se certificava de que Caldwell estava realmente morto e incapaz de fazer mais mal a alguém.

Estava tudo acabado. Um traidor estava morto. O outro estava agora sob a custódia do Departamento de Guerra, pois Lucas não tinha a menor intenção de deixar Oakford escapar, quando suas ações haviam causado tantos danos.

Agora só restava lidar com as consequências e com o desgosto que inundaria Diana e a deixaria em luto novamente.

Capítulo 26

Três dias depois

Diana andava de um lado para o outro, certa de que faria um buraco no carpete da sala de Lucas, antes que esse dia terrível terminasse. Olhou para o relógio da lareira e suspirou. Ele já havia saído há tempo demais. As notícias que traria para casa não poderiam ser boas.

A porta se abriu naquele momento, e ela se virou para ver Lucas entrar na sala. Seu rosto estava muito sério e seus olhos fixos nos dela. Preocupado. Calmo. A mesma expressão que estava usando nos três dias, desde que o mundo inteiro desabou ao redor dela, tudo o que acreditava foi destruído quando o pai reapareceu, vivo e bem.

— Qual foi a decisão? — perguntou, com a voz trêmula.

Lucas se aproximou, pegando suas mãos e examinando seu rosto, como se pudesse encontrar paz ali. Ela não tinha ideia de como isso seria possível, considerando que não sentia paz em seu interior.

— Foi uma longa discussão. Stalwood e eu defendemos seu pai e apresentamos as provas de que ele realmente se voltou contra Caldwell no final. Que levou aquele tiro para me proteger. Nós a deixamos de fora, é claro, como havíamos combinado.

Ela franziu os lábios — Sim, foi o que *concordou* junto com Stalwood e meu pai. Ainda acho que *eu* deveria ter estado lá. — afastou-se e caminhou até a janela.

— Sim, deveria ter estado. — disse suavemente — Será a única afetada por essa decisão. Mas só assim a protegeremos, de alguma forma, da verdade sobre o que seu pai fez e por quê.

Suas mãos tremiam quando o encarou — Qual foi a decisão do painel, no final?

— Eles consideraram sua lesão e suas ações como um todo. — Lucas soltou um longo suspiro — E determinaram que não deveria ser enforcado por traição.

As pernas de Diana quase caíram. Apoiou-se pesadamente no parapeito da janela enquanto o olhava, incrédula — De verdade? Eles não o matarão?

— Não, não o farão. Mas ele... ele será transportado, Diana. Assim que seu ferimento permitir a viagem, uma ou duas semanas, no máximo, e será enviado para longe. O painel achou que ele poderia pelo menos fazer algo de bom entre a população carcerária.

Ficou encarando-o, enquanto a dormência a dominava. Transportado. Embora fosse melhor do que a morte, o resultado seria o mesmo. Nunca mais veria seu pai. Talvez ele pudesse lhe escrever uma carta de vez em quando, mas a distância entre eles seria intransponível.

— Entendo. — disse finalmente, a única coisa que conseguiu pensar em dizer — É justo, eu entendo.

— Justo para ele. — corrigiu — Não para você, Diana. Poderá vê-lo quantas vezes quiser, durante o tempo que lhe resta. Stalwood e eu exigimos que isso acontecesse. Na verdade, Stalwood o monitorará em sua própria casa, até a hora de partir.

Ela assentiu lentamente — Stalwood era um amigo, negociando parte do acordo. Houve alguma outra punição?

Ele se mexeu, e ela soube que sim — Suas terras foram confiscadas. Sua propriedade e seus fundos agora pertencem à coroa.

Ela inclinou a cabeça — Então não tenho nada.

— Sim. — limpou a garganta — Não lhes falei sobre o túmulo de sua filha, mas argumentei que deveria poder morar na casa, se quisesse. Eles concordaram em alugar a propriedade para mim, embora ela ainda pertença à coroa. Não perderá a possibilidade de visitar Mirabelle, enquanto eu viver.

Seu coração falhou quando o olhou — Fez isso por mim?

Ele assentiu — Eu faria qualquer coisa para diminuir sua dor. Qualquer coisa que estivesse ao meu alcance.

— Obrigada. — sussurrou, com o amor por ele borbulhando em seu peito. Mas não o disse. Fez isso no auge do terror, alguns dias antes, e ele retribuiu. Desde então, se hospedou na casa dele, e o assunto não voltou a ser discutido.

Provavelmente, ele havia dito aquelas palavras apenas por terror, naquele momento. Diante da morte, pareciam ter significado menos para ele. Agora as havia esquecido.

E ela podia viver com isso. Havia muitas outras coisas que teria de enfrentar agora. Perder Lucas era apenas a pior parte.

— Podemos ir lá quando quiser. — continuou — É só dizer.

— Me levaria para casa, para o chalé? — perguntou — Não, isso seria demais. Eu nem deveria ficar mais em sua casa. Acho que minha família já caiu em suas boas graças por tempo suficiente.

Ele franziu a testa — Levá-la para casa? *Esta* é a sua casa, Diana.

Ela o olhou, surpresa — Lucas.

— Tem sido uma loucura, desde que a levaram. Loucura há mais tempo do que isso. — disse passando a mão pelos cabelos — Eu deveria ter sido mais claro, mas não queria sobrecarregá-la, quando já havia tanta coisa para lidar.

Ela engoliu em seco, mas não conseguia pensar em nada para dizer além de seu nome — Lucas...

Ele balançou sua cabeça — Eu te amo, Diana.

Essas palavras a atingiram com mais força do que um phaeton desgovernado, e tudo dentro dela queria se apoiar nelas, nele, e ficar em seus braços para sempre.

Uma parte mais racional tentou manter a alegria à distância — Disse isso em um momento de grande perigo. — começou — Eu não seria tão cruel a ponto de exigir-lhe isso.

— Eu falo sério, com perigo ou não, Diana. Eu soube disso antes de dizer, naquele dia. Percebi e sei o que quero. — avançou, e ela não encontrou forças para se afastar. Segurou seu rosto e ela estremeceu, pois a sensação de sua pele na dela era divina — Eu a amo e quero que se case comigo.

Se ela já não estivesse encostada na janela, teria caído — O que?

— É tudo o que eu sempre quis e tudo o que sempre vou querer. — sustentou seu olhar com firmeza — Nunca senti por ninguém nem mesmo uma sombra do que sinto quando a toco, vejo ou simplesmente ouço seu nome. Eu não poderia viver minha vida sem você.

— Isso faria de mim uma duquesa. — disse, atônita.

Ele assentiu — Sim, faria. E uma duquesa com deveres, pois percebi, graças a sua ajuda, que não posso mais me afastar desta vida. Renunciei ao meu cargo no Departamento de Guerra, com efeito imediato. Embora Stalwood tenha pedido que eu me colocasse à disposição para revisar arquivos de casos, de tempos em tempos. Algo que eu só faria com sua concordância

— Pare. — ela soprou, com a cabeça girando, enquanto se apoiava no encosto da cadeira mais próxima — Está se precipitando com todos esses planos e perguntas. O fato é que eu não pertencço a este lugar. Não neste mundo, na sua vida.

Ele sorriu, com uma expressão torta, que era irônica e calorosa — Oh, minha querida, nenhum de nós pertence a este lugar, não é? Mas nós pertencemos um ao outro. Eu preciso de você. Preciso que esteja ao meu lado. E quero estar ao seu lado também.

O que ele estava oferecendo era tudo o que sempre quis ou desejou. Tudo o que nunca ousara esperar. Mas ainda sentia medo. Medo e incerteza.

— Não seria fácil. — sussurrou.

— Às vezes não seria. — ele admitiu, com uma inclinação de cabeça — Mas penso que nós dois aprendemos, por meio de experiências amargas, que isso é verdade na vida em geral. Eu carregava um grande peso sobre meus ombros, até que tirou um pouco dele de mim. Espero lhe ter retribuído.

Ela assentiu — E fez. Eu nunca soube o quanto meus segredos me corroíam, até que fui capaz de revelá-los.

— Então, seja minha esposa. — sussurrou novamente — Passe uma vida inteira comigo, onde compartilharemos não apenas nossas alegrias, mas também nossas dores. Onde nenhum de nós suportará sozinho o peso de qualquer uma delas. Faremos isso juntos. Seja minha parceira, no sentido mais verdadeiro. Seja meu coração e meu amor, até que não haja mais nascer do sol para nós. *Por favor.* Por favor, não se afaste da felicidade que poderíamos ter. Me ame e se case comigo

Seu rosto estava próximo ao dela agora, a respiração suave em seus lábios. Envolveu-a com seus braços e, de repente, ela estava em casa. O lar mais perfeito que já conheceu, ou que voltaria a conhecer. Era tudo, e, naquele momento, soube que não poderia se afastar dele. Já tinha havido perdas demais na vida de ambos para aceitar outra.

— Eu o amo, Lucas. — disse, inclinando-se para roçar seus lábios nos dele
— Eu o amo e aceito ser sua esposa.

Ele não disse nada, apenas puxou-a para mais perto e aprofundou o beijo. Mas não precisava de palavras. Sentia sua alegria e seu alívio, na forma como sua boca se movia contra a dela. Sentia o futuro diante deles, muito mais feliz do que o passado.

Porque estariam juntos, e isso sempre seria suficiente.



Vem por aí



Primavera 1812

Poderia ter sido chamada de festa do Clube de 1797, graças ao número de amigos que Matthew Cornwallis, Duque de Tyndale, tinha no local. Os duques eram muitos, aparentemente em todos os cantos. Em outros tempos, teria gostado desse momento em que todos estavam juntos. Isso havia se tornado tão raro ao longo dos anos, à medida que seus amigos adquiriam seus títulos, casamentos e responsabilidades. Mas, no momento, não era alegria que estava no coração de Matthew, ao observá-los à distância.

Era algo muito mais sombrio, muito mais feio. Algo que não queria nomear. Mais da metade de seus amigos estava aqui com suas esposas. Giravam pela pista de dança juntos, com os olhos fixos, as mãos inadequadamente baixas, o riso ecoando, as bochechas se enchendo de cor, graças às palavras sussurradas.

Estavam todos felizes. Deveria ficar feliz por eles. Ficava. E não ficava. Porque agora estava do lado de fora, olhando para dentro de um mundo ao qual deveria ter se juntado, anos atrás. Só que Angelica havia morrido.

Tudo o que lhe restava eram arrependimentos.

De repente, Robert Smithton, Duque de Roseford, deslizou para seu lado. Sem dizer nada, entregou um uísque a Matthew e, em seguida, levantou seu próprio copo para batê-lo contra o dele

— Aos solteiros. — disse, olhando para a pista de dança e seus amigos — Aos que sobraram, é claro.

Matthew fechou os olhos. Em certos dias, sua dor ainda era tão crua, não importava os anos passados, desde a morte de sua noiva. Hoje era um deles, e as palavras de Robert eram como uma faca em seu coração.

— Desculpe. — Robert disse suavemente.

Os olhos de Matthew se abriram e observaram seu amigo. Robert era quase o seu oposto, um homem movido pelo prazer e nada mais. Não se permitia emoções mais profundas e, por isso, nunca experimentou a dor que as

acompanhava.

Mas também tinha uma mente brilhante, era um amigo leal e alguém com quem Matthew se importava profundamente, independentemente de sua opinião sobre as decisões de Robert.

— Devo estar com uma aparência horrível, se está me pedindo desculpas. — Matthew resmungou, antes de tomar um gole de sua bebida.

A tensão no rosto de Robert se dissipou e ele sorriu, com o espírito de malandro em pleno vigor naquele momento — Estou me desculpando porque sou um idiota. Mas já sabe disso. Sempre me diz quase a mesma coisa.

Matthew respirou fundo e a dor diminuiu um pouco. Robert fazia acontecer. E realmente apreciava isso.

— Bem, não é mais idiota do que o normal. — disse suavemente — Então, eu o perdoo dessa vez.

Robert inclinou a cabeça — Muito obrigado, Vossa Graça.

Matthew suspirou e voltou sua atenção para os outros. A música havia desaparecido e estavam se juntando em pequenos grupos, as mulheres comparando vestidos e sorrindo para seus maridos. De vez em quando, Ewan, Duque de Donburrow, passava a mão sobre a barriga inchada da esposa Charlotte, que estava grávida, e uma sombra de sorriso cruzava seu rosto, normalmente sério.

— É o fim de uma era. — refletiu Robert.

Matthew saiu de seus próprios pensamentos e assentiu — Suponho que sim. Todos encontraram seus pares, deixando apenas um punhado de nós sem essa felicidade. Mas isso estava destinado a acontecer, não é? Temos idade para fazer essas coisas. Alguém será o próximo.

Robert soltou uma risada de escárnio — Não serei eu. — disse, e engoliu toda a bebida de um só gole.

Matthew riu com ele — Não, minha suposição é de que será o último - gosta demais da sua vida, para entregá-la de bom grado.

Por um breve momento, uma sombra cruzou o rosto de Robert. Matthew inclinou a cabeça ao ver isso, pois era uma expressão que nunca tinha visto antes em seu velho amigo. Antes que pudesse pressionar, Hugh Margolis, Duque de Brighthollow e outro de seus amigos solteiros, se aproximou.

A preocupação de Matthew mudou. Nos últimos seis meses, viu uma mudança em Hugh. Seu cabelo havia crescido, suas bochechas frequentemente estavam cobertas de barba por fazer. Mais do que isso, havia algo profundamente perturbador em seu olhar escuro. Sempre que lhe perguntavam sobre isso, ele se esquivava.

Mas, nesta noite, alguns desses problemas pareciam ter se dissipado. Sorria para seus amigos, voltando a ser o companheiro leve e animado que sempre foi. Até colocou um braço em volta de Robert — E sobre o que os dois conversam tão seriamente, hein?

Robert revirou os olhos — Como nossos amigos se tornaram românticos. E nós estávamos discutindo quem seria o próximo a entrar na armadilha do

casamento. — deu uma piscadela para Matthew — E estávamos discutindo como Tyndale está infeliz.

O sorriso de Hugh desapareceu e sua expressão se atenuou — Está muito infeliz, Tyndale?

Matthew negou. Era uma coisa engraçada. Quando se perdia alguém, era como se a pessoa se transformasse em vidro. Todos os outros ficavam na ponta dos pés, tentando não perturbar ou quebrar nada. Estava se cansando disso, na verdade.

— Já se passaram três anos. — disse suavemente — Suponho que Robert esteja certo ao dizer que eu já deveria ter superado a perda e não estar vagando por aí, como o herói melancólico de uma novela romântica.

Robert deu de ombros — De acordo com minha experiência, as mulheres tropeçam em si mesmas por um herói piegas. Precisa começar a usar isso a seu favor.

Matthew não conseguia se imaginar fazendo nada disso, mas concordou por causa de Robert — E como sugere que eu o faça?

Foi como se tivesse oferecido mil libras ao amigo, os olhos de Roseford se iluminaram intensamente. Estava praticamente pulando quando disse: — Vamos sair dessa festa chata e ir para um lugar divertido.

Hugh balançou a cabeça — Estremeço só de pensar no que define como diversão, meu amigo. A que lugar exatamente se refere?

Robert sorriu ainda mais — Ao *Donville Masquerade*.

Matthew o encarou, com a boca ligeiramente aberta — O clube de sexo. — disse, balançando a cabeça. Pelo amor de Deus, todo mundo sabia sobre o *Donville Masquerade*.

Robert recuou — Está sendo limitado, meu caro amigo. Não é apenas um clube de sexo. Há bebidas, jogos e danças e, sim, acho que uma noite com uma bela dama faria bem a cada um de nós.

— Cristo, — Hugh disse com uma leve risada — você e seus apetites.

Robert franziu a testa — E desde quando ter prazer é um apetite tão terrível? Não pode fazer tanto tempo que não faz o mesmo.

Hugh se mexeu — Bem... nove meses. — admitiu.

Os olhos de Robert se arregalaram incrivelmente e sua boca se contorceu de horror — Não. Isso... não pode ser verdade. Isso é possível? Matthew, diga-lhe que se transformará em um monge se não mudar de atitude.

Os dois homens encararam Matthew e agora foram suas bochechas que se encheram de cor — Duvido que eu seja a pessoa certa para lhe dizer isso, considerando o tempo que já passou para mim.

Robert se afastou — Mais de nove meses?

Matthew limpou a garganta — Não tenho certeza se este é um tópico adequado...

— Dez meses? — Robert pressionou — Um ano?

— Honestamente, Roseford, está...

— Mais de um ano? — Robert quase recuou para o meio da multidão.

Matthew soltou um longo suspiro. Conhecia seu amigo buldogue, e não havia como deixar isso passar, até que tivesse descoberto o número — Está bem. Três anos e meio.

Robert ficou olhando, mudo. Até mesmo Hugh virou o rosto para Matthew, como se tivesse declarado que havia decidido dominar a Espanha. Matthew cerrou os lábios e se forçou a permanecer impassível, diante de suas expressões horrorizadas.

— Como os dois não estão... mortos? — Robert disse — Estão mortos, pois isso soa como viver em um túmulo.

— Roseford. — disse Hugh, a voz carregada de advertência.

Robert lhe deu as costas — Está decidido, vamos ao baile no *Donville Masquerade*, hoje à noite. Sou sócio e os dois serão meus convidados. Não aceitarei recusas.

Com isso, afastou-se e saiu do salão de baile, provavelmente para chamar sua carruagem.

Matthew olhou para Hugh e o encontrou olhando para trás. Brighthollow deu de ombros — Ele não está totalmente errado, sabe.

— É claro que não. — disse Matthew — Nunca está. Não totalmente.

— Nós dois provavelmente precisamos de um descanso de nossos problemas. E, afinal, nada diz que precisamos passar uma noite com uma *démimonde*.

Matthew se mexeu. Raramente pensava mais em coisas pecaminosas. Esses pensamentos pareciam tão errados após a morte de Angelica. Por fim, simplesmente os eliminou de sua mente e se tornou o monge que Robert havia acusado Hugh de ser.

— Tem razão, — disse com um suspiro — eu irei, nem que seja para evitar que ele tenha uma apoplexia no meio do salão de baile do James e da Emma.

Foram se despedir dos amigos, mas Hugh pegou seu braço, antes que pudessem chegar a alguém. Puxou Matthew para encará-lo e sua expressão era séria.

— Não a está traindo. — disse suavemente.

Os lábios de Matthew se entreabriram e ele assentiu — Eu sei.

Só que isso não era verdade. O que Robert queria dele parecia exatamente como uma traição à mulher que um dia amou e que perdeu. E é por isso que não tinha a menor intenção de fazer isso. Nem mesmo quando cercado pela “tentação” no perverso *Donville Masquerade*.

LIVRO 1



9786580754595

[Adquirir Aqui](#)

O primeiro livro da popular série Clube 1797 da autora Best Seller do USA Today, Jess Michaels.

O ousado, selvagem e carismático Duque de Abernathe é o tipo de amigo que qualquer um gostaria de ter. Até criou o Clube 1797, composto por dez homens, todos duques. Mas declarou, categoricamente, que nunca se casará e ninguém entende por quê.

Mas a senhorita Emma Liston não se importa com o porquê. Uma Wallflower de longa data, com um pai ausente, que é um perigo de escândalo à espera de acontecer, precisa se casar. Agora. Decide, então, correr um grande risco e pedir ajuda ao irmão de sua amiga Meg, James. Pede-lhe que finja estar interessado nela, apenas o tempo suficiente para ganhar a atenção de outros. Ele concorda, mas, rapidamente, é surpreendido pela facilidade com que tudo é confortável com Emma.

Quando o pai dela retorna, ameaçando-a com um futuro terrível, seu cortejo, rapidamente, se torna muito real. Será que James, alguma vez, revelará o verdadeiro homem, sob a casca exterior? E Emma poderá descobrir seu próprio valor, antes que seja tarde demais?

Nível de calor: Escaldante

Este livro é o primeiro da série Clube 1797.

LIVRO 2



9786580754595

[Adquirir Aqui](#)

O segundo livro da popular série Clube 1797 da autora Best Seller do USA Today, Jess Michaels.

Simon Greene, Duque de Crestwood é obcecado por Margaret Rylon, há anos. Apenas uma coisa está entre eles: seu noivo, que, por acaso, também é seu melhor amigo. Ele está desesperado para não destruir tudo em sua vida, cedendo aos seus desejos, mas quando Meg e Simon ficam presos, sozinhos, a noite toda, durante uma tempestade, o escândalo resultante não só quebra o compromisso anterior de Meg, mas força Simon pedi-la em casamento.

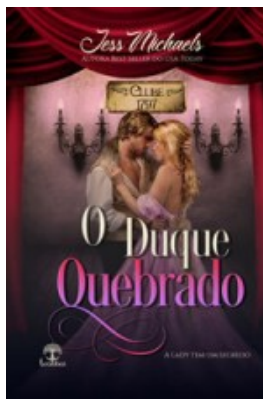
Margaret lamenta ter ferido sua família e seu noivo, mas tudo o que sempre quis foi Simon. Sua determinação em fazer uma vida feliz com ele só aumenta, quando se submetem a paixões que, há muito tempo, habitam sob a superfície. Mas enquanto Simon pode dar a ela seu corpo, retém seu coração, por culpa e medo do que uma conexão com ela poderá expor.

E se ele não aprender a lutar por ela, logo, ambos podem perder uma chance de felicidade.

Comprimento: Livro completo

Nível de calor: Sim. Muito.

LIVR03



9786554440509

[Adquirir Aqui](#)

O terceiro romance sensual da série Clube 1797 da autoria best-seller do USA Today, Jess Michaels.

Adelaide Longford é a wallflower erudita mais esquecida de Londres e isso é bom para ela. Ser ignorada lhe dá a oportunidade perfeita para se esgueirar e assumir secretamente a identidade da atriz mais celebrada da atualidade, Lydia Ford. A emoção de caminhar pelos palcos e ouvir os aplausos daqueles que a observam é a experiência mais emocionante de sua vida.

Até Graham Everly, Duque de Northfield, entrar em sua vida. Ele está quebrado, após a humilhante perda de sua noiva de longa data para seu suposto melhor amigo, e eles entram em um caso lascivo, que põe fogo em seu corpo. Graham não tem ideia do porquê se sente atraído tanto pela obstinada Adelaide como pela apaixonada Lydia, mas logo é apanhado em uma dança com ambas e atormentado por um futuro que quer perseguir.

Quando Graham descobrir a identidade secreta de Adelaide, será capaz de aceitar suas duas faces? E será que conseguirá salvá-la de um perigo que nenhum deles jamais poderia ter previsto?

Comprimento: Romance completo

Nível de calor: sobranceiras tremulando

LIVR04



9786554442282

[Adquira Aqui](#)

O quinto romance emocionante da série Clube 1797 da autora bestseller USA Today, Jess Michaels

Baldwin Undercross, Duque de Sheffield, tem um segredo que está guardando de quase todos que conhece e ama. Ele está sem dinheiro, graças ao jogo de seu falecido pai e às suas próprias más decisões. Há apenas uma opção agora, casar-se por dinheiro e fazê-lo em breve. Uma oportunidade se apresenta quando uma rica dama americana chega à Sociedade em busca de um título, em troca de um dote enorme.

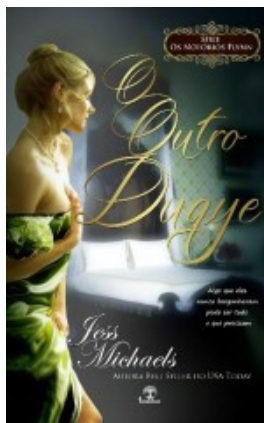
Helena Monroe é a acompanhante pobre de sua prima e é infeliz. Mas, quando encontra Baldwin em um terraço, seu tempo na Inglaterra começa a melhorar. Percebe rapidamente que ele acredita que ela é sua prima e tudo começa a desmoronar.

Baldwin está agora dividido entre um futuro que salvará o legado de sua família e um futuro com uma mulher à qual está se apegando cada vez mais. Será que escolherá segurança ou paixão, obrigação ou amor?

Nível de calor: Usar luvas enquanto lê - protetor ocular opcional.

Mais da Jess

OS NOTÓRIOS FLYNN LIVRO I



9786580754038

[Adquira Aqui](#)

Um romance histórico HOT da autora Best-seller do USA TODAY, Jess Michaels

Durante anos, Serafina McPhee está comprometida a se casar com o duque de Hartholm e, por quase o mesmo tempo, ela luta para encontrar uma maneira de sair desse noivado. Quando ele morre, repentinamente, ela não chora, mas se emociona com a ideia de que estará livre. Infelizmente, os melhores planos dão errado, quando o próximo na fila para o título, o primo do duque, Raphael “Rafe” Flynn, é forçado a assumir o compromisso. Mas Serafina conhece a reputação de Rafe como libertino e não quer nada com ele, mesmo sendo devastadoramente bonito.

Propõe-lhe um acordo: concorda com o casamento e fornece a Rafe seu herdeiro e um sobressalente. Depois que cumprir seu dever, ele a deixará ir.

Rafe está intrigado, tanto por sua beleza quanto por seu total desgosto com a ideia de ser sua noiva. As mulheres, normalmente, caem aos seus pés, não o temem.

Como o casamento arranjado não é algo do qual Raphael “Rafe” Flynn possa escapar, ele concorda com os termos de Serafina McPhee.

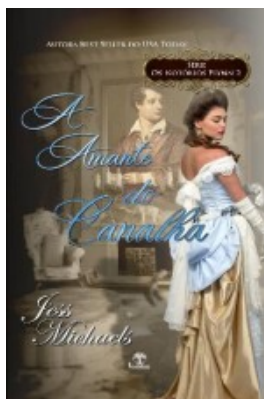
Mas quando, na noite de núpcias, descobre a verdade sobre a tortura que ela sofreu, nas mãos de seu antecessor, se vê impelido a não apenas cumprir sua barganha com sua nova esposa, mas apresentá-la ao desejo. Enquanto eles se aproximam, se rendendo a prazeres perversos, emoções perigosas podem violar todos os acordos que fizeram.

Duração: Romance completo

Nível de sensualidade: HOT

Este livro pode ser lido como um romance independente, mas faz parte de uma série (Os Notórios Flynn).

LIVRO 2



9786599019869

[Adquira aqui](#)

Um romance histórico HOT da autora Best-seller do USA TODAY, Jess Michaels

Annabelle Flynn é a irmã dos dois maiores libertinos de Londres, e sua reação a isso, foi tornar-se a imagem da pureza. Mas não perdeu a natureza sensual de sua família e é perturbada por impulsos que não ousa seguir.

Ela ignora as demandas de seu corpo e, em vez disso, se lança em duas atividades diferentes: Buscar um casamento adequado na sociedade e tentar salvar seu irmão libertino, seguindo-o até *Donville Masquerade*, um chocante inferninho e casa de jogos, dirigido pelo misterioso Marcus Rivers.

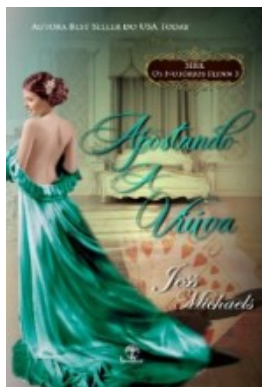
Durante o dia, Annabelle é uma elegante dama e procura um marido sério para combater a reputação selvagem de seus irmãos. À noite, ela se infiltra nos negócios de Marcus... e, eventualmente, se vê seduzida, na cama dele.

Mas uma dama não muito adequada e um canalha totalmente inadequado podem encontrar algo em comum fora do quarto? E Annabelle estará disposta a trocar paixão por “perfeição” fria e calculada?

Duração: Romance completo

Nível de sensualidade: HOT e erótico

LIVRO 3



9786588382172

Adquira aqui

Um romance histórico, HOT, da autora Best-seller do USA TODAY, Jess Michaels

Crispin Flynn está em uma queda livre, desde que perdeu a mulher que amava e viu seu irmão ser forçado a uma vida a qual nunca teria escolhido. Sua resposta foi beber e jogar, seu caminho para a ruína total. Uma noite, completamente bêbado, faz uma aposta perigosa, que resulta em ser forçado a se casar com Gemma, a viúva do conde de Laurelcross.

Gemma já teve um lado apaixonado, mas o esconde, desde que seu marido, muito mais velho, morreu durante o ato de fazer amor. Agora ela se vê a esposa muito indesejada de um dos maiores libertinos de Londres e alvo de mais fofocas do que nunca.

Uma vez que determinam que não poderiam escapar do casamento, os dois começam, lentamente, a rodear um ao outro. A paixão é fácil, mas eles podem superar suas desconfianças e seus segredos, para tornar o que era a pior noite de suas vidas, em uma das melhores? Ou serão obrigados a se perder, antes que seu amor consiga criar raízes?

Duração: Romance completo

Nível de sensualidade: Hot

LIVRO 4



9786588382370

[Adquira aqui](#)

Um romance histórico HOT da autora Best-seller do USA TODAY, Jess Michaels

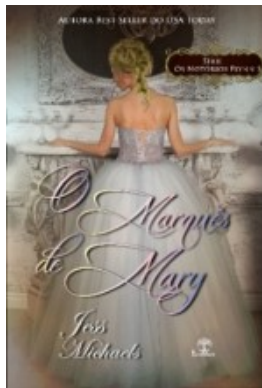
Georgina Hickson viveu sua vida fazendo tudo o que deveria fazer, para conseguir o marido que sua família exige. Quando conheceu Paul Abbot, em uma reunião na casa de uma amiga, foi a primeira vez que desejou mais. Mas mais era algo que ela sabia que não poderia ter.

Paul se apaixonou por Georgina, desde o momento em que a viu, dois anos antes, apesar de saber que não é bom o suficiente para ela, e que isso nunca poderá se concretizar. Só que quando descobre que ela quer, desesperadamente, ver uma exposição especial em Londres, concorda em levá-la. Será que um momento furtivo, um beijo roubado e uma confissão sussurrada podem levar à felicidade, ou levariam à dor no coração?

Duração: Romance completo

Nível de sensualidade: Hot

LIVRO 5



9786588382660

[Adquira aqui](#)

Um romance histórico HOT da autora Best-seller do USA TODAY, Jess Michaels

Mary Quinn está quase no fim de sua liberdade. Após dois anos sob a proteção de sua irmã e seu cunhado, pode ter que voltar logo para a casa de seu terrível pai, se não conseguir encontrar um marido. Em seu desespero, esbarra em Edward, Marquês Woodley. Atraídos um pelo outro, logo são lançados em um escândalo, que leva a um noivado.

Mas, à medida que o casal se une e seu casamento se aproxima, o passado de Woodley e as circunstâncias horríveis da morte de sua primeira esposa podem impedi-los de um final feliz, que salvará os dois.

Duração: Novela

Nível de sensualidade: quente e vaporoso

Sobre a Autora



Jess Michaels, autora best-seller do USA Today, gosta de coisas nerds, Vanilla Coke Zero, qualquer coisa de coco, queijo, gatos fofos, gatos macios, gatos, muitos gatos, muitos cães e pessoas que se preocupem com o bem-estar de seus semelhantes. Ela teve a sorte de se casar com sua pessoa favorita no mundo e viver no coração de Dallas, TX, onde está tentando comer toda a comida incrível da cidade.

Quando ela não está obsessivamente checando seus passos no Fitbit ou experimentando novos sabores de iogurte grego, escreve romances históricos, com machos alfa quentes e mulheres atrevidas, que fazem tudo, menos esperar para conseguir o que querem. Ela escreveu para numerosas editoras e agora é quase totalmente independente e ama cada momento (bem, quase todo momento).

Informações Leabhar

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail:
Leabhar Books®

Table of contents

1. Capa
2. Folha Rosto
3. Direitos Autorais
4. Dedicatória
5. Nota da Autora
6. Prólogo
7. Capítulo1
8. Capítulo2
9. Capítulo3
10. Capítulo4
11. Capítulo5
12. Capítulo6
13. Capítulo7
14. Capítulo8
15. Capítulo9
16. Capítulo10
17. Capítulo11
18. Capítulo12
19. Capítulo13
20. Capítulo14
21. Capítulo15
22. Capítulo16
23. Capítulo17
24. Capítulo18
25. Capítulo19
26. Capítulo20
27. Capítulo21
28. Capítulo22
29. Capítulo23
30. Capítulo24
31. Capítulo25
32. Capítulo26
33. Vem por aí
34. Clube 1797
35. Mais da Autora
 1. Os Notórios Flynn
36. Sobre a Autora
37. Informações Leabhar

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)